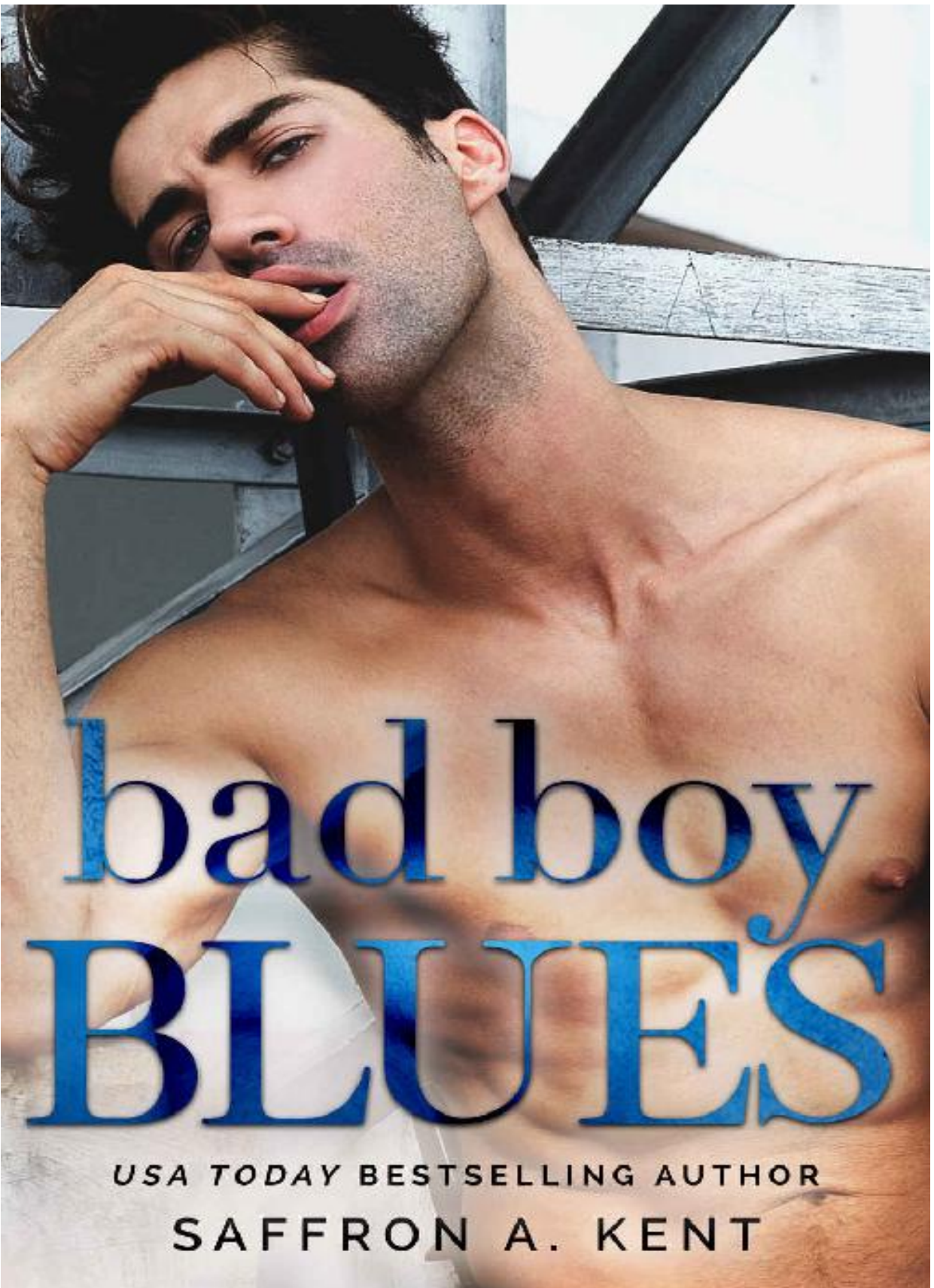


bad boy
BLUES

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SAFFRON A. KENT



bad boy
BLUES

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SAFFRON A. KENT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tradução



Junho/2019

bad boy
BLUES

SAFFRON A. KENT

Sinopse

Cleopatra Paige odeia uma coisa neste mundo — apenas uma — e seu nome é Zachariah Prince.

Na educação infantil, ele puxou suas tranças. No ensino fundamental, espalhou falsos rumores sobre ela. E no ensino médio, arruinou seu baile de formatura.

Ela odeia que seus sorrisos sejam injustamente sexy. E definitivamente detesta que seus olhos escuros pareçam segui-la em todos os lugares. Às vezes, até nos seus sonhos.

Não importa que ele seja rico e popular ou que viva em uma maldita mansão cheia de mordomos e empregadas. Ele é rude e arrogante, e ela quer ficar o mais longe dele possível.

Mas infelizmente para Cleo, ela mora na mesma mansão que Zach.

Só que ele é o príncipe e ela é a humilde empregada que o serve.

[Spotify Playlist](#)

Capítulo 1

Há um limite na cidade onde eu moro.

É invisível, este limite. Também é fino como papel e extremamente afiado.

Mas está aí.

Por cerca de dezenove anos, eu vivi de um lado. No lado sul. É o lado de pessoas trabalhadoras e honestas, mas não temos muito dinheiro. Temos prédios decaídos, jardins malcuidados e casas que rangem e tremem com o vento forte.

O lado norte é o dos ricos e poderosos. É o lado com casas grandes, gramados aparados e carros caros.

É o lado que eu odeio por várias razões. Mas eu não vou falar sobre isso agora.

Eu tenho uma missão, uma missão muito importante.

Nos últimos seis meses, tenho vivido no canto mais alto do lado norte. Não por escolha, lembre-se. Mas pelas circunstâncias.

Chamo uma propriedade chamada Plêiades de minha casa.

O nome vem da constelação de sete estrelas no céu. Provavelmente porque a mansão palaciana nesta propriedade tem sete torres.

E esta noite, minha missão é invadi-la. A mansão, quero dizer.

Bem, para ser honesta, se você souber o código da entrada de serviço, será que é realmente invasão de domicílio?

Acho que não.

É mais como digitar o código e entrar. Algo que faço todos os dias.

A única diferença é que todos os dias faço isso em plena luz do dia. Mas agora, estou fazendo isso sob o manto da escuridão com o meu modo furtivo ativado.

Estou usando short preto, combinado com um moletom preto que cobre meu cabelo azul brilhante e botas de couro.

Eu sou como a noite: escura e silenciosa. Ah e quente. Estou falando da temperatura.

Outra coisa sobre a nossa cidade é que é sempre quente. É sempre abafado e úmido. O verão é o nosso clima permanente, mesmo no inverno.

Estranhamente, Plêiades é o lugar mais quente de todos.

Estou suando com todas as coisas pretas que estou usando. Mas também pode ser o nervosismo. Não é toda noite que *insiro o código e entro* assim.

Mas tempos desesperados, medidas desesperadas.

Sem mencionar, não consigo me livrar da sensação de estar sendo observada.

Parando na entrada de serviço com a mão no teclado, olho em volta provavelmente pela décima vez desde que saí para a missão. Mas não há ninguém lá. A noite escura e os jardins exuberantes estão tranquilos e solitários.

Talvez a paranoia venha com coisas meio duvidosas.

Suspiro e viro, aperto as teclas e digito o código. Quando a porta automática se abre, eu entro no pequeno lobby com escadas que levam ao porão. Para a ala dos criados.

Lentamente, eu desço, evitando os degraus que rangem para não acordar os funcionários da noite que provavelmente estão dormindo nos quartos de descanso.

Chego ao patamar que dá acesso a um corredor largo, iluminado por minúsculas luzes noturnas. Quartos de ambos os lados. Quartos de repouso para os funcionários da noite, a sala dos funcionários onde temos reuniões e intervalos, o escritório da governanta.

Ando devagar e sem fazer barulho até chegar ao outro lado do corredor. Há outra escada que nos leva ao primeiro andar. Mais uma vez, evito os rangidos enquanto subo.

Meu destino é a torre três, localizada a leste.

Leva-me cerca de sete minutos para percorrer todos os quartos e passagens do primeiro andar: o salão de baile, a sala das rosas, a sala de estar amarela, a sala de jantar privada e tudo o mais.

Então eu me deparo com as escadas que me levam para a torre três, onde a ala dos hóspedes fica. Enquanto subo mais uma vez, enfio as mãos nos bolsos para ver se ainda tenho minha arma.

Sim, está aqui.

Sinto as bordas do bolso e sorrio na escuridão.

Agora que estou tão perto do meu destino, não posso esperar. Eu literalmente não posso esperar.

Meus pés estão mais rápidos e minha respiração está saindo ofegante. Estou nadando em adrenalina. Eu me sinto viva. Como se eu tivesse mais de uma vida em mim. Mais de um coração e dois pulmões.

Acalme-se, Cleo.

Eu não posso cometer um erro agora e alguém me prender. Não quando estou *tão perto* do meu objetivo.

Finalmente, *finalmente*, depois de todo o percurso, caminhadas e escaladas, eu o alcanço. O quarto exato que eu estava procurando.

“Ok.” Eu solto um suspiro e olho de um lado para o outro. “Você é um homem morto, seu filho da puta.”

Pego as chaves do bolso que me levarão para o quarto.

A minúscula chave prateada.

Ok, sim, isso pode ser um pouco contra a lei. Como, talvez dez por cento contra isso.

As chaves no meu bolso não pertencem a mim. Eu as roubei da Sra. Stewart, do escritório da governanta, logo depois que meu turno terminou.

Mas, ei, eu planejo devolvê-las amanhã, isso é mais como pegar emprestado. Preciso devolver, na verdade; ela é estranha sobre as chaves. Mas isso não vem ao caso.

A questão é que eu não sou uma ladra; sou uma mutuária.

Mordendo meu lábio, eu insiro a chave na fechadura e ela gira facilmente. O clique que vem quando abro a porta é alto. Ou talvez soe assim para mim e eu engulo, congelando no meu lugar.

Deus por favor. Estou tão perto.

Eu tenho que fazer isso. Isso precisa acontecer. Esta é minha única chance.

Olhando para cima e para baixo no corredor escuro mais uma vez, eu conto os segundos, mas nada mexe. A mansão ainda está adormecida e quieta, muito parecida com a noite lá fora. Não há qualquer indicação de movimentos no interior também. Significa que ele está dormindo também. Totalmente inconsciente do que vai acontecer com ele.

Abrindo a porta apenas o suficiente para que eu possa passar, eu entro. O quarto está frio, cortesia do ar condicionado. O abajur está ligado e lança o corpo adormecido na cama para a luz.

Sr. Grayson.

Um hóspede de cinquenta anos de idade que voou para ver os famosos pomares de maçã em Plêiades e fazer um grande tour pelas torres seis e sete. Elas são mais como um museu e estão abertas para exibição pública.

Sim, Plêiades é uma espécie de grande negócio para a nossa cidade.

Metade dela é preservada e pessoas privilegiadas de todo o mundo vêm para ver a bela arquitetura dela. Jogar em um campo de golfe mundialmente famoso ou dois e eles ficam felizes como nunca. Ouvi dizer que o passeio custa mais do que o que ganho em um ano trabalhando na equipe de limpeza.

A outra metade desta mansão é onde os Princes vivem, a mais antiga família desta cidade. Na verdade, eles são os fundadores desta cidade delimitada.

Eles construíram Plêiades há muito tempo e vivem aqui por séculos.

Um cara morou aqui também.

Um cara com cabelos e olhos escuros. Um cara que eu não vejo há três anos, desde que ele foi embora abruptamente.

Um cara que eu não gosto de pensar.

De qualquer forma, chega de lição de história. É hora do show.

Eu já estive neste quarto cem vezes antes, então sei onde tudo está. Ou seja, o armário que detém o meu prêmio.

Suavemente, eu ando na ponta dos pés, mantendo meus olhos no homem adormecido. Ele ainda não se mexeu. Provavelmente está totalmente bêbado.

Abro a porta do armário e lá está: seu terno recém-passado para amanhã.

Gostaria de poder agitar o punho no ar agora, mas isso pode ser muito arriscado. Então eu pego minha arma, o pó de mico e abro as lapelas do paletó dele. Olhando para o Sr. Grayson uma última vez, eu jogo o pó em todo o tecido, especialmente em suas calças.

Ele não vai saber o que o atingiu.

Mordendo meu lábio mais uma vez, tento manter meu riso alegre em segredo. Eu não estou fora de perigo ainda. Eu preciso voltar para a minha casa sem ser vista ou a Sra. Stewart vai acordar com as melhores notícias de sempre: Cleopatra Paige foi finalmente pega quebrando uma regra e é hora de demiti-la.

Ela não gosta muito de mim ou do meu cabelo azul ou do meu batom azul ou das minhas botas de couro. Basicamente, ela me odeia e não hesitará em

me demitir se eu passar dos limites. E agora, estou muito além dos limites que nem posso ver.

Com a missão cumprida, saio do quarto do Sr. Grayson e fecho a porta silenciosamente. Então, refaço meus passos, descendo, andando, percorrendo todo o caminho de volta para a ala dos empregados.

Com alguma sorte, voltarei ao meu chalé antes que o relógio marque meia-noite e quando eu for trabalhar amanhã, o Sr. Grayson será reduzido a um macaco que coça suas próprias bolas.

Você é incrível, Cleo. Você é foda demais.

Eu sorrio.

Assim que estou prestes a pisar as escadas que me levarão até a entrada de serviço, ouço um farfalhar atrás de mim e meu nome é sussurrado.

“Cleo!”

Eu suspiro e meus dedos batem no corrimão de madeira.

“Cleo.”

Fecho os olhos e inclino a cabeça. Suspirando, eu encaro o interlocutor. É Maggie, a cozinheira chefe.

Ela está com as mãos nos quadris e seus lábios estão franzidos enquanto me olha com olhos acusadores. “O que você fez?”

“Nada.”

Ela me olha de cima a baixo, provavelmente notando meu modo furtivo e de alguma forma, seu olhar cai nos bolsos do meu casaco. “O que você tem aí?”

Eu os acaricio e percebo que há uma protuberância onde enfiei o pó de mico e a chave. “Nada”, repito.

Mesmo eu não acredito em mim, e sou uma excelente mentirosa.

“Passa pra cá.”

Hora de me esforçar.

“Maggie, não há nada nos meus bolsos, ok? Eu entrei porque pensei que tinha deixado meu telefone na sala dos funcionários. Mas não deixei. Então sim. Nada nos meus bolsos. Sem danos ou qualquer coisa.”

Abro minhas palmas em rendição fingida enquanto termino meu discurso indiferente.

Maggie me observa por um tempo. Seu olhar está me deixando nervosa, ou mais nervosa do que eu já estava.

“Eu vi você crescer, você sabe. Sei quando está mentindo, Cleopatra Paige.”

“Eu não estou—”

“Vamos. Vamos para a cozinha.”

Com isso, ela vira para a direita e caminha para o corredor que termina logo antes das escadas, onde eu estou de pé.

Droga.

Não foi bem isso que pensei quando invadi a mansão hoje à noite. Tirando meu capuz para que meu cabelo comprido e ondulado possa respirar, eu a sigo.

A cozinha em Plêiades provavelmente pode caber a casa em que eu moro três vezes. É um grande espaço circular com luzes industriais e bancadas de aço. É mais ou menos como a cozinha de um restaurante muito chique, com um freezer e churrasqueiras de última geração.

Maggie gesticula para eu sentar em um canto em uma pequena mesa de jantar perto da janela, com vista para a noite.

Ela está em seu roupão, o que significa que ela está de plantão hoje à noite, e eu sei que ela tem sono leve. Apenas minha sorte.

Eu a observo enquanto ela corre para frente e para trás, coletando pratos e garfos, e tirando a torta de mirtilo da pequena geladeira ao lado.

Maggie é muito fofa. Baixa e rechonchuda, com cabelo encaracolado loiro mel, salpicado de cinza.

Ela corta um pedaço para cada e coloca um dos pratos na minha frente antes de se sentar.

“Coma”, ela me diz, seu rosto materno severo.

Eu atiro para ela um pequeno sorriso. Ela sabe o quanto eu amo torta de mirtilo — na verdade, eu amo tudo o que é doce — e ela sempre faz questão de guardar alguns pedaços para mim.

Deslizando o prato perto de mim, eu como. “Obrigada.”

Ela grunhe e meu sorriso fica maior.

Maggie aponta um dedo para mim. “Não. Não sorria para mim. Você não se safou ainda.”

Eu mordo meu lábio para não sorrir e murmuro *desculpe*.

Ela corta um pedaço de sua própria torta. “Agora, é sobre esse convidado, Sr. Grayson?”

Engulo a mordida que eu tinha na boca e Maggie levanta as sobrancelhas.

Limpendo minha garganta, eu sussurro: “Talvez.”

“Eu lhe disse para ficar fora disso.”

“Ficar fora disso?” Pergunto em descrença. “Você me conhece mesmo? Eu não posso ficar de fora disso. Eu não vou ficar de fora disso. Ele apalpou Grace. *Apalpou*. Ele praticamente me apalpou.” Eu gesticulo para meus seios. “E você não apalpa isso sem consequências.”

Grace é uma das garotas da equipe de limpeza. Ela é tímida e não gosta de confronto. Então, quando a peguei chorando na sala dos funcionários, forcei-a a contar sua história. Aparentemente, o Sr. Grayson vem assediando-a, fazendo comentários indecentes e dando tapinhas em sua bunda sempre que ela passa.

Filho da puta idiota.

Alguns dias atrás, quando senti um roçar no peito enquanto servia o café da manhã na cama, pensei ter imaginado. Mas a história de Grace me fez reavaliar as coisas.

Então eu agi. Alguém tinha que fazer alguma coisa.

Maggie me estuda astutamente e sinto minhas bochechas coradas.

“E essa é a única razão?” Ela pergunta.

“Sim.” Eu me mexo no meu lugar. “O que mais poderia ser?”

Encolhendo os ombros, ela dá uma mordida em sua torta. “Eu não sei. Talvez tenha algo a ver com o fato de que você odeia esse trabalho.”

“Eu não odeio esse trabalho.”

“Mesmo?”

Eu deslizo a torta para longe. “Sim. Quer dizer, eu gosto de limpar o vômito quando os convidados ficam loucos e encontrar preservativos usados no chão? Não, eu não gosto. Eu gosto de tirar o pó das janelas ou esfregar o chão até que eu possa ver meu rosto nos azulejos? Não. Mas é um trabalho e você sabe que eu preciso disso. Eu preciso disso mais do que qualquer outra coisa no mundo agora.”

Maggie foi quem conseguiu esse trabalho para mim.

Na nossa cidade, se você não for para a faculdade, provavelmente virá para cá. Você trabalha na equipe de limpeza ou na equipe de cozinheiros ou qualquer outra equipe que pareça adequada para trabalhar.

Meus pais eram uns dos poucos que tinham outros empregos. Meu pai costumava pintar casas e minha mãe costumava ensinar as crianças às vezes.

A faculdade nunca foi uma opção para mim; eu não gosto de livros e tudo mais. Nem trabalhar em Plêiades.

Eu queria viajar pelo mundo como minha mãe costumava dizer quando eu era pequena. Eu queria explorar e ver o que eu gostava. Ver onde minha paixão estava. Eu queria me encontrar.

Piedade passa pelos olhos de Maggie e eu desvio o olhar. Caso contrário, posso começar a chorar e é a última coisa que quero esta noite.

Esta noite foi sobre olho por olho. Sobre aventura, a adrenalina. Esta noite foi sobre se sentir viva.

“Sabe, você não precisa fazer isso. Este trabalho. Você poderia fazer as malas agora mesmo e deixar esta cidade. Assim como você planejou. Apenas entre no seu carro. O carro azul que você tanto ama.” Ela sorri. “Faça uma viagem. Envie-me cartões-postais. Ninguém vai te culpar, Cleo.”

Ok, primeiro de tudo: eu não posso simplesmente entrar no meu carro. Eu não posso.

Eu não vou.

Meu carro azul que eu costumava amar tanto, o carro que eu pintei com meu pai, me assusta agora. Eu não posso tocar. Eu não vou tocar. Porque toda vez que toco, não durmo por dias. Eu tenho pesadelos. Às vezes eu vomito, fico tonta, claustrofóbica.

Mas eu não posso dizer isso a ela. Porque ela dirá a mesma coisa que vem dizendo desde o ano passado.

Você precisa ver alguém, Cleo. Falar com alguém.

“Eu não posso”, eu sussurro, entrelaçando meus dedos. “Eu preciso deste trabalho. Eu preciso recuperar minha casa.”

Minha antiga casa. A casa em que cresci.

O banco a tomou no ano passado por causa das dívidas do meu pai. Depois de muita súplica, eles me deram uma segunda chance, junto com um limite de tempo para conseguir o dinheiro. Eu só tenho mais quatro meses para juntá-lo e preciso desse emprego para conseguir.

“Seus pais não queriam isso para você.”

“Bem, eles não estão aqui, estão?”

Eu estava tentando ser mal-humorada. Mas acho que soei mais... desamparada, como a órfã que sou.

Suspirando, Maggie se recosta. “Bem. Eu não posso te obrigar a nada.”

Meu peito parece pesado, mas ainda consigo dar um sorriso trêmulo.

“Mas,” Maggie diz, severamente. “Eu não quero você dentro da mansão depois que seu turno acabar. Entendeu?”

Endireito minha espinha. “Sim.”

“Não importa o que aconteça. Não importa o quão tentador seja se vingar. Você não é uma justiceira.”

“Você quer dizer como a Mulher Maravilha?” Eu sorrio.

“Não é engraçado.”

Eu balanço a cabeça seriamente. “Não é.”

Maggie acena em aprovação. “Você não vai colocar o pé dentro deste lugar se não estiver trabalhando. Eu nem quero pensar sobre o que teria acontecido se alguém tivesse te encontrado vagando por aí em vez de mim. Portanto, sem mais excursões noturnas.”

“Entendi.”

Maggie me olha. Meu batom azul marinho, meu cabelo azul e meu traje preto.

Estou acostumada com esse olhar das pessoas. No lado sul, ninguém se importava. Mas aqui, do outro lado da cidade, as pessoas olham para mim com julgamento. Meu cabelo azul, ondulado e despenteado é a primeira indicação de que eu não sou sofisticada o suficiente. Meu batom azul marinho significa que eu não sei nada sobre moda.

Mas vindo de Maggie, meio que dói. Isso me deixa autoconsciente.

“Não é um segredo que você não segue as regras e Nora não gosta muito de você por isso.”

Nora é a Sra. Stewart, também conhecida como Sra. S e sim, ela me odeia.

“Para dizer o mínimo.”

“Sim. Você ainda pode pedir demissão e sair desta cidade, mas como você não quer, tente não mostrar quanto não se importa com as regras dela. Tente não ser demitida.”

“Eu não estava tentando—”

“Poupe-me.”

Eu fico quieta e coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha enquanto Maggie continua: “Agora, esvazie seus bolsos e me dê o que você tem aí.”

Olhando para ela por alguns segundos, decido entregar-lhe todos os meus bens. Pego o pacote de pó de mico e a chave e coloco na mesa.

Balançando a cabeça, Maggie se apodera deles. “Cleo. Cleo. Cleo.” Ela suspira. “O que eu vou fazer com você?”

“Me amar, talvez?”

Maggie ri. “Termine sua torta e vá para casa.”

Vinte minutos depois e muito olhar para trás para ver se ainda estou sendo seguida, estou no meu chalé.

Os chalés dos funcionários estão localizados um pouco mais longe da casa principal. Há cerca de cinco ou seis casas no total, dispostas em semicírculo com bosques por trás.

Eu moro no menor com minha melhor amiga, Tina.

Somos melhores amigas desde que éramos crianças. Alguns garotos roubaram sua bicicleta rosa e eu bati neles para recuperá-la.

Como eu, Tina está na equipe de limpeza. A faculdade não era para ela também, mas ao contrário de mim, ela sempre planejou vir trabalhar em Plêiades.

Meu quarto tem uma cama de solteiro, uma pequena cômoda e um armário ainda menor. As paredes são brancas, das quais eu não sou tão fã.

Quando me mudei para cá, pensei em pintar de azul com os pincéis do meu pai; guardei alguns de seus pincéis entre outras coisas da minha antiga casa. Mas então eu percebi, eu não queria pintá-la de azul.

Isto não é um lar.

O lado norte, Plêiades, não é um lar. Não é meu lugar seguro. Esse não é meu povo.

Meu povo — pessoas que eu realmente posso chamar de meu — estão mortos.

Eles estão mortos há um ano e eu me pergunto quanto tempo leva para a dor desaparecer e uma órfã não se sentir como uma.

Visto a camisola da minha mãe, feita de algodão e renda, e azul. Minha mãe era uma grande fã da cor azul. Na verdade, ela tinha cabelos azuis como eu.

Estou entrando sob as cobertas quando algo brilha na minha visão periférica.

É uma estrela cadente.

Levanto na cama e agarro as barras na janela. Quando eu era pequena, minha mãe e eu criamos o hábito de fazer um pedido a uma estrela cadente, se víssemos uma. Foi apenas uma das coisas que fizemos.

E como sempre, fecho meus olhos e faço um pedido.

Por favor, deixe-me ter minha casa de volta.

Quando eu abro minhas pálpebras, a estrela se foi como se ela nunca estivesse lá. Estranhamente, isso me deixa triste.

Mas então, um segundo depois, eu não tenho tempo para ficar triste.

Tudo dentro de mim para bruscamente quando noto outra coisa na minha visão periférica.

Vem e vai tão rápido. Mais rápido do que uma estrela cadente, que eu poderia ter imaginado.

Mas não. Eu vi.

Eu vi o lado de um ombro. Um lampejo de cotovelo. Uma longa e musculosa coxa envolta em jeans escuros.

Alguém andando pelo caminho de terra na floresta.

A sensação de estar sendo observada que senti a noite toda volta com força total. Na verdade, isso traz outras coisas.

Coisas que eu esqueci.

Meu coração dispara. O aperto no meu peito como se meus pulmões estivessem com falta ar. E aquelas... borboletas no meu estômago, com asas afiadas como lâminas.

“Oh meu Deus”, eu sussurro.

Não é possível, certo? Ele não está aqui. Ele foi embora há três anos.

Quero dizer, eu *conheço* esse ombro. Estou familiarizada com esse cotovelo e essa coxa. Eu os vi quase todos os dias desde que eu tinha dez anos. Eu os vi crescer e ficar maior e mais forte com a idade.

Eu poderia distingui-los em um grupo, mesmo se eu estivesse sonâmbula.

Eu poderia identificá-los, embora eu não os veja, o veja, em três anos.

Em seguida, estou pulando da cama e corro para a porta da frente da casa. Eu a abro e corro para fora com meus pés descalços.

O chão é quente e duro, mesmo através da grama que circunda o nosso jardim da frente. Mas eu não me importo com nada disso.

Eu me importo com o que vi.

Mas, novamente, não há ninguém até onde consigo ver. A noite é a mesma que há meia hora quando voltei para o chalé.

Eu olho ao redor, para cima e para baixo, lado a lado.

Eu o imaginei?

Mas *por que* eu o imaginaria? Por que eu imaginaria o cara que odiei por quase uma década?

É essa sensação que se tem quando você enlouquece?

Talvez a morte dos meus pais esteja me afetando de todas as formas erradas.

Alguns segundos depois, volto para dentro, na minha cama, debaixo das cobertas.

Fecho os olhos para ir dormir, mas tudo que posso ver é aquele ombro, aquele cotovelo e *ele*.

Capítulo 2

“Blue!”

Há apenas uma pessoa na terra que me chama assim.

Três anos atrás, sua voz costumava ser rouca e baixa. Resmungando. Tenho certeza de que o tempo deve ter amadurecido ainda mais. Não que eu me importe com isso.

Não me importo.

E nem me importo com o que vi ontem à noite. Acho que o inventei. Foi um sonho ou algo assim. Uma invenção da minha imaginação.

De qualquer forma, *essa voz é alta e risonha, meio fofa*. Pertence ao meu vizinho de cinco anos, Arthur. Todos nós o chamamos de Art e ele me chama de Blue.

Então, talvez haja duas pessoas que me chamam com esse nome.

Eu paro e me viro para encontrá-lo correndo em minha direção. Ele tem a mochila nos ombros e está sorrindo para mim.

Eu sorrio de volta. “Ei, garotão.”

Ofegante, ele para e eu fico de joelhos. Ele tem cabelos loiros e olhos verdes, e um espiral permanente na parte de trás da cabeça.

“Olha!” Ele me mostra seu punho. “Eu fiz certo?”

Eu tenho ensinado a ele como fechar o punho e, sim, ele o acertou completamente.

“Parece perfeito.”

Ele sorri. “Oba!”

Sorrindo, eu dou um tapinha no seu cabelo. “Você vai destruí-los.”

“Você acha?” Ele pergunta.

Art olha para mim com tanta esperança que meu coração aperta.

“Duh. Apenas não recue, ok? Lembre-se sempre de que somos os desfavorecidos. Mas, ao contrário do que as pessoas pensam, os menos favorecidos não são fracos. Nós lutamos de volta. Na verdade, nós lutamos mais duramente. As pessoas nos subestimam e você sabe o que, deixe-os nos subestimar. Esse é o maior erro deles. E nunca deixe ninguém te dizer o contrário, meu amigo.”

Ele sorri e acena com entusiasmo. “OK!”

Art e eu estávamos destinados a nos tornar amigos. Como eu, ele é órfão também. Embora seus pais tenham morrido quando ele tinha apenas dois anos. Desde então, ele mora aqui em Plêiades com sua avó, Doris, que também está na equipe de limpeza.

Mas, além disso, a coisa mais importante que me liga a esse garoto adorável e tímido de cinco anos é o fato de ambos sofremos bullying. Pelo menos, uma vez eu sofri.

Art é um pouco pequeno para sua idade, então algumas crianças de sua escola estão lhe causando problemas. Eles o empurram e ameaçam, fazendo-o chorar e transformando a escola de modo geral infeliz.

Foda-se eles.

Os valentões são covardes. Eles não agem sozinhos, então se escondem atrás de ameaças vazias. Tudo o que é preciso para colocá-los em seus devidos lugares é revidar um pouco e eu estou ensinando Art a fazer isso. Já que tenho uma pequena experiência nessa área.

Colidimos os punhos e eu fico em pé. “Eu te amo. Eu tenho que correr. Mas eu vou te ver hoje à noite, ok?”

Ele concorda. “É noite de panqueca?”

Já que Doris está envelhecendo, eu ajudo com Art sempre que posso. Hoje à noite vou cuidar dele e como é segunda-feira, vamos fazer o café da manhã no jantar.

“Pode apostar!”

Depois de dizer adeus, estou correndo em direção à casa principal, onde nossa reunião diária vai começar em dez minutos.

Como na noite passada, eu insiro o código na entrada do serviço e entro. Mesmo do topo das escadas, posso ouvir a agitação da equipe.

Há pessoas entrando e saindo da cozinha, a sala dos funcionários. As mulheres usam vestidos cinza com acabamento branco nas golas e mangas como eu, e os homens usam camisas brancas com calças pretas. Nosso uniforme aqui em Plêiades.

Há risinhos e conversas e até empurrões. A casa inteira está acordada e trabalhando duro.

Eu desço as escadas, digo bom dia e oi, até chegar à sala dos funcionários. O pessoal já está sentado e Tina, que entrou mais cedo do que eu porque não tem nenhum problema em acordar cedo, está guardando um lugar para mim.

Assim que me sento, a Sra. S entra e Tina se inclina para sussurrar: “Bem na hora. Quem diria?”

Eu sou meio famosa ou infame por estar atrasada, então simplesmente mostro o dedo para ela debaixo da mesa; eu fui apanhada antes por fazer isso à vista de todos.

Tina simplesmente ri.

A Sra. S se senta à cabeceira da mesa e todos ficam em silêncio. Há café, chá e biscoitos no meio — cortesia de Maggie e sua equipe — e, junto à longa mesa de jantar, colunas eretas e rostos sérios, essa poderia ser uma cena de Downton Abbey.

“Bom dia a todos”, a Sra. S nos cumprimenta, olhando em volta, seus olhos parando em mim. “Muito feliz por ver todos aqui e na hora.”

Eu sorrio. Embora possa parecer uma careta.

“Então, hoje, nós temos uma pequena mudança de planos.”

A Sra. S está sorrindo e eu não tenho um bom pressentimento sobre isso. Se ela está feliz, então isso significa que algo está errado. Ela nunca está feliz e nem deixa ninguém ser feliz. Ou seja, eu.

“Hoje é um dia especial.” Ela continua sorrindo e minha carranca fica maior. “Para comemorar esta ocasião não planejada, mas especial, o Sr. e a Sra. Prince vão dar uma festa. Eu sei que é um pouco em cima da hora, mas eu quero a maioria de vocês no salão de baile. Quero que cada centímetro desse lugar seja limpo e polido antes que os decoradores cheguem aqui. Eu designei alguns de vocês para trabalhar com eles e eu não quero nenhum erro ou reclamação, entenderam?”

Ela prende a todos com um olhar penetrante até concordarmos.

“Esta noite tem que correr tudo sem problemas. É provavelmente o evento mais importante em que vocês trabalharão aqui em Plêiades. Bem, um dos mais importantes, pelo menos.”

Ok, ela está nos matando e ela sabe disso. Seus olhos estão alegres e cheios de contentamento. Eu nunca a vi assim antes, toda animada e alegre. E ela nem está nos contando sobre o seu suposto dia especial.

“Nenhum de vocês vai me perguntar qual é a ocasião?”

“Você vai nos demitir se perguntarmos?” Eu murmuro e Tina bufa.

A Sra. S olha em nossa direção, mas felizmente, Leslie, uma das garotas da equipe, pergunta a ela sobre isso.

A Sra. S desvia sua atenção e sorri. “Hoje é o dia em que eu, entre alguns outros que trabalham aqui há décadas, temos esperado ansiosamente por isso.” Com isso, Maggie e alguns outros membros experientes da equipe se animam. “Estou muito feliz em dizer que a festa de hoje é em homenagem ao Prince que está retornando para Plêiades depois de três anos. Nosso senhor Zach.”

Senhor Zach.

Eu posso ver sua boca se movendo, mas não posso ouvi-la. Sua voz parece estar saindo de um túnel ou de algum lugar no fundo e longe.

De repente, tudo que posso fazer é sentir.

O coração acelerado, aquele friozinho na barriga. O aperto no meu peito.

Tremendo, eu corro meus olhos ao redor. Todo mundo está calmo e concentrado. A senhora S ainda está falando, mas tudo o que posso ouvir é o nome dele.

Zach.

Ele voltou.

Foi ele, não foi?

Eu o vi na noite passada, ou melhor, tive um vislumbre dele antes que ele desaparecesse. Não foi um sonho ou minha imaginação.

Eu não o inventei.

Oh Deus.

“Eu sinto muito. O que você acabou de dizer?” Eu explodo, alto e efetivamente trazendo todos os olhos da sala para mim.

A Sra. S olha para mim. Duro.

Eu sei que ela não gosta de ser interrompida, especialmente quando está dando instruções a torto e a direito. Mas foda-se.

“Há quanto tempo você trabalha aqui, Cleopatra?” Ela pergunta, em vez disso.

Eu respiro fundo. Isso não ajuda. Ainda estou tão abalada quanto no momento em que ouvi o nome dele.

“Ouça, eu sei que estou sendo rude e tudo mais e você odeia ser interrompida, mas você não entende.” Eu limpo a garganta e deslizo para a borda do assento. “Você acabou de dizer que Zach está voltando porque eu acho que você disse. E isso é simplesmente impossível, certo? Porque, pelo que sei, ele foi embora. Abruptamente. E eu pensei que ele não voltaria. Eu pensei que seus pais *finalmente* cortaram todos os laços com ele. Você sabe,

porque ele estava tão... fora de controle. Quero dizer...” Eu aceno com a mão no ar e tenho a sensação de que estou acenando para eles um pouco rápido demais. “Nunca acreditei naquela história de ir para Oxford.”

Faço aspas em *ir para Oxford*. “Eu nunca acreditei que ele foi para Oxford. Mas está tudo bem. Eu não me importo com isso. O que eu me importo é...” Coloco meus dedos na mesa, batendo os cotovelos na madeira e me inclinando para frente. “O que você acabou de dizer?”

Minhas pernas estão balançando e eu odeio que apenas o pensamento dele retornando me reduziu a isso.

Essa garota nervosa, trêmula e confusa.

Irritada e violenta.

Uma garota que não conseguia decidir se queria se esconder para evitar confrontos e ser mandada para a detenção novamente ou dar um soco no rosto dele como fazia quando tinha dez e ele doze anos.

“Cleópatra, eu não sei o que deu em você hoje. Mas eu vou ignorar isso porque você está passando por muita coisa. Embora eu diga isso — se você não conseguir controlar seu comportamento errático e ver alguém...”

Aí está.

“Eu não hesitarei em despedi-la. Está claro?”

Ao meu lado, sinto a careta de Tina. Eu posso até sentir Maggie balançando a cabeça.

Pressiono minhas mãos e forço minhas pernas a ficarem imóveis. É bom que meu coração seja um órgão firmemente preso dentro das costelas. Porque se não fosse, estaria explodindo do meu peito e fazendo uma bagunça no chão.

“Como cristal”, eu digo com dificuldade.

“E Cleopatra?”

“Sim?”

“É Sr. Prince para você. Não esqueça o seu lugar.”

Eu cerro os dentes, rangendo-os, *triturando-os*.

“Eu não vou.”

Zachariah Prince.

Eu o conheci quando tinha dez anos e ele doze.

Na verdade, eu o conheci em meu primeiro dia no St. Patrick's. É uma escola elegante para crianças no norte da cidade.

Na época, eu era provavelmente a única do lado sul a ir para lá. Meus pais ficaram muito orgulhosos. Eles queriam o melhor para mim e, então, eles trabalharam muito duro para me colocar nessa escola.

Nunca tive grandes expectativas em relação a St. Patrick, para ser honesta. Eu teria ficado feliz em apenas ir para a minha escola habitual no lado sul com Tina e todos os meus outros amigos.

De qualquer forma, o que quer que eu esperasse acontecer no meu primeiro dia, não estava nem remotamente perto do que realmente aconteceu.

Eu fui pega roubando, ou melhor, pegando *emprestado*, palitos de cenoura, de uma menina no almoço. Não foi minha culpa. Eu estava com fome e eles tinham uma longa lista de lanches prescritos que as crianças poderiam trazer. Tudo isso era uma besteira, coisas saudáveis que não faziam nada para conter minha fome.

Então eu improvisei.

E fui pega e enviada para detenção.

Onde eu o conheci.

O cara que se tornou meu valentão pelos sabe-se lá quantos anos naquela escola idiota — St. Patrick's tem alas do ensino fundamental e médio.

Quando garotas da minha idade estavam se apaixonando por garotos fofos, eu estava me apaixonando por Zach. Quando os meninos as convidavam para sair, carregando suas mochilas, abrindo as portas, Zach e seus lacaios me empurravam através deles.

Eles me faziam tropeçar nos corredores, derramavam bebidas no meu uniforme e no dever de casa. Esconderam meu carro azul e me enviaram pistas para meu telefone de onde ele poderia estar.

Sem mencionar, eles editaram fotos do meu rosto em todos os comerciais de queijo que puderiam encontrar na internet, e me chamavam de coxas estrondosas, monte de gelatina, balofa. Você sabe, porque eu amo comer e não sou exatamente uma flor delicada quando se trata do meu corpo.

E enquanto seus subordinados estavam fazendo seu trabalho sujo, Zach simplesmente ficava lá e me encarava. Às vezes ele sorria. Especialmente quando eu revidava.

Ah sim, eu revidei.

Eu não era indefesa. Eu estava longe disso.

Na verdade, eu dei um soco na cara dele um dia depois de conhecê-lo porque eles cortaram meus livros e espalharam as páginas por todo o corredor.

Meu pai sempre me ensinou a me defender e eu me defendi.

Incontáveis vezes.

Eu arrombei os armários *deles* e roubei o dever de casa *deles*. Eu costumava arranhar os carros *deles*. Uma vez, eu até entrei em uma grande briga com uma das garotas de seu círculo íntimo porque ela escondeu minhas roupas depois de uma aula de ginástica e mandou garotos para o vestiário para me espiar. Tornou-se uma grande coisa na escola.

Durante anos, tracei maneiras de matá-los.

Assassinar Zach.

Eu teria, se ele não tivesse ido embora. Mas agora ele está de volta e estou agindo como se estivesse na escola novamente.

Estou olhando para a esquerda e para a direita, andando muito, muito devagar, para não escorregar em alguma coisa. Algo parecido com uma casca de banana, deliberadamente plantada, assim eu pisaria nela e então as pessoas ririam do meu corpo desajeitado, curvilíneo e de grande porte.

Eu pulo toda vez que alguém chama meu nome. Alguém ri e eu tensiono meus músculos e estreito os olhos, me preparando para a piada, que eu definitivamente acho que me envolve. Flexiono meus punhos, me lembrando da técnica certa para fazer como eu ensino a Art. Estou pensando em maneiras pelas quais eu posso revidar.

Estou me afogando em raiva e ódio e eu ainda nem o vi.

Grr.

Então, para reagrupar e agir como uma adulta, eu me tranco no armário de serviço perto da cozinha. A festa começou e eu devo servir champanhe, em vez de beber sozinha e sentar em um grande balde de limpeza.

Mas tanto faz.

Eles vão sobreviver sem mim. Muitos funcionários da limpeza e cozinha estão servindo esta noite, inclusive eu. Eu costumava ser uma garçonete no lado sul e eu preciso do dinheiro extra, então eu sempre sou voluntária para tais eventos.

De repente, o armário ressoa e treme, fazendo-me gritar. A poeira cai do teto e a bandeja cheia de taças de champanhe no chão vibra.

Alguém está batendo na porta.

“Cleo.”

Meus ombros tensos cedem à familiaridade da voz. É a Tina.

Aperto a mão no meu peito, me inclino e destranco a porta, deixando-a entrar. Em contraste comigo, o cabelo loiro dela parece bem organizado e ela parece muito elegante em seu uniforme. Tenho certeza que meu rímel borrou com o suor nervoso e eu já tirei meu batom.

“O que você está fazendo aqui?” Ela pergunta, sua expressão preocupada na luz fraca da lâmpada amarela.

“Tentando me recompor.”

“Escondendo-se?”

“Ei, não julgue.”

“Bem. Eu sinto muito.”

Tina se senta ao meu lado em um balde virado. “Você está bem?”

Eu sacudo a cabeça.

“Você está bêbada?”

Eu junto dois dedos. “Talvez um pouco.”

Ela balança a cabeça, como se entendesse. “Grace agradece.”

Eu sorrio. “Sim?”

“Sim. O Sr. Grayson estava todo vermelho quando foi embora. Ele não conseguia tirar as mãos da virilha.”

Rindo, fazemos um high-five.

Alguns instantes de silêncio. Então, “Isso está realmente acontecendo, não é?” Eu engulo. “Isso não é um pesadelo ou algo do tipo?”

Tina encolhe os ombros. “Eu posso te beliscar, se você quiser.”

“Eu me belisquei uma dúzia de vezes. Então, sim, eu acho que é real.” Meus cotovelos descansam em minhas coxas. “Acho que ele está de volta.”

Eu posso sentir.

Esse é todo o problema, na verdade. Que eu posso sentir. *Senti-lo.*

Eu sei que ele está lá fora, naquele salão de baile que quase quebrei minhas costas limpando. Ele provavelmente está se misturando com as pessoas, ou seja, seus subordinados. Ele está bebendo, rindo, *sorrindo* como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Como se seu retorno não estragasse tudo.

Sr. Prince.

É assim que devo chamá-lo agora? Enquanto troco seus lençóis e levo sua porra de lixo?

Eu balanço a cabeça. “E se ele continuar de onde parou?” Eu deixo escapar o meu maior medo, torcendo minhas mãos. “E se ele tentar fazer algo... ruim? Me demitir ou algo assim? E se eu não conseguir minha casa de volta? Eu tenho muito mais a perder agora. Isto não é brincadeira ou qualquer outra coisa.”

“Olhe, acalme-se. Você não sabe o que vai acontecer”, Tina explica, agarrando minhas mãos. “E você não saberá a menos que saia e enfrente a situação. Dizem que ele vai ficar por alguns dias. Talvez ele não perceba você. É uma casa grande. Quantas vezes você viu o Sr. e a Sra. Prince? Não muitas, aposto. Além disso, se você continuar se escondendo e não trabalhar lá embaixo, a Sra. S vai te despedir do mesmo jeito.”

Eu suspiro. Ela está certa.

“Deus, eu o odeio.”

“Eu sei. Isso é tudo o que você falava quando ele estava aqui.”

“Bem, duh. Ele arruinou cada segundo da minha vida enquanto estava aqui. Ele até arruinou meu baile.”

Deus, o baile de formatura.

A pior lembrança da minha existência inteira.

Eu estava tão feliz naquela noite. Toda arrumada com meu vestido de formatura azul-marinho e minhas botas de couro. Minha maquiagem era toda escura e pesada. Eu basicamente parecia uma Cinderela fodona pronta para perder. A virgindade, quero dizer.

Eu dirigi para a escola e esperei pelo meu namorado, Neal. Ele era novo na cidade e do lado sul e assim que eu vi seus óculos e suspensórios hipster, eu sabia que ele era minha alma gêmea.

Mas ele nunca apareceu.

Em vez dele, eu recebo um texto no meu celular — típico de Zach e seus lacaios — com a imagem de Neal aos beijos com uma garota em uma festa em Plêiades.

Eu dirigi para a referida festa e falei com ele. Não Neal. Zach.

Falei com Zach. Foi muito ruim, todas as coisas que eu disse a ele. Mas todas elas eram verdadeiras.

“Bem, você sabe, Neal não tinha que ir”, Tina oferece.

Eu levanto meu olhar para ela. “Você não acha que eu sei disso? Claro que eu sei disso. É claro que sei que Neal não precisava ir. Mas o fato de que *ele* — Zach — o convidou em primeiro lugar, me irrita pra caralho, ok? Ele fez isso de propósito. Eles não eram nem amigos. Ele fez isso para me machucar e porque Neal era um idiota, meu primeiro e único namorado estava recebendo uma lap dance de uma garota que nem sequer frequentava a escola. Tudo na noite do baile.”

Ficamos em silêncio por mais alguns segundos.

“Estou feliz que roubamos todos os seus suspensórios.” Tina bufa.

Eu também bufo. “Você acredita que ele tinha em todas as cores?”

“Oh meu Deus. Ele também tinha em amarelo néon.”

“Oh Deus, sim.” Eu rio e olho para o teto, balançando a cabeça.

“Como você pôde sair com ele, Cleo? Tipo, como?”

“Eu não sei. Eu só...” Eu suspiro. “Acho que eu só queria ver como era.”

“O que?”

“Me apaixonar.” Eu engulo. “Tudo que eu já fiz foi odiá-lo. Zach, quero dizer. Tudo o que fiz foi sentir raiva e ódio. Eu só queria ver como era estar apaixonada por um cara.”

“Isso é justo, eu acho.” Ela suspira também. “Está pronta para voltar para lá?”

Não tenho outra opção a não ser concordar e me levantar. Não posso ficar aqui a noite toda como uma covarde. Eu preciso desse trabalho. Eu tenho um objetivo. Eu não posso deixá-lo me afastar disso.

“OK, vamos lá.”

A festa está acontecendo no salão de baile, localizado na torre um.

O espaço é grande e sem fim, com tetos altos de catedral e decoração vitoriana vintage. Cada canto está repleto com intrincados arranjos de flores e luminárias. É muito discreto para mim, mas cada um com seu gosto, eu acho.

Eu tenho feito círculos, servindo champanhe nas últimas duas horas, e até agora, eu não vi Zach.

Eu sei que ele está aqui, no entanto. Eu sei disso. Em algum lugar, entre todos os ternos elegantes e vestidos de grife, esconde-se o cara que assombra meus pensamentos desde que o conheci.

Um homem usando um smoking me chama quando passo por ele e seu grupo de amigos. Eu me viro para eles com meu sorriso *foda-se* engessado

no lugar e lhes apresento a bandeja. Sem parar a conversa ou até me dar um olhar, cada um deles pega uma taça.

Ou pelo menos, acho que eles pegam.

Não estou olhando para eles nem prestando atenção. Eles são irrelevantes. Invisíveis. Não existem para mim.

Nada, exceto ele.

Porque no momento em que me viro, a multidão na minha frente se abre como um milagre catastrófico e inútil, e eu o vejo.

Zach.

Ele está aqui.

O garoto que eu odeio, o garoto que eu sempre odiei, está de volta. E ele está a apenas três metros de mim.

Deus, três metros não é distância suficiente entre nós. Não. É perto. É bem perto. Precisamos de um oceano entre nós. Um continente. Um planeta inteiro. Uma galáxia inteira, talvez.

Assim, posso vê-lo claramente.

Posso ver cada ângulo do seu rosto.

Os cumes acentuados das maçãs do rosto, a inclinação da mandíbula, a testa grande. Até seus cílios, quão grossos e escuros eles são. Com todos juntos, ele tem que ser o cara mais bonito que eu já vi. Como uma alucinação, sua beleza.

Sua maldade surge em seu tamanho. Nas veias do pescoço e na maneira como se comporta. Silencioso, observando, intenso e grande.

E Jesus Cristo, ele ficou maior. Ele é mais alto do que eu me lembro. Mais amplo também.

Ele era tão grande há três anos? Esse... lindo, com cabelos negros lisos e lábios carnudos?

Seus ombros parecem enormes. Mesmo a três metros de distância, posso ver seu peito lutando contra a camiseta escura que ele usa. Seu corpo inteiro parece estar explodindo de suas roupas: jaqueta de couro preta e jeans azul.

As roupas que estão completamente erradas para esta ocasião. As roupas que só Zach está usando. O resto das pessoas está em trajes caros e formais.

E assim, ele se destaca.

Ele grita rebelde. Menino mau. Ele grita que ele não dá a mínima.

Assim como há três anos e assim como agora.

Meu peito está zumbindo, provavelmente o nervosismo, e também com outra coisa. Algo que parece perda.

Eu nunca pensei muito sobre isso, mas Zach e eu, nós poderíamos ser... um pouco parecidos.

Nós sempre acabamos em detenção juntos. Nossos uniformes estavam sempre desalinhados no final do dia, como se não pudéssemos esperar para sair dali.

Pelo que percebi, Zach odiava ir à escola tanto quanto eu.

Quero dizer, fiz minha lição de casa, tirei boas notas, mas não gostava. Zach era do mesmo jeito. Ele era uma série acima de mim, e havia rumores de que ele estava repetindo um ano e que ele foi reprovado em todas as matérias.

Nos meus momentos de fraqueza, quando eu chorava no meu travesseiro, pensando em voltar para St. Patrick no dia seguinte, eu imaginava uma vida em que Zach e eu éramos amigos. Uma vida em que ele não iria implicar comigo e eu não o odiaria.

Mas foi tudo ilusão, obviamente.

Ele implicou comigo e eu o odiei.

Eu o odeio mesmo agora quando ele lança um sorriso para alguém à sua direita.

Desgraçado.

Eu odeio esse sorriso. É tão injusto que é lindo e sexy.

Ele nunca mudaria.

Uma mão aparece na frente dos meus olhos e eu grito, quase perdendo o controle da bandeja.

“Você não deveria ir embora depois de servir?” Diz o homem que me chamou, as sobrancelhas arqueadas de uma forma arrogante.

“Sim, não precisamos de nada agora”, o outro homem do grupo diz enquanto bebe seu champanhe.

O terceiro homem fala: “Vamos chamar se precisarmos.”

A única mulher do grupo, usando um vestido prateado, murmura: “Não conte com isso, entretanto.”

Eu só estou ouvindo por alto seus comentários condescendentes. Na verdade, fico feliz que eles tenham interrompido o meu olhar.

Eu preciso me afastar de Zach. Agora que sei onde ele está, posso ficar de olho nele e ficar fora de sua vista. Eu não quero que ele me veja. Eu não

quero que ele saiba que eu trabalho aqui agora. Ou pelo menos, guardar esse segredo pelo maior tempo possível.

Pedindo desculpas ao grupo, dou um passo atrás.

Estou prestes a escapar ilesa quando algo me faz olhar para cima e meu olhar colide com o dele.

Droga.

Eu sabia. Eu sabia que ele me encontraria.

Há uma coisa entre nós, veja.

Essa *coisa* nos torna conscientes um do outro. Não importa onde estamos. No corredor da escola, na sala de detenção vazia ou num salão de baile lotado.

De alguma forma, ele sempre foi capaz de me encontrar e eu sempre fui capaz de encontrá-lo.

Talvez seja assim que o ódio funciona, misteriosamente e irritantemente.

Com a taça de champanhe na boca, Zach está me observando com seus negros olhos demoníacos. Como ele costumava fazer.

Como se não tivesse parado. Nunca tivesse ido embora. Como se os últimos três anos nunca tivessem acontecido. Como se ainda fosse noite do baile de formatura. Como se ainda tivesse dezesseis anos e ele dezoito. Como se ainda estivesse esperando meu namorado aparecer, enquanto Zach está rindo nas minhas costas porque ele está prestes a arruinar todos os meus sonhos de amor.

E na segunda-feira quando eu for para a escola, vou descobrir que Zach se foi. Ele saiu da cidade abruptamente e as pessoas estão cheias de choque e fofoca.

Exceto agora, a dor na minha barriga é mais aguda e meu coração parou junto com as borboletas que ficaram congeladas, presas por causa de seu foco em mim.

“Oh, Cristo, o que seria necessário para você ir embora? Você está esperando por uma dica ou algo assim?”

Desta vez, a voz do homem me assusta tanto que não há como salvar a bandeja. Desliza diretamente da minha mão e vejo horrorizada ela cair no chão.

Há gritos, ofegos e saltos quando as delicadas taças se quebram contra o mármore, derramando champanhe por toda parte. Uma parte atinge os

sapatos do homem que me chamou. Eram mocassins italianos, não menos. Esta informação é dada pela mulher no vestido prateado.

Uma pequena multidão está se reunindo em volta de mim. Há murmúrios e risos. Eu não posso dizer quem faz isso. Porque meus olhos estão colados nos vidros quebrados, na bandeja virada.

“Eu sinto muito”, eu sussurro para ninguém em particular, meus olhos se enchendo de lágrimas de vergonha.

Ficar de pé se tornou uma tarefa tão grande e eu estremeço assim que meus joelhos atingem o chão. Minhas mãos se estendem para pegar meu equilíbrio. Mas elas acidentalmente pousam na poça de líquido, espirrando nas mangas da minha blusa branca.

Essa é a menor das minhas preocupações, no entanto.

Porque assim que minha mão se conecta com o chão pegajoso, sinto uma dor penetrante passar pelos meus dedos e pulso.

“Oh, foda-se.”

Eu acabei de me cortar?

Um corte desce direto no meio da minha palma esquerda. Estou tão chocada com o que aconteceu nos últimos vinte segundos que tudo o que posso fazer é olhar para as gotas vermelhas que saem do corte.

Em todos os meus anos servindo mesas, nunca deixei cair uma bandeja. Meu antigo patrão costumava me chamar de natural.

Então que porra acabou de acontecer?

De repente, meus pensamentos acabam quando sinto alguém pegar minha mão.

É grande a mão. Morena. Tão morena e bronzeada que minha pele fica ainda mais pálida.

Talvez seja o choque, mas eu estou meio extasiada com a aparência da minha pequena mão presa em uma grande. O sangue na minha pele é vermelho brilhante, mas comparado aos dedos bronzeados que estão me segurando, tudo parece monótono.

“Você vai precisar de um curativo.”

A voz. A voz *dele*. É suave e baixa.

É exatamente como eu me lembro, mas um pouco mais áspera. Algo que não existia antes. Sua voz é provavelmente a única voz que posso reconhecer de mil vozes, mesmo de longe, mesmo depois de anos.

Deus é horrível. É fodidamente terrível.

Por que eu sei tanto sobre ele?

Por que ele está me tocando? Ele nunca me tocou antes.

Com respirações suspensas, eu olho para ele, pronta para dizer a ele para ficar longe de mim e puxar minha mão. Mas tudo em que posso me concentrar é que as mãos dele não são as únicas coisas que estão bronzeadas.

Por alguma razão, eu não tinha notado isso antes. Mas o rosto dele ficou mais escuro também. Bronzeado.

“Não”, eu digo, de alguma forma encontrando minha voz.

Com o rosto ainda abaixado, ele levanta os olhos para mim. Ele me estuda por um instante e eu me contorço sob seu intenso escrutínio.

“Não o quê?”

Engulo contra o impacto da sua voz. Isso me atinge no peito e eu estremeço um pouco.

Claro, ele percebe.

E talvez para mexer comigo ainda mais, ele esfrega o polegar sobre a palma da minha mão. O toque é gentil, não mais do que uma sugestão de sua pele sobre a minha.

Mas é a única coisa em que posso me concentrar.

Eu puxo minha mão para trás e a fecho. “Não me toque.” Então eu adiciono, para deixar bem claro, “Nunca.”

Capítulo 3

Ele está mais escuro agora.

Isso é tudo que posso pensar. Juntamente com sua voz mais áspera e seu corpo maior, sua pele bronzeada faz com que ele pareça implacável.

Mais implacável que antes.

Mais implacável do que costumava parecer, em frente ao seu armário, ou nos portões da escola, ou sentado na maior e mais barulhenta mesa do refeitório. Ou andando de moto pela estrada.

Eu não tenho certeza se gosto disso. Na verdade, tenho certeza que não gosto disso. Como se ele não fosse intimidante o suficiente. Como se minhas palmas não coçassem o suficiente para tirar o olhar arrogante de seu rosto.

Droga.

Por que ele voltou?

Tudo estava bem. Tudo estava normal. Eu me acostumei a não me esconder ou olhar por cima do meu ombro e ser madura o tempo todo e não tramar caos e assassinato. Eu me acostumei com o meu corpo curvilíneo e como minhas coxas balançam quando eu ando.

A única razão pela qual eu aceitei esse emprego foi porque pensei que ele não voltaria.

Sei que disseram que ele foi para a Universidade de Oxford como todos os outros Prince da família. Mas eu nunca acreditei nisso.

Zach odiava a escola. Ele era tanto um quebrador de regras e um rebelde que é ridículo sequer pensar que ele seguiria os passos de seus ancestrais.

Sem mencionar o jeito que ele foi embora. Tão abruptamente. Tipo como na calada da noite. Ele nem sequer se formou no ensino médio.

Eu sabia que quando foi embora, ele não foi para Oxford e não estava planejando voltar.

Mas acho que estava errada sobre uma dessas coisas.

Ele *está* de volta.

Depois do fiasco dramático no salão de baile, alguns membros da equipe me acompanharam. Tina me ajudou a limpar a ferida e me disse para me

acalmar. Eu fiquei agitada o dia todo e obviamente algo iria acontecer. Eu não acho que a Sra. S seria tão indulgente, no entanto.

Mas não consigo pensar nisso agora. Eu não consigo pensar no que o amanhã trará agora que Zach sabe que estou aqui, em Plêiades.

Eles me colocaram na cozinha depois que eu me envergonhei completamente. É quente e pegajoso lá — eu não sei como Maggie aguenta — e eu preciso de uma pequena pausa.

Então saio pela entrada de serviço e tento apenas respirar.

O ar da noite não é muito melhor e meu uniforme para o evento, blusa branca e saia preta apertada, se agarram ao meu corpo suado, mas eu não me importo. Tudo é melhor do que ficar confinada naquela cozinha.

Tiro a minha Mary Janes de salto alto e desfaço minha trança, seguido pelos dois primeiros botões da minha blusa. Eu abano o tecido, tentando conseguir um pouco de ar, e me inclino contra a parede, fechando os olhos.

“Você está bem?”

A voz rouca me faz pular.

“Jesus. Porra”, eu quase grito.

No começo, eu não vejo nada além do contorno escuro de arbustos e árvores à distância. Mas então eu noto uma nuvem de fumaça e me movo na direção de onde vem.

Ele.

Zach está encostado na parede de tijolos, com o pé apoiado. Um cigarro nos lábios e, ele não está de jaqueta, deixando-o com sua camiseta escura que mostra seus bíceps malhados.

Ah caramba.

Ele não está nem os flexionando e eles parecem ameaçadores.

“Você me assustou pra caralho”, eu acuso.

Uma intrincada lanterna vitoriana ilumina o suficiente para que eu possa vê-lo. Seu rosto está voltado para mim e eu não posso fugir da grandeza de suas feições. Bem definidas com uma mandíbula quadrada e maçãs do rosto altas, com cabelos escuros de veludo.

“Percebi”, ele comenta.

Em seguida, seu peito musculoso cresce como uma onda gigante enquanto ele dá um trago antes de enviar a fumaça para a noite.

“Então você está?” Ele pergunta, olhando para mim novamente.

Eu me aproximo da parede e dou um pequeno passo para trás, para longe dele. “Estou o que?”

Minha única preocupação é sair daqui. Eu daria meia volta e correria. Mas a experiência me ensinou a nunca deixar minhas costas exposta e desprotegida. Então eu continuo andando para trás, devagar.

“Você está bem?”

Meus pés descalços ficam presos quando tirei meus saltos, mas eu evito tropeçar. “O que?”

De maneira típica, ele permanece em silêncio e fumando. E olhando.

É o que Zach faz: ele encara. Como se seus olhos fossem um microscópio e eu um inseto ou um espécime interessante que ele quer estudar. Que ele está querendo estudar há anos ou esmagar sob suas botas.

“Você...” Eu olho para ele. “Perguntou se estou bem?”

“Parece que sim.”

Três anos.

Vê-lo depois de três malditos anos e é isso que ele me pergunta.

Depois de tudo, depois de todas as brincadeiras e coisas que ele me fez passar, ele realmente está me perguntando isso? Como se eu fosse alguma estranha que ele encontrou na rua, e agora ele está perguntando sobre o maldito tempo.

“Por quê?”

“Porque o que?”

“Por que você está perguntando?”

Seus olhos vão para onde minha mão machucada está, contra a parede. Meu corte começa a latejar. Eu sinto o corte esquentando, como se todo o meu sangue estivesse correndo para ele só porque ele o mencionou.

É quando lembro que ele me tocou.

Eu não posso acreditar que ele me *tocou*.

Naquele momento, fiquei tão chocada que não consegui registrar nada sobre o toque. Mas agora lembro que sua pele estava quente — de alguma forma, mais quente que a de qualquer outra pessoa. E sua palma era áspera e com ranhuras. Como se ele tivesse mais linhas de destino do que qualquer outra pessoa que eu conheça.

Ele faz movimentos com o queixo. “Isso precisa de um curativo.”

Eu abro meu punho suado e aquecido. “Está tudo bem.”

“Foi um corte profundo.”

“Você gostaria disso, não é?”

“Gostaria do que?”

“Que fosse um corte profundo.”

Mais uma vez, ele não diz nada a isso, simplesmente mantém os olhos em mim.

Ao longo dos anos, aprendi que essa é sua tática de intimidação. Ficar silencioso e intenso para que a outra pessoa seja forçada a preencher o silêncio.

Não vou cair nessa.

Não vou cair em nada que ele planejou. Pensaria que até mesmo esse encontro foi uma cilada, se eu não tivesse pensado espontaneamente em sair.

Ele já fez isso antes, na verdade. Seus lacaios me trancaram dentro da sala do Sr. Philips, nosso professor de história, depois de me dar uma falsa mensagem de que ele estava esperando por mim. Eu fiquei presa naquela sala por duas horas inteiras até que a equipe de limpeza entrou e abriu a porta.

Idiota.

“Você está ciente de que está andando para trás?” Ele pergunta finalmente, virando-se para mim, encostado na parede em seu braço.

Percebo que ele está certo. *Estou* andando para trás. “O que você tem a ver isso?”

“Você não pode fazer isso.”

Eu zombo. “Sim? Por quê? Você vai me impedir?”

Ele balança a cabeça devagar. “Não, mas se você continuar, então o vaso de plantas atrás de você vai.”

Meus olhos se arregalam e eu paro bruscamente.

Ele tem razão.

Há vasos de plantas em ambos os lados da entrada de serviço e sinto o roçar das folhas nas minhas costas. Se eu continuasse, eu teria tropeçado neles ou talvez até caído.

“Eu sabia disso”, eu minto.

“Claro”, ele diz com uma voz divertida que fico com as costas eretas; é um reflexo antigo.

Há algo sobre ele, sabe. Alguma característica, algum tipo de provocação que deixa minha pele em chamas.

“Eu não precisava de você para me dizer isso”, insisto.

“Entendi”, ele responde impertinentemente.

Mesmo que eu me ofenda com o tom dele, decido ficar quieta. Eu prometo a mim mesma que não vou dizer nada.

Eu não vou. Por cerca de seis segundos. Então, “Que porra você está fazendo aqui?”

De volta a esta cidade. De volta à minha vida. De volta à minha cabeça.

“Tomando ar fresco.”

“Certo. E você teve que escolher este lugar?”

“Sim.”

Então ele tem a coragem de contrair aqueles lábios respirando doença antes de dar outra tragada e inclinar o rosto para cima. Um rosnado surge na minha garganta, mas é interrompido pelo que ele diz em seguida.

“Esqueci que dá pra ver as estrelas aqui em cima”, ele murmura.

Sua voz quase soa como um suspiro baixo e satisfeito. Como se a visão de estrelas fosse algo que ele não tem há muito tempo.

Enquanto ele parece em paz, suas palavras estão causando estragos no meu corpo.

Elas param minha respiração e fazem meu coração disparar. Elas despertam as borboletas.

Eu me lembro da estrela cadente da noite passada. Lembro-me do desejo que fiz e agora ele está aqui. Um perigo potencial para tudo o que tenho trabalhado nos últimos meses.

“E você não podia ver as estrelas de onde veio?” Eu pergunto.

Zach olha do céu para mim. “Não.”

Respostas monossilábicas.

Ótimo.

Elas são projetadas para estimular a curiosidade. Racionalmente, estou ciente disso. Irracionalmente, estou pensando sobre o paradeiro dele nos últimos três anos.

“Ooo-k.” Eu aceno, dificilmente acreditando nele. “Para onde você foi mesmo?”

Silenciosamente, ele me estuda. “Por quê? Você está com saudades de mim?”

“Oh sim, definitivamente. Como eu sinto falta de levar um tiro na cabeça.”

Zach sorri, seus olhos negros brilhando. “Sabe, eu não tinha certeza se voltaria. Mas se isso te faz feliz, então por mim tudo bem.”

“Sarcasmo.” Eu levanto as sobrancelhas. “Eu amo isso.”

“Estou aqui para agradecer”, ele diz, deixando minha pele arrepiada.

Eu ignoro e chego à verdadeira questão que tem me incomodado o dia todo. Eu não ligo para onde ele foi, tudo que me importa é por que ele voltou e quando vai embora de novo.

“Por que você voltou?”

Acho que minha pergunta se perdeu no vento com a maneira como ele permanece em silêncio. Mas isso é outra coisa especial sobre a nossa cidade delimitada. Até o ar está morto. Nada se move, assim como ele. Seu rosto está em branco. Sem expressão. Mas há algo em seus olhos, seu olhar.

Está queimando, como aquele cigarro preso entre seus lábios.

Em seguida, esse olhar se move. Seus cílios cintilam quando observa os cachos soltos do meu cabelo. Eu tenho um desejo de esticar meu braço e tocá-los, mas resisto a isso. Agarro o tecido da minha saia para manter as mãos ocupadas.

“Ainda azul, hein?”

Eu levanto meu queixo. “Sempre.”

Seus lábios se contraem enquanto ele repete em um sussurro: “Sempre.”

Eu não sei porque ele está olhando para o meu cabelo assim, com tanta intensidade. Talvez ele esteja pensando em algo para dizer. Seja qual for o motivo, ele não para e quando seus cílios abaixam, eu me esqueço da pergunta que fiz a ele.

O que nós estávamos falando?

“Você ainda usa canetas de glitter azul?”

Eu costumava na escola. Eu era a garota-propaganda da cor azul. Mochila azul, roupas azuis, canetas de glitter azul e, quando eu cresci, cabelo azul.

Eu concordo. “Sim.”

Ele acena de volta, parecendo... nostálgico. “Claro que você usa.”

Eu deveria dizer alguma coisa. Eu realmente deveria. Mas estou em transe. Essa é a sensação de ser hipnotizado.

Agora, tudo o que posso fazer é seguir seu olhar enquanto desliza pela linha da minha garganta, que parece cheia de pedras, tornando difícil de engolir. Quando ele desce para o meu peito, percebo que a última vez que ele me viu, eu era taça tamanho C. Eu sou um D agora.

Tenho toda a intenção de dizer a ele para parar de cobiçar. Perverso babaca. Eu não quero que ele olhe para mim. Eu não quero que ele faça minha pele arrepiar.

Mas as palavras não saem. Elas estão presas na parte de trás da minha boca e meus dentes estão cerrados.

Deus, faça-o parar.

Mas ele continua me olhando. Minha cintura com dobrinhas, quadris arredondados e coxas, meus dedos dos pés descalços. Meu corpo curvilíneo que só cresceu em sua ausência.

“Por que você voltou?” Eu pergunto novamente. Desta vez com um desespero que não existia antes.

Ele traz seu olhar de volta para o meu e, através do cigarro na boca, diz: “Talvez *eu* tenha sentido *sua* falta.”

Forçando-me a quebrar seu olhar, eu olho para baixo. Minha Mary Janes está no chão, uma de lado e a outra a certa distância. Abandonada. Abandonada e perdida. Tipo como eu, nesse momento.

Eu preciso fugir.

Balançando a cabeça, me inclino e pego meus sapatos. “Estou indo embora.”

“Belo uniforme, a propósito.”

Eu paro.

Abraçando meus sapatos ao peito, eu retorno seu olhar. Sua mandíbula está tensa. Posso ver o tique em seus músculos faciais.

Ele está chateado que eu trabalho para sua família agora?

Que azar.

Como se eu gostasse desse arranjo. Como se eu quisesse colocar os pés dentro da casa onde ele cresceu.

“Obrigada”, eu digo, sorrindo falsamente e alisando a mão na minha saia. “Eu também acho.”

Zach olha para longe de mim quando deixa o resto do seu cigarro cair no chão e esmagá-lo sob sua bota.

“Nunca pensei que lavar pratos e limpar pisos fosse parte de seus objetivos de vida.”

Eu sabia que ele ia dizer algo insultante. Ele é Zach.

Mas ainda assim, eu vacilo.

Objetivos de vida.

O que ele sabe sobre objetivos e ambições? O que ele sabe sobre o que acontece quando eles são arrancados de você em um piscar de olhos?

Apesar de doer, mantenho minha voz calma e casual. “Bem, você não sabe tudo sobre mim agora, não é? E chama-se de trabalho. É assim que as pessoas responsáveis compram coisas.”

“Responsável, hein?”

“Sim.”

Endireitando-se e longe da parede, Zach chega a sua altura total. Inclinando a cabeça para o lado, ele pergunta como se estivesse tão curioso: “O que mais as pessoas responsáveis fazem? Além de trocar os lençóis e entrar furtivamente em seu local de trabalho.”

Meus olhos se arregalam. “Foi você.”

Oh Deus.

Então, ele é um pervertido babaca. Ele estava me observando ontem à noite.

“Sim. Você estava fofa em sua pequena roupa preta. Estúpida, mas fofa. Você realmente pensou que ninguém iria reconhecê-la?” Ele ri. “Tão bonitinha como você estava, eu odeio te falar isso embora. Você não tem futuro em espionagem. Você é um pouco...” Ele me olha de cima a baixo. “Visível para isso. Então, talvez seja bom trocar lençóis e limpar o chão. Precisa deixar as opções abertas.”

E aí está. Uma pequena indireta sobre meu corpo junto com outros insultos.

Nada mudou, não é? Ele ainda é o mesmo. Só que agora estou mais vulnerável. Eu tenho mais a perder. Como o meu trabalho e, eventualmente, a minha casa.

“Obrigada pela sua preocupação com minhas escolhas de carreira.”

“Não tem de quê.”

“Certo. Eu não esperava que você entendesse”, eu digo, porque eu realmente não consigo me controlar. “Eu não esperaria que alguém como você, que passou a vida dependendo de seu pai, completamente bêbado e chapado, entenda como é para o resto de nós.”

Estou de pé sob o seu escrutínio. Mantenho-me firme, mesmo que eu esteja tremendo por dentro quando ele dá um passo em minha direção. Então outro e outro. Até que ele esteja tão perto de mim que eu possa sentir o cheiro dele.

Torta de mirtilo e cigarro, como as que Maggie assa.

Duas coisas que eu nunca pensei que podiam combinar, mas de alguma forma combinam e eu não gosto disso. Nem um pouco.

O rosto de Zach está nas sombras agora. Mas o céu e as estrelas fornecem luz suficiente para que eu possa ver seus olhos e sua boca quando ele diz: “Sim, talvez não. Mas eu entendo uma coisa.”

Agarrando meus sapatos firmemente ao meu peito, eu opto pelo desafio. “O que é?”

“Se quiser manter este trabalho, você vai ter que me manter feliz”, ele fala devagar.

Sua ameaça permanece entre nós, forte e sombria, assim como ele.

O leve roçar das folhas contra minha nuca de repente começam a parecer afiadas e perigosas.

“Eu não sou sua escrava pessoal, se é isso que você acha que é o meu trabalho”, digo a ele, tentando segurar os últimos resquícios da minha coragem.

Ele se inclina e seu cheiro se torna tão espesso, tão penetrante que meus lábios se separam. Seu olhar cai para eles antes que ele me olhe nos olhos. “Acho que o seu trabalho é o que eu quero que seja.”

Zach preenche minha visão inteira. Sua camiseta escura, seus ombros largos. Eu não consigo ver nada além dele. Isso faz meu coração bater mais rápido. Com medo. Com ódio.

Tanto é assim que eu não consigo me impedir de zombar: “Você não mudou nem um pouco, não é? Aposto que você ainda acha que é dono do mundo.”

Ele balança a cabeça lentamente, perigosamente. Hipnótico “Eu não dou a mínima para o mundo. Mas eu possuo você.”

Plenamente sabendo que isso poderia piorar minha situação, eu zombo. “Você *nunca* vai me possuir. Nem agora. Nem nunca.”

“Isso é um desafio, Blue?”

Blue.

Como uma palavra pode ter um efeito tão drástico? Isso me faz tombar por dentro. Meu peito treme quando *Blue* desliza pela minha garganta como se eu tivesse inalado como uma droga.

“É uma promessa.”

Zach examina meu rosto, como se estivesse memorizando minhas feições. Como se ele planejasse sonhar comigo esta noite.

Eu deixo.

Eu o deixo memorizar, admirar, então quando me vir atrás de suas pálpebras fechadas, ele entenda que eu não estou brincando. Não importa o que aconteça, eu não vou jogar em seus jogos. Que de alguma forma, vou encontrar uma maneira de colocar um fim nisso.

Conseguir minha casa de volta é importante demais para mim.

“Se estamos fazendo promessas, então me deixe dizer uma coisa”, ele sussurra, baixo e áspero. “Se eu quiser que você seja minha escrava, você estará caindo no chão tão rápido que seus joelhos sangrarão junto com sua palma. Então não me tente. Eu sou muito facilmente tentado.”

Capítulo 4

O Príncipe das Trevas

Céu noturno.

Eu tenho uma queda por isso. Um azul tão profundo que é quase preto e o aglomerado de estrelas tentando acendê-lo.

É impossível, mas eu aprecio a determinação delas e que elas saem noite após noite para falhar.

Os primeiros meses longe desta cidade foram difíceis porque não consegui ver o céu noturno. É praticamente impossível ver na cidade. Provavelmente é por isso que ninguém dorme em Nova York. Eles não têm um céu para chamar de seu.

Mas mesmo assim, a falta de sono, o fato de o mundo ser um vazio desconhecido para mim, nunca pensei em voltar.

Porque nada vale a pena voltar aqui. Nem antes e nem mesmo agora.

Três anos e nada mudou. Esta cidade ainda cheira a merda e uma tonelada de memórias ruins. As paredes largas, a arquitetura grande, quilômetros e quilômetros de propriedade que pessoas tolas pagam para uma excursão.

Tudo me faz sentir pequeno. Minúsculo, sem valor.

Plêiades, minha terra natal, sempre me fizeram sentir o quanto eu não pertença aqui.

Estou no meu antigo quarto. De tons escuros, cinza e preto. Tudo parece polido e fresco. Provavelmente passaram um dia inteiro limpando, pensando que eu ficaria.

Mas eu não vou.

Eu conheço a sensação da liberdade. Eu sei que liberdade é andar de moto por uma estrada sem fim. Liberdade é o vento no meu rosto.

Liberdade é o conhecimento de que no final do dia, eu não tenho que voltar para um lugar em que fiquei preso por fodidos dezoito anos.

Estou empurrando minhas roupas dentro da minha mochila quando ouço uma batida na porta. Eu ignoraria, mas estou indo para lá mesmo.

Além disso, tenho a sensação de quem pode ser, e preciso colocá-la em seu devido lugar de uma vez por todas.

Fechando a bolsa e atirando-a por cima do ombro, atravesso o quarto e abro a porta. Nora, a Sra. Stewart para todos os outros, está lá, carregando uma bandeja de comida. Ela olha para mim, depois para mochila no meu ombro e seus lábios franzem em decepção.

Ela levanta a bandeja e diz: “Eu te trouxe comida.”

“Eu posso pegar algo na estrada.”

“Então, você vai embora?”

“Sim.”

Ela fica em silêncio por um instante antes de dizer: “Os exames voltam na próxima semana.”

Eu aperto meu queixo. “Ligue para mim com eles.”

Seu silêncio na minha resposta casual se estende mais do que antes. Eu sei o que isso significa. Isso significa que ela está preparando sua resposta. Essa é a coisa com Nora. Ela acha que só porque trabalha para a minha família desde que nasci, ela tem algum tipo de liberdade para me dar um sermão. Como se eu fosse o filho dela ou algo assim.

Na maioria das vezes, deixo-a pensar isso. Talvez como gratidão por todas as vezes que ela esgueirou comida para o meu quarto, ou me colocou para dormir ou secou minhas lágrimas que eu era muito orgulhoso em admitir para mim mesmo quando ninguém mais podia ter qualquer contato comigo. Mas se ela sabe o que é bom para ela, ela vai ficar de boca fechada.

“Nada mudou, você sabe”, ela começa suavemente, ou melhor, seria suave se sua expressão não fosse severa e sua voz não parecesse pertencer a um diretor de escola. “Na verdade, as coisas pioraram. Se você pensou que a sua saída iria resolver tudo, então você estava errado. Isso não aconteceu. Ele ainda é o mesmo e ela ainda dá desculpas para ele. A maioria dos funcionários não sabe o que está acontecendo. Mas os que sabem, não estão autorizados a falar sobre isso.”

Ah, então ela está indo com chantagem emocional.

“Entendi”, eu digo, seguindo o caminho casual.

“Sua mãe ama muito seu pai.”

Jesus.

Ela não sabe quando parar, não é?

Olho para o chão, tentando manter minha paciência. Eu não sou muito bom com isso. Nunca fui. Nem mesmo nos melhores momentos, e este não é o melhor momento.

“Tudo bem, o negócio é o seguinte”, eu começo, dizendo como as coisas são. “Eu vim de moto a maior parte da noite de ontem para chegar a esta cidade de merda. Estou com muito poucas horas de sono. A reação do meu pai em me ver pela primeira vez em três anos foi perguntar se finalmente recuperei meus sentidos e rastejei de volta para pedir desculpas e dinheiro. Tudo o que minha mãe disse para mim foi que, se eu estava planejando ficar, então eu precisava me comportar e não chatear o meu pai. Eu precisava aparecer na festa, beber champanhe, sorrir para as pessoas que eu não dou a mínima. Tudo só para mostrar ao mundo o quão felizes eles estão por me ter de volta.”

Aperto a ponte do meu nariz. “Eu deveria ter saído no momento em que ela inventou os planos da festa. Qualquer coisa para fazer meu pai ficar bem. Mas como um idiota, eu fiquei. E agora sou cauteloso. Estou impaciente e estou tão perto de entrar em pé de guerra. Então pare de falar e me deixe passar.”

Nora ouve isso? Não.

Ela me dá aquele olhar, segura sua bandeja como um escudo e continua como se nunca tivesse me ouvido. “E você ama muito sua mãe. É por isso que levou uma ligação, apenas uma, para você voltar. E é por isso que você não saiu quando deveria.”

Ranjo os dentes e olho para o teto por um segundo. “Você está demitida.”

Ela sorri. “OK. Mas, infelizmente, você não estará aqui amanhã para ver se sua demissão ocorreu ou não. Então, pelo menos, deixe-me ir direto ao assunto.”

“E que porra seria essa?”

“A questão é que, não importa o quanto você negue ou rejeite completamente, fomos criados para amar nossos pais. É assim que é. É lamentável. Algumas pessoas não merecem o nosso amor, mas isso não significa que ele irá embora.”

“Bem, eu fui criado de forma diferente. Agora tenho que ir.”

Finalmente, ela entende minhas palavras. Seu rosto se contrai e sinto uma pontada no peito. Eu ignoro. Não é minha culpa que ela depositou sua fé em mim. Eu não posso assumir a culpa pelos erros das pessoas.

Assentindo, ela diz: “Eu só quero que você saiba que eu te chamei porque eu não queria que você se arrependesse de não estar com ela. Anos depois, eu não queria que você olhasse para trás e questionasse suas escolhas feitas com raiva.”

“Eu não vou.” Eu não sei por que, mas eu vou em frente e acrescento: “Eu não vou ficar em um lugar onde eu não sou bem-vindo. Eu fiz isso nos primeiros dezoito anos da minha vida e não foi bonito. Além disso, ela não precisa de mim.”

“Eu sei. Sei que você tem más lembranças aqui. Sei que você não deve nada a sua mãe ou ao seu pai. Mas como eu disse, é lamentável. Estamos destinados a amar as pessoas que nos dão a vida. Eu sabia que você gostaria de estar aqui como filho dela. Não porque ela precisa de você. Com todo o respeito, não me importo com o que ela precisa. Eu só me importo com você.”

Às vezes, quando ela diz essas coisas, eu me pergunto se é porque ela realmente se importa comigo ou é porque é paga para isso.

Eu balanço a cabeça e cerro os dentes. Mesmo assim, surge a pergunta: “Quem está cuidando dela?”

“Eu estou. Juntamente com alguns outros membros da equipe.”

“E papai? O que ele está fazendo o dia todo?”

Ela encolhe os ombros. “Reuniões. Trabalho. Ele não quer reconhecer isso.”

Eu sorrio amargamente. “Como sempre.”

“Pelo menos fique até os exames voltarem”, ela pede novamente.

“Eu odeio esse lugar.”

“Você vai se odiar mais se não ficar. Eu não quero que você se odeie. Você faz muito isso, enfim.” Eu vou dizer alguma coisa, mas ela me interrompe. “E mesmo assim se você não gostar, ninguém é capaz de te parar, Senhor Zach.”

“Zach”, eu estalo. “Se você quer que eu fique aqui, apenas me chame de Zach. E ninguém pode saber por que vou ficar. Eu não quero que seja divulgado.”

“Que você é um bom filho?”

“Não me teste.”

“Entendido.”

Eu suspiro e solto a porta, ando de volta para a cama. Minha mochila cai no chão. “E deixe a bandeja.”

De repente, estou faminto.

Eu olho fixamente para o céu que, para todos os efeitos, deveria estar preto. É porra da meia noite. Mas parece azul.

Escuro, azul escuro.

Ouçõ Nora abaixando a bandeja e depois saindo do quarto. Assim que ela está prestes a fechar a porta, eu me viro e pergunto: “O que ela está fazendo aqui?”

Nora franze a testa. “Quem?”

Minhas narinas dilatam enquanto eu respiro fundo. Meu corpo parece tenso. Preciso sair daqui, mesmo que não vá a lugar nenhum.

“Cleopatra Paige.”

Não acho que alguma vez disse o dela nome completo em voz alta e acho que não vou depois disso, também.

O nome dela é como ela.

Alto, dramático e complicado pra caralho. Ou insuportável. Tanto faz.

Eu posso ver a confusão de Nora, mas ela ainda responde: “Ela trabalha para mim. Ela está na equipe de limpeza. É sobre o que aconteceu na festa? Ela nunca fez nada assim antes. Na verdade, ela é experiente. Ela costumava trabalhar—”

“No restaurante do lado sul. Eu sei. Há quanto tempo ela trabalha aqui?”

“Cerca de seis meses.” Olhando para mim astutamente, ela acrescenta: “Ela realmente mora aqui. Em um dos chalés.”

Meus punhos se fecham. “Por quê? O que aconteceu com a casa dela?”

Talvez seja a intensidade na minha voz ou talvez seja a minha postura rígida, mas Nora leva um segundo para me examinar. E eu não gosto disso.

“Ela perdeu.”

“Como assim?”

“Ano passado. Junto com os pais dela”, ela explica. “Maggie, ela me convenceu e eu a aceitei. Ela não tem para onde ir.”

Não acho que eu já apertei meus dentes com tanta força. Estou prestes a triturá-los com a força.

Ela não tem para onde ir.

Nenhum lugar. Para ir.

E ela veio para o pior lugar nesta cidade.

“Ela não é minha melhor funcionária. Ela é barulhenta e eu não entendo a bagunça do cabelo azul, mas ela está se saindo bem. Eu deveria estar ciente de alguma coisa?”

Sua voz me alcança através de um túnel, um túnel profundo e escuro, e de alguma forma eu consigo responder a ela. “Não.”

“Parece que você a conhece.”

“Não conheço.”

“Mas—”

Eu deixo minha raiva transparecer no meu rosto. “Acho que você deveria ir.”

Assentindo lentamente, ela sai.

Assim que a porta está fechada, eu pego as chaves da minha moto.

Durante três anos, eu era livre. Livre deste lugar. Livre dos meus pais. Livre de todas as coisas que eles me faziam sentir: raiva, ódio, solidão.

Mas aparentemente, estou de volta e há uma diferença muito importante.

Ela mora aqui também, a garota de cabelo azul. A garota que suportou todo o meu ódio e que eu não parei de pensar desde que a vi pela primeira vez quando eu tinha doze anos.

E se eu soubesse disso, nunca teria voltado.

Porque eu não quero nada com ela e tenho certeza que ela não quer nada comigo.

Capítulo 5

Ele veio para mim em meus sonhos na noite passada.

Como costumava estar de volta ao St. Patrick's. Enquanto me revirava na cama, em um estado de meia vigília, percebi que vi Zach crescer.

Eu o vi como um estudante do ensino médio com cabelos espetados e um uniforme amarrotado e sujo que sempre acabava em detenção. Embora naquela idade ele fosse mais baixo do que todos os professores, ele ainda se elevaria sobre eles com sua atitude de *foda-se*.

E então, ele ficou mais alto. Ele literalmente cresceu durante a noite e ficou maior do que todo mundo. Praticamente todo mundo tinha que inclinar o pescoço para olhá-lo e enquanto isso, ele mal olhava para eles.

Eu o vi quando ele estava nos corredores da escola. Grande e des preocupado. Rebelde com a gravata virada por cima do ombro e os dois primeiros botões da camisa do uniforme abertos. Ele nunca teve seus livros com ele. Ele estaria sempre de mãos vazias. Como se seu memorando tivesse sido extraviado no correio de que isso deveria ser uma escola e você deveria carregar livros didáticos.

E então, eu o vi me observando.

Ele me viu ser humilhada com um rosto sem expressão. Às vezes, quando eu revidava e dizia insultos, seus lábios se contorciam. Às vezes se esticavam e ele sorria. Como se eu fosse colocada nesta terra para ser sua diversão.

Eu o vi em sua moto. Seus cabelos e gravata ao vento e a fumaça saindo de sua boca graças ao cigarro. A aceleração de sua moto está gravada no meu cérebro.

Então, sim, ontem à noite, vi recordações de sua vida, entrelaçadas com a minha.

Fico feliz quando a manhã chega e tenho que acordar.

Ele está *realmente* de volta. E sabe que estou aqui.

Estou tão compenetrada que eu não vejo onde estou indo e na entrada da sala dos funcionários, esbarro em alguém.

“Ei, você está bem?”

É Ryan. Ele é do meu antigo bairro e eu o conheço a vida toda. Ele trabalha em Plêiades como motorista há cerca de dois anos.

Agarro o tecido do paletó em seu bíceps. “Opa.” Eu rio. “Desculpa. Acho que não vi onde estava indo.”

Ele sorri. Ele é apenas alguns anos mais velho que eu e sempre achei a presença dele reconfortante.

“Tudo bem.” Ele me estabiliza. “Você está se sentindo bem? Sabe, depois do que aconteceu ontem à noite.”

Em seu lembrete, o corte na palma da minha mão pulsa como se alguém estivesse enfiando o dedo bem no centro da ferida.

Fecho a palma machucada ao meu lado e lanço para Ryan um sorriso brilhante. “Não, eu estou bem. Eu não sei o que aconteceu ontem à noite. Estresse, talvez. Mas estou me sentindo ótima agora.”

“Fico feliz em ouvir isso”, ele diz, sorrindo calorosamente.

“Ok, tenho que ir. Não posso irritar a Sra. S duas vezes seguidas.”

Já estou passando por ele quando ele me para.

“Cleo, eu, uh.” Ele coça a testa. “Eu queria saber se você gostaria de ir a um encontro comigo.”

“O quê?” Eu grito.

“Encontro. Comigo? Se você quiser ir?”

Ele acabou de me convidar para sair?

Eu?

Cleopatra Paige? A garota gótica de cabelos azuis e estranha.

Aconteceu apenas uma vez, com Neal, e fui eu que o convidei para sair. E bem, todos nós sabemos como isso terminou.

“Cleo?”

“Sim. Desculpa. Eu só, hum, você quer ir a um encontro comigo?”

Ele ri timidamente. “Bem, sim. Se você não quiser, então—”

“Não. Quer dizer, não é que eu não *queira*. Sempre achei você gostoso e —” Eu arregalo meus olhos porque, porra, o que estou dizendo?

Não é que eu esteja mentindo, no entanto.

Para ser honesta, sempre tive uma queda por ele. Especialmente enquanto estávamos crescendo. Tina e eu, nós duas tivemos. Nós nos revezávamos em casar com ele quando brincávamos juntas. Ele era tão fofo e seu sorriso costumava me deixar toda quente e confusa.

Ryan ri novamente, mas o som perde sua característica embaraçosa. “E?”

“Eu só...” Eu balanço a cabeça, sentindo-me corada. “Eu nunca percebi que você queria. Ir a um encontro, é isso.”

Encolhendo os ombros, ele passa as mãos pelos cabelos. “Eu sempre quis, mas nunca tive coragem de perguntar antes. E com tudo o que aconteceu no ano passado, eu não quis colocar nenhuma pressão em você.”

O que aconteceu no ano passado é um peso que eu carrego sempre. Embora eu esteja mais forte, as pessoas me tratam como se eu fosse a coisa mais frágil e delicada de todas.

Piscando meus olhos, limpo minha garganta. “Sim. Eu não acho que posso. Eu gosto de você, mas não posso. É só que... eu não acho que estou pronta. E com todo o trabalho e você sabe, eu não posso.”

“Eu entendo”, Ryan acena e há uma leve pontada no meu coração.

Ele estende a mão e passa o polegar pela minha mandíbula.

“Eu não vou desistir”, ele diz com um brilho nos olhos. “Agora que sei que você acha que eu sou gostoso.”

Com essa promessa, ele sai e tudo que posso fazer é vê-lo partir.

E então eu sorrio.

Seu polegar era macio e suave. O único lugar que eu senti foi onde ele me tocou, na minha mandíbula.

O toque de Ryan é exatamente o que um toque deve ser: quente e fugaz. Não irradiou para qualquer outra parte do meu corpo. Não estava consumindo.

Não é como o toque *dele*, escaldante e elétrico. Algo em que pensarei nos próximos dias.

Ainda sorrindo, entro na sala dos funcionários e me sento ao lado de Tina. A Sra. S ainda está por vir e todos estão conversando. Bem, principalmente fofocando, e claro, o tópico da conversa é Zach.

Leslie, uma das empregadas, está extremamente feliz por ele estar de volta. “Não consigo acreditar quão gostoso ele se tornou. Viram aquele corpo?” Ela passa a mão pelo rosto. “Minha nossa senhora. Eu o quero.”

Tina a cala. “Mantenha sua voz baixa, ok? Se a Sra. S te ouvir, você estará no serviço de limpeza do banheiro pelo resto do mês.”

Então a Sra. S tem uma regra: não dormir com os senhores da mansão ou com as pessoas com quem eles convivem. Ela diz que é ruim para sua reputação. Não seremos uma casa clichê, onde empregadas domésticas têm casos e acabam grávidas.

Eu só trabalho aqui por alguns meses, mas uma das meninas foi demitida por dormir com um convidado que estava aqui durante a visita. Eu não estava lá, mas há rumores de que a Sra. S os pegou em flagrante, fazendo isso em um dos quartos da torre três.

Leslie acena com a mão. “Ela não está aqui. Além disso, existem maneiras de contorná-la. Você não acha que todo mundo segue as regras, não é?”

Leslie é barulhenta e divertida e apesar de ser uma fofoqueira terrível, eu sempre gostei dela. Eu simplesmente não acredito em tudo que sai da sua boca. Mas vendo que ela está falando sobre o cara que mais ou menos arruinou toda a minha experiência educacional, eu tenho um plano.

Nada diabólico, apenas algo divertido. E vou poupar muito Leslie de desgosto no processo.

“Você não quer quebrar as regras por ele, confie em mim”, eu digo a ela, inclinando-me para que apenas ela e Tina possam ouvir.

“O que você quer dizer?” Leslie pergunta, interesse escrito por todo o rosto bonito dela.

Eu olho para a esquerda e depois para a direita antes de focar nela. “Então, ontem à noite, na festa? Havia essa garota conversando com uma de suas amigas. E ela estava dizendo que quando tentou ficar com Zach mais cedo, ele teve um pequeno problema.”

“De jeito nenhum”, Leslie ofega.

Eu aceno e levanto meu dedo antes de dobrá-lo. “E você sabe o que, eu não acho que foi a primeira vez também.”

Os olhos de Leslie se arregalam. “O que você quer dizer?”

“Quero dizer, eu fui para a escola com aquele cara.” *Infelizmente*. “Eu sei de coisas.”

Tina bufa. “Mesmo?”

Ela sabe que estou mentindo.

Leslie agarra minha mão com a empolgação. “Você está falando sério? Que coisas?”

Eu sorrio. “Olha, pode ser apenas fofoca. Mas, na escola, ouvi um boato de que ele, você sabe, não conseguia mandar ver por si só. Então ele teve que tomar uma pílula ou algo assim.”

Leslie ofega.

Tina bufa novamente.

“Quero dizer, escute, eu não acredito na coisa da pílula azul. Acho que foi um exagero, mas... a coisa de ficar impotente pode ser verdade. Mas quem sabe? Fofoca é fofoca.”

Leslie acena com a cabeça. “Faz sentido. *Fofoca é fofoca*. Mas é uma pena, se for verdade. Esse cara está bem.”

Sento-me no meu lugar, satisfeita e sorridente. “Oh sim, definitivamente.”

Tina balança a cabeça para mim e dou de ombros. No final do dia, todos na equipe saberão do pequeno problema de Zach. Acreditem ou não, eles vão querer saber e é tudo o que me interessa.

Foda-se, Zach.

Todos nós ficamos calados quando a Sra. S entra e começa a disparar instruções como sempre. Uma das meninas está doente, então eu me voluntario para assumir suas tarefas. É bom. Quanto mais eu trabalho, melhor. Eles me compensarão pelo tempo extra e eu ficarei muito mais perto do meu objetivo.

Mas dez minutos depois, quando a reunião é encerrada e devemos cumprir nossas obrigações, meu sorriso triunfante, uma cortesia da minha pequena vingança e o trabalho extra, apaga do meu rosto.

Porque uma das tarefas que eu tão entusiasticamente assumi é limpar o quarto do meu antigo valentão.

Capítulo 6

O príncipe das Plêiades vive na torre dois.

Eu já estive em seu quarto antes, claro. Na minha primeira vez, fiquei um pouco louca. Eu procurei dentro de seu armário e todas as suas gavetas. Não que eu tenha encontrado algo interessante. Ele já estava fora há alguns anos e seu quarto estava vazio além da mobília. Exceto por poeira, não havia nada de interessante lá.

Eu me pergunto o que vou encontrar agora que ele está de volta. Não que eu me importe, mas ainda assim.

Está quase na hora do almoço; acabei de limpar os outros quartos da torre. Exceto o dele. Eu tenho evitado isso até agora, mas não posso. Não mais. Eu tenho que fazer isso.

Empurro o carrinho com todos os meus materiais de limpeza e saco de roupa, junto com toalhas e lençóis limpos, e vou até a porta dele. Seu quarto está localizado no final de um corredor reluzente feito de mármore italiano e adornado com pinturas feitas por mãos caras e estrangeiras. Há uma janela alta — que é uma dor na bunda para limpar — escondida no canto, com vista para um pátio com uma fonte de água.

Eu pressiono meu ouvido na porta, mas não ouço nenhum som.

Na verdade, espero que ele não esteja aqui. Talvez depois da festa da noite passada, ele tenha se encontrado com seus lacaios e tenha ficado bêbado, e agora está apagado em algum lugar. Ele é conhecido por fazer isso. Todas as segundas-feiras ele costumava ir à escola ou ir às aulas depois do almoço, de ressaca e com sono.

Seja qual for o caso, eu não vou saber a menos que eu bata.

Fazendo careta, eu levanto meu punho e faço isso.

Nada.

Suspirando, bato de novo. Sem resposta.

Oh meu Deus. Será? Posso ter tanta sorte que ele não esteja aí?

Eu não consigo controlar o sorriso que se apodera do meu rosto. Com o punho bombeando o ar, eu pego minha chave e a coloco na fechadura. O bloqueio abre facilmente e empurro a porta. Talvez eu termine antes que ele volte e eu não tenha que ver seu rosto bonito, mas cruel.

A primeira coisa que noto quando entro é que é brilhante. Muito brilhante. Eu tenho que colocar minha mão para evitar os raios solares entrando através das janelas.

O quarto de Zach tem as maiores janelas de todos os quartos deste lugar. Elas vão do chão ao teto e ocupam uma parede inteira.

A primeira vez que estive aqui, fiquei impressionada com o enorme tamanho delas. É quase como uma parede de vidro. Dá pra ver os bosques que abrangem a propriedade. Dá para ver todo o céu através dela.

E a melhor parte? Há uma alcova que se estende até a janela, saindo separada da arquitetura do quarto. Os lados e a parte inferior da alcova também são de vidro. Então, quando você entra, é como andar no ar.

Tanto quanto eu o odeio, eu amo o quarto em que ele cresceu.

Eu saio do brilho do sol e, lentamente, os pontos brilhantes por trás dos meus olhos vão embora. Eu ficaria aliviada que eu possa ver, mas não estou.

Porque assim que meus olhos se ajustam, eles caem na cama gigante. Que está atualmente ocupada.

Por um Zach dormindo.

Eu pressiono o punho sobre a minha boca para me impedir de gritar. Eu até travo meus joelhos para não fazer nenhum movimento repentino e acordá-lo.

Por que não pensei nisso antes? Por que não me ocorreu que ele poderia estar dormindo?

Eu sou uma idiota. É por isso.

Ah, e outra pergunta: por que diabos ele dorme sem camisa?

Eu posso vê-lo. Tipo, realmente fodidamente vê-lo.

Ele está esparramado de bruços, ambos os braços acima dele. Um sobre o travesseiro e o outro parece estar embaixo. O lençol cinza que ele está usando cobre apenas a parte inferior do corpo, deixando as costas expostas e nuas.

Eu não estava errada ontem à noite. Ele cresceu e ficou bronzeado.

Mesmo que eu nunca o tenha visto sem sua camisa, eu ainda posso dizer que aqueles músculos em seus ombros onde eles encontram seus bíceps, não estavam lá antes. As protuberâncias de seus braços cresceram também, fazendo com que pareçam ondas. Para não mencionar, suas costas são um

estudo maldoso de planos tensos e cordilheiras que se movem quando ele respira.

Jesus Cristo.

Mas eu não saio como deveria. Como a política é não perturbar quando o ocupante do quarto está dormindo.

Porque meus olhos pousam em sua mochila e suas roupas da noite passada. Elas estão em uma pilha ao pé de sua cama.

Sem força de vontade, eu me movo em direção a elas.

A mochila é preta e está aberta. Fico de joelhos, eu amplio a lacuna e olho para dentro. Suas roupas cheiram a roupa lavada, mas estão todas amassadas e empurradas para dentro, como se guardadas às pressas. Mais ou menos como eu faria, de maneira desleixada e bagunçada.

No compartimento seguinte, encontro sua carteira, chaves, alguns artigos de higiene e um livro.

Um livro?

Eu puxo sem pensar.

Zach não gosta de ler e coisas assim. Não. Ele não é o tipo de idiota que é duro por fora, mas secretamente abriga o amor pela escrita.

Eu o vi arrancando páginas de um livro e fazendo aviões delas, sentado na arquibancada. Uma vez ele rasgou um livro em dois porque um professor perguntou a ele sobre o dever de casa. Admito, eu só ouvi sobre isso, mas eu acredito nisso.

Então, por que ele teria um livro dentro de sua bolsa? Um livro sobre as estrelas. *Escrito nas Estrelas.*

Eu esqueci que dá pra ver as estrelas aqui em cima.

Eu folheio as páginas. Há constelações, descritas e desenhadas, junto com sua origem e as histórias por trás delas. É limpo e fresco. Quase intocado, mas de alguma forma, tenho a sensação de que não é. Na verdade não.

Zach tocou nestas páginas. Mas isso não faz sentido.

Sempre achei que observar as estrelas e o céu fosse algo que poetas e filósofos fizessem. Pessoas que têm profundidade.

Zacarias Prince não é poeta e nem pensador. Ele não tem profundidade. Tudo o que ele é, é um cara rico e entediado que se diverte atormentando os outros, ou seja, eu.

Mas então, eu chego ao final do livro e todos os meus pensamentos são canalizados para o fato de que é um livro da biblioteca. Passou do prazo de

entrega e é de Nova York. BPNY: Biblioteca Pública de Nova York.

Eu tinha razão.

Ele não estava no Reino Unido, indo para Oxford. Eu não sei como, mas posso dizer com certeza que ele esteve em Nova York nos últimos três anos.

Eu olho para ele. Ele ainda está dormindo profundamente, provavelmente sem sonhos também. Eu gostaria de poder perguntar sobre a cidade, sobre todos os lugares que ele viu.

Mas eu não posso porque eu o odeio e ele acha que eu sou um brinquedo.

Rapidamente olho para o resto das coisas dele e é uma boa ideia. Porque eu acerto em cheio com o maço de cigarros. Dois maços.

Seu estoque, talvez?

Olhando para os Marlboro, eu sorrio. Ele não tem ideia do que está por vir.

Eu os agarro e me levanto, pronta para sair daqui. Mas então eu ouço um som. O pior som do mundo. Pior que uma explosão de bomba.

Um grunhido.

Então, um gemido.

“Porra.”

Outro grunhido.

“Jesus Cristo.”

Minha mente está completamente desligada. Eu vejo as costas dele na cama e há movimento, farfalhante.

Ele está acordando.

Oh meu Deus, ele está acordando.

Ele não poderia ter continuado a dormir por mais cinco segundos? Porque mais cinco segundos e eu estaria fora daqui.

Eu fico congelada no meio do seu quarto enquanto perco minha capacidade de pensar.

O que diabos eu faço agora?

De repente, minhas pernas se movem. Mas, em vez de me levarem até a porta, me levam ao banheiro e, antes que eu possa compreender o que está acontecendo, eu pulo para a banheira ao lado e fecho a cortina do chuveiro.

É uma daquelas opacas que te escondem completamente e agradeço a Deus por isso. Então, eu congelo contra a parede e pressiono a mão livre na boca. Na outra mão, eu tenho o maço duplo de Marlboro que eu roubei.

Ouço passos descalços e mais alguns grunhidos. Para meu horror, esses sons estão se aproximando.

Oh Deus.

Ele vem em direção ao banheiro.

Na *minha* direção.

Por que diabos pensei que seria uma boa ideia me esconder dentro de sua banheira? Eu não estava fazendo nada ilegal — bem, sem contar roubar seus cigarros cancerígenos e mexer nas coisas dele. Eu poderia facilmente ter ido embora pela porta.

Agora, tudo está muito pior do que precisava ser.

Aparentemente, não é pior o suficiente porque vem um chiado. Um som distinto de algo — um fluxo espesso — batendo na cerâmica, seguido de um suspiro.

Retiro o que disse. *Este* é o pior som do mundo. Zach, fazendo xixi.

Por quê? Por que isto está acontecendo comigo?

Histericamente eu penso, se ele estiver sonolento e sua mira não estiver boa e colocar algo fora do vaso, eu não vou limpar.

Não.

Não mesmo. Vou desistir do meu trabalho antes de... fazer *isso*.

Uma eternidade depois, ouço a descarga do vaso sanitário e a abertura da torneira. Oh! Graças a deus. Ele acabou.

Quais são as chances de que ele vá embora agora? E voltar a dormir como antes, não menos?

Zero.

Zero chance de isso acontecer porque um microssegundo depois, a cortina se abre e eu fico cara a cara com o cara que eu venho tentando evitar desde os dez anos.

“Que porra você está fazendo?” Ele troveja — eu não sei como ele consegue isso já que ele acabou de acordar, mas ainda assim, o som ecoa no meu peito.

Seu braço está esticado, estrangulando a cortina com seu aperto, e por alguns momentos, tudo o que posso fazer é olhar para o rosto dele.

Está rígido, cada pequena linha, cada músculo tenso em exibição. Sua raiva personificada com sua mandíbula e dentes friccionados.

Eu deveria responder a ele; eu sei disso.

Mas minha língua está inchada.

Olho para a barba por fazer em sua mandíbula quadrada e assassina. Pele escura e sedutora. Cabelo espetado e bagunçado. Olhos negros pingando de raiva.

E veias.

Deus, ele tem tantas veias, correndo logo abaixo da sua pele. Uma delas desce pelo pescoço tenso. Ela bate em sua clavícula e depois desaparece sob os peitorais musculosos.

Seu peito é enorme e as curvas fazem um vale apertado que, em seguida, muda para os cumes de seu abdômen. Eu vou contar esses cumes; tenho certeza que ele tem uma barriga de tanquinho.

Mas eu me distraio com o fato de que ele não está usando nada.

Ele está nu.

Nu.

“Oh meu Deus!” Eu grito, fechando os olhos.

“Como você chegou aqui?”

“Oh meu Deus. Oh meu Deus”, eu canto, tentando me dissolver nos azulejos que minha coluna está presa. “Você está nu. Eu pensei que você teria pelo menos sua calça.”

“Que porra. Você está fazendo?” Ele rosna, desta vez lentamente.

“Por que você estava dormindo nu?” Eu estalo. “Quem dorme nu?”

“Pessoas que querem bater uma sempre que der vontade.”

Minha respiração cessa com sua resposta lenta.

Bater uma.

Ele quer dizer... esfregar a *coisa* dele. Certo? Masturbação.

A coisa que está em exibição total agora. A poucos metros de mim. A uma curta distância. É este o castigo por inventar aquela mentira sobre ele?

Não. Não. Não.

“Abra seus malditos olhos”, Zach se agita, quebrando meu canto interno.

Eu cerro os dentes. “Coloque alguma *maldita* calça.”

“Não até você me dizer o que diabos está fazendo, se escondendo na minha banheira.”

Eu não posso acreditar que isso está acontecendo comigo.

Eu não posso acreditar que estou presa dentro de uma banheira, com um Zach nu olhando para mim.

Mas preciso ser corajosa. Eu preciso abrir meus olhos, acabar com isso e sair. De agora em diante, não vou me voluntariar para assumir as obrigações

de ninguém. Pelo menos, não sem saber o que isso implica.

Lentamente, eu abro os olhos e tento mantê-los apenas em seu rosto. “Eu não estava me escondendo.”

Ele me lança um longo olhar. “Se você está aí para tomar um banho, então lamento informar, mas não é assim que você faz.”

“O que?”

Ele gesticula para minhas roupas, olhando para cima e para baixo no meu corpo. “Você deveria tirá-las. E não só porque facilita a limpeza.”

“O que?”

Desta vez, meu *o que* é maior em cadência. Encolho na parede um pouco mais. Embora eu não ache que vou a lugar algum.

Zach estica o outro braço e o abre bem na parede. Inclinando-se para mim, ele diz em um tom rouco: “Esfregando. Você nunca fez isso em um banho?”

“Claro que sim.”

Oh cara.

Coisa errada a dizer. Tão completamente, *totalmente* errada.

A tensão de seu rosto desaparece e seus olhos brilham com alegria. Antes que ele possa comentar sobre a minha resposta descuidada, eu quase grito: “Não. Não diga uma palavra. Eu não quero ouvir isso, ok?”

Seus olhos negros passam rapidamente pelo meu rosto. “Um pouco irritada, não é? Para alguém se escondendo na minha banheira.” Jogando-me um sorriso torto, ele diz em voz baixa, “É o seguinte. Eu me viro e você pode fazer o que quiser que te deixe...” Uma varredura final na minha aparência e, em seguida, “Relaxada.”

Relaxada.

Certo.

Posso matá-lo? Quero dizer, quão ruim pode ser a prisão, realmente? Eles dão comida grátis e uma cama para dormir.

Respirando com raiva que alarga seu sorriso, eu digo: “Muito elegante. Estou aqui para fazer meu trabalho, seu idiota. Tirando o seu lixo e mudando seus lençóis. Minhas metas de vida, lembra?”

Seu sorriso é substituído por sua mandíbula tensa. Acho que ele ainda está bravo com o fato de eu trabalhar aqui.

Junte-se ao clube, idiota.

“E, no entanto, meus lençóis não foram trocados e o lixo ainda está na lixeira.”

Estreito meus olhos para ele. Bem, porque ele está certo. Eu não limpei. Eu *bisbilhotei*.

“Eu não me lembro de deixar você entrar”, ele continua.

“Eu bati. Você não abriu.”

“Isso ainda não explica como você entrou.”

Eu tenho esse grave desejo de mudar de um pé para outro como se tivesse feito algo errado, o que eu meio que fiz. “Eu tinha a chave.”

“Eu quero de volta.”

“O que?”

“A chave. Eu não quero você no meu espaço.”

Ele tem razão. Ele realmente tem. Eu sou uma bisbilhoteira. Mas olá? Depois de tudo o que ele fez comigo ao longo dos anos, tenho o direito de mexer nas coisas dele.

“Confie em mim, estar no seu espaço é a última coisa que eu quero. Quem sabe que travessura você vai fazer comigo?”

“Travessura.”

Essa palavra na minha boca não soou tão perigosa quanto na dele. É o modo como os lábios e a língua dele moldam a palavra e dão vida a ela. Um tipo perigoso de vida e, de repente, sou bombardeada com todas essas ideias. Do que ele pode fazer comigo.

Engolindo, olho para a curva do bíceps dele. Eles são enormes.

Ele poderia me esmagar, se ele quisesse. Poderia me envolver em seus grandes braços, me conter com seu corpo, me cobrir e me esconder debaixo dele. E levaria dias para alguém me encontrar.

“Sim.” Eu limpo minha garganta, meus olhos ainda presos em seus músculos ondulados, enquanto meus pulmões estão ficando sem ar. “Se você está pensando em me trancar aqui, fique sabendo que eles vão procurar por mim. Minha amiga, ela sabe que estou aqui em cima e se eu não aparecer para o almoço, ela vai ligar para a polícia.”

“Bom saber.”

Seu tom de zombaria me faz desviar o olhar e encarar seu rosto. “Eu não estou brincando.”

Eu meio que estou, mas ele não precisa saber disso. Se eu não aparecer para o almoço, Tina vai pensar que eu ainda estou terminando minhas tarefas. Ninguém vem me procurar.

“Nem eu”, ele diz. “Agora, se você terminou de brincar, eu quero a chave de volta.”

“Eu não posso te dar a chave”, eu digo, exasperada. “Você conhece a senhora Stewart? Ela é minha chefe e é louca por elas.”

“Eu não me importo.”

Idiota.

Agarro meus lados, como se protegendo as chaves dentro do meu bolso. “Não vou ser demitida porque você tem problemas de privacidade.”

Assim que digo isso, percebo o que é isso. Meu pior medo está se tornando realidade. Isso tudo é uma manobra para me demitir.

Eu sabia.

Lançando seu olhar em mim, ele se inclina mais perto. Ele está praticamente pendurado em mim, como uma sombra escura.

“Fazê-la ser demitida é a última coisa em minha cabeça. Onde estaria a graça nisso?” Ele diz, lendo meus pensamentos e me deixando sem fôlego.

Sem pensamentos.

“Além disso, se eu quiser, eu posso te demitir agora mesmo. Caso você tenha esquecido a conversa que tivemos ontem à noite, faça o que eu digo. Eu sou o chefe do seu chefe.” Ele estende o braço. “Me dê as fodidas chaves.”

Ele não parecia tão ameaçador quanto na luz do dia. Poderia ser porque ontem à noite nós estávamos ao ar livre e agora estamos aqui, tão perto um do outro.

Com a *coisa* dele entre nós.

Como uma marionete, olho para o braço dele. Meu olhar se prende a algo que não estava lá antes.

É uma tatuagem, uma frase ao longo de um lado do pulso dele: *eu posso passar dos limites*.

“Você nunca teve isso na escola...” Eu paro.

“Dê-me as fodidas chaves antes de eu pegá-las”, ele grita, ignorando a minha frase estúpida.

Ergo os olhos para ele. Sua carranca é feroz. Assustadora.

Mordendo meu lábio, eu pego as chaves do meu bolso e as coloco na palma da sua mão. Mas isso não é a única coisa que eu deixo cair. Enquanto eu respiro fundo, pensando que agora ele vai me deixar ir, meu outro punho se abre também.

E aparece o maço de Marlboro que eu roubei dele.

Zach olha para baixo e depois para mim. Eu devo parecer um animal preso, de olhos arregalados e respiração ofegante.

Um lampejo atravessa seus olhos. “Você está me roubando, Blue?”

“Não.”

“Não?”

Eu balanço a cabeça, em pânico. “N-não.”

Zach olha para o meu cabelo. Está trançado de modo confuso e empurrado para longe do meu rosto porque a Sra. S não gosta de fios soltos.

“Então você está dizendo que algumas coisas mudam? Você não é mais uma ladra?”

Meu coração dispara à menção da palavra *ladra*.

Ele e seus lacaios costumavam me chamar disso na escola. Na verdade, Zach começou a me chamar assim no primeiro dia em que nos encontramos na detenção. Tudo porque eu peguei emprestado os palitos de cenoura de alguém sem pedir. Eu os substituí no dia seguinte. Não que alguém se importe com isso.

Eu lambo meus lábios suados. “Não, eu não estava roubando.”

Mantendo os olhos em mim, ele joga as chaves por cima do ombro. Elas pousam em algum lugar no chão com um barulho que me faz recuar.

De alguma forma, ter ambas as mãos livres leva a situação de terrível a catastrófica.

“Sabe o que acontece com pequenos ladrões como você?” Ele pergunta, suavemente, correndo os olhos para cima e para baixo do meu corpo novamente.

Um corpo que está explodindo. Minha pele está corada e toda arrepiada. É tão nítido que é doloroso.

“Eu te disse que não estava roubando”, repito, mas com um pouco mais de ênfase.

Ele me ignora, tão perto e alto. “Eles são punidos.”

Oh cara, ele está crescendo bem na frente dos meus olhos?

Eu zombo e finjo ser corajosa. “O que é isso? Sua fantasia pervertida? Eu deveria chamá-lo de senhor agora?”

Com isso, Zach entra na banheira e eu mal consigo não chiar. Ele está trazendo seu corpo perigoso e nu ainda mais perto de mim.

Não olhe para a coisa dele.

“Talvez”, ele responde à minha pergunta anterior. “Um pouco de respeito seria um caminho a percorrer. Já que parece que seu destino está em minhas mãos.”

“Se você chegar mais perto, eu vou gritar”, eu o aviso.

“Sim?”

“Eu não estou brincando. E então, eu vou processar sua bunda por assédio sexual.” Eu aceno por via das dúvidas. “Isso mesmo, idiota. Eu conheço meus direitos.”

Ou eu vou. Assim que eu sair daqui, vou pesquisar no Google.

Zach inclina a cabeça para o lado, ainda avançando em minha direção. “Você quer saber o que eu vou fazer com *sua* bunda?”

Jesus.

Eu estendo a mão, com cuidado para não tocá-lo. “Você pode simplesmente parar com as insinuações sexuais? Eu não estava roubando, ok? Eu estava apenas tentando tornar sua vida um pouco difícil.”

Zach para abruptamente. “O que?”

Eu admito: “Eu ia jogá-los no vaso sanitário. É isso.” Quando ele fica em silêncio, eu olho para ele. “É apenas justo. Depois de tudo que você fez para mim.”

Eu fico em silêncio, mas observando.

Não há expressão no rosto dele. Nada além de pura intensidade, e não posso olhar para ele. Ele está muito perto. Muito grande.

Muito nu.

Seu cheiro e o calor de sua pele me cercam como dois braços fortes que eu não consigo me soltar.

Quando eu o sinto inclinando para mim, levanto meus olhos para ele. Meu coração está na garganta, pronto para voar quando percebo que a qualquer momento ele pode me tocar.

Novamente.

Oh meu Deus, ele vai me tocar.

Estou prestes a gritar quando uma grande torrente de água cai sobre a minha cabeça como um grande peso. Leva um segundo para eu entender o que aconteceu.

Zach acabou de ligar o chuveiro. Comigo dentro da banheira. Totalmente vestida e tudo mais.

“O-o que—”

Interrompendo minhas palavras confusas, ele ordena: “Saia.”

Ele não precisa me dizer duas vezes.

Estremecendo e tropeçando, pulo para fora da banheira. Minhas botas espirram com água e eu mal consigo ficar de pé no chão escorregadio. A água escorre pelo meu cabelo, meu rosto e meu uniforme estão quase completamente encharcados.

“Aqui.”

Em sua voz, eu me viro, indignada e furiosa, pronta para dizer algumas verdades a ele. Mas Zach joga algo para mim e instintivamente, eu pego.

“Não se esqueça de levar isso.”

Sem palavras, eu olho para ele.

“Agora dê o fora daqui. Eu não quero ver seu rosto pelo tempo que eu estiver aqui, entendeu?”

Em seguida, ele fecha a cortina, deixando-me em um vestido molhado e colado, segurando um maço de cigarros Marlboro.

Capítulo 7

Ele está me encarando.

E malhando. Mas principalmente olhando.

Eu estava a caminho da casa principal para a reunião matinal diária quando fui parada por Grace e começamos a conversar. Como de costume, Tina já tinha ido embora antes de eu acordar.

Dois segundos depois da conversa, percebi uma presença. Como quando o ar está tão pesado e saturado, e você sabe que o sol vai queimar a terra hoje.

O ar parecia cheio e transbordando, mas eu sabia que não era o sol.

Era ele.

De qualquer forma, agora ele está na piscina fazendo flexões. Em nada além de uma calça preta enquanto me observa falar com Grace.

Qual é a aversão dele à roupa? Por que ele não pode se exercitar em uma camisa ou algo assim? Por que ele tem que colocar seus... músculos esculpados em exibição?

Pessoas que querem bater uma.

Eu balanço a cabeça e descarto suas palavras grosseiras. Mas eu não posso ignorar o que está acontecendo na minha frente.

Com cada repetição, seus braços se esticam e eu imagino que a qualquer momento aquelas veias irão saltar de sua pele.

Tanto faz. Eu não me importo.

Nem me importo com o fato de que ele está brilhando, e posso ver cada ondulação e sulco de seus ombros e costas. Mesmo as gotas de suor estão se acumulando nesses sulcos.

Por que ele está malhando nesse calor, afinal? A casa principal tem uma grande academia, pelo amor de Deus.

“Ei, você quer andar e falar?” Eu interrompo Grace, em voz alta, olhando para longe dele.

Ela olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. “OK. Mas nós temos algum tempo antes da reunião.”

“Eu sei. Apenas vamos. Vamos impressionar a Sra. S com o quão cedo podemos chegar.”

Grace sorri. Ela tem cabelos castanhos claros e olhos castanhos gentis. “É por causa dele, não é?”

Eu começo a andar e a cada passo, sinto que minhas coxas estão tremendo mais do que o normal. Meu corpo inteiro está saltando mais do que costuma fazer.

É ele. Ele me deixa consciente da minha forma. Pensei ter esquecido todas as coisas ruins que seus subordinados disseram quando meus peitos começaram a crescer no nono ano.

Mas essa é a coisa sobre bullying, não é?

Nunca se esquece. Nunca. Pode fingir que está tudo bem agora. Que isso não te afeta mais, seus pequenos insultos e zombarias. Que os anos podem ter entorpecido o efeito deles.

Mas ele está trazendo tudo de volta para mim.

“Quem é ele?” Eu pergunto a ela indiferente.

“O novo Sr. Prince.”

Sr. Prince parece muito estranho. Eu só penso nele como Zach, o idiota.

Eu decido andar mais rápido e não pensar no que *isso* está fazendo no meu corpo. Quanto mais cedo eu estiver fora de sua vista, melhor. “Não.”

Ela ri. “OK. Não me diga. Mas só para você saber, ele estava olhando para você.”

Eu tento engolir, empurro a saliva pela minha garganta, mas é como se meu coração estivesse preso lá e não se movesse.

Eu sei que ele estava me encarando. Ele ainda está. Posso sentir seus olhos nas minhas costas enquanto eu continuo indo embora, tentando não ser autoconsciente em minha própria pele.

Talvez ele nem pense em meu corpo menos que perfeito. Talvez ele esteja pensando na melhor maneira de estragar meu dia como ele fez ontem, quando me molhou e arruinou meu uniforme.

Eu tive que correr de volta para a casa e pegar meu reserva. No momento em que eu estava apresentável novamente, a hora do almoço acabou e eu tive que limpar as janelas. Eu estava quase morta quando terminei.

“Eu não me importo”, eu digo.

“Entendi.” Então ela dá de ombros. “É contra as regras, afinal.”

“O que?”

“Você sabe, se relacionar com pessoas que servimos.”

Ela faz aspas na palavra *servimos*.

Eu começo a rir. “Oh meu Deus, você é adorável.” Eu a abraço de lado. “Haverá zero relação onde o novo Sr. Prince está em causa. acredite em mim.”

Ninguém o odeia mais do que eu.

Assim que descemos as escadas da entrada de serviço, sinto cheiro de torta. Grace caminha em direção à sala dos funcionários enquanto eu vou direto para a cozinha. Eu preciso de um pedaço de torta depois de todo aquele olhar.

Antes mesmo de entrar na cozinha, grito: “Maggie! Eu te amo você sabe disso? Como você sabia que eu queria torta esta manhã? Você não tem ideia de como minha semana foi uma merda—”

Minhas palavras ficam presas dentro da minha boca quando eu o encontro, de todas as pessoas, na cozinha.

Como ele chegou até aqui tão rápido? Ele não estava do lado de fora?

Zach está sentado no canto e Maggie está paparicando como se ele fosse uma criança. Ele tem um pedaço da minha torta na frente dele e acabou de dar uma mordida quando entro.

Ele ainda está suado de seu treino. Mas felizmente, veste uma camisa. Ou melhor, uma camiseta parecida com um colete com emblemas suados que mostra seu bíceps.

“Cleo.” Maggie sorri para mim. “Sente.”

Eu não sento. Permaneço de pé no limiar, amaldiçoando o destino. É assim que a minha vida vai ser a partir de agora até ele partir? Vendo-o em todos os lugares?

Eu não quero ver seu rosto pelo tempo eu estiver aqui.

Então por que diabos ele está na ala dos criados?

Eu o olho e ele retorna com um olhar frio.

“Cleo?”

“Hã?” Eu olho para Maggie. “Desculpa. Meio que escapou.”

“Você disse algo sobre uma semana de merda?” Maggie está cortando um pedaço de torta e colocando num prato, provavelmente para mim.

Com meus olhos em Zach, eu aceno. “Sim. Muito merda.”

Seus lábios se contraem.

“Por quê? O que aconteceu?” Ela pergunta.

Estreito meus olhos para ele, então. “Percevejos.”

“O que?”

“Aham. Eles voltaram.”

“Voltaram? O que você quer dizer? Pensei que ligamos para os exterminadores da última vez.”

Então, outra coisa sobre a nossa cidade: temos percevejos, tanto no lado sul quanto no norte. É provavelmente todo o calor. E alguns meses atrás, tivemos um grande surto em Plêiades. A Sra. S enlouqueceu.

“Eu sei. Eu pensei o mesmo.” Balanço a cabeça lentamente. “Eu pensei que eles tinham ido embora para sempre. Mas os filhos da puta voltaram.”

Zach abaixa o garfo e mastiga lentamente enquanto olha para mim.

Seus olhos estão quentes e se movem como na noite em que ele voltou. Eles param nos meus seios por alguns segundos antes de descer e parar na minha barriga.

Estou toda coberta de cima a baixo, mas seus olhos me fazem sentir... sem roupa. Eles me fazem suar. Estou muito ciente das gotas que caem na minha espinha e até no meu estômago. Posso jurar pelo jeito que ele está me olhando, ele pode ver aquela gota caindo no meu umbigo.

“Oh meu Deus. Nora vai ficar muito infeliz”, Maggie diz e coloca a minha torta bem em frente à Zach. “Venha, sente-se. Senhor Zach está apenas tomando café da manhã.”

Eu olho para ela e decido, por que não. Por que eu deveria deixar minha torta só porque o *Senhor Zach* está aqui?

Andando até a mesa, respondo a Maggie: “Aposto. Eu também estou infeliz. Na verdade, estou indignada.” Chego à mesa e puxo a cadeira. Olhando para Zach, eu digo: “Malditas sanguessugas.”

Então eu devoro minha torta e ouço uma risada suave.

Percevejos.

Seria uma brincadeira maravilhosa.

Sem mencionar, eu conheço um cara do lado sul que poderia me arranjar alguns. Pelo preço certo, ele pode conseguir qualquer coisa. Mas sua taxa foi um pouco alta desta vez: eu. Ele queria ficar comigo.

Até parece.

Eu não estou tão desesperada para tornar a vida de Zach difícil, ainda, muito obrigada.

Então eu tenho um novo plano e estou executando agora.

Eu tenho o turno da noite na casa principal hoje à noite, o que significa que vou dormir em um desses quartos de plantão, e é a oportunidade perfeita. Mesmo estando exausta depois de um turno de dia inteiro e depois cuidar de Art até que Doris estivesse em casa, vou fazer isso.

Estou na cozinha, iluminada pelas habituais luzes noturnas. E na minha mão está uma garrafa de laxante. Eu comprei quando Tina e eu fomos fazer compras.

Nos últimos três dias, Maggie tem feito as coisas favoritas de Zach — todas elas doces e todas minhas favoritas também — e também, ele toma seu café da manhã na cozinha. O que significa, ele come um pouco e me encara muito, arruinando minha confiança.

É a hora da vingança.

Deus, eu amo a vingança.

Sei de fonte segura que Maggie fez creme de frutas ao estilo inglês para Zach. Bem, ela me contou. E está em um recipiente branco que eu pego e coloco no balcão.

Odeio desperdiçar boa comida, então eu mergulho um dedo nele e saboreio essa delícia antes que desapareça para sempre.

Eu gemo. É a coisa mais gostosa que eu já coloquei na minha boca. Pena que tenha que ser arruinada.

Abrindo o frasco de laxante, despejo um pouco no creme e, em seguida, misturo com uma colher. Perfeito.

“Isso é por arruinar meu uniforme naquele dia, idiota. E por todas as coisas que vieram antes”, eu sussurro para a tigela antes de colocá-la de volta.

Assim que eu me viro, eu ouço um grito, o que me faz gritar e eu bato minha mão na parede perto da geladeira para acender a luz.

A cozinha fica inundada com um clarão e leva um momento para eu perceber a pessoa que causou todo o tumulto.

É um rosto que não vejo há alguns anos. É um rosto do qual nunca gostei, para começo de conversa. Faz sentido que eu a veja agora que Zach está de volta.

É Ashley Howard.

Havia rumores de que Zach e Ashley eram um casal e que suas famílias queriam que eles se casassem no futuro. Talvez casem. Ambos merecem um

ao outro. Ashley Howard é para Zachariah Prince o que Bellatrix Lestrange foi para Lord Voldemort.

Foi ela quem escondeu minhas roupas e mandou garotos para o vestiário daquela vez.

Agora, seus olhos estão arregalados e ela tem uma garrafa de vinho nas mãos. “Cleopatra?”

Eu suspiro. “Primeira e única.”

Ela chega mais perto. Estou vestindo uma camisola azul; bem, eu estou vestindo *a* camisola azul, com gola e bainha de renda. Pertencia à minha mãe. Uso um roupão por cima, mas não está amarrado e estou me arrependendo disso.

“Ouvi dizer que você estava trabalhando aqui.” Ela sorri enquanto caminha para ficar diante de mim. “Acho que os rumores estavam certos.”

“Acho que sim.”

Ashley usa um vestido preto apertado e ela parece um pouco instável em seus pés. Provavelmente cortesia da garrafa de vinho em suas mãos. Seus cabelos loiros estão amarrados em um nó intrincado que eu nunca, nem em mil anos, copiaria e seus saltos altos lhe dão uma vantagem sobre meus pés descalços.

Olhando-me de cima a baixo, ela me verifica. Não de uma maneira sexual, mas mais de uma forma como se meu corpo fosse algo para se desprezar.

“Você não mudou nem um pouco, não é?”

Fico de cabeça erguida. “E nem pretendo.”

Veja, é fácil dizer essas coisas.

Eu disse essas coisas para ela muitas vezes. Mas isso não significa que ela examinar meu corpo não me atinja. Por um longo tempo, enquanto eu estava indo para St. Patrick, eu me sentia envergonhada do meu corpo, mesmo sabendo que não deveria estar.

E desde que Zach voltou, essas inseguranças voltaram.

“Então você é o que...” Ela toma um gole de seu vinho direto da garrafa. “A empregada? Tipo, você limpa e tira o lixo?”

Eu corro e aperto meus punhos.

Eu não gosto deste trabalho, mas não há vergonha em fazê-lo. Este não era meu plano, mas tudo bem. Há uma honra no trabalho honesto.

Como não há vergonha em ter curvas.

Eu mantenho minha cabeça erguida, desafiadoramente. “Sim. *Esse* tipo de coisa. Então, o que você está fazendo hoje em dia?”

Ela ri e acena um braço na frente dela. “Festejando”. Então, serenamente, “Estou na faculdade.”

Arregalo meus olhos em fingida excitação. “De jeito nenhum. Você entrou na faculdade.” Eu bato palmas. “Então, por que você não está na faculdade agora?”

Ashley tenta um olhar intimidante, mas sua embriaguez está dificultando um pouco. “Porque Zach está aqui. Oh! Eu acho que Zach é seu chefe agora. Então, como você o chama? Sr. Prince?”

Aí está outra vez. Esse nome estúpido com o qual as pessoas querem que eu o chame.

“Não. Eu o chamo de idiota.”

Desta vez, seu olhar furioso é perfeito, como costumava ser.

“Já que você está aqui, por que você não me traz um copo para isso?” Ela aponta para a garrafa.

Certo. A empregada brinca.

“Estou de folga. Por que você não se serve, para variar?”

Eu tento sair, mas ela me impede. Ela me observa e estou prestes a dizer para ela se afastar quando sinto alguma coisa. Algo frio e líquido caindo no meu peito. É o vinho dela.

Ela está derramando seu vinho em mim com um sorriso malicioso.

Estou congelada, completamente paralisada.

Não consigo acreditar que ela está me encharcando, a camisola da minha mãe, em vinho tinto.

Quando a garrafa está vazia, ela inclina a cabeça para o lado. “Eu queria poder me servir, mas sou meio desajeitada. E parece que estou sem vinho também.”

Eu não consigo dizer nada. Ainda não.

Não quando posso sentir as grossas gotas de vinho escorrendo pelo meu peito.

“Eu gostaria de pedir desculpas por isso.” Ashley faz um gesto para a mancha vermelha que está lentamente se infiltrando no tecido. “Mas eu acho lhe cai bem. Não acho que azul combina com você.”

Tentando provar isso, ela olha para o meu cabelo. Está solto e caindo pelas costas como minha mãe fazia quando ela estava viva e entrava no meu

quarto para me desejar noite.

“Sim, azul não fica bem em você.”

Eu respiro fundo, mas tudo que faço é mover meu peito, fazendo as gotas escorregarem mais rápido. A camisola está presa na minha pele, pesada e pegajosa, e meu coração está batendo mais rápido. Está batendo como se estivesse louco.

Ela se vira e coloca a garrafa de vinho no balcão. “Talvez tente outra coisa para variar. Tipo, eu não sei, voltar à sua cor natural de cabelo e comer menos. E sim, vestir algo que não seja tão anos oitenta.”

É isso aí.

Essa é a última gota.

Um rosnado sobe na minha garganta e dou um passo em direção a ela. Eu vejo um brilho em seus olhos se arregalando antes de uma voz explodir na cozinha.

“O que diabos está acontecendo?”

A voz dele.

É áspera e invade o ar ao nosso redor.

Eu levanto meus olhos para onde ele está no limiar. Assim que nossos olhares se encontram, ele se move na minha direção.

No fundo, posso ouvir sussurros e mais movimentos. Passos. Acho que acordamos a equipe de plantão. Mas eu não me importo com isso. E também não me importo com o fato de que Ashley pule sobre ele e enrole suas mãos em forma de garra ao redor de seus bíceps.

“O que diabos está acontecendo?” Ele pergunta novamente com uma carranca profunda.

Eu levanto meu queixo. “Por que não pergunta a sua namorada?”

Ashley vai dizer alguma coisa, mas Zach lança um olhar para ela e sua boca se fecha. “Que porra você está fazendo aqui?”

Ashley faz beicinho. “Posso jurar que sua casa é tão confusa. Eu me perdi.”

“Ajudaria se você estivesse sóbria”, Zach diz, sério. Irritado, mesmo.

Mas ela ri como um idiota, ou como uma idiota bêbada.

Sério, quão clichê pode ficar?

“E então.” Ela se vira para mim, olhando para a mancha vermelha na minha camisola. “Então, eu a encontrei.”

Zach se concentra em mim, seus olhos percorrendo meu rosto. “Você está bem?”

É uma pergunta simples, mas parece que não consigo responder. Eu fico lá, olhando para ele como se eu tivesse esquecido todas as palavras.

Talvez porque sua voz ficou íntima e baixa quando ele fez a pergunta. Ou pode ser porque esta é a segunda vez que ele me pergunta isso. Essa pergunta surreal. Como ele se importasse com o que acontece comigo.

Antes que eu possa organizar meus pensamentos, Ashley começa a falar e ela diz a ele quão desrespeitosa eu fui com ela, e que eu deveria ser demitida por insubordinação.

Quando ela para, os olhos de Zach se movem para baixo e, pela primeira vez hoje à noite, percebo que a camisola da minha mãe é leve e feita de algodão. E tem um decote profundo e Zach pode ver tudo isso.

“O que aconteceu com sua roupa?” Ele pergunta.

Fecho meu roupão, escondendo minha camisola. Eu não quero que ele olhe para minha roupa arruinada. Seu olhar torna tudo pior, mais pegajoso.

“Não importa. Eu tenho trabalho amanhã e preciso ir dormir.”

E preciso que minha mãe e meu pai voltem.

Eu devo sair agora que tudo acabou, mas minhas pernas não se mexem. Elas estão presas pelo pensamento repentino.

Normalmente, eu sou boa em enterrar tudo e fazer o que precisa ser feito. Eu sou boa em adiar minha estupidez. Adiar lidar com isso até que eu recupere a minha casa.

Mas de pé aqui, na frente do cara que sempre me atormentou e *gostava* disso, eu me sinto tão sozinha. Eu nunca disse aos meus pais sobre o bullying e as brincadeiras, mas agora, a escolha foi tirada de mim. Eu não poderia dizer a eles, mesmo se quisesse.

Eles não estão mais aqui.

Não há ninguém para me salvar. Do mundo.

Dele.

“Você está chorando?” Ele pergunta com uma carranca.

Na sua pergunta, percebo que sim, eu estou. E assim, minhas lágrimas se transformam em algo quente. Algo como raiva porque o que diabos eu estou fazendo, mostrando fraqueza na frente dele.

“Não, eu não estou”, digo-lhe com voz clara e severa. “Eu não choro. Especialmente não na frente de pessoas que não dão a mínima.”

Ele disse isso para mim uma vez, na verdade.

Sua mãe não te ensinou a não chorar na frente de pessoas que não dão a mínima?

Mesmo que tenha sido anos atrás, posso ver que ele também se lembra disso. Ele sabe do que estou falando. Pelo jeito que ele está olhando para mim com tanta intensidade.

Tanta... conexão.

Como se nós compartilhássemos algo.

Eu odeio isso.

Eu odeio que compartilhamos uma história. Eu odeio que ele sempre faça parte da minha vida. Ele sempre terá uma parte da minha alma.

“É o vestido?” Ele pergunta.

Este é o momento em que Ashley diz: “Oh, por favor, não seja um bebê. Foi sem querer e é apenas um vestido.” Então, ela resmunga: “E não um muito bom.”

O grunhido que está se acumulando dentro de mim finalmente escapa.

“O que você acabou de dizer?” Estreito meus olhos porque já estou farta dela.

Estou de saco cheio de todo mundo. Vou acabar com ela.

Ela recua com a minha pergunta. “Desculpe?”

Acho que ouço suspiros.

Eu tinha razão. Os membros da equipe estão de pé e assistindo a essa briga agora. Mas ninguém se atreve a entrar na cozinha. Talvez porque o Sr. *Prince* esteja aqui.

Foda-se. Eu não me importo com quem esteja assistindo; não vou recuar.

Dou um passo ameaçador em direção a ela. “Diga isso de novo. Atreva-se.”

Ashley se afasta. “Você perdeu a cabeça.”

Eu rio. “E você vai perder os dentes agora.”

Com isso, eu me lanço para ela, ou tento.

Mas de repente, Zach está me segurando. Seus dedos estão em volta dos meus braços e meu corpo está nivelado com o dele.

“Já chega.”

Mesmo através dos gritos e suspiros de pessoas ao meu redor — definitivamente todo mundo está assistindo — eu ouço seu rosnado baixo. Isso inflama minha raiva.

“Solte-me.”

“Não até você se acalmar.”

Eu luto contra o seu aperto, mas tudo o que ele faz é apertar sua mandíbula e flexionar seu aperto ao redor dos meus braços. “Juro por Deus, Zach, solte-me ou vou gritar até a porra desta casa cair.”

Seus olhos negros brilham. “Essa é a segunda vez que você me ameaça com isso. Continue assim e eu vou te dar uma razão de verdade para gritar.”

Zach parece ameaçador, olhando para mim. Suas palavras destacam o fato de que ele é maior e mais forte do que era há três anos. Cada músculo de seu corpo é duro e forte, cheio de poder. E meu peito está esmagado contra o dele.

Engulo. No verdadeiro medo.

Ninguém ousaria dar um passo à frente se ele decidisse fazer alguma coisa. Nem uma única pessoa. Empregados não têm poder sobre os ricos.

“Solte-me”, eu digo com os dentes cerrados.

Seus cílios inacreditavelmente grandes piscam quando ele estuda meu rosto, meu pescoço — rapidamente acalmo a veia pulsante do pescoço, para não mostrar medo — e então, finalmente, seus olhos pousam no meu peito. Felizmente, está coberto com o robe.

Ele me solta e eu dou um passo para trás. Meus braços perderam a sensibilidade sob a força de seu aperto e eu gostaria de poder esticá-los e massageá-los, mas o que ele diz a seguir me impede.

“Eu vou substituir seu vestido.”

Minha respiração fica presa na minha garganta e quase se torna um soluço. Ele acabou de dizer casualmente que vai substituir a única coisa que sobrou da minha mãe morta?

“Você vai substituí-lo”, eu respondo em voz baixa.

“Não deve ser tão difícil encontrar um substituto.”

Seus lábios mal se movem quando ele diz isso. É tão pouco importante para ele que seu corpo nem mesmo coloca esforço nas palavras.

Eu sei que ele não sabe a importância do meu *vestido*. Ele não sabe que isso era da minha mãe ou como eu me agarro a ele toda noite, procurando o calor dela, sua presença. O tecido não cheira mais a ela; eu lavei muitas vezes.

Tolamente acho que se eu tiver algo dela comigo, tocando minha pele, ela realmente não se foi. Ela está aqui, cuidando de mim.

Zach não sabe nada disso. E nem Ashley.

Mas eles realmente se importariam, mesmo que eles se importassem? Isso iria realmente incomodá-los, fazê-los sentirem-se culpados por terem arruinado a última coisa que significava o mundo para mim?

“É o seguinte, Zach, a menos que você possa magicamente trazer de volta pessoas mortas, vai ser muito difícil encontrar um substituto”, eu digo com uma garganta cheia de tantas emoções que estou me afogando nelas.

“Pertencia à minha mãe. Ela morreu no ano passado em um acidente de carro. Meu pai também. Eles estavam voltando do jantar de aniversário deles. Meu pai achou que seria ótimo para minha mãe. Já que ele nunca a levou a lugar nenhum porque não tínhamos o dinheiro. Tenho certeza de que você sabe disso porque você e seus lacaios não me deixavam esquecer.”

“Você não me deixou esquecer que eu venho do outro lado. O lado inútil. Mas de qualquer maneira, ele conseguiu um ótimo trabalho, meu pai, pintando uma igreja em outra cidade, e ele pensou por que não? Por que eu não a levo para sair e faço algo legal por ela? Então eles foram. Mas nunca voltaram.”

Eu ajudei o papai a planejar a coisa toda. Além disso, eu tinha boas notícias. Eu ia dizer a eles que depois da formatura, eu sairia em uma viagem pelo país. Minha mãe ficaria extasiada. Ela sempre quis sair dessa cidade, mas nunca conseguiu. Então, de certa forma, eu estaria cumprindo o sonho dela.

“Eles morreram porque meu pai queria dar algo especial a ela. Algo que ela nunca teve e algo que vocês têm como certo”, continuo com as mãos em punhos e os olhos ardendo. “Algo que a maioria de vocês não merece. Porque nunca levantam um dedo para ganhar nada. Nem mesmo trocar seus próprios lençóis. Nem sequer conseguem colocar sua roupa no cesto e, de alguma forma, pessoas como vocês dominam o mundo todo.”

Eu respiro fundo e olho em seus olhos negros. Eles são cintilantes, penetrantes, e se eu deixá-los, eles vão me sugar e me afogar.

“Então, eu não quero que você o substitua porque você não pode. Tudo o que eu quero é que você me deixe ir para que eu possa ter uma boa noite de sono e voltar a trabalhar para você, então você pode ser um grande tirano e potencialmente arruinar vidas.”

Eu não tenho ideia de onde tenho energia para dizer todas essas coisas. E por que eu me incomodei em dizer isso a ele?

Mas de qualquer forma. Eu disse e agora preciso chorar no meu travesseiro.

Quando me afasto deles com meu vestido grudento, olho para cima e encontro todos me observando. Há Grace e Leslie. Há Maggie também. Elas estão olhando para mim com pena.

A Sra. S não está à vista. Mas tenho certeza de que as notícias vão correr e ela saberá amanhã.

Talvez eu seja realmente demitida depois disso.

Mas não consigo me importar. Eu quero me deitar. Eu me sinto pesada como o meu vestido molhado. Um pouco morta também, eu acho.

Eles me deixam ir sem uma palavra e quando eu chego ao meu quarto para dormir, eu me enrolo e abraço o travesseiro, chorando nele.

Capítulo 8

O Príncipe das Trevas

Há uma pequena garrafa no balcão.

Deixando Ashley para trás, eu vou pegá-la. Laxante.

Provavelmente pertence a *ela*. Suspirando, inclino minha cabeça antes de guardá-la.

“Cai fora”, digo a Ashley.

“O quê?” Ela pergunta, confusa.

Eu me viro e a encaro. “Cai fora.”

“Mas Zach—”

“Dê o fora daqui.”

“Você está fazendo isso por causa dela?” Ashley pergunta, olhando para mim com olhos suplicantes.

Houve uma época em que meu pai queria que eu me casasse com ela. Isso foi motivo suficiente para eu apenas transar com ela, roubar sua virgindade em um quarto de motel barato e deixá-la dormindo na cama.

Apenas para irritar meu pai. *Qualquer coisa* para irritar meu pai.

Mas eu subestimei a princesa loira virgem. Ela nunca foi embora realmente. Ela ficou por ali, ano após ano, me viu foder outras garotas. Sempre outras, nunca ela.

Eu nunca entendi porque, mas acho que entendo agora.

Ela me ama. À sua maneira, ela estava me dando tempo para aproveitar minha juventude. Ela ainda acha que vamos acabar juntos um dia.

Pobre Ashley.

“Isso não é mais St. Patrick’s”, eu digo.

“O que isso significa?”

“Significa deixar de ser uma puta e crescer.”

Seus olhos incendeiam. “Como é?”

Eu sacudo a cabeça. “Jesus, quanto você bebeu?”

Ashley recua como se eu tivesse batido nela. Eu poderia muito bem ter. Beber costumava ser meu jeito de lidar há três anos — não tenho certeza se

posso pregar sobre isso. Isso é minha moto.

“Você está... você está do lado dela?” Ela quase grita como resposta. “Você viu como ela estava? Ela ia me atacar.”

“E acho que não deveria tê-la parado.”

Ashley está ferida. Seus lábios carnudos tremem. “Por que parou, então?”

“Ela teria sido demitida e você não vale a pena.”

Uma lágrima de verdade desliza por sua bochecha.

Não é que eu queira ferir Ashley deliberadamente. Ela não fez nada que não teria feito na escola.

É só que eu não quero nada com ela ou a galera antiga ou todas as coisas que fizemos na escola.

“Ashley, olhe—”

“Você mudou”, ela me interrompe, olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças ou algo assim. “Não consigo acreditar depois de todos esses anos, você a defenderia. *Ela*. Cleópatra. Você se lembra do quanto a odiamos? Como ela não é uma nós? O jeito que ela responde? E ela não está melhor agora. Ela é uma maldita empregada. Uma empregada, Zach. Nada nela mudou.”

Sim, nada sobre ela mudou.

Blue ainda é a mesma. Estridente, corajosa... brilhante. Cheia de tanta vida que é difícil olhar para ela.

Mas ainda olhei.

Eu a vi ser humilhada por anos. Eu a observei sendo empurrada, insultada, ridicularizada.

Durante anos, fui seu valentão.

Eu não sou fã de palavras ou escrever ou qualquer coisa. Nunca fui.

Mas *valentão* é a palavra que eu mais odeio. Eu odeio tanto que poderia muito bem ser uma pessoa viva, respirando.

Uma pessoa que eu quero estrangular e tirar a vida.

“Eu não a estou defendendo. Eu nunca a defendi”, digo a Ashley. “Só estou te informando como as coisas são.”

“O que eles fizeram com você em Oxford?” Ashley reflete.

“Esse é o problema. Eu nunca estive em Oxford. Eu nunca estive no Reino Unido. Eu estava em Nova York, dormindo em sofás de estranhos.”

E percebendo que o mundo é um lugar muito maior do que meu pai me fez acreditar. Um lugar onde as pessoas olham para mim como se eu valesse

alguma coisa, mesmo que eu seja apenas uma pessoa que largou a escola.

Meu pai vai enlouquecer quando souber disso, que eu divulguei o segredo. O filho pródigo não estava em Oxford, mas escondido em prédios como um vagabundo desabrigado.

Você não está se esforçando o suficiente, Zach.

Você é realmente burro, não é?

Você nunca conseguirá nada se não conseguir soletrar seu nome corretamente.

Mas isso não é novidade, é? Ele está louco desde que descobriu que seu filhinho perfeito tem rachaduras longas e profundas.

Eu sei que a equipe ainda está aqui, assistindo tudo. Em Plêiades, é difícil manter segredos. Faço contato visual com uma pequena de cabelos castanhos. “Acompanhe-a até a porta. Ela está um pouco bêbada demais para andar sozinha.”

Ashley chama meu nome e eu giro para encará-la uma última vez.

“Nunca venha aqui sem ser convidada. E não assedie os funcionários. Você não vai gostar de como eu reajo da próxima vez. Apenas um aviso justo.”

Com isso, eu saio.

Enfio a mão no bolso e envolvo meus dedos no frasco de laxante. Eu tenho uma dor de cabeça chegando; preciso de um maldito cigarro.

Mas adivinha o que? Eu não posso ter nenhum. Porque alguém os roubou de mim.

Meus dedos apertam a garrafa em frustração.

Ladra de merda.

Capítulo 9

Eu não sou demitida.

A Sra. S ouvi sobre minhas aventuras noturnas, no entanto. Ela me deixa ir com um aviso. É um choque, mas acho que sei o motivo.

Pena.

Pena é o motivo. Eu vejo isso refletido nos olhos de todos. Maggie, Leslie, Grace, até Ryan. Todos eles me deram sorrisos tristes e simpáticos.

É como se meus pais morressem de novo e eu tivesse que ir ao necrotério para identificar seus corpos. E então, é como se o banco tivesse tirado minha casa de novo por causa de todas as dívidas e pagamentos perdidos. Agora, tenho que passar semanas implorando até que eles me deem outra chance de fazer um pagamento parcial.

É a história repetindo sem realmente se repetir.

Então, fico feliz em receber minhas tarefas diárias. Apenas Tina é designada para trabalhar ao meu lado e, para mudar o foco da pena, eu digo a ela que Ryan está me convidando para sair.

“O que diabos há de errado com você?”

E essa é a reação dela quando digo que me recusei a sair com ele.

“Nada.” Eu dou de ombros, empurrando o carrinho de limpeza enquanto caminhamos por um dos corredores da torre dois. “Não há nada de errado comigo. Eu não posso ir.”

“Não é nem uma pergunta, Cleo”, ela diz, parando e colocando as mãos nos quadris.

“Você sabe que se parece com uma mãe quando faz isso?” Eu pergunto.

Ela cruza os braços sobre o peito e me lança um olhar severo.

“Não está ajudando a situação da mãe aí”, eu canto e volto a empurrar o carrinho.

Ela estica a mão e agarra a alça, parando nosso progresso novamente. “Você tem que ir. Você vai.”

Suspirando, eu reviro meus olhos. “Eu não posso. Eu não tenho tempo.”

“Desculpa, o que?”

“Eu trabalho o dia todo e depois...”

“Depois o que?”

“Doris pode precisar que eu cuide de Art. Ela é velha e se cansa facilmente. Além disso, estou ensinando Art como dar um soco. Sabia que ele está sendo intimidado na escola?” Eu balanço a cabeça. “Sério. O que há de errado com o mundo? Como essas pessoas, *esses valentões*, conseguem dormir à noite? Eles acham que não há problema em atormentar as pessoas? Que é certo assustá-las? Isso faz com que eles se sintam maiores? Tipo, sério? Deus! O mundo está fodido, Tina. Às vezes acho que devo ir lá e aterrorizar essas crianças. Confie em mim—”

“Pare de falar.”

“O que?”

Tina coloca as mãos nos meus ombros. “Simplesmente pare. Você não vai aterrorizar crianças, ok? Respire fundo.”

“O que?”

“Faça.”

“Bem. Aqui.” Um profundo suspiro depois, “Feliz?”

“Não particularmente. Mas acho que isso vai funcionar. Agora, repita depois de mim: Meu nome é Cleo e vou viver a minha vida.”

Quando franzo meus lábios, ela me encara.

“Meu nome é Cleo”, repito as palavras. “E vou viver a minha vida.”

“E vou tentar encontrar a felicidade para mim.”

Eu cerro os dentes. “E vou tentar encontrar a felicidade para mim. Mas. Eu não posso ir.” Quando parece que ela vai protestar, eu quase grito: “Você sabe o motivo.”

“Por quê?”

“Você está mesmo me perguntando isso?”

“Sim.”

“Eu não posso ir porque.” Eu olho para o teto. “Eu não consigo entrar em um carro.”

“Certo?”

“O que há de errado com você? Eu não posso entrar em um carro. Eu vomito, lembra? Fico claustrofóbica. Eu não posso... Meus pais morreram em um acidente de carro. Eu não toquei no meu carro, o carro que eu costumava amar, em um ano agora. Como você acha que eu vou chegar a este encontro? Ryan vai querer me pegar e eu simplesmente não posso.”

Tina está olhando para mim como se eu fosse louca. “Isso não é nem mesmo.” Ela levanta as mãos. “Isso não é nem mesmo uma desculpa. Pegue

o ônibus.”

Ela tem razão.

“Mas—”

“Não. Sem desculpas. Você vai sair com Ryan. Fim de discussão.”

“Eu—”

“Olha, você não pode parar de viver, Cleo. Você não pode. Lembra o que você me contou sobre Neal? Por que você saiu com ele em primeiro lugar?”

Eu teimosamente permaneço em silêncio.

“Você saiu com ele porque queria saber como era. Qual era a sensação de estar apaixonada por um menino. Porque tudo o que você sentiu por um cara foi ódio. Veja o que aconteceu ontem à noite, Cleo. Você explodiu. Você tem muita raiva e tristeza dentro de você por causa do que aconteceu com você em St. Patrick. Você precisa seguir em frente.”

Lágrimas enchem meus olhos e eu não sei como pará-las.

“Desde que Zach voltou, você ficou nervosa. Ficou consumida por ele. Tudo o que você faz é pensar nele e no que ele vai fazer com você. O que *you* pode fazer com *ele*. Ele é a única coisa em sua cabeça.”

Ela está certa.

O cara que eu odeio é a única coisa em minha cabeça. Ele é a primeira coisa que penso quando abro os olhos pela manhã. Ele é a última coisa que vejo quando os fecho. Ele nem me deixa sozinha em meus sonhos.

É pior do que no St. Patrick's. Quando a escola acabou, eu tive que atravessar a linha e voltar para casa. Essa linha invisível entre o lado sul e o norte me protegeu dele.

Mas agora eu moro onde ele mora.

Há essa percepção constante de ele estar por perto. Meu coração está sempre pronto para acelerar no menor sinal do cheiro dele. As borboletas estão batendo suas asas afiadas, me fazendo sangrar por dentro. Meus pulmões estão sempre no limite de ficar sem ar.

Estou obcecada por ele, com o jeito que eu o odeio, com o jeito que ele me faz sentir.

“Eu não sei...”

“Eu não estou te culpando”, Tina diz. “Eu nunca culpei você. Ele é o idiota. Ele é o cara mau nessa situação. O valentão. Mas você não acha que é hora de apenas deixar ir? Não o deixe ganhar, Cleo. Não deixe que ele estrague a menor chance que você tem de encontrar o amor ou até mesmo ir

a um encontro incrível. Ryan é incrível. Seus pais o amavam, lembra? Vá. Viva sua vida. Você merece felicidade. Você merece aliviar a dor. Você merece se apaixonar.”

Eu mereço.

Eu certamente, *certamente* mereço.

Quando Zach foi embora, eu poderia ter namorado. Não que as pessoas estivessem me convidando para sair no St. Patrick, mas ainda assim. Ele não estava lá para arruinar isso para mim. Eu poderia ter beijado e dado uns amassos, até mesmo perdido minha virgindade. Eu poderia ter feito todas essas coisas, mas nunca fiz. Por alguma razão, nunca passou pela minha cabeça.

Mas Tina está certa. Novamente.

Eu mereço me apaixonar e descobrir o que meus pais tiveram. Eles estavam tão apaixonados um pelo outro. Como se estivessem repugnantemente apaixonados, e sempre achei que um dia eu encontraria alguém para ficar loucamente apaixonada também.

Sorrindo, eu limpo minhas lágrimas e aceno. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, meu olhar cai sobre ele.

O cara de quem estamos falando.

De alguma forma, esqueci que é aqui que fica o quarto dele. O que é estúpido, porque íamos limpar as janelas desse lado.

Zach está encostado no batente da porta com os braços cruzados sobre o peito, os olhos em mim.

Ele está suado e a única peça de roupa em seu corpo é uma calça de treino. Ela fica tão baixa que mostra mais do que esconde. Ou seja, aquele V profundo de sua pelve esculpida. Mas a pior e mais perturbadora coisa é um indício de tufo escuro de cabelo que desaparece sob o cós.

Eu não quero pensar onde isso leva e por quanto tempo ele esteve aí ou se ouviu algo da conversa que Tina e eu tivemos.

E também não quero pensar sobre a fofoca que correu esta manhã, junto com meu colapso da meia-noite.

Ele era tão assustador, eu juro. E então, ele olhou para mim e disse para acompanhá-la; ela está bêbada. Ah, e você não pode esquecer a última coisa que ele disse para ela: não volte aqui sem ser convidada. Foi o momento mais perfeito. Ele era perfeito. Ele te defendeu totalmente, Cleo.

Grace, que raramente fofoca ou fica animada sobre qualquer coisa, estava dizendo a todos sobre isso na reunião da manhã — *animadamente* — e tudo que eu podia fazer era ouvir enquanto ficava sem fôlego.

Ele me defendeu. Meu valentão me defendeu.

É impossível. Eu não acredito nisso.

Mas eu não consigo parar de ficar sem fôlego novamente. Porque ele está andando em minha direção.

Passos lentos e relaxados.

Acho que sua caminhada é casual. Mas seus olhos, que estão direcionados para mim, tornam tudo predatório.

Algo profundo dentro de mim me faz dar um passo atrás como se eu fosse realmente sua presa. Uma presa boa e pequena, fugindo do predador como eu deveria.

Tina percebe minha distração e se vira para ver o que está causando isso. Ela agarra meu braço para me impedir de recuar, mas eu digo a ela para sair.

“O que?”

“Você deveria ir”, eu digo a ela novamente, olhando para longe de Zach, que ainda está avançando para mim e para ela. “Consigno lidar com isso.”

“Mas Cleo—”

“Eu vou ficar bem.”

Zach está pairando sobre nós agora, ou melhor, eu. Ele não dispensou Tina, mas se dirige a ela, ainda olhando para mim. “Ela está certa. Ela vai ficar bem. Dê o fora.”

Tina engole quando ele olha para cima. “Se você fizer alguma coisa—”

“Percevejos”, ele diz. “Eu preciso falar com ela sobre percevejos. Agora, saia.”

Eu engulo também, mas por causa de Tina, dou-lhe um pequeno sorriso. “Vá fazer uma pausa. Estarei com você logo.”

Com um último olhar para nós dois, Tina sai.

E então, sou só eu e ele.

Zach retoma seu avanço e eu volto a recuar.

Por que eu continuo recuando como se tivesse medo dele? Como se não pudesse enfrentá-lo.

Finalmente, eu bato na parede.

Minha coluna sente os tijolos ásperos e frios e olho para a direita. O corredor está deserto. Não é tão isolado quanto na banheira, mas ainda

parece um beco escuro e sombrio.

Zach para bem na minha frente, seus músculos vigorosos, todos ampliados e de alguma forma, mais realçados do que alguns dias atrás, quando eu o vi nu. Ele coloca os dois braços em cada lado da minha cabeça, pairando sobre mim.

Ele está tão perto que eu posso ver o suor brilhando em sua testa. “O que você quer?”

“Seu vestido”, diz ele e eu cravo minhas unhas na parede. “Vai ficar bem?”

Eu não estava esperando isso. Não esperava que ele falasse sobre a minha camisola arruinada.

Foi o momento mais perfeito. Ele era perfeito. Ele te defendeu totalmente, Cleo.

“Camisola”, eu digo a ele em uma voz que combina com a dele, por algum motivo. Então, eu limpo minha garganta. “Chama-se camisola. E mais ou menos. Quer dizer, estou investigando. Manchas de vinho tinto são quase impossíveis de tirar.”

Zach reconhece a declaração com um aceno sutil de cabeça e uma lenta sondagem de seus olhos no meu rosto. “Maggie deve saber o que fazer.”

Ah sim, eu pensei nisso também. Ela é boa com remédios caseiros e outras coisas. Mas eu não vou compartilhar meu plano com ele.

Por que estamos tendo essa conversa?

“Ashley”, eu deixo escapar em vez disso. “Eu, uh, ouvi dizer que você a mandou embora. Grace estava feliz com isso.”

“Eu não conheço Grace.”

“Ela trabalha para você. Para sua família. Ela é aquela que você disse para escoltar sua namorada.”

“Ela não é minha namorada.” Então, um momento depois, “Ela gostaria, no entanto.”

Deus, a arrogância. Como se toda garota neste planeta quisesse ficar com ele.

Não eu, no entanto.

Eu nunca.

“Por quê?”

“Porque o que?”

Por que ela não é sua namorada?

“Por que você a mandou embora?” Eu pergunto, estridente. “Eu-eu quero dizer, é ótimo que você mandou. Ela é uma cadela de primeira. Sem ofensa à sua escolha de companhia ou qualquer coisa.” Eu levanto meu dedo. “Na verdade, pensando bem, *estava* tentando ser ofensiva. Então, sim, você deveria se ofender. De qualquer forma, estou feliz com isso. Sabe, que você a mandou embora. Como Grace e todo mundo. Não que isso importe que eu esteja feliz. Quero dizer, por que importaria? Eu acho que é o contrário. É como se... você vivesse para me fazer infeliz, certo?”

Caramba, eu não tenho ideia de onde estou indo com isso. O que estou dizendo? Tudo o que sei é que meu coração está batendo muito rápido e ele está muito próximo e de alguma forma, tudo que eu posso ouvir agora é a voz de Grace.

Zach mantém seu silêncio e eu me pergunto como ele pode fazer isso quando minhas palavras têm vida própria.

“Não.”

“O que?”

“Eu não vivo por você. Nada sobre você é importante para mim”, ele responde depois de alguns segundos.

“Certo. Claro. Eu sabia.”

Ele te defendeu totalmente, Cleo.

Ele não defendeu. Grace não sabe de nada.

Examino o rosto duro de Zach, o queixo angulado, os movimentos de seu cabelo roçando suas sobrancelhas. Pela primeira vez noto que ele parece... pálido. Meio abatido, suado, mesmo. Suas bochechas parecem fundas e sua barba é mais grossa, como se ele não tivesse tempo de fazê-la hoje de manhã ou simplesmente se esquecesse.

“Você... você está doente?”

“Você está preocupada comigo?”

Eu zombo. “Não. Estou apenas...”

“Você está apenas o quê?”

Há um tom mordaz em sua voz e minhas costas ficam eretas. “Eu só estou querendo saber se você está com febre. E se você estiver, é contagioso porque eu não quero pegar nada de você. Você está um pouco perto demais de mim.”

Com isso, ele se aproxima ainda mais. Como se ele estivesse cruzando o limite, a linha, só para me assustar.

Meu olhar vai para sua mão direita. A mão que ele usa mais e aquela onde está sua tatuagem. Eu li a frase no seu pulso. *Eu posso passar dos limites.*

Mas de repente, essa mão sai da parede e eu levanto meu olhar de volta para ele. Ele pega algo de seu bolso.

“Não, Blue. Não é contagioso. O que eu tenho é por sua causa.”

Eu me concentro no objeto que ele está segurando e querido Deus, é o laxante.

Meus olhos se arregalam quando eu entendo o significado disso. Ele caiu na armadilha e é por isso que ele está assim. Pálido e suado.

“Eu...”

“Eu encontrei no balcão ontem à noite. Pertence a você, não é?”

Eu dou um aceno de cabeça.

“Outra maneira de se vingar de mim.”

Eu vou assentir, mas depois paro. Ele disse que achou na noite passada?

Se foi, então por que ele... comeu? Por que ele comeu o creme? Essa era a única coisa que eu poderia colocar na geladeira porque essa era a única coisa que destinada para ele. E para mim também.

“Por que você comeu o creme?” Eu pergunto, confusa. “Se você sabia... sobre a minha brincadeira.”

Sua resposta é apertar sua mandíbula.

Então outra coisa me ocorre. Ele não fuma há algum tempo. Eu não o vejo com um cigarro desde que peguei sua mochila. Não que eu fique de olho nele, mas ainda assim. Mesmo agora, o cheiro dele é... sem fumaça.

“Espere um segundo. Você não...” Eu balanço a cabeça porque isso é *bizarro*. “Você não esteve fumando? Por que você não fumaria?”

Esta é a primeira vez que eu não o entendo. Eu não entendo suas motivações, suas ações.

Todos esses anos, foi simples. Ele era rico, entediado e ruim. E eu era a nova garota do outro lado. Ele e seus amigos me intimidaram porque podiam. Porque ninguém levantaria um dedo e porque eu estava em seu território.

Por que ele se machucaria deliberadamente?

“Eu...”

Eu paro de novo porque literalmente não tenho nada a dizer. Minha mente está em branco.

Na verdade não.

Estou mentindo. Minha mente não está em branco. Está inundada de pensamentos idiotas e malucos.

Pensamentos como... talvez ele tenha feito isso por mim.

Ele se machucou. De propósito.

Ele se machucou porque *eu* queria que ele se machucasse.

Zach se abaixa mais um pouco sobre mim, fazendo meus pensamentos confusos desaparecerem.

Ok, graças a Deus. Porque é a coisa mais louca que eu já pensei. Zach não se importa com o que eu quero. Ele nunca se importou.

Louco com L maiúsculo.

Não há contato entre nós, não. Mas o peso de seu peito a centímetros do meu ainda parece esmagador. Ainda para minha respiração.

“Você está ficando corajosa, não é?” Ele pergunta, em vez de responder à minha pergunta anterior.

“O que?”

“Mas há uma linha muito tênue entre ser corajosa e ser estúpida.”

Uma ameaça mal controlada se mantém em seu tom. Uma ameaça que rouba minha voz.

Ele inclina a cabeça para o lado e lambe os lábios. “Você não quer cruzar essa linha. Você não quer ser idiota e roubar minhas coisas ou falar do meu pau.”

Oh Deus, eu esqueci minha pequena e inofensiva piada.

Ele sabe.

Como ele sabe?

“Não há segredos nesta casa. Não de mim. Entendeu?”

“Eu—”

“Shh.” Ele coloca o dedo nos meus lábios pintados de azul marinho. “Não fale. Apenas ouça. Eu tenho sido muito legal com você. Paciente de verdade. Estou fazendo vista grossa porque não posso mudar o histórico. Eu não posso mudar o que aconteceu no St. Patrick e se esses pequenos jogos infantis te fazem feliz, então você pode se divertir. Eu posso *permitir* que você se divirta.”

Ele abaixa os olhos para olhar meus lábios, que percebo estarem separados. Estou respirando em seu dedo, enquanto ele continua, “Mas está ficando um pouco chato agora. Pessoas que me incomodam, me deixam com raiva. E você realmente não quer me deixar com raiva, não é?”

Estou congelada.

Ele pressiona o dedo nos meus lábios, achatando minha boca, empurrando contra os meus dentes, provavelmente borrando meu batom.

“Seja uma boa menina, Blue, e balance a cabeça.”

Eu não consigo. Eu não posso.

Ele nunca esteve tão perto de mim. Se eu pensei que na banheira era perto, então eu estava louca. Isso é perto. Isso é pairar e se aproximar. Esta é a definição da palavra onipresente.

Ele está em todo lugar.

Seu cheiro, sua respiração, sua voz, seu calor e sua pele. Tanta pele.

Então toda a sua mão captura minha mandíbula, enquanto seu dedo ainda está nos meus lábios entreabertos. Ele coloca pressão no meu queixo e me força, me *faz* balançar a cabeça.

“Bom. Isso é bom”, ele murmura. “Eu disse a você na primeira noite em que voltei: não me tente. Fique fora do meu caminho e ficarei fora do seu.”

Seu tom suave me atinge no estômago. Bem no centro do meu umbigo, e eu respiro fundo.

Zach percebe.

Ele percebe meu peito arfando. Aposto que ele também percebe como meus seios estão perfurando o tecido. Eles parecem pesados para mim. Pesados, arfantes e... prontos.

Deus e suados. Assim como o seu torso, todo sulcado e ondulado com músculos.

É como se estivéssemos ambos suspensos neste momento. Ele com os olhos no meu peito e eu com os olhos no seu rosto.

É errado e não deveria acontecer, mas está acontecendo e eu quero que pare.

Um segundo depois, é quando um som vem do corredor. Eu ouço passos se aproximando. Alguém está subindo as escadas.

A estranha paralisia do meu corpo se quebra e minhas palmas deslizam na parede. Zach olha para mim, para a mão que ainda está em volta do meu queixo.

“Solte-me.” Eu olho para as escadas no final do corredor.

Sua reação, no entanto, é completamente oposta à minha.

Divertido, ele diz: “Eu não gosto do seu tom.”

Meu coração está na minha garganta, minhas pernas estão tremendo. “Você está brincando certo?”

“Você está rindo?”

Eu cerro os dentes. “Quem quer que seja, eu não quero que me vejam assim. Com você, ok? Não posso deixar que ninguém pense que temos alguma coisa acontecendo.”

Zach franze a testa como se estivesse genuinamente perplexo. “Mas nós temos alguma coisa acontecendo.”

Eu dou outro olhar para as escadas, querendo empurrá-lo fisicamente. Mas eu não quero tocar nele. Especialmente quando ele não está vestindo uma camisa. Eu tenho medo de tocar sua pele.

“O que?”

Seus olhos perfuraram os meus. A escuridão neles se estende e quase me consome. “Você pensa em mim o tempo todo. Eu sou o único pensamento em sua cabeça. Eu faço seu coração bater mais rápido, não é? Eu faço seu peito se sentir apertado. Você estremece quando estou perto. Seu pulso está vibrando no seu pescoço. Diga-me, ele vibrou quando ele te convidou para sair?”

Eu suspiro; o bastardo ouviu tudo.

Droga.

E ele está certo. Ele está tão certo, mas eu não tenho tempo para discutir com ele.

Zach ri sem humor. “Não há segredos, lembra?” Ele balança a cabeça uma vez, lentamente. “Você quer se apaixonar, não é? Deixe-me dizer algo sobre o amor, Blue. Dói. Lembra quando você cortou a palma da mão e estava sangrando? É assim. Só que o corte está em seu coração e o sangue nunca para. No amor, você sangra para sempre. Você quer sangrar para sempre, Blue? Aposto que seu coração é muito frágil. Aposto que corta facilmente.”

Cada parte do meu corpo está sintonizada com suas palavras, especialmente meu coração. A coisa que sangra no amor, de acordo com ele. Está batendo como um louco.

Louco, louco, louco. Como eu. Por que não o afasto?

Os sons e risos estão se aproximando e finalmente tenho o bom senso de dizer alguma coisa. “Solte-me.”

Ele sorri. “Diga, por favor.”

Eu cerro minhas mãos. “Por favor.”

“Não foi tão difícil, foi?” Ficando sério, ele continua: “E Blue? Uma cidade pode lidar com apenas um valentão e esta cidade já tem um.”

Algo pisca em seu rosto rápido como um relâmpago. “Não seja um valentão, Blue. Não seja como eu.”

Ele aumenta o aperto no meu maxilar mais uma vez antes de me soltar e se afastar.

Só então, dois caras da manutenção ficam à vista. Eles mal prestam atenção a Zach e a mim enquanto caminham em outra direção.

Suspirando, agarro o carrinho e saio de lá.

Capítulo 10

Parece o baile de formatura.

O encontro desta noite com Ryan.

Estou usando meu vestido azul escuro com bolinhas brancas e bolsos. É sem alças e molda meu corpo firmemente antes de terminar no meio da coxa. É um tipo de vestido que eu sempre tenho que me forçar a usar porque acho que minhas curvas ficam muito visíveis.

Mas tanto faz. Estou usando e combinei com sandálias azuis emprestadas de Tina.

Eu disse a Ryan que o encontraria do lado de fora do restaurante que ele escolheu para nós. Ele ficou chateado porque não conseguiu me levar, mas estou guardando essa conversa para outra hora. Quarto ou quinto encontro, talvez.

E agora, estou esperando em frente ao restaurante como se estivesse esperando por Neal no baile.

Na verdade, não acho que seja como no baile de formatura. Ryan nunca iria cancelar como Neal fez.

Na verdade, estamos tentando encontrar tempo para sair nos últimos dias. Mas Ryan esteve muito ocupado e eu tenho trabalhado muito nos turnos da noite, junto com os turnos do dia; há uma nova festa para uma visita às torres e ao terreno, e a Sra. S estava enlouquecendo.

Embora isso não signifique que não nos vemos todos os dias ou que roubemos algum tempo para conversar entre os trabalhos.

Ele é tão gentil. Exatamente como imaginei. Gentil e cuidadoso. Ainda não nos beijamos — acho que estamos esperando pelo encontro oficial — mas ele beijou minha bochecha. Ele passou o dedo pela minha bochecha também. Ambas as coisas foram agradáveis e quentes, típicas dele.

Às vezes, porém, ele olha para mim com pena, o que me incomoda. Mas eu acho que depois do meu colapso na cozinha com Ashley, eu não posso culpá-lo. Aposto que sua pena desaparecerá depois de um tempo. A de todos os outros também.

Por enquanto, estou meio empolgada. Faz muito tempo desde que estive em um encontro. Estou animada para encontrá-lo, vê-lo sorrir, me tocar. Me

beijar.

Além disso, Tina, como sempre, estava certa. Meus pais definitivamente teriam aprovado.

Na hora certa, Ryan estaciona no meio-fio e sai do carro. Eu sorrio para ele, mas então, meu sorriso desaparece quando vejo uma expressão de dor no seu rosto.

Ele se aproxima de mim e me puxa para o lado, longe da entrada do restaurante, onde não podemos ser ouvidos pelos clientes entrando e saindo.

“O que está acontecendo?” Eu pergunto, me sentindo apreensiva.

Ele faz uma careta. “Eu odeio fazer isso, mas vou ter que ter que remarcar.”

“Oh.”

Ele esfrega a mão para cima e para baixo no meu braço. “Eu já estava no meu carro, pronto para dirigir quando fui chamado para o trabalho. Então eu pensei que deveria te contar.”

A angústia de Ryan é óbvia, e isso me faz sentir um pouco melhor. Ele não está me abandonando como meu primeiro namorado. Ele tem um motivo genuíno.

“É uma droga. Mas eu entendo. Quero dizer, estamos tão ocupados com tudo nos últimos dias, então.” Eu dou de ombros.

Ryan me dá um olhar penetrante que me faz corar. “É uma droga, sim.”

“Você poderia ter ligado, sabe.” Eu dou um soco no ombro dele. “Você não tinha que vir até aqui só para me dizer isso.”

Sorrindo, ele faz o que tem feito com frequência: ele dá um tapa na minha bochecha, suave e calmamente.

“Eu queria te ver”, ele diz. “Você está bonita.”

Corando ainda mais, eu digo: “Obrigada.”

Então eu o observo com cílios baixos. Ele se vestiu para o encontro também. Está de paletó preto e uma camisa verde-clara. “Você está bem também.”

Seus olhos aquecem. “Da próxima vez, prometo que iremos. Ninguém vai arruinar isso para nós. Nem mesmo o Sr. Prince.”

O que?

“Eu pensei, que o Sr. Prince estava fora da cidade. Quando ele voltou?”

Ele saiu no dia seguinte depois da festa de boas-vindas de Zach em uma viagem de negócios ou algo assim. Se ele estivesse de volta, teríamos

ouvido sobre isso.

Ryan ri. “Eu costumo esquecer que temos dois Senhores Prince agora. Estou falando sobre o outro. O novo. Zachariah. Zach O que quer que eles o chamem. Ele disse que tinha uma reunião em cima da hora.”

“Zach. Eles o chamam de Zach”, eu digo a ele mecanicamente, enquanto o calor anterior no meu peito lentamente vai embora.

Desde que tive minha conversa com Tina e Zach me encurralou no corredor alguns dias atrás, eu mantive distância.

Todas as manhãs, a caminho do trabalho, vejo-o malhando à beira da piscina, sem camisa. Eu sinto seu olhar através da extensão de terra que nos separa, mas eu faço questão de nunca mais olhar para trás. Faço questão de não ver como seus músculos ondulam e como o sol destaca cada gota de suor que ele derrama.

Também faço questão de nunca ir para a cozinha de manhã porque Zach está sempre lá, sendo paparicado por Maggie.

Algumas vezes eu o vi saindo da torre 1, onde o quarto do Sr. e da Sra. Prince está localizado — os membros mais jovens da equipe, como eu, não são permitidos em sua suíte. Ele parecia agitado, irritado, mas assim que nossos olhos se chocaram, desviei o olhar.

Na maioria das noites, ouço o rugido de sua moto quando ele sai da propriedade para ir aonde quer que vá. Mais uma vez, faço questão de não pensar nisso. Juntamente com outras coisas, como ele mandou Ashley embora e como ele ficou doente com o creme. Como ele não fuma há algum tempo.

Não seja como eu.

O que isso significa? Eu faço questão de não pensar.

Com o passar dos dias, pensei que ele queria dizer o que ele disse. Se eu o deixasse sozinho, ele me deixaria em paz também. Eu voltaria a tentar economizar para a minha casa e ele faria o que veio fazer aqui. Eu pensei que talvez agora que crescemos, as coisas realmente mudaram.

“Você não foi para a escola com ele?”

A pergunta de Ryan me tira do devaneio e aceno com a cabeça. “Sim.”

As pessoas me perguntam isso desde a primeira noite em que ele voltou.

Vocês não estudaram juntos?

Como ele era na escola?

Você sabe por que ele foi embora? Por que ele voltou?

Ele sempre foi tão sexy, tão bonito?

“Vocês eram...” Ryan faz uma pausa. “Vocês eram amigos?”

“Não. Não, nós não éramos amigos”, digo a Ryan, esperando a raiva familiar contra Zach aparecer.

Calor habitual e a sensação de injustiça e o desejo de socá-lo por arruinar isso para mim.

Nada mudou, certo?

Zach arruinou meu encontro. Ele disse que não havia segredos dele. Então ele provavelmente descobriu que esta noite Ryan estava me levando para sair.

Isso é exatamente como o baile de formatura.

Mas ao contrário do baile de formatura, ao contrário de todos os anos em St. Patrick, eu não tenho a necessidade de me vingar. Tudo que sinto é vazio.

Exausta, cansada. Assustada.

Eu me sinto assustada. Eu sinto que por anos, eu odiei Zach com tanta intensidade que ele consumiu cada pensamento na minha cabeça. Ele ocupou todos os espaços do meu corpo que não tenho mais nada para dar. Nada mais para sentir.

Talvez eu o odeie tanto que nunca poderei amar ninguém. Eu nunca vou ter o que meus pais tiveram.

“Ok, bem, até logo”, Ryan diz.

Ele me pergunta se pode me deixar em qualquer lugar, talvez em Plêiades, mas eu recuso. Finalmente, com um beijo suave na minha bochecha, ele vai embora.

E eu começo a andar para o norte. Para a mansão onde *ele* mora.

Capítulo 11

Estou no quarto de Zach.

Andei por horas para chegar aqui.

Andei quilômetros em minhas sandálias azuis que corroeram meus pés. Tenho bolhas nos meus calcanhares e minha pele rasgou, escorrendo sangue.

Mas eu continuei colocando um pé na frente do outro. Continuei sangrando e suando no calor até chegar a Plêiades. Em vez de ir ao chalé, fui até a casa principal e entrei pela entrada de serviço.

Se alguém tivesse me encontrado vagando pelos corredores, em um vestido azul escuro, com pés sangrentos, eu não sei o que eu teria dito a eles. Maggie teria ficado chateada. Se a Sra. S soubesse e eu poderia ser demitida. Mas eu não me importei com isso. Eu não me importei com o trabalho ou a casa que estou tentando recuperar.

Ainda bem que não encontrei ninguém a caminho do quarto dele.

Sua porta estava trancada.

Depois de todo o desastre dele me encharcando de água e tirando minhas chaves, a Sra. S disse que não éramos permitidos no quarto de Zach, a menos que ele fosse o único a nos deixar entrar. Mas não houve hesitação em mim quando usei o grampo no meu cabelo para entrar.

E agora, aqui estou eu. Tonta, cansada e provavelmente tão pálida quanto um fantasma.

Talvez ele esteja andando de moto agora, fazendo o que ele faz a esta hora da noite. Mas vou esperar que ele volte.

Olho em volta do seu quarto. Parece o mesmo de dias atrás, quando eu estupidamente me escondi em sua banheira.

Mas existem diferenças sutis. Algumas de suas roupas estão espalhadas na cômoda. Sua mochila está no sofá de couro preto, bem em frente à sua cama king-size. Seu colchão vazio mantém a forma de seu corpo e lençóis escuros amarrotados.

E então, há o livro dele, na mesa de cabeceira.

Ainda em minhas sandálias, dou a volta na lateral da cama e manco para ela. A capa do livro é toda branca, com o título escrito em azul brilhante.

A última vez eu o folheei, mas hoje aproveito o tempo para ler o que tem dentro. Há uma história por trás de quase todas as constelações e logo estou voando pelas páginas.

Não me lembro de estar sentada na cama, mas estou. Bem na beirada, enquanto leio a história de amor de Perseu e Andrômeda. Aparentemente, o céu noturno está cheio delas, histórias de amor. É daí que vem o termo: um amor escrito nas estrelas.

Mais uma vez, não me lembro de tirar minhas sandálias e de me deitar, mas estou. Estou de lado, de frente para a grande janela enquanto continuo lendo. Os lençóis parecem quentes como um casulo, e mesmo que eu já não soubesse que é onde Zach dorme, eu sentiria o cheiro dele e descobriria.

Torta de mirtilo e musk.

A última coisa de que lembro antes de fechar os olhos e me afogar em sua areia movediça é virar a página e pensar que não há maneira de conseguir dormir no quarto dele.

Acontece que eu estava errada.

Eu dormi. Deus sabe por quanto tempo e Deus sabe o que me acordou com um solavanco. Mas agora estou acordada, meio tonta e confusa.

Observo o quarto; está escuro. As luzes do teto foram desligadas. Eu engulo de medo. E então, meus olhos caem em uma sombra. Uma grande sombra negra na forma do cara que vim procurar.

Ele está sentado em uma cadeira, na alcova de vidro, com vista para o céu e as estrelas e histórias de amor seculares.

A única luz no quarto é o brilho da lâmpada, dividindo seu corpo em dois: escuro e claro.

Posso ver seu cotovelo apoiado no braço da cadeira e seus lindos e macios lábios levemente envolvidos em torno de seu dedo. Ele está contemplando enquanto me observa dormir.

Lentamente, a consciência penetra no meu cérebro e eu me impulsiono. Aparentemente, o livro que eu estava lendo estava enfiado debaixo da minha bochecha e meus movimentos fazem com que ele caia.

Cai com um baque e nós dois observamos. Eu, com uma careta e ele, com um olhar vazio.

Estou prestes a sair da cama quando ele fala: “Sabe...”

Volto meus olhos em sua direção.

Ele está inclinado para frente agora, seus dedos entrelaçados entre as coxas abertas quando diz: “Quando eu era pequeno, eu costumava ter dificuldade em adormecer. Então, Maggie costumava me contar histórias. Sobre as estrelas, porque eu deitaria aí e as observaria.”

Ele aponta para onde estava deitada com a ponta do queixo. “Ela me contou uma história sobre Orion. Segundo a lenda, ele era um caçador e um dia, conhece duas irmãs e se apaixona por elas. Ele passa anos correndo atrás delas, tentando conquistá-las. Mas Zeus descobre e decide acabar com isso. Então ele transforma as irmãs em pombas. E elas voam e deixam Orion e seu amor eterno para trás. Sabe o que aconteceu com elas?”

A voz de Zach é suave, mais suave do que eu já ouvi. Uma canção de ninar e ele está me contando uma história.

E estou aqui, sentada em sua cama, ouvindo não apenas com meus ouvidos, mas com cada parte do meu corpo. Estou ouvindo cada palavra dele como se fossem as últimas palavras que ouvirei.

É como um sonho

Eu agarro o lençol que nem me lembro de colocar em mim. “Não.”

“As irmãs são agora uma constelação no céu chamada Plêiades. São sete estrelas. Porém, só dá pra ver seis delas por algum motivo.”

As Plêiades. Esta mansão com sete torres.

“O Prince que construiu este lugar décadas e décadas atrás devia gostar de estrelas”, Zach murmura, lendo meus pensamentos.

E, provavelmente, *este* Prince herdou seu amor pelas estrelas de seus ancestrais.

“E Orion”, eu sussurro. “O que aconteceu com ele?”

“Ele é uma constelação também. E séculos depois, todas as noites, ele ainda as persegue através no céu. Ele provavelmente vai persegui-las até o fim dos tempos.”

Há um sorriso nos lábios dele. Na escuridão eu não posso dizer se é verdade ou não, mas ainda tem um efeito em mim.

Um efeito que me faz sussurrar: “É uma história linda.”

“Você acha?”

Eu concordo. “Sim. Amar alguém tanto que você se torna imortal como uma estrela. Então você poderia amá-lo para sempre. Sim, é lindo.”

É algo que eu quero. Tão, tão desesperadamente.

É algo que tenho medo de nunca ter. Por causa dele. Por causa do quanto eu o odeio, o cara que me contou o conto mais empolgante de amor.

O cara que acha que o amor te faz sangrar.

O sorriso de Zach se amplia e se transforma em uma risada. Ele se recosta e dá uma risada. Uma risada dura e áspera. “Eu te contei essa história, Blue, porque é a coisa mais patética que eu já ouvi. Lembro-me de rir a primeira vez que ouvi. E a razão pela qual eu continuo pensando nela é porque me faz acreditar em quão ruim e miserável o amor é. Quão solitário.”

Eu nem sei por que ele pensa isso. Mas eu posso ver que é algo em que ele acredita profundamente. Com cada fibra de seu ser e com cada pensamento sombrio em sua cabeça.

“O amor não é miserável”, eu digo finalmente, porque eu tenho que dizer alguma coisa. “Não é ruim. Não é solitário. Não faz você sangrar. E se isso acontecer, bem, não é amor. Meus pais estavam apaixonados e não eram infelizes. Eles eram felizes. O amor é bom. É... mágico. É para tornar sua vida mais fácil, melhor.”

Zach me estuda por alguns segundos, seus dedos na boca novamente. “Não achei que fosse possível, mas *essa* é a coisa mais patética que eu já ouvi.” Estreito meus olhos para ele, mas ele continua, “Além disso, tem sido mil anos de perseguição e o cara não se toca e aparentemente, nem você.”

Empurrando os lençóis para o lado, fico em pé.

Só me esqueci das bolhas e da dor e tropeço. “Porra.”

Eu provavelmente teria caído no chão, se não fosse por um aperto forte em volta do meu braço. Seus dedos se flexionam na minha pele nua quando ele olha para os meus pés. “Que porra aconteceu?”

Meus dedos têm manchas e bolhas feias ao redor deles, e tenho certeza de que minha pele deve estar ferida no fundo e no canto onde meu pé encontra meu tornozelo.

Ugh.

Sandálias azuis estúpidas.

Antes que eu possa responder, ele fica de joelhos. Os dedos dele desaparecem do meu braço e seguram meu tornozelo esquerdo. Não tenho escolha a não ser me segurar nos ombros dele, seus ombros muito duros e curvos que ondulam sob a camisa puída enquanto ele move o pé para um lado e para o outro.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto olhando sua cabeça inclinada.

Seu dedo traça o arco do meu pé e meus dedos mexem. “Como você conseguiu isso?”

Eu tento soltar minha perna, mas ele aperta. “Não importa. Eu—”

“Eles estão sangrando. Insanamente”, ele estala, como se eu fosse uma imbecil.

Como se eu não tivesse percebido.

Agarro sua camiseta para manter o equilíbrio. “Eu sei. Eu posso ver e sentir, muito obrigada. E não é minha culpa que eles estejam sangrando. É sua.”

Ele olha para cima. “O que?”

“Sim. Eu andei quilômetros porque queria te ver. Então é sua culpa.”

É irracional, mas, ao mesmo tempo, faz todo o sentido para mim.

“Por quê?”

“Porque o que?”

“Por que você não ligou para um táxi ou algo assim?”

Eu suspiro bruscamente com o olhar em seu rosto. Ele sabe a resposta. Ele provavelmente ouviu no outro dia quando eu estava conversando com Tina.

“Você sabe por que”, eu digo a ele com os dentes cerrados. “Agora, solte meu tornozelo.”

Há um aperto no queixo e, finalmente, ele se levanta. Suspirando, eu balanço meus dedos no chão de madeira em liberdade.

“Vamos”, ele diz.

“Vamos aonde?”

Ele inclina o queixo para frente. “Ao banheiro.”

“O quê?” Eu me inclino para trás dele como se ele estivesse fazendo uma brincadeira para me agarrar. “Por quê?”

“Para que eu possa matá-la e esconder seu corpo”, ele diz. “Será mais fácil limpar todo esse sangue no banheiro.”

Eu zombo. “Engraçado. Você não me mataria.”

“Não?” Ele diz suavemente.

“Não. Porque se eu morrer, você não pode me torturar.”

Ele me lança um longo olhar. “Você sabe que isso é invasão de domicílio, não é? Eu me lembro de ter trancado a porta. Então, deixe-me cuidar das suas feridas ou vou chamar a polícia para você.”

“Ouvii o que acabou de dizer?” Eu pergunto, exasperada. “Você está dizendo que se eu não deixá-lo *cuidar de mim*, você vai mandar me prender?”

Ainda me encarando, ele tira o celular do bolso de trás. “Como é sábado, você não vai pagar fiança até segunda-feira. Você definitivamente vai ser demitida e, além disso, para conseguir o dinheiro da fiança, terá que sacar suas economias — que eu ouvi que você estava guardando para fazer um pagamento em sua antiga casa.”

“Você é um psicopata, sabe disso?”

“A escolha é sua”, ele diz, friamente.

“Bem. Você quer *cuidar das minhas feridas*? Fique à vontade. Eu não me importo. Eu fiquei louca afinal. Perdi completamente a cabeça porque estou aqui. Entrei em seu quarto como uma idiota. Então sim.”

Murmurando, começo a mancar na direção do banheiro, mas um gemido escapa quando as bolhas estouram com a pressão.

Atrás de mim, Zach amaldiçoa e eu mal reprimo um grito quando ele me levanta em seus braços, no estilo noiva, e caminha até o banheiro. Eu tenho muito pouca escolha a não ser agarrar a camisa dele e enrolar minha mão em seu pescoço.

Tudo acontece em menos de cinco segundos e a próxima coisa que sei é que ele está me colocando na bancada de mármore da pia. Estou no outro lado, minhas pernas balançando.

Acho que deveria dizer alguma coisa, mostrar minha posição de que sou contra ele me pegar assim. Mas meu fôlego ainda está abalado e meus pés ainda estão latejando, e eu não consigo formar palavras.

Um segundo depois, Zach senta na minha frente, no vaso fechado, e espalha a caixa de primeiros socorros ao meu lado no balcão.

Em seguida, circula seus grandes dedos no meu tornozelo mais uma vez e coloca meu pé em sua coxa.

Eu respiro fundo em quão duro é, os músculos lá. É como colocar meu pé em uma rocha. Uma rocha muito quente.

O cheiro de antisséptico preenche o espaço, enquanto Zach mergulha um pouco em uma bola de algodão com movimentos hábeis e especializados.

“Você não teve uma reunião, não é?” Eu pergunto, em vez de me concentrar em sentimentos muito estranhos que ele está invocando em mim por suas gentis ministrações.

Com movimentos fáceis de sua mão, Zach limpa os cortes nos meus dedos. Meu pé sacode com a picada, mas ele segura no lugar. “Não.”

Enrolo meus dedos na borda do balcão. “Você inventou.”

Ele termina com um pé e passa para o próximo. Ele trata da mesma maneira. Limpa com cuidado a área, tira o sangue e coloca o band-aid.

Jogando fora as bolas de algodão sujas, ele fecha a caixa de primeiros socorros e fica de pé, tornando-se mais alto e intimidante. “Sim.”

Eu quero ficar de pé também, então podemos ficar em pé de igualdade, mas ele não me dá espaço. Ele está me pressionando e eu levanto meu pescoço para olhar para ele.

“Então você poderia arruinar o meu encontro”, concluo.

“Este foi seu primeiro encontro com ele?”

Seus olhos se movem sobre minhas feições e eu me contorço no meu lugar. “Por quê?”

“Porque ele parecia devastado por isso.” Ele examina meus cachos azuis amarrotados e eu coloco uma mecha atrás da minha orelha. “Como se ele quisesse estar com você ao invés de me guiar por nenhuma razão.”

“Claro que ele queria estar comigo. O que você acha? Nós tínhamos um encontro, seu idiota. Estávamos planejando sair por dias.”

“Sim, sobre isso. Por que não saiu?” Ele pergunta, casualmente.

“Não houve tempo. Empregos, lembra? Nós dois temos um”, eu digo.

Seus olhos caem para a minha boca antes de voltar para os meus olhos. Eu sinto que vou explodir. Estou com calor, suada e cansada, e estou respirando rápido demais.

“Você gosta dele?” Ele pergunta, parecendo frio e relaxado.

“Que diferença faz?”

“Gosta?”

Cravo minhas unhas no balcão. “Sim. Eu gosto dele. Sempre gostei dele. Eu gosto dele desde criança. Desde antes de te conhecer, e estou ansiosa por esse encontro há dias. Eu queria sair com ele. Queria me divertir.” Sei que estou dizendo essas coisas, mas elas soam estranhas para mim, como se eu estivesse tentando me convencer tanto quanto a ele.

Mesmo assim, vou em frente. “Acho que é por isso que você estragou tudo, não é? Porque isso teria matado sua diversão se eu fizesse uma coisa que me deixasse feliz.”

“Ele não teria te deixado feliz.”

“Como?”

“E nem Neal. Seu gosto para homens é uma droga.”

“O que?”

Ele coça a mandíbula e me olha de cima a baixo. “Mas, novamente, talvez você goste de sair com idiotas. Caras que te traem. Caras que não te colocam em primeiro lugar.”

Então ele chega ainda mais perto de mim. Estou tão impressionada com o que ele está dizendo que eu nem sequer protesto quando ele coloca as mãos no balcão de cada lado do meu corpo e fica sobre mim.

“É isso que você quer da vida, Blue? Um cara que não se importa com você. Um cara que não faz de tudo para estar com você”, ele sussurra. “Você deveria me agradecer. Eu te fiz um favor. Eu te salvei.”

Suas palavras sussurradas estão causando um tumulto no meu peito. Os sussurros podem fazer isso? Não deveriam ser suaves? Como eles podem fazer coisas más para o meu coração, então?

“A única coisa de que você precisa me salvar é de você”, eu sussurro.

Suas feições mudam para algo ainda mais ilegível. Algo duro como granito e afiado como vidro antes de dizer em tom rouco: “Acredite em mim, estou tentando.”

Uma dor nasce no meu peito e percebo que é meu coração.

Talvez esteja sangrando. Talvez as borboletas que ele criou em mim há muito tempo estejam cortando com suas asas selvagens.

No amor, você sangra para sempre.

Eu me pergunto se no ódio, você sangra para sempre também.

De alguma forma, minhas mãos se movem. Elas se desenrolam da borda do mármore e eu as coloco em seu peito. Com toda a minha força, eu tento afastá-lo, mas ele fica parado. “Então tente mais. Me deixe em paz.”

Eu não quero sangrar.

“Deixar você em paz, hein?”

“Sim. Você disse que se eu ficasse fora do seu caminho, você ficaria fora do meu. Você prometeu.”

“Mas você não está fora do meu caminho, está, Blue?” Ele lança, com as mãos ainda em ambos os lados do meu corpo. “Você invadiu meu quarto no meio da noite. É um crime, lembra? Você infringiu a lei para ficar no meu caminho.”

Eu seguro sua camisa, cada osso, cada músculo do meu corpo latejando de medo e com outra coisa que eu não posso nomear. “Você quer saber por que eu *infringi* a lei para invadir seu quarto? Porque estou cansada e exausta e não sei mais o que fazer. Eu não sei para onde ir, com quem conversar. Eu não quero me arrumar para um encontro para você arruiná-lo várias vezes.”

Empurro seu peito novamente enquanto eu continuo, “Eu vim aqui para ficar *no seu caminho*, porque eu quero que você me deixe em paz. Eu vim aqui porque quero que você cumpra sua promessa. Você estava certo. Esta cidade já tem o seu valentão e não sou eu. Eu não quero que seja eu. Eu não quero ser como você. Eu não quero que você me incomode. Eu não quero você em meus pensamentos. E farei qualquer coisa, *qualquer coisa*, incluindo tolerar sua presença por um tempo, se isso me libertar para sempre. Você entende?”

Vejo algo brilhar em seu rosto. Perigoso e quente.

Em chamas.

Chamas das quais irradiam e lambem meu corpo.

“Qualquer coisa, hein?”

Estremeço em seu tom baixo e *ilícito*. Um tom que é mais escuro que seus olhos, aqueles cílios grossos. Mais escuro que os fios de veludo da meia-noite de seu cabelo.

Os olhos de Zach caem para os meus lábios.

Minha boca está pulsando como meus pés. Talvez seu olhar tenha o poder de machucá-la.

Seu olhar desliza ao longo da minha garganta e se instala em meus seios, o pulsar descendo também.

Antes que eu possa formar palavras, Zach se move. Suas mãos envolvem minha cintura e ele ordena: “Abra suas pernas.”

“O que?”

Olhando de volta nos meus olhos, ele balança a cabeça uma vez. “Você quer que eu fique longe de você, não é? Quer que eu mantenha minha promessa? E você fará qualquer coisa por isso?”

Ele está... insinuando o que *imagino*?

Quando eu continuo olhando para ele com uma carranca, ele aperta minha cintura com força. Mais forte do que eu havia previsto, e eu choramingo.

“Responda. Você fará *qualquer coisa* para se salvar de mim, sim?”

Eu concordo. Sem palavras. Como uma bonequinha de plástico, sem cérebro.

“Então vamos ver o quanto você quer ser salva. Mostre-me o quanto você me odeia, Blue. Espalhe suas fodidas pernas.”

Eu tenho um caso sério de arrepios em seu tom baixo. Não tenho certeza se minhas coxas se abrem ou se ele abre caminho entre elas.

Mas de repente ele está aqui.

Entre minhas coxas.

“Você é um i-imbecil”, eu gaguejo nas minhas palavras, esfregando minhas unhas sobre seu peito, ofegando levemente no tamanho dele.

“Eu te ouvi nas primeiras mil vezes antes.”

As mãos de Zach descem da minha cintura, alisam meu vestido e o pulsar segue. Minha pele bate como meu coração sangrando.

Ele continua até alcançar a bainha do meu vestido, logo acima dos meus joelhos. No silêncio do banheiro, minhas inalações duras são o único som. Eu não consigo pará-las, mesmo que quisesse. Eu preciso de ar extra, oxigênio extra para poder sobreviver a isso.

Suas mãos bronzeadas ficam debaixo da saia e tudo o que posso ver são os pulsos dele, um deles com a tatuagem aparecendo.

A sensação de seus dedos calejados me faz levantar meus olhos para ele. Apenas para encontrá-lo olhando suas mãos em mim também. Algo sobre isso é tão... carente. Como se ele tivesse que olhar com os próprios olhos antes de acreditar que está me tocando.

Tocando a pele macia das minhas coxas, me fazendo contorcer.

“Zach...”

Ele levanta os olhos para mim. “Você é virgem?”

Minhas coxas tremem com a intimidade de sua pergunta. Na extensão de seu peito largo que enche toda a minha visão.

“O que?”

“Sua virgindade. Você tem?”

Eu deveria afastá-lo. Acabar com tudo isso. Eu posso simplesmente pular do balcão e ir embora. Eu não me importo se ele arruinar meus encontros, me usar para sua diversão.

Eu não me importo. Tudo bem. Eu não quero namorar, nem me apaixonar nem nada remotamente assim.

Contanto que eu não me sinta assim. Pesada e ofegante e tão, tão indolente, mas tão acordada e latejante.

Mas minha boca se abre e eu respondo a pergunta dele. “Não.”

Seu polegar se move em círculos, quente e áspero contra a minha pele macia, quando ele diz: “Você está mentindo.”

Estou.

“Eu não estou”, eu respondo, lutando contra o efeito de seus polegares circulando.

Por que é hipnótico?

Está me deixando sonolenta.

Sua pele é esfolada e meio descascada em alguns lugares — provavelmente da moto — e todo círculo que ele faz parece áspero, cheio de atrito.

A boca de Zach se estica em um sorriso lento. “Mas você cora como uma.”

Em seguida, ele se move novamente. Colocando pressão em minhas coxas, ele me desliza no balcão até que minha bunda quase fica pendurada na borda. Engata minhas panturrilhas ao redor de sua cintura e meus tornozelos se cruzam na parte baixa de suas costas, apenas por cima de sua bunda firme.

Pensei que seus polegares estavam me deixando louca, mas a costura de sua calça jeans ao longo das minhas coxas transforma cada respiração em algo... erótico.

Antes que eu possa me concentrar nisso, Zach agarra meu rosto.

Suas mãos são tão grandes que cobrem toda a minha bochecha, indo até o meu cabelo bagunçado. “Então, se eu empurrar sua calcinha para o lado e enfiar meu dedo dentro de você, não encontrarei aquele pedacinho de carne que prova que você é intocada?”

Estremeço na imagem gráfica que ele pintou.

Dentro de mim. O dedo dele.

Dedos que estão emaranhados no meu cabelo agora. Dedos ásperos e brutos.

Eu balanço a cabeça. Só não sei para o que estou balançando. Estou dizendo a ele que não pode fazer isso? Ou respondendo sua pergunta?

“Eu não vou, hein?” Ele toma como resposta. “Não vou encontrá-lo.”

“Não.”

Por que estou mentindo?

Seus dedos no meu cabelo apertam. “Quem tirou?”

“O que?”

“Quem. Tirou?”

“Quem tirou o quê?”

“Sua virgindade. Para quem você deu?”

Meus lábios se abrem sob os seus pairando. Quando chegamos tão perto? Sem tocar, mas respirando sobre a pele do outro.

Agarrando seus pulsos, eu encontro minha voz. “Não é da sua conta.”

Seus olhos negros estão sondando. “Quando isso aconteceu?”

“Depois que você foi embora.”

Seu sorriso é frio. “Doeu?”

Eu dou um aceno de cabeça.

“Sim. Ele era grande?”

“Pare. Por favor.”

“Ele era grande ou não?” Ele aperta minhas bochechas, seus dedos enrolados em meu cabelo como um torno. “Ele te esticou, Blue? Ou sua buceta é apertada pra caralho para mim?”

Não tenho ideia do que está acontecendo. Eu literalmente *não tenho ideia* por que ele está fazendo essas perguntas.

Tudo o que sei é que estou vermelha, tremendo e palpitante.

Tudo dentro de mim está... um caos. As batidas do meu coração, todo o ar extra que estou sugando, o puxão no meu estômago.

É como um terremoto.

Eu sou uma vítima de um terremoto. Eu sou uma vítima dele.

“Ele esticou... ele me esticou”, eu sussurro, olhando para ele com olhos embaçados.

Exceto que as vítimas não deveriam sentir dor? Não deveriam estar sem vida ou perto disso?

Eu não sou nada disso.

Estou viva. Eu tenho mais vida em mim do que qualquer outra pessoa nesta terra.

Zach engole, seus próprios olhos parecendo vítreos como os meus.

“Não minta para mim, Blue”, ele diz, agarrando meu cabelo com força.

Eu sacudo quando ele diz meu nome. Bem, o nome que ele deu para mim. O nome que eu *sempre* amei em segredo. Na verdade, nem sequer admiti

isso para mim mesma.

Estou admitindo agora.

Talvez porque Zach não só diz isso, ele me faz sentir o gosto. Eu nunca pensei que pudesse provar um nome, especialmente o meu. Mas o meu tem gosto... almiscarado e picante.

Como se fosse um soro da verdade, as palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las. “Você vai encontrar. A... coisa. Dentro de mim.”

Seus lábios também se abrem e ele expela uma respiração reprimida. Eu tomo seu ar, enchendo meu corpo com o que já foi dele.

“Zach, eu—”

Minhas palavras são interrompidas quando ele se afasta dos meus lábios. Um momento depois, sinto-o no meu pescoço. Ele está tocando a linha da minha garganta.

Eu aperto seus braços. “V-você está me cheirando?”

“Sim”, ele geme.

Eu vacilo e meu pescoço se inclina para o lado. Eu não sou nada perante sua agressão agora. A maneira como ele está cheirando meu pescoço, como se estivesse cheirando uma linha de cocaína. Eu não sou nada diante dessa necessidade.

Necessidade de um viciado.

“Por quê?”

“Porque você cheira bem. Como açúcar.”

E o açúcar é sua coisa favorita no mundo. Ele está comendo meu cheiro.

Deus.

Arqueio minhas costas quando ele chega ao triângulo da minha garganta, e eu dou uma profunda fungada também. O que eu cheiro é exatamente o que eu senti quando adormeci, em sua cama.

Sua torta de mirtilo e cheiro almiscarado.

“V-você cheira bem também”, eu deixo escapar, em seguida, fecho os olhos com vergonha.

Zach levanta a cabeça e eu tenho que abrir minhas pálpebras quando sinto sua respiração ofegante sobre meus lábios.

Ele parece drogado, eu juro.

Suas pupilas estão dilatadas, girando como se ele realmente tivesse tomado algo potente, uma droga que aumenta seu batimento cardíaco e manda você para a estratosfera.

“Sabe o que mais eu vou encontrar?” Ele diz, seus dedos tocando o pulso no meu pescoço.

“O que?”

“Se eu tocar sua boceta agora mesmo. Sabe o que vou encontrar?”

A palavra B é ainda mais íntima do que a palavra V e eu não consigo parar de arquear ainda mais as minhas costas e prender sua camisa.

E também não posso impedir minha boceta de apertar, abrir e fechar como uma boca. “Não.”

Zach esfrega nossos lábios. “Molhada. Eu vou encontrá-la molhada. E inchada, escorregadia e fodidamente excitada.”

Escorregadia.

Estou escorregadia.

Eu posso sentir. A umidade, aderindo a minha calcinha.

“Eu posso sentir seu cheiro daqui. Sua boceta está molhada, Blue. Ela está tão molhada. Ela está vazando. Para mim. Ela me quer. Ela não me odeia, não é?” Ele diz, derramando suas palavras na minha garganta, bloqueando-a com elas.

Ele tem razão.

Ele tem.

Eu também posso sentir meu cheiro. Tenho cheiro picante e almiscarado, assim como o meu nome.

E então eu me vejo.

Aberta em torno dele. Meu vestido levantado até o topo das minhas coxas, minha pele pálida está brilhando sob a luz. Estou segurando em seus ombros como se ele fosse me salvar de tudo de ruim no mundo.

Quando *ele* é tudo de ruim no mundo.

No *meu* mundo. Ele.

Mas o que me choca mais do que tudo é que ele está... duro. Seu pau está duro e pressionado contra minha parte mais íntima.

A protuberância em seu jeans está bem na minha calcinha molhada e eu *gosto* do peso dele, do calor.

“Eu não. Eu não... quero...”

Finalmente, Zach para e olha nos meus olhos e uma lágrima cai, escorrendo pelo meu rosto.

Seu polegar limpa essa lágrima com uma ternura que mais algumas soltam e seguem seu caminho.

“Você não quer se sentir assim, não é?”

Eu sacudo a cabeça. “Não. Não por você. N-não por alguém que...” Eu engulo quando as palavras saem de algum lugar muito, muito fundo dentro de mim. “Alguém que me faz odiar. Alguém que não me deixa seguir em frente e esquecer. Você me muda. Eu não sei como faz isso, mas você me transforma em uma versão pior de mim mesma.”

Algo explode no meu peito. Uma bomba de memórias.

Lembranças daquela noite há três anos quando eu disse todo tipo de coisa para ele: a noite do baile.

Você sabe como no amor, você se torna uma pessoa melhor? Você me torna uma pessoa pior, Zach. Eu nunca odiei ninguém do jeito que eu te odeio. Você não é nada além de um grande valentão. Isso é tudo que você sempre será. Eu nunca vou te perdoar pelo que você fez hoje à noite. Por todas as coisas que você fez antes. Eu vou te odiar até o dia que eu morrer...

Zach inala pelo nariz, cerrando os dentes. “Sim. Eu transformo, não é? Então, da próxima vez, quando eu disser para você ficar longe de mim, faça isso. Se eu olhar para você, olhe para o outro lado. Se você me vir andando pelo corredor, vire-se e tome um caminho diferente. Porque da próxima vez que eu te vir na minha frente, vou aceitar como convite. Se você continuar se jogando em mim, eu vou te pegar. E eu vou fazer você pagar por isso deitada.”

Zach retira o seu toque e recua.

Eu fecho minhas coxas e pulo do balcão. Minhas lágrimas não param de cair e a última coisa que vejo é sua mão passando através de seu cabelo.

Então, estou fugindo dele. Do seu quarto. Do lugar onde ele cresceu. O lugar com sete torres e uma janela de vidro onde dá pra ver as estrelas.

Eu rasgo todas as minhas feridas enfaixadas enquanto corro e corro. Por quilômetros e horas. Até chegar a casa em que *eu* cresci.

Caminho até uma janela aberta e entro na cozinha e subo os degraus fracos até o meu quarto.

Em seguida, eu me enrolo no chão e soluço.

Capítulo 12

O Príncipe das Trevas

Quando eu tinha uns sete anos, fiz um cartão para os meus pais para o aniversário deles.

Eu não sei o que eu estava pensando, mas acho que queria impressioná-los. Eu queria mostrar a eles que eu era normal, como qualquer outra criança.

Eu queria que eles se orgulhassem de mim.

Mas acho que foi pedir demais.

Meu pai deu uma olhada no cartão e seu rosto franziu. Lembro-me dele amassando-o nas mãos e jogando no fogo.

“Você sempre será uma aberração analfabeta, não é?”

Eu não sabia o significado de *analfabeto*, mas pela sua expressão e pelo jeito que ele bebeu o uísque em seu copo de uma só vez, me fez pensar que não era uma coisa boa.

Lembro-me da minha mãe entrando e tentando consolá-lo. “Tudo bem, Ben. Nós temos os melhores professores. Com prática, até o próximo ano, você nem saberá—”

“Que ele é defeituoso?” Meu pai apertou os dentes. “Talvez seja você. Talvez eu não devesse ter casado com você. Porque sei que não sou eu. Eu sei que *eu* não o tornei lento. Não demorei tanto para aprender a escrever.”

Observei minha mãe chorar com isso, e então meu pai se virou para mim. “Vá para o seu quarto e fique lá. Não há comida para você até que você possa escrever seu maldito nome direito.”

Eu não lembro muito depois disso. Lembro-me de gritar — meus pais brigando, e sei que Nora levou comida para o meu quarto mais tarde naquela noite.

Ela adorou o cartão que eu fiz. Ela até me disse que me amava.

Eu nunca disse de volta. Nunca disse que *eu também te amo*. Algo me fez calar. Talvez pelo fato dela estar olhando para mim com pena, ou pode ser

que eu nunca acreditei nela.

Apesar da idade, eu entendia que era o que se fazia, quando alguém dizia *eu te amo*.

Foi por isso que escrevi no cartão.

No cartão, eu escrevi: *eu te amo, mamãe e papai*, junto com meu nome completo; eu estava praticando muito, pegando o jeito das letras.

Estava esperando que eles dissessem isso de volta para mim, mas acho que errei as letras e lá se foi o meu *eu também te amo*.

Em minha defesa, eu tinha sete anos. Eu era patético. Eu ainda estava tentando ganhar a aprovação do meu pai, tentando mais, sendo bom, fazendo cartões estúpidos.

Eu não estou mais.

Eu não preciso de amor. Eu não preciso de aceitação ou aprovação. Eu os rejeito antes que possam me rejeitar.

Mas Blue é diferente. Ela ainda é ingênua. Ela acha que o amor é uma coisa incrível e mágica. Ela quer se apaixonar.

É engraçado como as pessoas esquecem que se apaixonar se chama *cair no amor*. Há uma razão para isso. Você cai e quebra a porra da sua perna e sangra. O amor é isso. Sangrar, se cortar de propósito.

É uma fraqueza ser tão louco que você se machucará por outra pessoa. Ou que amará alguém, apesar do quanto eles te machuquem.

Mas tanto faz.

Ela não é problema meu.

Pensando bem, reconheço que agi tolamente esta noite. Eu sabia que era um erro. No momento em que inventei uma desculpa para arruinar seu encontro.

Honestamente, não tenho ideia de por que fiz isso. Talvez eu estivesse apenas fazendo um favor a ela. Que Ryan não é para ela. Ele não é homem o suficiente para ficar com ela.

Mas talvez eu deva deixá-los em paz. Talvez Blue precise de um pouco de desgosto em sua vida para ver a realidade.

Olho para a cama onde eu a encontrei dormindo, seu cabelo azul esparramado no meu travesseiro.

E depois, há as sandálias dela: também azuis e cheias de minúsculas gotas de sangue. Há pequenos recortes onde os dedos dos pés e o calcanhar dela entravam no plástico barato.

Porra.

Não é de admirar que ela estivesse sangrando. E ela vai sangrar ainda mais porque fugiu daqui descalça.

Rangendo os dentes, eu esmago suas sandálias em minhas mãos e passo para o armário. Abrindo a porta, eu as jogo dentro e fecho com um estrondo.

Meu pau está duro pra caralho. Mais duro do que nunca.

Eu entro no chuveiro e tento limpar a sensação dela. Eu tento limpar seu perfume, sua suavidade.

E quando a memória dela se torna demais, eu puxo meu pau.

Eu ouço suas palavras na minha cabeça: *Eu não quero... Não por alguém que me faz odiar.*

Lágrimas nunca foi minha praia. Mas ainda assim, eu me masturbo por ela.

Eu bato, puxo, arrasto, até que eu estou gozando por toda a parede de azulejos, pensando no cabelo azul dela e no cheiro de açúcar.

Porra.

Porra do caralho.

Porra.

Coloco as mãos na parede que tem meu sêmen e respiro fundo, eu fecho os olhos. Provavelmente em arrependimento. Mas então eu coloco um fim nisso.

Ela me odeia mesmo.

Mais um crime contra ela não faria diferença.

Capítulo 13

“Como isso começou?” Tina pergunta.

Olho para cima de onde estou misturando ingredientes para assar cupcakes para a venda de bolos de Art. Sou uma droga nisso, mas Doris está doente e eu me ofereci para ajudar. Então estou ajudando, ou pelo menos tentando.

“Isso o que?” Eu pergunto.

“Essa coisa toda entre você e Zach. Tipo, o que aconteceu? Por que ele te tortura de todas as pessoas?”

Eu volto a mexer a farinha. “Porque ele é mau. E rico, e isso lhe dá o direito de fazer o que quiser.”

Isso não é algo novo. Eu contei a ela mil vezes. Ela me ouviu chorar e reclamar disso por anos. Eu não sei por que ela está nisso de novo, no entanto.

“Você se lembra da primeira vez que se encontraram?”

Eu paro de misturar; já está *incorporado* mais do que a receita pedia.

A primeira vez.

Eu mal me lembro disso, exceto que era meu primeiro dia de aula e eu estava com fome o suficiente para pegar *emprestado* palitos de cenoura e então, eu o encontrei na sala de detenção.

Embora, lembro que ele estava olhando pela janela, olhando para uma fonte de água, e seu uniforme estava tão bagunçado e enrugado quanto o meu. Lembro-me desse desejo total de falar com ele, o único garoto que se parecia comigo: sujo e desarrumado.

Eu me lembro dessa fisgada no meu estômago. Batendo e tremulando. Na época eu pensei que estava com tanta fome que minha barriga estava fazendo barulhos estranhos. Mais tarde, percebi que eram as borboletas, e essa fisgada era a conexão miserável entre nós.

De qualquer forma, quando falei com ele, ele se revelou um completo idiota que me chamou de ladra, sorrindo, me olhando de cima a baixo como se eu fosse uma rejeitada ou algo assim. Eu fiquei com raiva disso, e posso ter dito algo de volta.

Mas, novamente, não me lembro.

“Na verdade não. Quero dizer, eu tinha tipo dez e na detenção. A única coisa que se sobressai é que ele era muito arrogante, rude e eu o odiava.”

Tina tamborila os dedos no queixo. “Eu gostaria de lembrar o que você me disse.”

“Por que estamos falando sobre isso de novo?”

“Porque já chega.” Ela bate a mão na ilha. “Precisamos falar com ele.”

“O que? Não.”

“Sim. Você vai esperar por ele ir embora e depois ir a encontros? Ou se divertir e viver sua vida?” Ela balança a cabeça. “Você não pode esperar por ninguém, Cleo. Não pode ter medo dele. Ele precisa aprender sua lição. Esqueça sobre deixar pra lá. Você estava certa. Justiça é a resposta.”

“Não é. Nós não vamos a lugar nenhum e eu não tenho medo dele.”

Eu não tenho. Na verdade não.

Eu tenho medo de mim mesma. Das coisas de que *eu* sou capaz.

A noite passada foi exatamente como o baile de formatura. Até as palavras que usei foram as mesmas.

Isso é o que ele faz comigo. Ele me provoca. Provoca e provoca e eu me torno algo completamente diferente.

Não seja como eu.

Depois que eu fugi ontem, passei a noite na minha antiga casa. Eu não consegui dormir, não como dormi na cama de Zach, mas fiquei deitada ali, enrolada e chorando até a manhã chegar. Eu tive presença de espírito suficiente para carregar um celular no bolso do meu vestido e mandar uma mensagem para Tina dizendo que estava passando a noite na casa dos meus pais.

Eu disse a ela coisas. Mas nem tudo. Não sobre a minha estupidez em invadir o quarto dele. Não sobre o que aconteceu entre nós.

E como eu respondi.

Como eu fiquei... toda excitada e *Jesus Cristo*, molhada.

Eu estava molhada. Por Zach.

“Por que não?” Ela pergunta, depois de um tempo.

Eu suspiro. “Porque eu disse, ok? Deixe isso em paz.”

Ela apoia as mãos nos quadris e olha para mim com desconfiança. “Por que acho que você está escondendo algo de mim?”

Com um coração saltitante, eu minto: “Eu não estou. Você é paranoica. Agora vamos preparar esses cupcakes, ok?”

Ela continua me olhando, mas eu não presto muita atenção de onde estou medindo os ingredientes líquidos.

“Credo, pare de me encarar. Você vai me fazer errar”, eu digo alguns instantes depois.

“Tanto faz. Fazer cupcakes é a ideia mais idiota, a propósito. Brownies. Faça brownies. Eles são quadrados e, portanto, mais fáceis.”

Ela está certa, mas eu não vou dizer isso a ela.

No momento em que terminamos com os cupcakes, é hora do jantar e eu digo a Tina para pedir pizza e decido ir buscar Art.

Ele está brincando lá fora por algumas horas agora. Além de fazer cupcakes para a venda de bolos, eu disse a Doris que ficaria de olho nele enquanto ela descansava. Então Art passou a tarde toda comigo e assistimos a um filme do Batman.

“Art”, eu chamo assim que saio para o calor abafado, mas não obtenho resposta.

Ele não está onde eu o deixei no quintal, com sua bicicleta e todos aqueles brinquedos que ele gosta de brincar; o carro que ele pode dirigir e seu caminhão de bombeiros e essas coisas. Eu juro, metade das coisas dele está no nosso lugar.

Eu chamo o nome dele pela segunda vez. Nada novamente.

Meu coração bate descompassado.

Sei que ele deve estar por perto. Eu sei disso. Às vezes ele gosta de dar a volta e brincar na floresta. Eu já brinquei com ele lá.

Mas por que ele não está respondendo? Ele responde. Ele *sempre* responde.

Apesar dos meus pés ainda latejantes, eu corro, pensando que ele deve estar lá atrás.

Ele tem que estar. Para onde ele iria? Este é um lugar seguro; ele brinca aqui há anos, mesmo antes de eu aparecer.

Ele está bem.

Eu vou virar no canto e vou encontrá-lo brincando na floresta. Ele vai sorrir para mim timidamente e me dizer que quer que eu brinque com ele. Ele vai me mostrar o forte que construiu com seus brinquedos e pedras como ele fez uma vez. Vou bagunçar o cabelo dele porque não posso resistir quando ele está sendo fofo e depois vamos comer pizza.

Mas ele não está lá.

“Art!” Eu chamo de novo. “Onde está você?”

Eu continuo indo mais longe, apesar de nunca tê-lo visto ir tão longe. Doris uma vez me disse que ele é tímido. Ele nunca vai a lugares que não reconhece. Quando comecei a ser babá dele, ela disse: *Ele é um garoto bastante fácil. Você não terá problemas com ele.*

E eu nunca tenho.

Mas agora eu o perdi de alguma forma.

Eu continuo chamando o nome dele, mas eu ainda não recebo uma resposta.

“Oh Deus, oh Deus, oh Deus”, murmuro, curvando-me, colocando minhas mãos em meus joelhos.

Onde ele foi?

“Art!” Eu grito como uma louca. “Volte aqui!”

Então, de repente, alguém está me sacudindo.

“O que está acontecendo? Eu podia ouvir você da casa”, Tina pergunta, segurando meus braços.

Eu a vejo através do brilho das lágrimas.

“Eu não consigo encontrar Art. Eu não consigo...” eu ofego. “Eu não consigo encontrá-lo. Oh meu Deus, eu o perdi, Tina. Eu o perdi.”

“Ok, acalme-se. Relaxe. Nós vamos procurá-lo juntas. Ele deve estar em algum lugar por aqui”, Tina diz.

Eu concordo. “O-ok.”

Então uma longa sombra se aproxima de nós e meu foco muda.

É Zach. Ele está caminhando, seus passos longos e determinados.

Eu não sei o que acontece comigo, mas eu solto Tina e minhas pernas começam a se mover. Eu corro em direção a ele, como eu corri ontem quando ele arruinou meu encontro.

Eu quase bato nele, mas ele me impede, me firma com as mãos e olha para mim com uma carranca. “O que aconteceu?”

Eu agarro seus pulsos. “Doris, uma das empregadas, e-ela tem um neto, Art. Eu devia tomar conta dele. E-Eu sempre tomo conta dele. Ele estava brincando do lado de fora e eu estava de olho nele, mas depois eu esqueci porque eu tinha que... eu tinha que fazer cupcakes para a venda de seus bolos. E quando fui procurá-lo, ele não estava lá. Eu n-não sei onde ele foi, Zach. Acho que o perdi. Eu não—”

Ele aperta meus braços. “Ei, ele está bem. Ele está bem. Eu vou encontrá-lo.”

Olho para o rosto dele, todo focado e duro. E ele está inclinado sobre mim com todo o seu corpo. Ele está escondendo o sol atrás de seus ombros e costas fortes.

E eu sei por que corri para ele agora.

Zach é grande e forte e... e ele é capaz. Ele conhece esse lugar. Eu *sei* que ele encontrará Art.

Eu sei isso.

“Ele é um bom garoto. Ele é tão pequenininho e se ele estiver ferido? Eu não... Ele simplesmente desapareceu. Como ele pode desaparecer, Zach?”

Ele endurece com minhas palavras, seus dedos se tornando rígidos em minha carne. Antes que eu possa perguntar o que está acontecendo, ele me solta e sai correndo em direção à floresta.

Eu sigo.

É difícil acompanhá-lo. Meus pés estão gritando de dor e seus passos são longos. Mas eu continuo indo. Acho que Tina está atrás de mim, mas não tenho certeza.

Entramos fundo na floresta, mais fundo do que nunca, antes de Zach parar e se ajoelhar no chão.

Aqui, o chão está coberto de folhas mortas e secas e as árvores formam um dossel acima. Há muito pouca luz do sol e tudo está mais frio.

Eu não gosto disso.

Quando me aproximo de Zach, percebo que ele está olhando para alguma coisa.

É um buraco no chão.

Fico de joelhos ao lado dele, as folhas esmagando debaixo dos meus joelhos. Mas eu não me importo com isso porque é uma queda de três metros e Art está lá no fundo.

“Art!” Eu grito, quase caindo.

Mas Zach me puxa da borda, com os braços em volta da minha cintura.

“Não, não, não. Eu tenho que ir pegá-lo. É minha culpa. Eu não estava fazendo o meu trabalho. Eu tenho que—”

Ele aperta minha cintura, ajoelhado ao meu lado. “Não, eu vou pegá-lo.”

Agarro sua camiseta. “Por que ele não está se movendo? Me diga por que ele não está se movendo.”

Zach emoldura meu rosto com as mãos e aplica pressão, fazendo-me olhar para ele. “Porque ele está inconsciente. É uma queda alta. Ele está bem.”

“M-mas—”

“Ele está respirando, Blue. Eu chequei.”

Meus olhos lacrimejantes correm por seu rosto. Freneticamente. Loucamente. Como se eu não conseguisse o suficiente de seus traços fortes e angulados. Como se eu nunca tivesse o suficiente.

“A-apenas traga-o de volta. Por favor”, eu sussurro, lágrimas entupindo meus olhos e minha garganta.

Suas narinas dilatam enquanto ele estuda minhas feições, e balança a cabeça. “Você fica onde está.”

Eu aceno de volta.

Ele me solta e entra em ação.

Suas mãos batem no chão, como se procurassem algo sob as folhas. Alguns tapinhas depois, ele acha.

É uma raiz longa e grossa, enterrada sob a folhagem caída, conectada a uma enorme árvore que eu nem percebi até agora. A raiz é espessa e resistente e parece estar descendo para o buraco.

Quando Zach aperta, provavelmente tentando usá-la como uma corda, eu ouço passos se aproximando.

Tina está ajoelhada ao meu lado. “Você está bem? Nós o encontramos?”

“Sim. Ele está aí.” Eu gesticulo com o queixo.

Zach se concentra em Tina. “Eu quero que você vá e traga uma corda. E traga um funcionário com você.”

Assentindo, Tina aperta meus ombros. “Eu volto já.”

Com isso, ela gira e corre de volta.

Usando a raiz, Zach se abaixa no buraco, e eu rastejo até a borda, olhando para baixo. Art ainda está inconsciente e meu corpo começa a tremer.

Oh Deus.

Como eu estraguei tudo? Eu nunca serei babá dele novamente. Nunca.

Mas então, vejo o minúsculo peito de Art se mover. Para cima e para baixo. Num ritmo.

Ele está respirando.

Graças a Deus.

Assim como Zach disse.

Que está quase no fim da raiz firme e suspensa, que só vai até a metade. Antes que eu possa me parar, eu digo: “Tenha cuidado.”

Zach olha para cima em minhas palavras e eu mordo o lábio.

Eu não deveria ter dito isso. Quero dizer, é um pouco pessoal e legal. Eu deveria odiá-lo, certo?

Mas pensei... que eu tinha o direito de dizer isso.

E não vou retirar o que disse.

“Por favor”, eu digo, agachada em minhas mãos e joelhos, espreitando para ele, com o cabelo suado caindo ao redor do meu rosto corado.

Seus olhos escuros não dizem nada, mas ele dá um aceno de cabeça. Em seguida, olha para baixo e solta a raiz.

Eu suspiro quando ele cai no chão, aos pés de Art. Foi suave e sem esforço.

Ele se ajoelha ao lado de Art e minha voz se quebra quando eu pergunto: “Ele está bem?”

Zach pega Art nos braços. Isso também é fácil. E suave e gentil enquanto ele embala a cabeça dele.

Eu não consigo parar de chorar, mesmo se quisesse; eu não quero.

Eu não quero parar de chorar porque tudo está inflamado dentro de mim, cru e abalado. E toda a mão de Zach cobre a cabeça de Art enquanto ele provavelmente procura por uma lesão. Ele acaricia a cabeça de Art lentamente, quase como uma carícia e eu tenho que cavar minhas unhas no chão para me manter firme.

Ainda olhando para Art com uma careta cuidadosa, Zach diz: “Ele está bem. Ele tem um galo na parte de trás da cabeça. Mas ele vai ficar bem.”

Aperto o punho na boca para impedir que todos os soluços saiam.

“V-Você está bem?” Eu pergunto, e do jeito que Zach levanta a cabeça me faz acreditar que era a coisa errada a dizer.

Foda-se.

Eu não estou com medo dele. O que eu estou agora é muito emocional e quase desequilibrada. Eu não me importo se a minha preocupação é um sofrimento para ele.

A resposta de Zach é uma carranca sombria e silêncio.

Logo em seguida, Tina está de volta com a corda e ela trouxe outros funcionários, incluindo Ryan, com ela.

“Onde está Zach?” Ela pergunta enquanto para ao meu lado.

“Lá em baixo.”

Ryan se ajoelha no meu outro lado, preocupação evidente em seu rosto. “Você está bem?”

“Sim.”

Em um tom conciso, Zach instrui Ryan e os outros a jogarem a corda para ele e explica o que fazer. Cinco minutos depois, ele está fora e Art está em meus braços.

“Oh, Art, eu sinto muito.” Eu o abraço, cheirando seu cabelo, beijando sua testa.

Eu sinto o galo na parte de trás de sua cabeça e percebo que ele precisa de um médico. Estive tão focada nele saindo, eu nem imaginei quanto tempo ele estava lá.

“Precisamos ir para o hospital”, digo ao grupo, ao meu lado.

“Sim, vou preparar o carro, vamos”, Ryan diz, levantando-se.

“Alguém precisa contar a Doris”, um dos funcionários diz.

Embalando Art, eu também consegui ficar em pé.

Doris. Sim. Alguém precisa dizer a ela o quanto eu estraguei tudo quando deveria tomar conta de seu neto.

E não vamos esquecer o carro.

Tina vai dizer alguma coisa, provavelmente sobre minha fobia de carros, mas eu balanço a cabeça uma vez para dizer a ela para calar a boca.

Eu posso lidar com isso.

O carro é a solução perfeita. De que outra forma chegaríamos lá? O ônibus não é uma opção. Vai demorar muito mais para chegar lá e Art precisa de atenção médica agora.

Ryan embala meu rosto daquele jeito gentil dele. “Ei, tudo vai ficar bem. Não foi sua culpa. Essas coisas acontecem. Art vai ficar bem.”

Eu aperto os ombros de Art, colocando-o no peito e aceno com a cabeça. “Sim, ok, obrigada. Vamos—”

“Eu chamei o médico. Ele estará aqui logo.” A voz de Zach rompe meus pensamentos em pânico.

Ele está se afastando do grupo e eu vejo seus olhos enquanto olham para onde Ryan está me tocando. “Não há necessidade de ir a lugar nenhum.” Em seguida, diz a um funcionário, “E peça a alguém para fechar esse buraco.”

Com isso, ele se afasta, saindo.

Há folhas agarradas a seus jeans, suas botas, lama endurecida nas mangas da camisa, até nos cotovelos e braços.

Ele está recuando, indo embora, depois de salvar Art e até mesmo eu. Com Art em meus braços, pesada e inconsciente, vou atrás dele.

“Espere. Zach.”

Ele para, mas não se vira. Eu continuo indo até ficar diante dele. De alguma forma, ele também ficou com uma pequena sujeira no lado da mandíbula. Eu tenho um desejo muito forte e potente de estender a mão e limpar.

“O quê?” Ele diz num tom mordaz.

“Eu... Como você sabia do buraco? Como sabia que Art poderia estar lá embaixo?”

O sol não se move e nem o ar. Está tudo quieto e quente, mas estranhamente, o rosto de Zach, seu corpo inteiro fica sombrio.

Escuridão corta suas feições, seu comportamento, como na noite passada, quando ele sentou naquela cadeira, com toda a galáxia às suas costas.

“Zach—”

Suas palavras ásperas me param. “Porque eu estive lá embaixo.”

No começo, acho que não o ouvi claramente. Mas quando o olhar rígido do seu rosto não desaparece, percebo que sim.

Eu o ouvi claramente.

Agarrando Art no meu peito ainda mais apertado, pergunto: “Quando?”

Ele aperta a mandíbula antes de dizer: “Há muito tempo.”

E então, ele gira e sai.

Capítulo 14

O Príncipe das Trevas

Eu tinha dez anos quando caí naquele buraco.

Nessa época, eu parei de fazer cartões bobos ou tentar melhorar ou ser melhor. Só para eles me amarem de volta.

A essa altura, aprendi a sair da casa principal e vagar livremente pelos jardins. Eu tinha um plano inteiro para fugir assim que descobrisse como ganhar dinheiro e economizar o suficiente para sobreviver sozinho. Apesar da maneira como surgiu — eu, ir embora — não era como eu esperava que fosse.

Eu estava no buraco por horas. Por toda a noite, na verdade.

Eu me lembro de tentar sair sozinho, agarrando as raízes e me levantando. Eu também me lembro de ter caído muito na minha bunda.

Quando me cansei, lembro-me de ter deitado ali e olhado o céu. Eu pensei que ninguém nunca me encontraria. Ninguém se importaria em procurar, definitivamente não meus pais.

Quando parei de tentar conseguir a aprovação deles, eles pararam de se incomodar comigo. Eles me entregaram para babás, tutores, empregadas domésticas, quem pudessem encontrar para se livrar do seu filho. Eles pagaram-lhes dinheiro suficiente para não abrirem suas bocas sobre minha deficiência.

Meu pai não queria que o mundo soubesse que seu filho era nada menos que perfeito. E nem ele queria perder seu tempo com um garoto imperfeito.

E minha mãe? Bem, minha mãe nunca quis que uma criança para começar. Ela não queria que nada interferisse em suas festas e em sua vida rica e despreocupada. Ironicamente, era o meu pai que queria um filho. Então, quando minha mãe lhe deu um imperfeito, ela fez tudo o que podia para compensar o fato, inclusive negligenciando a dita criança.

Eu me lembro de querer gritar naquele buraco. Gritar por minha mãe, meu pai, até. Eu me lembro de fazer acordos com Deus que eu tentaria mais. Eu

não escaparia dos meus tutores. Passaria o tempo praticando lições. Eu não seria deliberadamente difícil ou causaria problemas.

Apenas me tire desse buraco.

Mas também me lembro de ter me parado e ficado com raiva. Eu pensei, por que diabos eu deveria tentar? Nada é bom o suficiente para eles. Não importa o quanto eu praticasse, meu pai encontraria uma falha e me golpearia.

Eu fui dormir, debatendo e exausto.

Foi Nora quem me encontrou no dia seguinte. Ela enviou uma equipe de busca quando entrou no meu quarto para me acordar para a escola.

Por dois dias eu fiquei na cama; torci meu tornozelo. E por dois dias, Maggie e Nora foram as únicas que cuidaram de mim.

Quando disseram aos meus pais, a reação do meu pai foi fingir que isso nunca aconteceu. E a reação da minha mãe foi dizer: “Por que você continua criando problemas, Zach? Por que você não pode ser um garoto bom e quieto? Você sempre tornou as coisas difíceis para mim.”

Sim, mãe. Eu estava deitado em um maldito buraco a noite toda e as coisas são difíceis para você.

Acho que ela contava que eu caísse para minha morte ou algo assim. Embora ela nunca dissesse nada grosseiro assim, mas a decepção era bem clara em seu rosto.

Sim, sou uma grande decepção. Para todos.

Não para *ela*, no entanto.

Blue nunca ficou decepcionada comigo porque ela sempre pensou o pior. Ela sempre me olhou com repulsa e ódio.

É reconfortante. Familiar. É como todo mundo na minha vida olha para mim, exceto Nora e Maggie. Entretanto, elas estão sendo pagas, não estão, para serem legais comigo.

O que não é reconfortante é a maneira como Blue olhou para mim hoje quando encontrei o garoto e o tirei do buraco.

Hoje ela olhou para mim como se eu tivesse movido as estrelas.

Dói.

Ainda dói.

Eu nunca pensei que doeria. Nunca pensei que o olhar ingênuo, inocente e *caloroso* em seus olhos seria tão brilhante e forte.

Nunca pensei que isso me deixaria com raiva.

Isso me fez querer lembrá-la de quem eu era.

Mas também me fez querer agarrá-la e beijar a porra daqueles lábios pintados de azul.

E isso nunca pode acontecer.

Ela não vai deixar.

Capítulo 15

Todo mundo acha que ele é o príncipe.

O salvador. O herói.

Eles não pararam de falar sobre como ele tirou Art do buraco. Em todos os lugares que eu viro, alguém está falando sobre o novo Sr. Prince.

O pessoal da cozinha bajula-o quando ele vai tomar o café da manhã. Grace afirma que ele sorriu para ela enquanto passavam pelo corredor. Doris o chama de *meu bom menino*.

“Eu entreguei a garrafa para ele”, Leslie suspira para nós de pé nas escadas na ala dos criados, subindo as escadas para o primeiro andar. “Ele estava malhando na piscina e eu estava saindo da casa da piscina, sabe. Ele disse, *ei, com licença? Você pode me entregar essa garrafa de água?* Eu tinha uma nova garrafa de água.” Reviro os olhos para essa declaração óbvia, mas ela continua, “Eu entreguei e...” Ela faz uma pausa para suspirar. “Nossos dedos se tocaram.”

“Sério?” Os olhos de Grace estão arregalados.

“Sim. Oh meu Deus, seus *dedos*. Eles estavam tão quentes.”

Eu cerro meus dentes. Eu sei tudo sobre seus dedos. Eu sei o quão quentes eles são, quão ásperos, como as pontas são calejadas e raspadas.

Eu sei qual sensação deles quando estão em minhas coxas, no meu cabelo, no meu pulso.

Eu sei.

Enquanto elas conversam e falam como se o conhecessem, assumo que estou com ciúmes. Já faz uma semana desde que ele resgatou Art e eu não tive a chance de falar com ele.

Nem sequer uma vez.

Não é como se fôssemos amigos ou algo assim, que eu posso casualmente caminhar até ele e dizer, *ei*. Na verdade, até poucos dias atrás, eu estava rezando para ele ir embora. No entanto, agora estou pensando, e se ele for embora e eu não conseguir dizer alguma coisa?

Não é que eu não o vejo. Nós moramos no mesmo lugar. Claro que eu o vejo.

E eu principalmente o vejo com Art.

Desde o acidente de Art, eu me desculpei com Doris mil vezes. Ela é bem tranquila, mas eu não consigo me livrar da culpa. Eu pedi desculpas a Art também, mas novamente, ele não se importa.

Hoje em dia, ele é muito feliz, na verdade. Cortesia de Zach.

Eu os vi juntos várias vezes. Principalmente, eles ficam à beira da piscina e eu os vejo quando volto do meu turno. Eu deliberadamente ando devagar só para vê-los juntos. Às vezes Zach malha — ele malha duas vezes ao dia; é uma loucura — e ele deixa Art ser o seu parceiro. Art conta suas flexões, quando ele termina, tenta imitá-lo.

Uma vez eu vi Zach deitado no chão com Art em seus braços, para cima. Grunhindo, ele abaixou Art, que riu como se nunca tivesse visto nada mais engraçado. Então, Zach levantou-o no ar novamente, como se estivesse levantando pesos. Só que em vez de pesos, ele tinha Art.

Acho que meus joelhos tremeram com a visão.

Eu nunca pensei que Zach poderia ser tão... doce e sexy ao mesmo tempo.

Algumas vezes, eu andei até eles para pegar Art no caminho de volta, porque Doris de alguma forma quer que eu tome conta dele enquanto ela está trabalhando.

Mas Zach e eu, nós não falamos. Ele nem sequer olha para mim. Às vezes parece que ele não suporta me olhar. E eu não entendo o motivo. Eu não entendo porque isso me incomoda.

A única pessoa que não é fã de Zach é Tina. Ela o odeia e isso significa algo.

“Deus, eu não consigo acreditar como todo mundo é tão louco por ele. Não percebem? Ele é o diabo. Tudo bem, ele salvou Art. Mas e todas as outras coisas que ele fez? E quanto a elas? As pessoas podem ser tão idiotas.”

“Você soa como eu”, digo a ela enquanto espanava a biblioteca na torre dois um dia.

“Sabe, eu estou feliz que você está seguindo em frente e tudo mais. Mas você precisa ficar mais chateada com isso.” Então ela ofega. “Você sabe qual seria a melhor coisa de todas? Você deveria sair com Ryan. Ele vai ver só.”

“Oh, aqui está outra ótima ideia: por que você não sai com Ryan? Você costumava gostar dele tanto quanto eu.”

Ela fica quieta e leva dez segundos para descobrir o motivo. E quando eu entendo, meu grito é alto. Quero dizer, muito alto.

“Oh meu Deus, você gosta dele”, eu grito, cutucando seu ombro com o meu espanador. “Deus, Tina. Por que você não disse nada?”

“Eu não gosto dele.” Ela esfrega o ombro. “Quero dizer, eu costumava gostar dele, mas não mais.”

“Pare de mentir ou pare de corar. Você gosta dele e vai sair com ele.”

“Eu—”

“E vou te vestir.”

“De jeito nenhum.”

“Sim.”

Tina me olha com ar culpado. “Mas eu não—”

“Olha, Ryan é ótimo, mas...” Eu repito o que Zach disse para mim naquela noite em seu banheiro enquanto ele estava cuidando das minhas feridas. “Mas ele não teria me feito feliz.”

Eu prometi a Maggie que não invadiria a casa principal sob nenhuma circunstância.

Sem mencionar, a suíte que eu quero invadir pertence ao cara que me disse para ficar longe dele.

Mas eu não sou muito de seguir regras. Além disso, eu deliberadamente deixei meu telefone na sala dos funcionários na hipótese remota de que isso aconteça. Se alguém me pegar, eu tenho uma desculpa perfeita.

Então estou no meu modo furtivo novamente. Casaco preto, short preto e botas de couro.

Ok, em minha defesa, tentei de tudo. É madrugada e eu não consigo dormir. Eu deveria estar cansada depois de um dia inteiro de trabalho, mas não estou. Até li os livros que comprei sobre astronomia; aparentemente, eu gosto de ler estes dias.

E observar as estrelas.

Todas as noites da semana passada, procurei por Orion. Eu pesquisei na internet. É uma constelação de inverno, supostamente só visível de janeiro a março.

É inverno aqui — embora, tudo o que sentimos é calor — mas eu nunca consigo ver.

Estou andando em silêncio até a porta da nossa casa quando vejo um vislumbre de algo escuro na minha visão periférica.

Corro para a janela e abro um centímetro das cortinas. Alguém está andando pelo jardim. Mais tropeçando do que andando. É uma caminhada bêbada.

E é Zach.

Oh meu Deus, quais são as chances?

O que ele está fazendo aqui?

Quando pressiono a palma da mão na janela, ele se vira e olha diretamente para minha cabana. Não tenho certeza se ele consegue ver que estou espreitando através das cortinas, mas ele está franzindo a testa para a janela, como se estivesse furioso.

Freneticamente, olho em volta para as outras casas. Elas estão escuras e calmas. Mas e se alguém acordar e encontrá-lo aqui?

O que ele está *pensando*?

Um segundo depois, ele cai no chão e todos os meus pensamentos desaparecem. Estou correndo pela porta antes que eu possa me parar. Praticamente caio ao lado de seu corpo esparramado.

“Zach? Você está bem?”

Acontece que eu não deveria ter me incomodado. Porque ele abre os olhos e eles parecem claros e alertas. “Por que eu não estaria?”

Eu me sento nos meus calcanhares. “Porque você acabou de cair. Bem desse jeito. Sob minha janela.”

Ele encolhe os ombros. E então franze a testa enquanto me olha. “O que você está vestindo?”

Olho para mim, meu casaco preto e meu short. “O que?”

“Você estava planejando infringir a lei novamente?”

Engulo e cerro as mãos nos meus joelhos. “Não.”

Sim.

Seu sorriso torto é lento e é assim que eu sei que ele está um pouco bêbado. Isso e seu cheiro almiscarado e álcool.

Zach olha de mim para o céu.

Alguns segundos passam em silêncio e eu olho para ele como uma tola apaixonada.

Eu sou uma tola, em todo caso. Porque eu ia infringir a lei só para poder falar com ele. O cara que me fez chorar inúmeras vezes. O cara que repetidamente me insultou, machucou e atormentou.

Meu valentão.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto.

“Observando as estrelas.”

Olho para as casas novamente. Elas ainda estão escuras, sem um sinal de movimento. “Por que você está observando praticamente debaixo da minha janela?”

Ele encolhe os ombros novamente.

Agora que estou perto dele, não sei o que fazer. Eu não quero ir embora, mas também não sei como ficar.

“Observe-as do seu quarto na torre dois, ok? Levante-se.”

Finalmente, ele se concentra em mim, seus olhos sombreados e brilhantes do luar. Que parece amarelo-dourado quando toca sua pele.

“Eu pareço que posso levantar?”

Ele volta a olhar para o céu. Suas inalações são sem pressa, quase preguiçosas, como se ele estivesse absorvendo a noite um sopro de ar de cada vez.

Mesmo esparramado assim, ele parece poderoso. Como se ele fosse o único cara nesse mundo inteiro. O resto de nós irrelevante.

Ou talvez não seja poder. Seja solidão.

Ele sempre foi solitário? Não me lembro. Meu ódio por ele era tão forte que nunca prestei atenção a nada abaixo da superfície.

Suspirando, levanto-me e ofereço-lhe a mão. “Vamos. Vamos te tirar daqui.”

Zach cuidadosamente observa minha mão por pelo menos dez segundos antes de pegá-la em movimentos lentos. Nossas mãos se fecham, a minha pegajosa com todo o suor e a sua quente e seca.

E áspera.

Engolindo, eu aperto meus dedos ao redor dos dele e o puxo com todas as minhas forças. Ele nem se move. Ele está lá, olhando para mim, como se não pudesse se importar menos com a coisa toda.

Olhando para ele, eu puxo novamente.

Nem mesmo uma contração.

No entanto, eu o sinto enrolando seus dedos nos meus com força. E antes que eu possa até suspirar, ele me puxa para baixo.

Minha respiração para assim que eu faço contato com seu corpo rígido.

“O que...” Eu grito em choque.

Zach grunhe, sua cabeça batendo no chão. “Foda-se, você é pesada, Blue.”

Eu tento fugir. “Idiota.”

Isso só o faz rir e apertar seu abraço ao meu redor. “Relaxe. Eu poderia te carregar facilmente com uma mão.”

Eu endureço sobre ele. “Você está brincando?”

Um pequeno sorriso ainda está tocando em seus lábios enquanto ele balança a cabeça uma vez. “Eu juro.”

Então ele faz isso.

Ele faz uma pequena cruz no lado esquerdo do peito com o dedo comprido, e eu sinto no meu peito. A ponta áspera de seu dedo arrastando linhas como se eu estivesse fazendo uma promessa também. Só não sei o que estou prometendo.

“Jura pela própria vida?” Eu suspiro.

Um lento aceno de cabeça. “Sim.”

Seus sussurros são mortais. Eles são.

Assim como seus olhos.

Estou descobrindo que eu não me importo. Estou aliviada por eles estarem em mim depois de tanto tempo.

“Você nunca mais olhou para mim”, eu deixo escapar.

“Porque dói.”

Suas palavras me fazem vacilar, embora não houvesse qualquer maldade nelas. Elas têm um tipo de emoção que eu nunca tive dele antes.

Assemelha-se a uma estranha mistura de tortura e desespero.

Isso me deixa sem fôlego e arrepiada por algum motivo. Um pouco triste por ele também.

“Por que dói?” Eu pergunto.

Seus braços enrolam em minha cintura e suas pernas ficam de ambos os lados do meu corpo, meio que me embalando em seu corpo. Meus joelhos estão cavando na grama, assim como meus cotovelos, mas mal percebo, vendo como estou jogada sobre ele.

“Porque você olha para mim como...”

“Como o quê?”

“Como se você não me odiasse mais.”

Meu coração está disparado no meu peito. Ele deve sentir. Deve sentir meu coração batendo em seu peito através do meu.

“Eu odeio”, sou obrigada a sussurrar.

E por alguma razão, eu não quero nem *pensar* em como estou mentindo agora.

“Bom.”

Sua voz rouca faz as borboletas voarem no meu estômago. Há muitas delas e elas são tão selvagens que, se quiserem, podem me levar embora com elas.

“Você vai morrer em breve, sabe”, eu sussurro sem convicção.

Lentamente, a diversão cobre suas feições. “Eu vou?”

“Sim”, eu explico. “Jurar pela sua vida? Você vai morrer. Porque você mentiu.”

“Menti sobre o que?”

Não sei por que vou voltar para o comentário dele, mas eu vou. Talvez porque eu precise de um lembrete de como as coisas são entre nós há anos.

Como eu não deveria querer isso.

“Eu não sou idiota. Eu sei que sou pesada. Eu tenho uma boa memória de todas as coisas que seus lacaios me chamaram na escola. Todas as vezes que eles zombavam das minhas coxas, minha cintura e meu peito. Eu me lembro de tudo isso.”

“Eu me lembro disso também.”

“Claro, *você* nunca disse nada. Você apenas assistia. Você os deixava dizer e fazer todas aquelas coisas horríveis para mim.”

“Eu nunca os parei”, ele sussurra, com as palmas das mãos abertas na parte inferior das minhas costas, um vislumbre daquela expressão cintilando em suas feições novamente. Aquela que eu vi quando ele me disse para não ser como ele.

Suas palavras baixas junto com essa expressão iniciam uma dor na minha barriga. Não é uma dor suave também. Nada que Zach causa em mim, no meu corpo, é suave.

Eu sacudo a cabeça. “Não, você não parou.”

Mas então, algo me ocorre. Ou mais como, me acerta no peito, quase me fazendo ofegar.

“Eu queria que você”, eu digo rapidamente. “Eu-eu queria que você os detivesse. É por isso que eu...”

É a minha vez de parar porque eu nem sei como dizer isso. Como dizer as palavras que estou prestes a dizer.

“É por isso que você o quê?”

“É por isso que eu sempre...” Eu paro para me preparar. “Eu sempre olhei para você. Sempre que eles disseram ou fizeram coisas ruins para mim, eu sempre olhava para você.”

Por que eu olharia para ele quando sabia e ele provou repetidas vezes que ele não iria me ajudar, que ele não iria detê-los? Por que meus olhos o encontrariam em meus momentos mais miseráveis?

“É estúpido, não é? Eu olhando para você e esperando que você me ajudasse? Quando eu sabia que você estava por trás de todas as brincadeiras, em primeiro lugar.”

Aquela expressão em seu rosto cintila novamente e juro, eu não consigo descobrir o que é.

“Estúpido, sim”, ele diz com a mandíbula cerrada.

Estranhamente, quero tocar essa mandíbula e ver como é.

“Mas isso não é verdade agora, é? Você me defendeu naquela noite. Mandou Ashley embora”, eu suspiro.

Suas feições ficam tensas. Essas mãos nas minhas costas apertam também e eu sei — *eu sei* — que ele não iria admitir isso.

Ele não admitiria me defender ou vir em meu socorro.

“Você encontrou outra pessoa?” Eu mudo de assunto e pergunto.

Ele franze a testa. “Encontrar alguém onde?”

“Em Nova York?” Sua carranca se aprofunda e eu explico: “Você não deveria ter deixado escapar seu segredo para uma sala cheia de empregadas domésticas se não quisesse que se espalhasse. Além disso, eu já sabia que você não estava em Oxford. Uma mentira tão idiota. Como se você fosse para Oxford. Para estudar, nada menos.”

Algo sobre isso derrete seu corpo e o faz sorrir. Suas mãos sobem pelas minhas costas. Ele puxa meu capuz, liberando meu cabelo, e seus dedos enrolam nos fios, brincando com eles. O gesto é tão acolhedor que algo aperta meu peito.

“Então? Você encontrou alguém em Nova York?”

“Para fazer o quê?”

Eu quase arranco a grama com vergonha, mas de alguma forma, é imperativo que eu saiba disso. “Para incomodar? Como você me incomodou?”

Talvez seja loucura, mas eu tenho que saber.

Em resposta, a mão de Zach se espalha sobre a linha do meu pescoço. Suavemente. Só ele sabe ser terno com os dedos tão ásperos quanto os dele.

“Não”, diz com voz rouca enquanto passa a outra mão ao longo dos fios do meu cabelo. “Há apenas um tom de azul azarado o suficiente para chamar minha atenção.”

Eu não consigo parar o suspiro que escapa dos meus lábios e eu fico pesada. Tão pesada que meu peito abaixa por vontade própria. Até agora, nossas partes superiores estavam meio que flutuando a uma curta distância. Mas meu suspiro me faz ir para ele.

Meus seios se chocam contra o peito dele.

Zach geme e é tão áspero e carente. É... erótico.

Tão erótico que eu não tenho vergonha de me mover e arrastar meus seios pelo seu peito duro.

Virando o rosto para o lado e olhando para o meu cabelo, ele pergunta: “Então que cor é essa? É diferente do que era na escola.”

É.

Três anos atrás, eu tinha um tom mais suave de azul. Este é mais forte, aparece mais. Também combina mais comigo.

“Bad Boy Blue.”

Seus dedos param e ele olha para mim. “Não brinca.”

Eu sacudo a cabeça. “Não.”

Eu mudei as cores logo depois que ele foi embora. Fui à loja e assim que vi o rótulo, comprei.

“Foda-me”, ele murmura. “Bad boy blue, hein? Você está obcecada por mim.”

“Nos seus sonhos.”

“Qual era o nome da outra?”

Estreito meus olhos para ele porque eu não confio onde isso está indo. “Voodoo Blue.”

Ele ri.

E o som é pouco prático, mas tão livre e leve que eu tenho que morder meu lábio. Eu *não* vou rir nem sorrir.

“Não me diga que você comprou isso depois que toda a merda emo aconteceu.”

Então sim. Na nona série, houve esse boato que durou cerca de um mês mais ou menos que eu era uma adoradora do diabo. Eu era a única — como dizem, garota ‘emo’ ou ‘gótica’ — em St. Patrick’s.

Claro, seus lacaios se divertiram com isso.

Eu dou uma cotovelada nele e ele se sacode, fazendo caretas. “Bem. Eu não te direi. E nem vou lhe dizer que eu tinha um boneco de vodu com o seu nome. Eu costumava colocar alfinetes nele.”

Seu sorriso volta a ser preguiçoso. “Oh sim, você está definitivamente obcecada por mim.”

Dou uma cotovelada nele de novo e empurro para cima de seu corpo e ele está relaxado o suficiente para não ser capaz de me impedir. Mas aparentemente ele ainda vem atrás de mim.

Mesmo bêbado, seus reflexos são melhores do que a minha retirada desajeitada e ele enrola o braço em minha cintura e nos rola no chão, até que está pairando sobre mim e seu corpo fica entre minhas coxas abertas.

“Disse a você que eu te pegaria e te pegaria de costas”, ele reflete, na verdade, as sílabas grossas e saindo juntas, e eu estremeço embaixo dele.

“O que? Nós fizemos um acordo.” Eu agarro a grama. “Eu não me joguei em você. Você *me puxou* para baixo.”

“Eh. Tanto faz.”

Agora que as posições mudaram, é como se o feitiço tivesse quebrado de alguma forma. Eu lembro onde estou. Eu lembro o que sou. Uma empregada, e ele é para todos os efeitos, meu chefe.

Eu olho em volta. As casas ainda estão escuras. O chalé da Sra. S fica em frente ao local onde estamos no chão, entrelaçados um no outro. Se ela olhasse pela janela, ela nos veria.

“Zach, eu estou falando sério. Me solte. E se alguém nos pegar?”

“Todo mundo está dormindo.”

“E se eles acordarem?”

“O que então?”

Eu franzo a testa para ele. “Eles vão nos ver. A Sra. S tem regras muito rígidas sobre isso, ok?”

“Que regras?”

“Os funcionários não podem... confraternizar com a família ou seus convidados.”

Zach se move entre as minhas pernas e acomoda sua parte inferior do corpo sobre o meu, sua pélvis trancando onde a junção das minhas coxas está. Seu estômago duro está empurrando minha barriga macia.

“E isso parece confraternizar?”

“Sim.” Estou respirando com dificuldade. “Eu não posso perder meu emprego. Eu preciso desse trabalho. Eu *preciso* da minha casa de volta.”

Ele me estuda. Estuda minha respiração ofegante, meu rosto corado. O suor no meu lábio superior, minha carranca. Estou enlouquecendo agora, eu sei.

Se eu perder minha casa, vou perder tudo.

Mas, ao mesmo tempo, não quero que isso acabe. Seja o que isso for.

É tão confuso.

Acima de mim, Zach se move. De alguma forma, ele se torna maior, mais amplo. Ele abre os braços de cada lado e estica as costas. Ele desloca o meu corpo e alinha seu torso com o meu.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto, agarrando sua camisa.

“Escondendo você.”

“O que?”

Ele olha para mim com olhos sérios e intensos. “Ninguém seria capaz de ver quem está embaixo de mim. Se eles olharem, tudo o que eles verão é minhas costas e nada mais. Então você não perderá seu emprego ou sua casa.”

Eu quero rir de sua lógica estúpida. Ele está bêbado. Claramente.

Mas ele também é tão... doce para fazer isso por mim. E isso só me faz querer agarrá-lo e nunca soltar.

Isso me faz querer esconder debaixo de seu corpo para sempre.

“Obrigada”, eu sussurro.

Seus olhos vão para os meus lábios entreabertos, e eu faço o mesmo. Eu vejo como ele lambe seus próprios lábios. Deus, eles são tão macios, escuros e grossos.

Sem pensar, me alongo debaixo dele, esfregando nossos troncos e seus olhos se voltam para os meus.

“Você não é, é?” Eu pergunto.

“Eu não sou o que?”

“Um v-irgem, eu quero dizer.”

Ele me lança um olhar abrasador e minhas costas arqueiam para o céu. Para ele.

“O que você acha?”

Acho que essa é a resposta dele para a minha pergunta.

“Quando?” Eu sussurro, apertando seus lados com as coxas.

Zach desliza um dedo por baixo do meu casaco e toca a pele nua da minha cintura. Ele mexe, como se dedilhasse meus nervos, agitando-os. “Quatorze.”

Ele pode muito bem estar, do jeito que meu corpo está reagindo. Meus mamilos se levantam, se tornam balas. Doloridos e irritados. “Quem?”

“Uma professora.”

“O que?”

“Ela era chata. Eu estava entediado. Então eu a calei.”

“O que você fez?”

Ele zomba. “Novamente. O que você acha?”

Minhas coxas não param o aperto rítmico e minhas costas não vão descer. Minha boceta está doendo, *doendo*, doendo tanto. E eu percebo que seu pau está bem ali, bem contra o meu clitóris e talvez, se eu me mover um pouco, eu possa aliviar um pouco dessa pressão.

“Você a beijou?” Eu adivinho.

Ele balança a cabeça uma vez.

Algo sobre isso e seu dedo na minha cintura que passou de dedilhar minha pele até quase arranhar e cavar em minha carne, me faz ondular contra ele e percebo o que ele está falando.

Eu suspiro com essa percepção e ele sorri ligeiramente.

Seu pau. Isso é o que ele quis dizer, não é? Ele a calou com seu pau.

E eu o sinto pressionado contra mim com tanta força, aquela coisa grande e quente.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa para isso, Zach abaixa o peito para mim. Meus olhos se fecham antes de se abrir e se concentrar nos deles.

“Qual é o azul em seus olhos?” Ele pergunta, calando todas as minhas perguntas. Seus dedos se enroscam nos meus fios. “É diferente do seu cabelo.”

Meu couro cabeludo inteiro formiga. “T-turquesa.”

“Como o oceano.”

“Sim.”

“Essa foi a primeira coisa que vi. Depois que saí daqui. O oceano”, ele me diz, soando quase melancólico. “Me lembrou dos seus olhos. Lembrou-me que eu estava livre pela primeira vez.”

“Livre de quê?”

“Deste lugar. Deles.”

Sim, eu não estava prestando atenção antes, na escola.

Zach estava solitário. Ele era tão solitário.

Como eu era. Naquela escola.

Eu tiro minha mão de sua camiseta e, lentamente, cuidadosamente levanto. Afasto as mechas de seu cabelo para o lado e enfio minhas unhas no couro cabeludo.

“Quanto tempo você ficou lá embaixo, no buraco?” Eu pergunto.

“A noite toda.”

Horrorizada, meu olhar voa para o dele. Eu acho que Art ficou lá por uma hora e eu tremo toda vez que penso naqueles sessenta minutos.

Agora estou congelada. Não consigo nem respirar. Não consigo nem pensar.

Tudo o que posso fazer é olhar para ele em um tipo de pânico.

“M-mas eles vieram te buscar? Certo? Eles te tiraram.”

“Nora me encontrou. Mas não, eles nunca vieram.”

Eles.

Os pais dele. Eles nunca vieram.

“Eu estava com ciúmes do garoto, você pode acreditar?” Ele ri sem graça.

“Eu estava com ciúmes que todos vieram por ele. Quando...”

Ninguém veio por *ele*.

“Como eles puderam não vir?”

Seus lábios se esticam em um sorriso frio, mas também autodepreciativo.

“Porque eu era dispensável. Um pensamento tardio.”

Eu sinto uma explosão de calor no meu peito. Demoro um segundo para perceber que é raiva. Em seu nome. Tem um sabor diferente do que a raiva que eu senti por ele.

É um pouco mais potente, mais explosiva que qualquer outro tipo de raiva.

Como ele pode ser um pensamento tardio para alguém?

Ele foi meu primeiro pensamento, meu último pensamento, meu *único* pensamento, por anos. Durante anos, tudo o que fiz foi girar em torno dele.

Voltas e voltas e voltas.

“Você é um monte de coisas, Zach, mas você não é um pensamento tardio. Você nunca pode ser um pensamento tardio”, digo a ele ferozmente, honestamente.

Ele sempre foi meu núcleo de tudo.

Olho para ele, seu rosto, o céu às suas costas.

Sim, ele é um monte de coisas, mas ele não é um pensamento tardio.

Um segundo depois, ele agarra meu pulso em um aperto inabalável. Com a mandíbula cerrada e olhos brutais que perfuram os meus, ele tira minha mão do seu rosto.

Estou confusa sobre o que aconteceu quando ele se levanta. Foi tudo tão repentino que caio de volta no chão e minha mente está se recuperando.

Zach dá um passo para trás e eu consigo me sentar. “O que você está fazendo?”

“Saindo daqui”, ele diz em um tom brusco, tropeçando novamente.

Eu me levanto e pego seu braço para firmá-lo. Ele se afasta do meu aperto e começa a andar novamente.

“Zach”, eu chamo, seguindo-o. “Que porra você está fazendo? Você não pode nem andar. Deixe-me ajudá-lo.”

“Deixe-me em paz.”

Dois passos antes que ele tropece mais uma vez e eu tenho que agarrá-lo novamente.

“Jesus, o que?” Ele estala.

“Ei, estou tentando ajudá-lo. Você quer cair e morrer?”

“Está dizendo que quer me salvar se isso acontecer?” Nós dois nos encaramos mutuamente. Eu não tenho ideia de como chegamos aqui. Um segundo, ele estava bem, apenas letárgico, e agora, ele é tão mau quanto é quando está sóbrio.

“Estou dizendo que não sou egoísta e cruel como você. Você nunca me ajudou, mas eu vou porque sou uma pessoa legal.” Ele abre a boca para argumentar, tenho certeza, mas eu coloco a mão nos lábios dele para detê-lo. “E quanto mais cedo eu te ajudar no seu quarto, mais cedo eu posso voltar a dormir.”

Três respirações.

Isso é quanto tempo ele leva para apertar sua mandíbula e aquiescer.

Eu sinto tudo na minha palma. Suas baforadas de ar, aquela aperto duro de seus ossos, sua áspera barba da noite. E da palma da minha mão tudo desce para a minha barriga, deixando-a apertada e doendo.

Demoramos alguns minutos para voltarmos para a entrada de serviço da mansão. Digito o código para ter acesso.

As luzes noturnas iluminam os corredores vazios. Sei que pode ser perigoso, mas não posso simplesmente deixá-lo aí.

Graças a Deus pelo pessoal dormindo.

Zach tem bastante presença de espírito para agarrar o corrimão com uma mão sempre que é hora de subir as escadas.

Finalmente, estamos à porta de Zach. Assim que entramos, ele perde toda a energia e praticamente enfia a cara no chão. Grunhindo, eu o empurro para a cama dele, então se ele quiser cair, o colchão estará lá para amortecer. Quando ele cai e despenca na cama, eu suspiro aliviada e me estico.

Eu o cubro com seu cobertor e, em seguida, vou em frente e tiro suas botas sujas e cheias de grama também.

Quando as coloco ao lado da cama, noto que o livro dele está esparramado muito parecido com ele, páginas abertas e dobradas nas extremidades.

Eu pego e as aliso. Há pedaços de um lápis quebrado, a poucos centímetros do livro. Eu também os pego, enrolando-os na palma da mão.

Tão estranho, esses pedaços quebrados.

Zach quebrou? Por que ele quebraria? Por que alguém quebraria?

Quando estou prestes a fechar o livro e separar o lápis arruinado, vejo algo.

O nome dele. Na primeira página.

Não estava lá na última vez que vi o livro. Significa que ele deve ter escrito recentemente. Provavelmente há alguns dias atrás.

Mas por que parece que foi escrito anos atrás e não por ele, mas por alguém muito, muito mais jovem?

Na verdade não.

Estou errada. Estou tão errada. Idade não tem nada a ver com isso.

Foi escrito por alguém que mistura maiúsculas e minúsculas. Alguém que queria usar cursiva, mas algumas letras depois mudou de ideia e começou a escrever em letra bastão.

Foi escrito por alguém que tem dificuldade em escrever.

Foi escrito por ele.

O cara que está dormindo agora, mas que bêbado tropeçou para meu chalé, e observou as estrelas debaixo da minha janela.

Capítulo 16

O Príncipe das Trevas

Estou sonhando.

Normalmente, meus sonhos são da minha moto e da estrada sem fim enquanto estou saindo deste inferno.

Mas hoje à noite sinto cheiro de açúcar e vejo azul. Tanto a cor quanto ela.

Ela está em cima de mim e seu cabelo encaracolado e parecido com uma nuvem ao nosso redor, fazendo uma cortina. E então, eu rolo e a prendo debaixo do meu corpo. Escondendo-a do mundo.

Ela não pode fugir agora e ninguém pode vê-la.

Ela está segura. O trabalho dela está seguro.

Mas depois, ela está me deitando na minha cama e me cobrindo com meu cobertor, cuidando de mim.

Que porra é essa?

Eu a sinto tirando meus sapatos. Eu quero dizer a ela para ficar longe de mim e me deixar sozinho, mas não tenho energia.

Eu nunca deveria ter bebido tanto assim. Eu nem bebo mais. Talvez ocasionalmente, mas nada como eu costumava fazer. Eu não sei o que eu estava pensando.

Jesus.

Se beber me faz sonhar com ela e essas *coisas agradáveis e quentes*, então eu vou embora amanhã.

Porra.

Eu preciso de um cigarro.

Por que não estou fumando? Por que estou sofrendo com dores de cabeça e desejos intensos quando posso tomar o caminho mais fácil?

Oh, certo. Por causa dela.

Ela quer que eu sofra. Ela não quer que eu durma, tenha crise de abstinência.

De todas as pessoas neste planeta, eu *tinha* que ser um babaca para a única garota que não engoliria minhas besteiras. Que não me deixaria em paz.

Excelente pra caralho, Zach.

Mesmo agora, os dedos dela estão no meu cabelo.

Eles estão correndo pelos fios, acariciando minha testa até o meu queixo. Tudo pulsa no meu rosto. Meu queixo, minhas bochechas, até meus dentes.

“Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, mas... me desculpe”, ela diz. “Quero dizer, eu *acho* que sinto muito, Zach.”

Tudo fica escuro antes que eu possa perguntar por que ela sente muito.

Capítulo 17

Eu sei como tudo isso começou.

Os anos de miséria e ódio.

Ou pelo menos, acho que sei. Eu tenho uma teoria. E se estiver certa, tudo em que acreditei em toda a minha vida acabará sendo uma mentira.

Ok, isso pode ser um pouco dramático demais. Mas ainda assim.

Estou louca pra caralho.

Já se passaram vinte e quatro horas desde que vi a versão bêbada de Zach, seguida por seu livro com o nome dele e o lápis quebrado.

Desde então, não consigo parar o fluxo de lembranças.

Zachariah Benjamin Prince.

Há algo tão poderoso em seu nome que coisas que eu enterrei dentro de mim estão voltando para a superfície. Todas elas sobre St. Patrick's.

Mas pela primeira vez, não estou pensando em como Zach e seus lacaios fizeram minha vida infeliz. Não estou pensando em suas brincadeiras. Estou pensando em minhas retaliações. As coisas que eu fiz. As coisas que eu disse.

Estou pensando em nosso primeiro encontro.

Passei a última noite inteira pensando sobre isso, descobrindo lembranças, tentando me lembrar de tudo o que podia sobre a primeira vez que nos encontramos.

De manhã, uma coisa estava clara na minha cabeça. Então, é claro que estou surpresa em como eu esqueci isso em primeiro lugar.

Sua caligrafia de doze anos e minha reação de dez anos a ela.

Agora eu lembro que eu vi.

Nós deveríamos escrever frases na detenção e eu tive um vislumbre das que ele fez em seu caderno. E porque ele era um idiota para mim, eu zombei dele sobre isso. Fiquei tão brava que falei sem pensar a primeira coisa que me veio à mente na época.

É como formigas rastejando por toda a sua página. É nojento. Sua caligrafia é a coisa mais grosseira que eu já vi.

Posso ouvir minha voz na minha cabeça e soa horrível. Parece doloroso.

No dia seguinte, depois do almoço, encontrei meus cadernos rasgados e destruídos no corredor da escola. E então, sorrindo, ele andou até mim e olhou para mim como se quisesse me esmagar sob suas botas de escola. Como outra das minhas retaliações, eu lhe dei um soco no rosto.

Ao longo dos anos, quando sua gangue me xingava, eu os xingava. Eu xinguei Zach de imbecil. De sanguessuga analfabeta e sem objetivo, que sempre iria sugar a conta bancária de seu pai. Eu o xinguei de fardo para a sociedade, um desperdício de espaço.

Quando eles esconderam meu dever de casa, sorri para eles e disse que deveriam ao menos agradecer a Deus que eles me escolhessem para implicar. Se tivessem escolhido alguém como Zach, eles nem teriam qualquer lição de casa para esconder. Porque todos sabiam que ele não tinha entregado um único projeto desde que começou a frequentar a escola.

Ele sabe ler? Altamente duvidoso. Aposto que ele nunca aprendeu.

E isso é apenas um exemplo.

Por anos, eu ridicularizei o intelecto de Zach e sua falta de foco na escola. Tanto na cara dele e em particular.

E se tudo começou com um pequeno comentário que eu fiz? E se os anos de vingança e ódio pudessem ter sido evitados se eu não tivesse dito isso?

Não vou me tornar um mártir e dizer que é tudo culpa minha. Mas eu sempre culpei Zach e talvez, apenas *talvez*, eu não seja inteiramente inocente.

“Blue! Veja!”

A voz de Art me tira dos meus pensamentos. Estou na ilha da cozinha, preparando o jantar, quando ele vem correndo.

Estou tão feliz que ele tenha superado o que aconteceu na semana passada. Hoje em dia, se eu estiver tomando conta dele, ele não vai a lugar nenhum além do meu jardim da frente. Onde eu fui lançada sobre Zach na noite passada, para ser específica.

“Olhe!” Ele repete, abrindo os braços, sorrindo.

Afastando todos os pensamentos da noite passada, eu contorno a ilha e me inclino contra ela. “Oh meu Deus!” Eu exclamo. “Olhe para você, amigo. Onde você conseguiu tudo isso?”

Ele está vestindo seu jeans habitual e uma camiseta preta do Batman, mas ele tem uma jaqueta de motocicleta e óculos de sol. As mangas da jaqueta

são adornadas com pequenas bolas de fogo e caramba, ele parece um cara fodão.

“Zach deu para mim”, ele grita.

Seu nome me faz ficar imóvel e olhar para cima para encontrá-lo na porta. No limiar. Ele está usando a mesma jaqueta de couro, mas sem óculos escuros e bolas de fogo. Acho que ele não precisa deles.

Ele já está em chamas, com sua pele bronzeada, barba áspera e olhar intenso.

Eu não consigo tirar os olhos de Zach e nem vou tentar. Esta é a primeira vez que o vejo o dia inteiro. Ele não estava malhando esta manhã, nem estava na cozinha como geralmente está, com Maggie bajulando-o. Presumi que ele estivesse curando a ressaca.

Ele lembra que nos encontramos ontem à noite?

“Ele disse que eu poderia usá-la na escola”, Art diz, enquanto eu ainda estou olhando para Zach.

“Oh sim?”

“Sim! Ele diz que ficarei muito legal nisso. Ninguém iria mexer comigo.”

Art faz um punho e rosna e eu dou um riso forçado. Estendo a mão e afago seu cabelo. Mas quando falo, estou olhando para Zach. “Zach está certo. Ninguém se atreveria a mexer com você. Você vai mostrar a todos como é durão.”

Eu sempre fui dispensável. Um pensamento tardio.

Meus olhos ficam lacrimejantes quando suas palavras ecoam na minha cabeça. Seus olhos, no entanto, ficam duros, inabaláveis e opacos.

Nada sugere que ele se lembra do que aconteceu na noite passada.

Um segundo depois, ele quebra o olhar e dá um passo para trás do limiar, como se estivesse saindo.

“Espere”, eu chamo.

Ele para e me lança um olhar.

“Você vai embora?”

“Parece com isso.”

“Não.” Eu me apresso para explicar, “Quero dizer, nós só vamos jantar. Art e eu. Tina não está aqui. E então, vamos ficar aqui até Doris voltar de seu turno. Então, hum, você poderia ficar se quisesse.”

E foda-se quem o vir aqui. Nós não estamos fazendo nada de errado. É apenas um jantar inocente.

Sua carranca é mais como trovão do que o mero vinco dos músculos, mas eu não tenho medo disso. E nem Art. Ele corre até Zach, pega sua mão e puxa-o para dentro.

“Sim! Vai ser divertido. Blue está fazendo panquecas. É o dia do café da manhã no jantar.”

“Sim. Para curar a melancolia da segunda-feira.” Eu aceno, olhando para Zach.

“Ela faz as melhores panquecas”, Art informa a Zach quando ele o aproxima.

“É verdade. Eu faço. Meu pai me ensinou.”

Uma expressão sombria passa pelo rosto de Zach com a menção do meu pai. Eu não posso acreditar que eu o mencionei tão casualmente quando eu nunca falei sobre meus pais. Se eu não falar sobre eles, então eu não sinto falta deles.

Mas acho que posso falar sobre eles com Zach.

Passo a passo, ele se aproxima e minha capacidade de pensar se reduz a apenas uma coisa: ele se lembra?

Ele se lembra da noite passada? Ele se lembra do que eu disse a ele na primeira vez que nos encontramos?

Ele para a poucos metros de mim, ainda sendo segurado por Art, que está falando animadamente. Eu posso vê-lo pulando em seus pés, mas eu realmente não posso dizer o que ele está dizendo.

Agarro a borda do balcão e respiro o cheiro fresco de torta de mirtilo saindo de Zach.

Os olhos de Zach vão para meus lábios. “Eu gosto delas bem doce.”

Eu me encontro assentindo. “Sim. OK. Eu tenho xarope.”

Ele olha para cima. “Você tem.”

“Sim. De todos os tipos. Chocolate, maple e morango. Você pode ter o que quiser.”

Eu percebo que estou falando rápido e meio ofegante, como se eu não conseguisse ar suficiente só porque ele está me secando com os olhos.

“O que eu quiser, hein?”

Ah, e eu também acidentalmente disse a mesma coisa na noite em que entrei em seu quarto.

Minha resposta é diferente desta vez, no entanto.

Contra um coração acelerado, eu aceno novamente. “Sim. O que você quiser.”

Zach move os olhos sobre minhas feições, provavelmente tentando avaliar meus sentimentos, e eu dou-lhe um pequeno sorriso.

Antes que ele possa reagir, Art o afasta.

Depois disso, eu começo a trabalhar. Eu misturo a massa da panqueca, adicionando pedaços de chocolate para torná-las mais doces. Eu não sou muito de cozinhar, mas esta será a melhor refeição que Zach já provou. Eu vou me certificar disso.

Eu ouço a conversa deles no fundo. A maior parte é irrelevante, mas então eu ouço a voz baixa de Zach e me aproximo da borda da cozinha para poder ouvi-lo claramente.

Art está sentado no sofá, com as pernas penduradas e Zach ajoelhado no chão diante dele.

“Sabe o que são os valentões?” Zach diz. “Eles são covardes. Eles estão com medo de tudo. Estão com medo deles mesmos. Estão com medo de você.”

“Eles não têm medo de mim.”

“Está brincando? Eles estão *com medo* de você. Você provavelmente assombra os sonhos deles, amigo.”

Art ri. “Não, eu não assombro.”

“Sim, assombra.” Todos os traços de diversão desaparecem do rosto de Zach, enquanto ele continua, “É por isso que eles implicam com você, Art. No fundo eles sabem que é isso. Este é o melhor momento de merda de suas vidas e quando acaba, *eles estão* acabados. Se eles são altos, eles sabem que é isso. Isso é tudo o que eles serão e é por isso que eles escolhem pessoas mais baixas que eles.”

“Quando eu vou ficar alto?” Art murmura.

Ele ri. “Você vai ficar alto. Vai ficar mais alto. Essa é a coisa sobre a vítima de bullying, Art. A vítima de bullying, eles sabem que vão mudar. Eles sabem que as coisas vão melhorar para eles. Seus valentões também sabem disso. Eles estão com medo de você porque sabem que seu tempo está chegando. Um dia você será mais alto do que eles e nem precisará disso.” Zach envolve sua grande mão em torno do punho de Art. “Você não precisa de seus punhos, sua jaqueta, nada. E você sabe o que mais?”

“O que?”

“Quando você for mais alto, isso não significará nada para você. Eles não significarão nada. Menos que nada. Você nem vai se lembrar deles.”

“Você tem certeza?”

“Sim. Para os valentões, toda a vida deles é sobre você. Toda a vida deles gira em torno de você, sobre colocá-lo para baixo. É assim que eles se sentem melhor sobre si mesmos. Mas para você, eles nem existem. Eles nem importam. Você vai esquecê-los e seguir em frente, mas eles nunca esquecerão você. Esse é o seu poder.”

“Você quer dizer, como meu superpoder?”

“Foda-se, sim, seu superpoder.”

Art ri novamente. “Você não deveria dizer isso.” Então, ele se inclina para Zach. “Blue não gosta de palavrões.”

“Ela não gosta, hein?”

“Não. Uma vez, Tina disse a palavra F no jantar e Blue ficou louca. Ela acha que eu sou uma criança e não deveria estar perto de coisas ruins.”

Zach lança um sorriso torto. “Sim? Bem, ela enlouquece facilmente, não é?”

Art acena com a cabeça com entusiasmo. “Mas ela não enlouquece comigo. Ela me disse uma vez que eu era sua pessoa favorita.”

“Não brinca.”

“Sim. Acho que vou pedir para ela se casar comigo.”

Até agora, estive bem silenciosa. Muito silenciosa. Mesmo que haja esse peso pressionando meu peito. Minhas lágrimas estão entupindo meu nariz, minha garganta. Elas estão entupindo minha respiração.

Mas consegui permanecer despercebida.

No entanto, com as palavras de Art, eu bufo de prazer e Zach olha para cima.

Seus olhos estão um pouco úmidos, não como os meus embora. Os meus devem estar uma bagunça agora. Vermelhos e inchados, provavelmente. Ele é tão sombrio como sempre, mas com tendências ocultas de emoções muito intensas.

Ele sempre foi o valentão e eu a vítima de bullying.

Mas talvez eu seja um pouco valentão também.

Não seja como eu.

Não importa o que eu seja, minha vida gira em torno dele. Sempre girou.

“Bem, boa sorte com isso”, Zach responde à declaração anterior de Art, que derreteu meu coração. “Blue é muito difícil de pegar.”

Não se eu não correr.

Eu gostaria de não ter corrido naquela noite — na noite em que fui ao quarto dele para confrontá-lo sobre o encontro. Eu gostaria de ter ficado e... o beijado. Eu queria ter tocado nele mais um pouco.

Olho para os olhos dele, seu cabelo escuro, o talhe de seu rosto, seus lábios. A maneira como ele está ajoelhado no chão, sendo todo terno com Art, e ainda assim ele parece tão poderoso, o cara mais alto que eu já conheci.

O cara que posso ter machucado por anos e anos, sem saber.

“O jantar estará pronto em dez minutos”, digo, limpando a garganta.

Quando fica pronto, eu digo a eles para irem lavar as mãos enquanto eu sirvo a eles uma enorme pilha de panquecas. Com todos os xaropes que consegui encontrar na geladeira.

Obedientemente, ambos sentam-se nos bancos do balcão e comem. Bem, pelo menos Art come, e quando Zach simplesmente pega o garfo sem sequer olhar para a comida, mas mantém sua atenção em mim, eu me afasto.

Eu começo a limpar, evitando o olhar dele. Eu não posso comer com eles.

A verdade é que esta é a primeira vez que faço algo remotamente legal para Zach. Eu nunca sorri para ele. E toda vez que eu ouço minha própria voz de anos atrás, tudo fica demais.

Art está fazendo sons de quem está gostando, mas Zach está em silêncio. Eu não tenho certeza se ele gosta da comida e eu quero que ele goste. Eu quero que ele goste. Muito, *muito* mesmo.

Depois do jantar, eu lavo os pratos na pia, mas antes que eu possa colocá-los na lava-louças, eles são arrancados da minha mão.

É Zach. Ele os tem em suas mãos e vou protestar, mas ele desliza todos eles na prateleira, fecha a porta e aperta o botão, dando vida ao aparelho mágico.

“Você não precisava fazer isso”, digo a ele.

Ele encolhe os ombros, sua mandíbula apertada. “Não é nada.”

“Hum, e obrigada por conversar com Art”, eu começo. “Sobre tudo. Eu só... tentei ensinar-lhe algumas coisas. E Doris, ela conversou com os professores sobre bullying e ficou tudo bem por um tempo. Mas ninguém

pode olhar essas crianças o tempo todo. Então, tenho certeza que ele aprecia isso.”

Ele traça meu rosto com seu olhar antes de parar nos meus lábios entreabertos por um instante. Levantando os olhos, ele diz: “Se o garoto precisa aprender, ele deve ir direto para a fonte, não é?”

Eu vou dizer algo, mas Zach não espera. Ele gira nos calcanhares e se afasta, apenas para parar na ilha.

Ficando de lado, ele diz: “Você deveria comer alguma coisa também.”

Mais uma vez, ele não espera uma resposta. Ele decola, mas eu não estou pronta para ele ir embora, então eu o sigo da cozinha.

Mas Art me vence e insiste que Zach fique mais um pouco para assistir a um filme conosco. Deus, eu amo esse carinho.

Eu nem vou mentir e dizer que sei o que está acontecendo na tela. Eu não sei. Estou mais interessada em como Art parece inclinar-se para Zach a cada cena que passa e como Zach joga o braço no encosto do sofá, como se lembrasse a Art que ele está lá para pegá-lo, se Art sequer se desequilibrar em sua excitação.

Doris envia uma mensagem dizendo que ela vai sair um pouco mais tarde do que o normal e que ficaria grata se eu colocasse Art para dormir. Ela vem buscá-lo depois do trabalho.

Concordo. Art passou a noite no meu quarto antes, então não é um problema.

Estou colocando Art na cama quando ele diz: “Zach pode ler a história hoje à noite?”

Eu congelo.

É como se todos esses sentimentos dentro de mim que estavam se agitando e expandindo, todos eles parassem repentinamente, pressionando contra o meu peito de uma maneira dolorosa.

“Por favor?” Art diz de novo, virando de lado e colocando as mãos sob sua bochecha. “Seria muito divertido.”

Estou tão abalada que não sei o que dizer. Ou como dizer.

Posso sentir Zach, novamente, parado no limiar. Como se este fosse um mundo diferente do dele e ele não tem permissão para entrar.

Eu cubro Art com o cobertor e decido dar uma desculpa. “Uh, sabe, Art, Zach—”

“Não esta noite, amigo.” A voz de Zach me interrompe.

“Por que não?” O rosto de Art está prestes a desmoronar e a dor no meu peito se intensifica.

Por Zach.

“Porque eu tenho que ir.”

“Oh.” Então ele sorri sonolento para Zach. “Fica para a próxima?”

“Sim.” Zach pigarreia. “Na próxima vez.”

Ele está mentindo; eu sei disso. Eu posso sentir isso. Na verdade, acho que ele está fugindo, mentindo, evitando essa coisa há muito tempo. Provavelmente toda a sua vida.

Um segundo depois, eu o ouço sair. Terceira vez esta noite e tudo o que posso pensar é *ainda não*. Ele não pode ir embora ainda.

“Eu já volto, ok?” Eu digo para Art, que parece meio surpreso com a saída abrupta de Zach.

Eu corro para a cômoda, pego o primeiro livro que vejo, e jogo para Art. “Leia isso até eu voltar.”

Eu corro para fora do quarto e encontro Zach na porta. “Espere!”

Zach para antes de se virar e me encarar.

É um pouco assustador dizer as coisas que quero dizer quando ele se parece com isso. Com isso, quero dizer o seu eu habitual. Arrogante, cruel e como se quisesse me esmagar com as próprias mãos.

“Oh!” Eu pulo no meu lugar. “Eu tenho uma coisa para você.”

Corro para a cozinha e, com as mãos trêmulas, abro uma das gavetas e pego o que quero lhe dar. Quando eu me viro, ele está bem ali. No meu espaço pessoal, prendendo-me entre ele e o balcão.

Este é o mais próximo que ele esteve de mim esta noite. Mas ele não está perto o suficiente.

Não como ele estava ontem à noite.

Eu estendo meu braço em direção a ele. “Aqui. Eu comprei isso para você.”

Ele nem olha para o que eu estou oferecendo a ele. “Você comprou algo para mim.”

“Sim.”

“Quando?”

“Alguns dias atrás.”

“Alguns dias atrás.”

“Sim.”

“O que é isso?”

Olho para a minha mão. “Você pode olhar por si mesmo.”

“Eu quero que você me diga.”

Mantendo a cabeça baixa, eu coloco meu presente no balcão e dobro as mãos na minha frente. “Pastilhas.” Olho para os meus pés descalços e suas botas.

“Pastilhas.”

Suas botas são grandes, enormes. Eu mexo meus dedos dos pés. Eles parecem pequenos e vulneráveis contra seus sapatos de tamanho imenso.

Eu me sinto pequena e vulnerável.

“Sim. Pastilha de nicotina. Eu roubei sua mochila e então eu queria substituí-la. Mas então lembrei que sou contra o tabagismo. Então eu comprei estas. É para te ajudar com a vontade de fumar.”

Ainda estou olhando para o chão, mexendo com a bainha da minha camiseta solta e fora do ombro, enfiando as mechas do meu cabelo atrás da orelha.

“Você está dizendo que me comprou isso porque queria facilitar a minha vida?”

Eu concordo. Ouvei dizer que ele estava passando por dores de cabeça muito intensas e eu queria... ajudá-lo.

Mas essa não é a razão pela qual eu o impedi de sair agora, obviamente.

Cleo, faça a pergunta. Pergunte se ele se lembra. Pare de perder tempo.

Estou quase arrumando coragem para perguntar o que tem me incomodado desde a noite passada, quando sinto suas mãos na minha cintura: cintura nua, e eu levanto minha cabeça para cima.

Então meus pés deixam o chão e ele está me colocando no balcão.

“Você precisa parar de me carregar”, eu ofego, mas não há calor nas minhas palavras.

Zach mantém suas mãos onde estão, debaixo da minha camisa, na pele nua da minha cintura, e firma seus quadris entre minhas coxas abertas.

“Comece a falar”, ele rosna e vai direto para minha barriga.

Nós espelhamos nossa posição de ontem. Suas mãos na minha cintura, a minha nos seus ombros. Minhas coxas em torno de seus quadris e nossos peitos perfurando um ao outro a cada respiração. Só estávamos na horizontal e ele estava bêbado, e hoje estamos ambos em plena posse de nossas faculdades.

“Sobre o que?”

Sua mandíbula fica tensa. “Você sorri para mim. Em seguida, me convida para jantar com você. Eu como a comida. Foi fodidamente delicioso, então eu como um pouco mais. Enquanto isso, você está corando. Você não consegue olhar para mim. Mas toda vez que tento ir embora, você me impede. Então, eu estou perguntando por que diabos você está agindo como uma urticária da qual eu não posso me livrar?”

Ele gostou da comida.

Eu quero sorrir, mas eu mordo o interior da minha bochecha para parar. Em vez disso, meus dedos se tornam garras em seu pescoço. “Isso é incrivelmente mau e ofensivo.”

“Eu sou incrivelmente mau e ofensivo. Sempre fui.”

“Eu não—”

Ele cava as pontas dos dedos na minha carne. “Comece a falar, Blue.”

“Você lembra a primeira vez que nos encontramos?”

Meus tornozelos estão cruzados em suas costas de novo, e eu os aperto quando ele franze a testa. “O que tem?”

Meus dedos começam a se mover e eu enrolo os fios macios de seu cabelo em seu pescoço. Suas narinas dilatam e minha boca fica seca.

Limpo a garganta. “Não... espero que você se lembre da coisa toda, é claro. Foi há muito tempo, mas nos encontramos no meu primeiro dia em St. Patrick. E nós dois estávamos na detenção. A professora nos pediu para escrever frases, acho. Não lembro o que deveríamos escrever, no entanto. De qualquer forma, estávamos sentados, dois assentos ou algo assim, porque eu podia ver o seu—”

“Um.”

“O que?”

“Um assento.”

“Oh.”

“Sim. E nós deveríamos escrever, *sinto muito por ser ruim* umas cem vezes. Fodida Sra. Pennyweather.”

Certo.

É muito antiquado e ultrapassado. Mas agora lembro que a professora, a Sra. Pennyweather, designada para nós era mais velha do que a terra. E ela nos obrigava a escrever frases toda vez que ficávamos com ela.

Eu movo meu corpo ainda mais perto, minhas coxas e tornozelos apertados ao redor dele.

“O que mais você lembra?” Eu sussurro.

Zach praticamente me levanta para cima e para frente, até que meus seios estão colados ao seu peito. “Tudo.”

Estremeço contra ele. “Você se lembra de tudo?”

“Por que você não vai direto ao ponto?”

O ponto.

Hum, está bem.

Reunindo toda a minha coragem, olho nos olhos dele. “Eu não me lembrava até a noite passada e eu...” Eu mordo meu lábio antes de deixar escapar: “Zach, eu sempre me perguntei por que você me escolheu de todas as pessoas na escola. Eu pensei que era porque eu sou do outro lado da cidade e eu era nova e porque nós não tínhamos nada em comum e eu não pertencia ali. E porque pessoas como você, você sabe, rico e nadando em dinheiro, pensam que podem fazer o que quiserem. Mas agora estou... estou me perguntando outra coisa.”

Eu não consigo senti-lo respirando. Seu peito não está se movendo e sua falta de ar está me deixando tonta. Como se até seus órgãos estivessem conectados aos meus. Seus pulmões não respiram, então os meus também não.

“Zach?”

“O que aconteceu ontem à noite?” Ele pergunta, seu aperto aumentando na minha cintura.

“Hã?”

“Você disse que não se lembrava, mas agora lembra. O que aconteceu para fazer você lembrar?”

Eu não posso me envolver mais com ele, mas eu tento responder: “Você não lembra, não é? Sobre a noite passada?”

“Conte-me.”

“Eu vi algo.”

“O que?”

“Eu ia... Eu sei que você me disse para ficar longe de você, mas eu ia para o seu quarto mesmo assim. Porque eu...” Eu engulo. “Eu apenas precisava. Mas então, eu vi você fora da minha janela. Você estava bêbado e caiu.

Corri até você e conversamos. E então, eu ajudei você a subir para o seu quarto. Quando estava te acomodando, vi o seu livro.”

Seu domínio sobre mim é punitivo e sei que mais tarde, quando olhar no espelho, encontrarei as marcas vermelhas de suas mãos. Eu também sei que vou tocar essas marcas com as minhas.

“E?”

Suas palavras têm um desafio.

Ele está me provocando para dizer.

“Por que você se recusou a ler a história, Zach?” Eu sussurro, segurando seu pescoço, tocando sua veia tensa, crepitando com eletricidade. “Por que você mentiu sobre isso?”

Ele fica em silêncio. Não que eu estivesse esperando que ele dissesse alguma coisa. Mas o silêncio dele é resposta suficiente.

Zach é disléxico.

E pelo que vi, ele também sofre de disgrafia. Significa que ele tem dificuldade em ler e escrever. É muito comum pessoas com dislexia também terem dificuldade com a escrita.

Eu sei muito pouco sobre isso, mas minha mãe costumava orientar algumas crianças que sofreram com isso. Ela diria que sofrer de uma dificuldade de aprendizagem quase sempre vem com certo tipo de estigma. Certo tipo de vergonha.

Ela diria que essas crianças são sempre mais sensíveis do que o resto. Mesmo que se esforcem e aprendam a ler e escrever, elas sempre têm essa pequena parte nelas que os faz duvidar de si mesmos. Elas podem nem sempre mostrar isso, mas cada pequena falha os corta profundamente.

Se for verdade, eu cortei Zach, o cortei, o fiz sangrar tantas vezes quanto ele me fez. Tudo sem saber.

“Por anos, eu tenho... eu tenho dito todas essas coisas para você. Todas aquelas farpas e comentários insultuosos e eu não tinha ideia”, digo, minha voz carregada de culpa, meus dedos acariciando a barba escura em sua mandíbula. “Eu não consigo parar de ouvir minha própria voz. Todas as coisas que saíram da minha boca. Todo o ódio e eu sempre pensei que você merecia e que era sua culpa. Mas talvez eu não seja tão pura e boa como eu pensava que era. Eu também fui cruel com você. E eu me pergunto se tudo isso poderia ter sido evitado—”

Minhas palavras param em um suspiro quando seus polegares se encaixam no meu umbigo. A pressão deles é exatamente o que sinto às vezes por ele.

Irradia para baixo, para o meu abdômen, meu núcleo, minhas coxas e estou todo carregada. Apenas pelo seu toque.

“Nada”, ele rosna novamente, e eu sinto isso até os dedos dos pés. “Isso aconteceu entre nós. Poderia ter sido evitado. Nem uma coisa. Porque *eu* escolhi você. E te escolhi porque você era diferente. Você se destacou. Você se destacou para mim. E eu não conseguia parar de te ver. Não por um único segundo. Suas tranças loucas que se transformou em seu cabelo azul louco. Suas meias na altura dos joelhos. Seu uniforme sujo e manchado, exatamente igual ao meu. As detenções que você levou por responder os professores. Suas pequenas explosões, suas pequenas retaliações. E mesmo que eu nunca, *nunca*, tenha vindo em seu socorro, você ainda olhou para mim com seus malditos olhos azuis. Costumava haver este... pequeno raio de esperança de que Zach provavelmente faria alguma coisa. Que Zach seria melhor desta vez. Que ele te salvaria.”

Balançando a cabeça uma vez, ele flexiona o aperto na minha cintura. “Isso costumava me deixar louco. Isso costumava me fazer sentir fodidamente... *protetor* em relação a você. Como se eu quisesse esmagar tudo que é nocivo ao seu redor. E isso costumava me fazer sentir mal comigo mesmo quando eu não esmagava.”

Ele zomba. “Você não sabe nada sobre ser cruel. Cruel é o que eu fiz para você só porque você me fez querer mudar. Porque você me fez querer ser melhor. E eu não queria ser melhor. Eu não queria mudar. Eu não queria ser uma pessoa diferente. Uma pessoa que salvaria alguém. Uma pessoa que defende o que é certo. Eu não sou essa pessoa. Eu me recuso a ser. Eu não me importo com o mundo. Eu não me importo com ninguém. Eu não me importo com você. Então, nada que aconteceu entre nós poderia ter sido evitado. Eu te encontraria e magoaria e deixaria você se machucar, do mesmo jeito.”

Suas palavras afundam em meus ossos. Na minha medula e estou queimando com elas. Com seu tom inflamável e incendiário.

Com seu olhar pirocinético.

Estou queimando para dizer a ele que isso não é verdade. Ele salvou Art, não é?

“E você sabe de outra coisa?” Ele continua.

Eu balanço a cabeça, ou pelo menos, acho que sim. Eu não estou muito consciente de nada além dele neste momento. Sobre as coisas que ele está dizendo.

“Cruel é o que eu vou fazer se você não parar meter o nariz onde não deve”, ele sussurra, ameaçadoramente. “Você finalmente entende?”

Quando eu não aceno com a cabeça como ele quer que eu faça, a pressão de seus polegares no meu umbigo aumenta e eu juro, eu juro, eu sinto isso direto no meu coração. Essa pressão.

Talvez haja um nervo passando por trás do meu umbigo até a minha boceta e ele a encontrou sem nem olhar.

“Você. Entende?”

Ele articula cada palavra como se eu não pudesse ouvi-lo. Eu posso. Eu só não estou entendendo nada.

Ainda assim, eu aceno com a cabeça.

Sua reação é apertar sua mandíbula e me soltar. Ele recua e se afasta das minhas coxas fechadas e eu nunca, *nunca*, em minha vida me senti mais fria do que sinto agora.

É como se ele levasse todo o calor com ele.

Eu deslizo pelo balcão e o vejo sair.

Ele caminha para a porta, mas para com a mão na maçaneta. Ele fica de perfil como se não pudesse ser incomodado para se virar e olhar para mim, e eu vejo seu queixo duro e angulado e suas maçãs do rosto salientes.

Um príncipe da cabeça aos pés.

“E coma seu maldito jantar.”

Capítulo 18

Estou trabalhando em um jantar hoje à noite.

Parece mais uma tragédia, no entanto.

É algo mais íntimo, com apenas algumas pessoas: o Sr. e a Sra. Prince; Sr. e Sra. Howard, os pais de Ashley; e claro, Zach. Ashley não está aqui; ela está na faculdade.

Graças a Deus.

Agora para a tragédia. Eu não acho que alguém perceba isso, mas eu percebo. Então, todos estão sentados em volta de uma mesa de jantar de aparência antiga, com filigrana ornamentada ao longo das bordas e pernas curvadas na parte inferior.

Essa não é a tragédia. A tragédia é que o Sr. e a Sra. Prince, junto com os pais de Ashley, estão sentados juntos, como se estivessem em um amontoado. Eles parecem um bom grupo, homens vestidos com smokings e mulheres usando vestidos de grife.

E Zach, ele está sentado no outro extremo da mesa.

Parece que há uma divisória entre ele e sua família e seus amigos. Sem mencionar, ele é o único neste grupo sem roupas extravagantes. Ele parece mais como nós, os funcionários, com sua camiseta surrada e seu cabelo espetado, do que um deles.

Estou servindo vinho e tentando ser invisível para eles. Até agora tem sido eficaz. Eles estão todos absorvidos neles mesmos, exceto Zach.

Zach está encarando a mão do pai sobre a de sua mãe. Sim, eles estão de mãos dadas — o Sr. Prince tem os dedos em volta do pulso da Sra. Prince — e bebem suas bebidas com as mãos livres.

É tudo muito amoroso, mas por alguma razão, não parece. Parece que há algo errado na maneira como o Sr. Prince está dominando quase toda a mão dela.

“Então, Zach, quanto tempo você ficará aqui?” Sr. Howard pergunta.

Esta é a primeira vez que alguém o incluiu na conversa. Os olhos do Sr. Prince se agarram ao filho e algo estala neles. Algo muito perto do aborrecimento.

Zach olha para longe das mãos entrelaçadas de seus pais e se concentra em Howard.

“O tempo que for preciso”, ele fala e olha para sua mãe.

Abaixando os cílios, a Sra. Prince enxuga os lábios com um guardanapo e limpa a garganta, sorrindo levemente. O aperto do Sr. Prince na mão dela aumenta. Eu posso ver seus dedos ficando brancos enquanto eu coloco vinho em seu copo.

“O que tempo for preciso para fazer o que?” Sra. Howard pergunta, dando uma mordida em seu bife.

Zach brinca com a haste do seu copo de vinho. Ele não tomou um gole nem sequer uma mordida de sua comida. Tudo o que ele fez foi observar seus pais com raiva.

“Para esquecer este lugar.”

O arranhão de uma cadeira arrastando no chão soa e é o Sr. Prince. Parece que ele vai se levantar ou dizer alguma coisa, eu não sei, mas as próximas palavras de Zach o impedem.

“Porque eu sinto muito a falta deles quando estou fora.” Ele está olhando para o pai. “A Inglaterra é um lugar frio para viver depois do calor da nossa cidade.”

Os pais de Ashley riem como se fosse a piada mais engraçada de todas. Há uma risada da Sra. Prince e um sorriso frio do Sr. Prince que combina tão lindamente e assustadoramente com o de Zach.

“Você deve estar muito orgulhoso, Ben”, Sr. Howard diz ao Sr. Prince.

“Sim, muito orgulhoso.”

A voz do Sr. Prince está chicoteando. Quase corta o ar em dois, se possível.

A mandíbula de Zach aperta.

O Sr. Howard continua como se não houvesse nada de errado. “Todos nos lembramos de que Zach era um encrenqueiro na escola. Você definitivamente teria tido algumas noites sem dormir.”

Isso é endereçado a Sra. Prince, que não fala uma palavra há séculos. Ela limpa a garganta e vejo seu pulso flexionando sob o aperto do Sr. Prince enquanto eu encho o copo do Sr. Howard.

“Sim. Mas você sabe como são os jovens. Além disso, ele está em Oxford agora e então acho que ficou tudo bem.” Ela se inclina para o marido e o beija na bochecha. “Foi tudo, Ben.”

Eu contornei a mesa para ir para Zach e encher seu copo. Embora não haja nada para completar. Ele não tem bebido; eu só precisava estar perto dele.

Seus dedos ao redor da haste de sua taça de vinho são praticamente da mesma cor do pai dele. Pálidos e brancos. Sem sangue.

Ele nem sequer me olha. Gostaria que ele olhasse. Porque meus olhos mostrariam a mesma raiva que seu olhar contém. Eles estão todos falando ao redor dele como se ele nem existisse.

Ouçou a risada aérea da Sra. Howard. “Todo mundo é um encenqueiro quando está na escola, George. Ele estava apenas sendo um menino.”

Sr. Prince toma um gole de seu vinho. “Encenqueiro ou não, Zach é um Prince. E todo Prince nasce com certo conjunto de traços, certa inteligência, certo intelecto. Ir a Oxford é apenas uma parte disso. Eu fui. Meu pai foi. O pai do meu pai foi. E se Zach não fosse, então ele não seria um de nós.”

Então, ele sorri para a mesa em geral enquanto seus olhos permanecem presos em seu filho. “E isso era simplesmente inaceitável para mim. E para minha esposa.” Ele se vira para a Sra. Prince e beija o dorso da mão dela.

Mais risadas rodeiam a mesa.

Filhos da puta.

Cada um deles.

Eu posso apostar qualquer coisa que o pai de Zach não apoiasse sua dislexia. Que é tão injusto e arcaico.

Não é culpa de Zach que ele tenha uma deficiência de aprendizado. Sem mencionar, é facilmente tratável. Este é o século XXI, pessoal.

Zach estava certo.

Ele é dispensável. Um pensamento tardio. Para o pai dele, pelo menos.

Porque de acordo com seu pai, ele não é um Prince. Ele está com defeito.

Ele é um rejeitado.

Não é isso que os valentões dizem para você? Você é muito gordo. É muito baixo. É um nerd. É um perdedor. Come demais. Você come muito pouco.

Não é Zach. É o pai dele. Ele é o valentão.

Quase posso vê-lo intimidando Zach a acreditar que ele não pertence a essa família. A família de perfeccionistas e arquitetos que constroem propriedades e mansões semelhantes a palácios e são os fundadores da cidade em seu tempo livre.

Eu quase posso ver Zach como um garotinho preso em uma torre com uma janela de vidro, onde ele pode ver as estrelas, mas nunca tocá-las.

Porque ele foi criado para acreditar que não podia.

Depois do jantar, eu o vejo.

Zach está andando pelo caminho sinuoso que corta diretamente os chalés e ao lado da floresta.

Estou na cozinha, limpando. Mas ao vê-lo lavo as mãos e me despeço. E corro atrás dele.

Desde que ele voltou, quase todas as noites eu o ouço em sua moto. Eu não sei aonde ele vai. Talvez ele apenas dê uma volta, sinta o vento em seu rosto, mas depois do que aconteceu esta noite, eu não quero que ele fique sozinho.

No entanto, minha capacidade de corrida é dificultada, porque estou usando Mary Janes com salto de cinco centímetros em vez de minhas melhores amigas: minhas botas de combate de couro.

Mas eu o sigo, no entanto.

Eu quero chamar o nome dele, mas algo está me impedindo. Provavelmente é a tensão em sua postura. Suas mãos em punhos e o fato de que eu sei que ele não gostaria se eu chamasse o nome dele e pedisse para me deixar ficar com ele para que ele não fique sozinho.

Na verdade, tenho certeza de que ele odiaria se eu enfiasse meu nariz onde não sou chamada.

Cruel é o que eu vou fazer se você não parar meter o nariz onde não deve. Tanto faz.

Estou enfiando o nariz onde não devo e ele não pode me impedir.

Mas então, meu próximo pensamento me detém. Eu percebo qual é o seu destino.

Droga.

Eu deveria ter pensado nisso antes. Ele vai para a garagem, a garagem principal de Plêiades. Os funcionários também têm uma garagem, em frente à principal, mas é menor. Eu já estive lá uma vez e não tenho nenhuma inclinação para repetir essa experiência.

Zach digita o código para a sua própria garagem e o portão estúpido volta à vida e para.

Ok, agora é a hora de chamar o nome dele. Se eu quiser pará-lo, este é o momento. Porque se ele subir em sua moto, todas as minhas boas intenções serão para nada.

Mas o momento se foi num piscar de olhos e eu fico parada ali, sentindo-me enjoada.

Talvez eu deva voltar. Eu não posso segui-lo no meu carro. Eu não vou.

Não.

Ainda não lidei com meus problemas, ok? Eu não tive tempo. Estive ocupada e não posso... Eu simplesmente não posso.

Mas se eu não fizer, quem vai?

Definitivamente não seus pais valentões.

Antes que eu possa pensar em meu plano, eu entro em ação. Corro para a porta da garagem, digito meu código que me lembro de seis meses atrás, quando eles me deram.

O cheiro de gasolina e assentos de couro invadiu cada centímetro do espaço e se eu prestasse atenção nisso, vomitaria.

Então não.

Eu não presto atenção em nada além do meu pequeno carro azul, estacionado entre um SUV e uma caminhonete. As chaves da minha casa estão no meu bolso e as chaves do carro estão presas a elas. Pensei em jogá-las fora um milhão de vezes, mas eu sempre desisto. Sempre penso que um dia, quando eu tiver minha casa de volta, eu vou lidar com o meu medo.

Bem, acho que hoje é esse dia.

Estou enfrentando meu medo. Por Zach.

Destravo o carro e deslizo no banco. Minhas coxas estão úmidas e todo o meu corpo também, e eu sinto que estou colada ao couro e que nunca vou conseguir sair. O pensamento me deixa tão tonta que estou prestes a sair quando ouço o rugido de sua moto.

Foda-se.

Não tenho tempo para ficar enjoada. Fecho a porta e ligo o carro. Ocorre-me mais tarde que havia uma chance de que isso não acontecesse.

Eu saio pela porta da garagem automática e vou atrás dele.

Tudo parece claustrofóbico e familiar ao mesmo tempo. Tão familiar que sinto como eu estivesse dirigindo ontem, em vez de um intervalo de cerca

de um ano.

Eu o alcanço assim que ele vira na curva da estrada e se funde com a rodovia. Faz anos que eu peguei essa estrada. Funciona paralelamente à nossa cidade e eu tive noites em que eu passava por lá com todas as janelas abertas.

Algumas noites, eu encontraria Zach andando também. Eu sempre fiz questão de ficar fora de sua vista, mas lembro de sentir inveja de todo o vento em seu rosto, toda a liberdade de estar ao ar livre. A emoção disso. Como se estivesse voando.

Logo em seguida, estamos deixando a rodovia e pegando a saída para uma cidade vizinha. Acho que estamos dirigindo há cerca de trinta minutos quando chegamos a uma área mais ou menos deserta, com vários armazéns e cercas de arame.

É meio assustador, mas não paramos por aqui. Continuamos avançando, até os prédios desaparecerem e as árvores surgirem. Nós atravessamos a floresta e chegamos a uma clareira.

Uma grande clareira cheia de luzes, música e pessoas.

Deus, há tantas pessoas, carros, motos e caminhonetes. Todos estão estacionados a esmo, sem nenhum sistema.

Paro o carro na beira do campo e observo a cena diante de mim.

As pessoas estão gritando, dançando e se contorcendo. Mas principalmente, estão reunidos em torno de algo profundo, mas enorme.

Um buraco.

Só que isso não é um buraco, é mais como um cânion e Jesus Fodido Cristo, uma moto está correndo em direção a isso agora.

Eu agarro o volante com força quando ouço o rugido daquela moto desconhecida, mais alto do que o tumulto das pessoas. Está indo direto em direção a ele, ganhando velocidade até que o chão já não existe, e então se arqueia sobre a abertura. Juro por um segundo que ninguém fala, ninguém faz um som e tudo está em silêncio.

Oh meu Deus, ele vai morrer.

Mas a moto de alguma forma consegue atravessar e pousar no chão. Mas acho que não é um pouso suave porque o cara escorrega e perde o controle da máquina mortal em que ele está sentado.

Ele é jogado e a moto desliza longe dele.

Eu sei que deveria estar mais preocupada com o cara que estava pilotando. Mas ele tem um círculo de pessoas reunidas em torno dele e eu tenho um problema maior.

Um problema maior e pior. Ou seja, Zach.

Enquanto eu assistia aquele motociclista desconhecido tentando se matar, eu perdi totalmente a noção dele. Cada célula do meu corpo está me dizendo que Zach vai fazer isso. Ele vai pular o buraco.

Eu teria rido se pudesse na ironia de tudo isso. Ele caiu em um buraco quando era criança, então agora ele passa suas noites pulando sobre um deles. Com a porra da sua moto.

Eu deixo meu carro onde está e saio cambaleando. Nem tenho tempo de fechar a porta antes de ir direto para baixo. Caio de joelhos, estourando-os sobre o cascalho quente e seco. Minhas palmas deslizam e a pele raspa.

“Oh foda-se!”

Elas estão sangrando um pouco e eu me sinto tão fraca. Não acho que tenho forças para me sentar e muito menos levantar.

Mas eu preciso.

Eu cheguei até aqui. Não posso voltar agora.

Eu vou matá-lo depois de salvá-lo. É melhor ele tomar cuidado.

De alguma forma, eu me arrasto e fecho a porta do meu carro. Respiro fundo algumas vezes que faz muito pouco para acalmar meu estômago, mas pelo menos eu consigo andar.

Caminho para onde as pessoas estão reunidas, o tempo todo procurando por Zach. A maioria delas está bêbada ou chapada ou *ficando* bêbada ou chapada. Metade delas parecem motociclistas e todos parecem criminosos para mim.

Ei, eu não estou julgando. Estou extremamente assustada com o que é este lugar e como é que ele não está cheio de policiais. Nada disso parece remotamente seguro ou legal.

No entanto, eu não tenho tempo para refletir sobre as repercussões legais, porque eu ouço outra moto acelerando e os gritos definitivamente me deixam surda dessa vez.

Não é Zach, o cara da moto, e estou aliviada e desapontada. Onde diabos ele está?

A esta distância, posso ver as rodas da moto agitando o cascalho. Consigo até sentir o cheiro da gasolina, do couro, do maldito suor.

Este motociclista faz a mesma coisa que o último. Acelera para o cânion, e quando acho que ele vai cair e quebrar seu pescoço estúpido, ele se lança para o ar, faz a grande investida e aterrissa do outro lado.

Mais uma vez, o pouso não é suave. Na verdade, é pior que o do outro cara. As pessoas ofegam e gritam quando ele fica em posição fetal e agarra o pé enquanto sua moto derrapa.

Ok, chega.

Tenho que encontrar Zach.

E encontro. Assim que me viro, eu o vejo.

Ele está em sua moto, acelerando, e está na floresta, bem em frente de onde ele precisa para dar o salto.

Sob o luar, posso ver que ele está olhando para o cânion como objetivo principal. Seus olhos negros como a noite estão presos nele enquanto meus olhos estão presos a ele. Para sua estrutura rígida e congelada. Ele está montando sua moto, mas de alguma forma, eu nunca o vi mais alto ou mais amplo do que neste momento.

Em seguida, ele coloca o capacete antes de fazer a coisa de virar com a mão esquerda, acelerando a moto e zunindo em direção ao buraco.

A multidão bêbada se afasta e eu tento me aproximar dele. Abro caminho através das pessoas, empurro-as, esbarro nelas para chegar perto da borda.

“Zach!” Eu chamo o nome dele, mas ele simplesmente passa por mim, lançando os fios de cabelo no meu rosto.

Eu fico ali ofegando enquanto o vejo aproximar-se do desfiladeiro, e quando ele arqueia a moto no ar, empurro um punho na boca para parar de gritar.

Enquanto ele está no ar, ele levanta o corpo e basicamente fica parado nos pedais e as garotas no meio da multidão enlouquecem.

Exibicionista do caralho.

Eu não consigo parar de correr para a borda do buraco grande e largo que eu acho que vai matá-lo hoje à noite.

Jesus Cristo.

É profundo e escuro. Eu nem sei até onde vai. Talvez para o centro da terra onde todo o fogo está, de onde vêm os terremotos que sacodem o chão.

Cada pessoa está observando ele riscando o ar como se ele fosse uma estrela cadente. Uma negra, escura estrela que está sugando todo o meu

oxigênio e fazendo meu coração bater e talvez até sangrar.

Tudo o que eu sei é que se ele morrer fazendo essa coisa estúpida, eu vou ressuscitá-lo, beijá-lo pra caramba — sim, eu vou beijá-lo, mordê-lo e devorá-lo, só para matá-lo eu mesma.

Estou mordendo meus punhos quando é hora da minha estrela negra descer. E ele desce.

Em seu arco descendente, Zach volta a sentar em sua moto e se inclina para frente. Mesmo que ele esteja muito longe para eu notar essas coisas, eu ainda sinto os músculos em seus ombros e costas, até mesmo seus bíceps se acumulando.

Há uma tensão nos meus músculos.

Quero fechar os olhos, mas não consigo. Eu tenho que ver isso. Tenho que vê-lo aterrissar.

Assim que suas rodas tocam o chão, eu mordo meu lábio. Forte. Até eu sentir o sangue escorrendo.

A poeira voa para todos os lados e, como em câmera lenta, vejo os pneus saltando com o impacto.

A qualquer segundo agora, ele vai cair. É isso.

Meus olhos se enchem de lágrimas e minha cabeça começa a tremer.

Mas Zach ainda está em sua moto, voando. Eu o vejo baixar o pé e cavar ao longo da terra até ele girar a moto e parar abruptamente.

A multidão explode em aplausos, mas estou muito chocada para me mexer.

Muito chocada para relaxar meu punho ou meu corpo. Ainda estou rígida de nervosismo e medo.

Zach está sentado em sua moto como se ele fosse algum tipo de príncipe. Um sombrio príncipe *das trevas* com sua jaqueta de couro preta e enormes botas plantadas no chão.

Descongelo quando ele estaciona a moto ao lado. Algumas pessoas o cercam, batem nas costas dele, apertam sua mão. Ele tira o capacete e gira o pescoço, passando os dedos pelos fios, e eu saio.

Corro ao redor do grande fosso, minha Mary Janes tropeçando na terra.

“Zach!” Eu chamo o nome dele quando chego ao outro lado e ele está na minha frente, ainda de pé entre o grupo de pessoas.

Desta vez, ele ouve minha voz e seus olhos se lançam para mim.

Ele parece surpreso, mas lentamente muda e tudo o que resta é sua grande carranca e uma pulsação em sua mandíbula.

Oh, por favor.

Eu também estou brava com ele e não vou a lugar nenhum.

Ficamos ali, olhando um para o outro através da largura do buraco que ele acabou de saltar. O refletor está brilhando e eu posso ver sua camiseta encharcada de suor. Sua jaqueta sumiu — ele provavelmente a tirou no minuto ou menos que levei para atravessar — e o suor escorre pelo lado de seu pescoço.

Quando Zach começa a se mover em minha direção, minha respiração vacila. Ele está caminhando, as coxas fortes saltando em seus jeans e suas longas pernas diminuindo a distância.

Atrás dele, vejo outro motociclista dando saltos e as pessoas torcendo ao nosso redor. Mas isso não importa.

Não para mim e definitivamente não para ele.

Ele nem pisca ou dá qualquer indicação que sabe que estamos no meio de uma multidão.

Zach precisa chegar até mim.

Eu sei como se soubesse que não estaria em nenhum outro lugar a não ser aqui, neste momento. Eu dirigiria aquele carro de novo e arrebentaria meus joelhos e rasparia minhas palmas.

Eu faria tudo de novo só para poder ser olhada por seus olhos escuros, perseguida por suas intenções igualmente escuras.

Quando ele me alcança, eu estico meu pescoço para olhar seu rosto elegante e estonteante. Ele está respirando pela boca, o peito ondulando sob a camiseta coberta de poeira.

E a primeira coisa que sai da minha boca é: “Seu idiota.”

Capítulo 19

Zach aperta sua mandíbula com minhas palavras.

Quero chamá-lo de todos os nomes grosseiros da história do mundo por me assustar assim, mas ele me cala antes que eu possa até mesmo abrir a boca.

Ele se abaixa e me levanta em seus braços.

De alguma forma, eu sabia que ele faria isso. Eu sabia. Me carregar é o seu passatempo favorito. Não que eu seja louca por isso.

Acho que preciso tocá-lo da mesma forma.

Então eu subo minhas coxas em torno de seus quadris, envolvo minhas mãos em seu pescoço e agarro seu cabelo úmido.

Eu o abraço com força e ele me abraça de volta.

E então eu não consigo parar de falar. Tudo que estou sentindo precisa sair. É a adrenalina, eu acho.

“O que você estava pensando? O que há de errado com você?” Eu forço minhas palavras enquanto coloco meu rosto em seu pescoço e ele caminha em direção a algo — eu nem me importo com o que ou onde.

“Você é louco, sabe disso? Eu não posso acreditar que você se submeteu a isso. Quero dizer, eu sei que pessoas com dislexia têm outras coisas que elas são ótimas; andei lendo na internet. Mas que porra é essa? Você poderia ter morrido. Poderia ter quebrado o seu pescoço. Poderia ter ficado paralisado. Você viu todas essas pessoas? Elas não conseguiram fazer o pouso. Elas não puderam...”

Minha respiração fica presa, pensando em todas as tentativas frustradas de pousar suavemente no chão e me agarro a ele com mais força. Esfrego meus lábios em sua pulsação, saboreando sua pele, o sal de seu suor. Isso me acalma. Isso me faz acreditar que ele está vivo e está me levando para algum lugar com ele.

“Você tem alguma ideia de como eu estava com medo? Alguma ideia?” Continuo, puxando o cabelo dele, cruzando os tornozelos nas costas dele. “Eu estava enlouquecendo, vendo você voar pelo ar. Notícia de última hora, Zach: é uma moto. Não um maldito avião. E isso é mesmo legal? Acho que não. Porra.”

Eu mordo sua pulsação levemente; seu gosto, seu cheiro explode na minha língua, e seu aperto em mim fica ainda mais forte.

“Não consigo acreditar que este é o lugar que você vem quase todas as noites. E se você for pego? E se os policiais vierem prendê-lo? Você quer ir para a cadeia, Zach? Esse é o seu plano? Esse é—”

Eu paro de falar quando minhas costas batem contra algo — a porta de uma caminhonete branca e enferrujada — quando Zach me deposita contra ela, e nós nos separamos.

Estamos longe da multidão e dos rugidos das motos voadoras e tudo que eu posso ouvir são as nossas respirações ásperas.

“Que porra você está fazendo aqui?” Ele rosna, inclinando-se para mim.

Suas mãos descem para minha bunda e apertam a carne sobre a minha saia, e eu mordo meu lábio já dilacerado pela pressão.

“Segui você.”

“O que?”

“Depois daquele jantar... eu não queria que você ficasse sozinho. Eu não —”

Outro apertão na minha bunda. “Quem disse que eu queria a sua companhia?”

Deus, ele é rude.

E grande e ruim.

Ele não mudou. Ele ainda é o mesmo que era em St. Patrick’s.

Eu, no entanto, mudei. Mudei a maneira como eu olho para ele. Sua grosseria não me incomoda. Apenas... se encaixa. Se encaixa nele como uma armadura.

Ele provavelmente precisava disso para todas as guerras que travou, vivendo naquela torre de vidro.

Eu puxo o cabelo dele com igual pressão. “Eu. *Eu* disse que você queria minha companhia, então aqui estou.”

Suas narinas dilatam. “Será preciso uma ordem de restrição para você ficar longe de mim?”

“Experimente. Eu te desafio.”

Zach inclina seu corpo para mim ainda mais. É como se as nuvens estivessem obstruindo a lua e o mundo estivesse escuro.

Não faz mal.

Estou enrolada na escuridão; eu não tenho medo.

“Lembre-se do limite, Blue. Você está muito perto de estar do lado da estupidez”, ele avisa.

As mechas de seu cabelo roçam minha testa e meu nariz bate contra o dele. Até mesmo esse toque mais leve é suficiente para fazer minhas costas arquearem e cravarem minhas unhas na nuca dele.

“Você é estúpido também”, eu sussurro, pensando sobre a tatuagem em seu pulso. “Olha o que você está fazendo. Saltando pelos cânions. Embora, tenha sido... um pouco, minúsculo... magnífico.”

Foi.

Agora que não estou com medo, posso admitir que ele parecia muito sexy e invencível. Um cara audacioso.

Os olhos de Zach percorrem meu rosto. “Você está obcecada por mim.”

“Não.” Eu vacilo, depois, “Um pouco.”

Ele me pressiona na caminhonete com seu corpo. Seu torso está pressionando minha barriga e seu peito está achatando meus seios pesados e latejantes. Seu peso deve estar me esmagando, mas tudo que posso sentir é uma sensação de liberdade.

Uma sensação de vida.

Tanta vida que eu poderia morrer disso.

“Sua mãe não te ensinou a ficar longe do seu valentão?” Ele diz.

Lembra tanto todas as coisas que ele me disse quando nos conhecemos que leva um segundo para eu recuperar o fôlego.

Nesse segundo, eu o imagino quando ele tinha doze anos, todo irritado e arrogante, e eu tinha dez anos, toda indignada e irritada. Eu imagino o que teria acontecido se ele não estivesse tão ferrado e nós não tivéssemos brigado naquele dia.

Talvez nós fôssemos amigos. E talvez um dia, nos tornássemos algo mais.

Em vez de uma história de ódio, nossa história teria sido de amor.

Olho em seus olhos enquanto seguro sua face dura. Sua barba é áspera sob meus dedos e sua pele é quente e essa expressão — a que eu tenho perseguido desde que vi quando ele me encurralou no corredor.

É de arrependimento.

Eu não posso acreditar que demorei tanto tempo para descobrir. Ele está arrependido. Provavelmente de todas as coisas que ele fez para mim e me fez passar.

“Se você é meu valentão, então eu sou a vítima de bullying, certo?” Eu começo. “Bem, eu estou seguindo em frente. Eu tenho o poder. Então, eu escolho esquecer. Não me lembro do cara que me intimidou. Que ficou parado e me viu ser humilhada repetidas vezes. Que eu lancei insultos. Em vez dele, lembro-me do cara que veio em meu socorro quando cortei a palma naquela primeira noite na festa. Eu me lembro do cara que desistiu do cigarro porque eu queria que ele sofresse. E que comeu aquele creme embora soubesse o que eu estava fazendo. Eu me lembro do cara que mandou Ashley embora e me defendeu. Lembro-me do cara que tirou um garoto de cinco anos de um buraco e fez aquele garoto se sentir melhor com a situação dele. Em vez do meu valentão, eu lembro do cara que disse que queria me proteger e quando ele não protegeu, ele se odiava um pouco mais a cada dia.”

Esta é minha catarse.

Tina estava certa. Eu tenho que me libertar e estou me libertando, da raiva antiga, do passado, do sentimento de injustiça.

Eu só não sabia que seria assim, agarrada ao cara que me machucou.

Mas acho que faz sentido. Ele tem sido o centro do meu universo. Por que ele não estaria comigo quando eu desse esse passo?

“E para responder sua pergunta, minha mãe me ensinou a ficar longe do meu valentão, mas ela também me ensinou a nunca ficar parada se alguém estivesse sendo intimidado.”

As respirações de Zach são duras e hesitantes e eu posso senti-las até os meus ossos. Posso sentir sua dor, sua raiva, sua indignação e tortura, *tudo*.

Talvez seja isso que chamam de telepatia.

Isso, aqui mesmo, é transcendência.

“Eu sinto muito, mas...” Aperto sua cintura com minhas coxas. “Sua família está fodida. Tipo, muito fodida. Seu pai?” Eu balanço a cabeça e agarro sua camiseta. “Ele é um valentão. Entendeu? Você não precisa ir a Oxford ou algo assim para ser um Prince. É tudo besteira. Não deixe que ele lhe diga que você não é. Não deixe que ele te faça acreditar em toda essa porcaria sobre você, Zach. Você não merece isso. Você—”

Zach empurra seus quadris em mim e esfrega contra o meu núcleo, me fazendo calar a boca.

“Sim? O que eu mereço?” Ele pergunta rudemente, olhando para mim com uma intensidade de tirar o fôlego.

Deus, ele está tão perto.

E duro, e eu estou agarrada a ele tão descaradamente.

Mas eu não vou deixá-lo me distrair. Ele precisa saber que seu pai é um idiota. Que ele não merece ser tratado assim por causa de algo que não é culpa dele.

“Estou falando sério”, digo a ele.

“Eu também.” Ele rola seus quadris contra os meus, fazendo-me tremer. “Diga-me o que eu mereço, Blue.”

“Não isso. Ninguém merece ser tratado assim.”

Apertando a mandíbula, ele desenrola minha mão de sua camisa e agarra minha palma.

Uma dor aguda explode no centro dela, lembrando-me que caí no momento em que saí do carro. O polegar de Zach está pressionando a ferida. É a mesma palma que eu cortei na noite em que ele voltou, minha esquerda.

Franzindo a testa, ele olha para baixo. “O que aconteceu?”

“Eu caí. Porque eu estava tonta. Quando saí do... c-carro.”

Os arranhões nos meus joelhos também pulsam. É como se a menção do carro estivesse fazendo todos os meus ferimentos aumentarem.

Ainda segurando minha mão, ele olha para cima. Há alguns segundos de confusão em seu rosto, mas depois desaparece.

“Você me seguiu em seu carro.”

“S-Sim.”

Ele balança a cabeça uma vez. “Vou te dar uma carona para casa.”

Ele vai se afastar de mim, mas eu aperto minhas pernas ao redor dele. “Não.”

“O que?”

“Eu não quero ir. Ainda não. Eu quero...”

“Você quer o que?”

Seus olhos são intensos. Brilham no escuro. Como faróis. Exceto que um farol deveria ser seguro, mas seus olhos vêm com um perigo de afogamento.

“Eu-eu quero que você me beije.”

Deus, eu realmente disse isso?

A inspiração aguda de sua respiração diz que sim. Eu disse isso e ele está surpreso.

Bem, por que não estaria? Eu fugi dele da última vez quando ele me fez sentir alguma coisa.

Mas eu acho que estava mentindo então. Para mim e para ele.

Acho que queria que ele me beijasse por anos. Mesmo quando ele era apenas meu valentão.

Talvez seja patético e eu sou a garota em filmes de terror que morre logo no começo, porque ela simplesmente não consegue parar de checar o porão.

Que assim seja.

Eu sou aquela garota.

Ficarei na história como a garota que corteja o coração partido e, portanto, merece a tragédia.

“Eu faço você sangrar”, Zach murmura, esfregando o polegar sobre a costura dos meus lábios. Um tom entrelaçado de arrependimento.

“Sim.”

Seu polegar traça a pele rasgada do meu lábio no meio. “Faço você chorar também.”

Eu pisco e uma lágrima escapa; nem sabia que estava pairando na borda. “Sim.”

Limpando a lágrima, ele sussurra: “Eu não vou parar. Eu não sei como.”

Ele vai parar. Eu vou *fazê-lo* parar.

Este ciclo de bullying que começou com o pai dele. Termina com a gente.

Eu vou mudar nossa história.

Se ele é um falso príncipe, então sou sua falsa Cinderela. Eu não preciso de sapatos de cristal ou de um vestido bonito para mudar nosso futuro. Eu posso fazer isso com minhas botas de couro e meu uniforme cinza.

“Tudo bem”, eu sussurro.

Suas narinas dilatam com a minha resposta, enquanto ele me observa com uma posse estranha. É sombrio, assustador e emocionante. Isso me faz segurá-lo ainda mais apertado.

Mas ele facilmente afasta meus membros e recua.

De repente, estou à deriva e minhas pernas caem no chão, minha coluna deslizando ao longo da porta de metal da caminhonete. Elas estão trêmulas e dormentes, e meus pés estão descalços. Minha Mary Janes caiu deles há muito tempo e eu esqueci completamente como ficar em pé sozinha.

“Zach?”

E para o meu choque, ele cai de joelhos — cai, quase — e agarra meus quadris para me manter firme. Seu rosto fica abaixo dos meus seios e ele enterra o nariz no vale. Não importa se eles estão cobertos com roupas, Zach tem o hábito de destruir todas as barreiras entre nós.

Envolvendo minhas mãos nele, eu sussurro: “O que você está fazendo?”

Ele levanta a cabeça e olha nos meus olhos. Eu noto todas as manchas de sujeira na minha camisa branca, quão retorcidos e esticados os botões estão, lutando contra os meus seios arfando.

Zach não me responde. Não até que ele se agacha e levanta minha perna direita, colocando-a por cima do seu ombro.

“Beijando você”, ele diz simplesmente.

“O que?”

“Você me ouviu”, ele diz, arrastando a bainha da saia para cima.

Eu o paro e tento empurrá-la para baixo. “Zach.”

“O quê?” Ele diz num tom mordaz.

“Você não deveria estar mais perto dos meus lábios, se quiser me beijar?”

É uma maravilha que eu possa me equilibrar em uma perna, porque ele não solta a que ele mantém presa, e não solta a saia também, então ela está presa no meio da coxa.

Lentamente, Zach sorri. “Estou tentando ficar.”

“Está o que?”

“Tentando chegar perto de seus lábios.”

Agarro o cabelo dele. “O que... eu... De quem é essa caminhonete?”

Essa é a única pergunta que posso fazer agora.

Ele encolhe os ombros, como se ele não se importasse. “Diabos se eu sei.”

Eu olho em volta; está tudo deserto, embora haja uma grande multidão atrás de nós. “E se alguém vier?”

Zach ri.

Suas mãos são muito maiores que as minhas e ele usa isso em vantagem e empurra a saia para cima, expondo minha calcinha.

“Essa é sempre sua primeira preocupação, não é?”

“Bem, sim. Eu não quero que ninguém nos veja, me veja seminua.”

Ele olha para meu boyshorts de algodão simples e toca a costura, fazendo-me estremecer. “Sabe, eu pensei que estava sonhando na outra noite. Quando você estava esparramada em cima de mim. Você queria que eu te beijasse naquela noite também, não é?”

“Eu estava esparramada porque você me puxou para baixo e sim. Mas.” Exalo uma respiração instável. “Eu não sei como isso é beijar.”

Ele sorri e, em seguida, seu polegar entra na minha calcinha e faz contato com a borda externa do meu núcleo, fazendo-me pular.

Ofego o nome dele quando a ponta do polegar toca levemente. Então, casualmente, como se fosse rotineiro, ele toca a borda da minha boceta.

“É beijar porque eu vou colocar meus lábios em seus lábios.”

Com isso, seu polegar fica mais dentro da minha calcinha e esfrega ao longo do centro do meu núcleo. Finalmente, eu entendo o que ele quer dizer e me faz corar como se eu tivesse absorvido todo o calor do ar ao nosso redor.

“Eu não quis dizer esse tipo de beijo.”

O sorriso de Zach ainda está no lugar, um sorriso torto e excitado. “Não é problema meu. É assim que eu beijo, Blue, quando...” Ele se afasta e se inclina, como se não pudesse se controlar. Ele não consegue evitar cheirar minha boceta coberta.

Isso o faz gemer e minha cabeça recua em outro gemido.

“Quando o que?” Eu consigo perguntar de alguma forma.

Seus lábios estão bem ali, bem no meu clitóris, separados apenas por roupas íntimas de algodão. “Quando meu pau está puto.”

Olho para baixo, agarrando o lado do rosto dele. “Seu pau?”

“Uh-huh.” Ele balança a cabeça, arrastando o nariz para cima e para baixo na minha boceta.

Sua barba fica ainda mais áspera sob meus dedos agora. Na verdade, tudo parece mais áspero quando toca meu corpo. Sua camiseta macia, seu cabelo de veludo, o ar ao meu redor.

“Por quê?” Eu suspiro, movendo-me inquietamente em um pé.

Ele ainda está esfregando o centro da minha boceta com o polegar, me cheirando. “Por sua causa.”

“Eu?”

“Sim. Você está irritando meu pau, Blue. Você está irritando há dias agora. A maneira como você se move naquele seu pequeno uniforme apertado. A maneira como você anda por aí, sua trança azul balançando nas costas. Você está procurando problemas, não é?”

“Não.”

“Não? Seus peitos saltam quando você anda, baby.” Estremeço em seu carinho lançado casualmente, como se ele estivesse esperando para dizer isso a vida toda. “Sabia disso?”

“Não.” Arqueio meus quadris, tentando chegar mais perto de sua boca. “Eu não faço isso de propósito.”

Ele ri e de alguma forma, me atinge no clitóris. No meu *escorregadio* clitóris.

Deus, acho que estou molhando minha calcinha na frente dele. Acho que ele pode ver isso. Ele pode ver como minha boceta está babando por ele.

“Não, hein?”

“Não.”

Sua cabeça entra e sai da minha visão enquanto eu pisco e tento manter meus olhos abertos contra o ataque de toda a luxúria e hormônios.

Zach arrasta seus lábios ao longo do meu baixo ventre e a dor que eu sempre sinto por ele se inflama. Me atinge por dentro como se o conhecesse. Soubesse que a fonte de sua existência está próxima, ali mesmo, falando com ela, falando com minha pele.

“É que eles são tão grandes, não são? Seus peitos. Eles são tão grandes que você não pode deixar de ser uma boa empregada para mim”, ele diz, ofegando suas palavras grosseiras na minha carne.

“S-sim.”

Meus seios estão arfando agora. Os mamilos parecem balas. Eles precisam dele. Eles precisam de suas mãos e Zach traz o polegar da minha calcinha, estende as duas mãos e os segura.

Olhando para mim, ele apalpa a carne. “Você está sendo uma boa empregada para mim agora?”

Aceno com a cabeça, ficando fora de mim. Acho que até mesmo tive um orgasmo também, com a maneira como meus músculos internos estão vibrando.

“Você vai acalmar meu pau chateado, baby?”

Aceno de novo, desta vez com um gemido.

“Sim? Você vai me deixar beijar com a língua sua boceta virgem, mesmo que alguém possa vir até nós e vê-la cavalgando minha boca?”

Minha respiração está se transformando em soluços, em choro, e minhas unhas estão descendo pelo lado de seu pescoço. “Sim.”

Ele me prende com seu olhar, seus cílios grossos dando-lhe um olhar misterioso. “Tudo bem. Eu não vou deixá-los verem nada. Eu vou te esconder. Sempre vou te esconder de olhares indiscretos. Qualquer coisa que valha a pena ver, Blue, vai estar na minha boca.”

Ainda não superei as palavras atuais enviadas pelo meu sistema quando ele aperta meus mamilos com força antes de soltar minha perna. Ele lida rapidamente com minha calcinha, arrastando-a para baixo com os dedos necessitados, e colocando no bolso.

E então, não há mais nada a fazer além de beijar.

Ocorre-me então que eu deveria estar envergonhada pelo fato de não ter me depilado lá embaixo há anos. Quando eu ainda era uma adolescente normal, ainda que irresponsável e rebelde, eu costumava fazer a depilação regularmente. Mas depois da morte dos meus pais, nunca me ocorreu fazer qualquer coisa sobre as coisas lá em baixo.

Zach não se importa, no entanto. Se o seu gemido é alguma coisa, ele gosta. Ele toma um rápido cheiro dos meus cachos indomados antes de me cobrir com a boca.

Ele estava certo; eu estava me preocupando por nada. Qualquer coisa que valha a pena ser vista está em sua boca malvada e sugadora.

Colocando minha coxa por cima do ombro, ele entra lá. Ele separa meus lábios com uma mão e lambe meu centro, como se ele estivesse lambendo a parte suculenta de uma fruta.

“Zach”, eu gemo, cavando os dedos do pé da minha outra perna no chão.

As pedras me machucam, mas sua boca está me dando prazer suficiente para sofrer andando através de cacos de vidro.

Ele amaldiçoa em minha boceta e eu sinto seu *foda-se* no meu peito, fazendo meu coração enlouquecer. Sem falar nas borboletas. Elas estão em todo lugar. Mesmo na minha panturrilha que balança do ombro largo, fazendo-a zumbir.

Pensei que ele lambe minha excitação, circular minha entrada apertada, intocada, acabaria comigo. Pensei que se ele fizesse isso por mais cinco segundos eu explodiria. Meus dedos flexionariam em seus cabelos e eu gritaria meu orgasmo para o céu.

Entretanto, eu não sabia que seus lábios se fechariam sobre o meu pequeno clitóris no topo. E se a eletricidade que dispara através do meu

corpo é qualquer indicação, ela estava excitada por ele. Pela longa sucção de sua boca, o arranhão de seus dentes e seus grunhidos.

Jesus. Seus grunhidos.

Eles estão ocupando todos os espaços vazios da minha alma. Eu vou ouvi-los até o dia que eu morrer. Eu vou dormir com eles. Eu vou acordar para eles. Eu vou imaginá-los dia após dia.

Isso e seus ombros ondulantes e suas costas estremeando.

Estava com meus olhos fechados até agora; não sei quando os fechei. Eu os abro e olho para baixo.

Olho para a imagem obscena que fazemos. Meus dedos enterrados em seu cabelo e sua boca enterrada em minha boceta, movendo-se de um lado para outro, para cima e para baixo. Minhas coxas estão abertas e seus ombros estão comprimidos entre elas. Minha saia está em algum lugar ao redor da minha cintura e minha blusa está toda enrugada e fora de lugar.

Mas isso não é a coisa mais chocante.

O mais chocante é que Zach, o cara que está me lambendo, está montando no ar. Seus quadris estão se movendo e ele está masturbando seu pau.

Seu pau irritado.

Ele está puxando com uma mão enquanto a outra mão segura minha boceta aberta. Tudo está acontecendo dentro de sua calça. Ele nem o tirou, e ainda assim ele está abusando dele.

O sabor da minha buceta está fazendo com que ele abuse dele.

“Z-Zach... eu...”

Eu paro quando ele grunhe mais alto ao som do seu nome em meus lábios e sua mão se move. Ela sai da minha boceta e apalpa minha bunda que estava presa ao metal aquecido e eu nem percebi isso.

Acho que não percebi muitas coisas.

Coisas como, em pé assim, uma perna jogada sobre ele e a outra levemente flexionada, abre outra coisa.

Algo que eu nunca — nem em um milhão de anos — pensei que alguém tocaria. Aquela outra abertura, plissada e escura.

Zach amassa um globo da minha bunda antes de arrastar os dedos para baixo ao longo da junção e tocar essa parte inexplorada.

Seus dedos lá e sua boca no meu clitóris, deixando meu canal vibratório molhado, me fazendo gozar.

Meus quadris se afastam do carro, mas Zach me mantém equilibrada com seu corpo e sua boca que ainda está sugando meu clitóris enquanto lambe todos os líquidos da minha boceta. Seus dedos ainda estão enterrados na minha junção, pressionando contra a minha entrada escura que não para de contrair.

“Deus...”

Eu gemo e arranho seu pescoço e entoo seu nome repetidamente. Meu corpo inteiro contraindo e soltando até que não sobra nada.

No fundo, estou ciente de que ele está estremecendo também. Que Zach está se movendo, deslocando e seus grunhidos crescendo para um gemido longo e másculo.

Isso me faz querer sorrir.

Eu gostaria de *poder* sorrir embora. Mas toda minha energia se foi. Estou meio caída sobre ele e meio encostada na caminhonete, e quero cair no chão.

Então sinto braços em volta da minha cintura e abro os olhos. Os olhos de Zach são preguiçosos e seus lábios e mandíbula estão cobertos de mim.

Pendendo de seus braços, mole e saciada. “Acho que estou morta.”

Ele ergue a outra mão e me limpa dos lábios. “Sim? Então, como você ainda está falando?”

Eu rio sonolenta. “Você me matou.”

Diversão enrugando os cantos dos olhos dele. “Uh-huh.”

“Você gozou também, não é?”

Com isso, ele olha para longe de mim. Endireita minhas roupas sem minha ajuda. Apenas continuo olhando para o rosto dele, seu belo rosto elegante.

“O que? Está envergonhado que você gozou? Tudo bem. Eu também gozei. Pra caralho.”

Quando termina, ele levanta os olhos para mim. “Eu sei. Você inundou minha boca.”

Eu mordo meu lábio, sorrindo como uma lunática.

“Você sempre fica bêbada depois de um orgasmo?”

Coloco meus braços em seu pescoço, deixando-o pegar todo o meu peso e estendo a mão para beijar sua mandíbula. “Talvez.” Meus olhos se arregalam. “Oooh! Eu tenho uma ideia.”

“Por que você não tenta mantê-la para si pelo menos uma vez?”

Puxo o cabelo dele. “Que tal você me dar outro orgasmo e podemos descobrir.”

Rindo um pouco, ele enfia meus cabelos esvoaçantes atrás da minha orelha. “Agora, estamos indo para casa. Vou chamar alguém para dirigir seu carro de volta.”

“Obrigada”, eu sussurro.

Sem reconhecer meus agradecimentos, Zach se abaixa e me levanta em seus braços pela segunda vez esta noite. Embora esta seja no estilo de noiva.

“Oh, você não precisa me carregar.”

Ele fica em silêncio enquanto começa a andar.

Eu me aconchego contra sua clavícula. “Eu sou pesada.”

“Se você disser isso mais uma vez, eu vou te deixar aqui e ir embora. Você pode encontrar seu próprio caminho de volta para casa.”

Não sei por que, mas eu não consigo parar meus sorrisos hoje à noite. Talvez os orgasmos me deixem bêbada. Ou talvez sejam orgasmos dados por ele.

“Você não deixaria”, murmuro.

Rosnando, ele aperta seus braços, desse modo, me apertando contra o peito. Eu me aconchego contra ele enquanto caminhamos pela multidão ainda carregada e barulhenta. Zach passa por algumas pessoas e diz a alguém para dirigir meu carro de volta.

Em seguida, caminha até sua moto e me senta nela. Quando eu toco o metal aquecido com meus pés descalços, percebo que deixei minha Mary Janes em algum lugar atrás da caminhonete.

Eh, isso não importa. Eu tenho o meu príncipe, eu não preciso de sapatos.

Zach encaixa seu capacete na minha cabeça e o prende, ficando na minha frente. “Segure—”

“Eu sei.”

Coloco os braços em sua cintura e coloco minha bochecha sobre suas costas, segurando-o.

“Esse é o nível cinco de grudenta, sabe disso, certo?”

Fechando meus olhos, eu respondo: “Tanto faz. Você gosta.”

Eu sinto sua breve gargalhada quando ele dá a partida na moto, coloca a mão nos meus braços e me faz aumentar meu aperto ao redor dele. A moto ganha vida abaixo de mim, vibrando contra o meu núcleo saciado.

À medida que decolamos para a noite e eu respiro no ar da liberdade, decido que, não importa o que ele pense ou diga, estou salvando-o.

Vou salvá-lo de sua torre de vidro e vou salvá-lo de todas as pessoas cruéis de sua vida.

E enquanto estou salvando-o, eu também vou beijá-lo.

Na boca dele.

Capítulo 20

O Príncipe das Trevas

Eu tinha seis anos quando me diagnosticaram.

Tudo começou com a hiperatividade que os levou a descobrir que eu tinha dislexia.

Meu pai não estava feliz, mas acho que ele aceitou. Ele achava que lições extras, aulas especiais me tornariam bom como novo em pouco tempo.

Mas com a idade de sete anos, eles descobriram que eu tinha disgrafia também.

Isso o irritou, eu acho.

Mas não tenho certeza.

Tudo que eu lembro era de me esforçar e meu pai não ficar feliz com isso.

Lembro-me dele apontando falhas. Rasgando as páginas do meu livro. Toda noite ele vinha ao meu quarto e exigia que eu lesse para ele. Quando eu tinha dificuldade para soletrar as palavras, ele ficava frustrado. Ele dizia a todos para não me deixar sair ou ter algum tempo para brincar.

Ele despedia os professores a torto e a direito quando pensava que eles não estavam fazendo o trabalho deles.

Então eu fiz aquele maldito cartão. E foi aí que percebi que meu pai, toda a sua raiva e agressividade, era porque ele também era disléxico.

“Não demorei muito para aprender a escrever.”

Foi o que ele disse para minha mãe naquela noite.

Eu perguntei a Nora sobre isso e ela me disse.

Então meu pai, Benjamin fodido Prince, era disléxico. Talvez toda a sua frustração se devesse ao fato de seu filho ser imperfeito como ele. Talvez eu tenha lembrado seus dias de infância. Talvez ele me odiasse porque eu era muito parecido com ele.

Fale sobre uma psicologia fodida. Tenho certeza de que um psiquiatra adoraria entendê-lo e sua autoimagem.

Eu parei de tentar entendê-lo há muito tempo.

Tudo o que me importa é deixá-lo infeliz, tão miserável como ele me deixou toda a minha vida. Se isso significa nunca aprender a ler e escrever como uma pessoa normal ou desaprender o que eu aprendi, então que seja.

Blue acha que eu fui intimidado a acreditar em toda a porcaria sobre mim. Ela não poderia estar mais errada.

O problema é que eu não me importo com o que eles me fizeram acreditar.

Tudo o que me importa é minha vingança.

Meu ódio pelo homem que me deu a vida.

Meu valentão.

Capítulo 21

Estou no quarto de Zach.

Não é nada ilegal. Estou aqui apenas para limpar. Na verdade, Grace deveria fazer isso, mas eu troquei as torres com ela.

Ela sorriu para mim um pouco, mas, além disso, ela não disse nada.

Tudo bem. Ela é boa em guardar segredos. Não que algo secreto esteja acontecendo aqui. Estou apenas fazendo meu trabalho.

Entre outras coisas.

A única coisa meio duvidosa é que a porta estava trancada e mesmo depois de bater, ele não abriu. Mas eu entrei assim mesmo com um grampo de cabelo; disseram que ele estava em casa.

E ele está.

Ele está no banheiro, tomando banho, e eu estou aqui fora, fazendo a cama dele.

Sobre o zumbido suave da água e tentando não imaginá-lo nu, endireito seus travesseiros, afofo sua roupa de cama da maneira certa e pego suas roupas espalhadas. Mesmo com isso, acho que o quarto dele é o mais limpo que eu *limpei*.

Seu livro está longe de ser visto e eu me pergunto o que ele fez com ele. Eu me pergunto se ele ainda tem.

Então o chuveiro é desligado e uma sombra surge pelo quarto — por mais louco que isso pareça — e eu sei que ele saiu.

Ele está no limiar do banheiro, uma toalha enrolada em seus quadris esbeltos, mas musculosos, e ele está secando seu cabelo molhado, extremamente molhado, com outra toalha.

Seus olhos estão em mim, mas ele não parece surpreso em me ver. Devo estar perdendo meu jeito.

Eu também devo estar perdendo a cabeça e todos os meus sentidos, porque tudo que posso fazer agora é olhar para ele. Olhar para o lindo corpo dele.

Eu não sou uma daquelas garotas que ficam loucas por um bom corpo. Não. Quer dizer, eu gosto, mas não faço disso meu papel de parede. Mas eu faria *dele* meu papel de parede e nem me envergonharia disso.

O pescoço dele, por exemplo. É algo tão inocente e comum, mas não nele. Nele, o pescoço assume outro significado. Longos e graciosos tendões ondulando, veias esticadas.

Há gotas descendo e eu lamperia todas elas, serpenteando suas proeminentes clavículas lindamente esculpidas, seu peito.

Oh Deus, uma desce para o seu mamilo rígido e escuro.

E os cumes do seu abdômen. Seis. Eu conto como uma idiota. Ele tem um tanquinho e esse V. Agora eu sei por que todo mundo é tão louco sobre o V.

Entendi.

É tudo sobre aonde isso leva o V. É sobre...

“Meu rosto está aqui em cima.”

Levanto meu olhar, sentindo-me toda corada. “Eu sei.” Afasto um cacho rebelde da minha testa. “Você está pensando em colocar algumas roupas em breve?”

Com uma espécie de divertimento sombrio, ele me olha de cima a baixo, fazendo meu uniforme parecer apertado, mais apertado em meu peito. Meus seios. “Não particularmente.”

Engulo. “Coloque. É bom para o meio ambiente.”

Ele está incendiando o quarto.

“Não posso dizer que me importo muito com o meio ambiente.” Ele sorri, dando um último olhar ao meu peito. “Mas eu me importo com o quão corada você está. E o estado dos seus mamilos. Eles estão tentando fazer buracos no seu uniforme.”

Com isso, ele dá uma última esfregada no cabelo com a toalha antes de largá-la no chão e se afastar.

“Seu idiota.”

Ele vai até a cômoda, as costas ondulando, e juro que o ouço sorrir.

“Presumo que você está aqui por alguma coisa”, ele diz enquanto pega uma calça jeans e então, casualmente, deixa cair a toalha de sua cintura.

Eu coloco a mão na boca para parar o grito.

Sua bunda. Jesus Cristo.

Eu não sou uma especialista, mas puta merda, eu acho que é assim que todas as bundas devem ser. Rígida, dura, firme, redonda e oh meu Deus, eu não sei como ele ficou tão bronzeado quanto o resto dele, mas sim. É bronzeada, tentadora e cheia de músculos.

Com a boca aberta e um coração trovejante que está prestes a ceder eu o vejo colocar o jeans.

Assim que ele se vira, eu a forço a fechar. Rapidamente, olho para longe dele também. Não posso dar a ele muita indicação de que estou secando seu corpo. Embora eu note que ele não abotoou o jeans. Eles estão apenas pendurados em seus quadris com... nada.

Eu limpo minha garganta. “Sim. Estou aqui...” Eu me aproximo da toalha número um ao lado do banheiro e a pego. “Para limpar.” Então, eu caminho para onde ele está de pé e me ajoelho para pegar a toalha número dois a seus pés.

Nossos olhos se chocam, eu no chão e ele pairando sobre mim como o céu.

Interfere com a minha respiração, então me levanto e fico diante dele. “Meu trabalho, lembra? Eu levo isso a sério.”

“Você?”

“Sim.”

Seus olhos são intensos e ardentes quando ele murmura: “Uma boa empregada, hein?”

Minhas coxas apertam. Elas literalmente contraem em seu tom baixo. O lugar entre elas palpita e pulsa como uma ferida. Uma ferida que precisa de sua língua e seus dentes e sua longas e ásperas lambidas.

Eu lambo meus lábios e limpo a garganta novamente. “Isso me lembra de que estou aqui para outra coisa também.”

Zach franze a testa e cruza os braços, flexionando o peito e os bíceps. “E essa outra coisa é?”

Respiro fundo e abraço suas toalhas úmidas no meu estômago. “Eu não quero que você vá.” Seu carranca se intensifica e eu explico: “Para aquele lugar com todas as motos e o fosso estúpido no chão.”

“Você não quer que eu vá.”

Aperto meus traços em algo severo, algo que significa brava. “Sim. É perigoso e é ilegal. Quero dizer, você parece sexy como o inferno. Não há a menor dúvida a esse respeito, mas *eu* não quero que você morra ou vá preso.”

Zach inclina a cabeça para o lado e coça a mandíbula. Sua barba crescida e áspera e eu quero coçar também, passar meus dedos por ela.

“Corrija-me se eu estiver errado. Você não era apenas uma empregada um segundo atrás? Quem morreu e fez de você o chefe?”

Eu ignoro suas palavras duras. “Eu não vou te deixar ir.”

“Desculpe?”

“Eu vou impedi-lo de ir.”

Sua próxima respiração é longa enquanto ele lentamente abre seus braços e dá um passo em minha direção. Eu sei que preciso ser um pouco corajosa agora, com ele me encarando como se quisesse me estrangular, e seus músculos parecem dar conta.

Mas como uma covarde, dou um passo atrás.

“Você vai me impedir de ir”, ele repete.

Concordo com a cabeça e vejo seus pés descalços avançando para os meus cobertos de bota de couro. Isso me dá uma... emoção. Eu não estou com medo, exatamente, ou não estou *apenas* com medo. Estou explodindo com entusiasmo e excitação.

“E você vai fazer isso como?”

Olho em seus olhos e o ameaço exatamente como ele fez na outra noite quando eu invadi seu quarto. “Eu vou chamar a polícia.”

Sua mandíbula fica tensa. Eu sei que é raiva e também é a lembrança daquela noite. “Você vai chamar a polícia para mim.”

“Sim.” Eu lambo meus lábios ressecados e vejo uma gota perdida cair de seu cabelo bagunçado e espetado trilhar pelo lado esquerdo de seu peito. Exatamente onde seu coração está. “Eu vou dizer a eles que você está envolvido em algo ilegal. Eles vão te jogar na cadeia e—”

“Diga-me onde vivemos”, ele murmura, me interrompendo.

“O que?”

“Diga-me o nome da cidade em que vivemos, Blue.”

Nós dois chegamos a uma parada.

“P-Princetown.”

Zach sorri friamente. “Sim. Os Princes possuem esta cidade. Os policiais não vão tocar em nenhum de nós. Nem mesmo eu. Mesmo que eu seja um Prince ruim, ainda sou um Prince.”

Ele tem razão.

O nome da nossa cidade é Princetown. A cidade com o calor do inferno, com buracos no chão, com limites, com o lado norte e o lado sul, com as Plêiades.

O lugar cheio de valentões.

O lugar de nascimento de mim e de Zach.

Eu suspiro e volto a andar. “Bem, então, eu vou foder sua moto.”

Ele recomeça a me perseguir também. “Você vai foder minha moto.”

“Sim. Eu vou cortar o freio e arranhar com o meu grampo. Na verdade, minhas chaves. Acho que isso será mais eficaz. E vou mexer com o acelerador ou algo assim.”

Há um indício de uma contração na boca de Zach e eu sou atingida pelo fato de que ele é o cara mais bonito que eu já vi.

Como sempre.

“Você sabe alguma coisa sobre motos?”

“Não. Mas eu posso aprender. YouTube tem tudo. Foi lá que aprendi como arrombar uma fechadura.”

Essa contração se transforma em um sorriso torto. “Nível cinco de perseguição.”

“Chame do que quiser. Você não vai para lá. *Nunca.*”

“Então, como você sugere que eu ganhe dinheiro?”

Isso me faz tropeçar um pouco. Ele acabou de dizer dinheiro?

“O que?”

“Dinheiro, Blue. Como você sugere que eu ganhe dinheiro se eu não fizer meu trabalho? Nunca.”

“Este é o seu *trabalho?*”

Ele encolhe os ombros. “A noite passada não foi. Mas sim, eles me pagam por isso. Então esse é o meu trabalho. Sabe, a coisa que pessoas responsáveis fazem.”

Engulo em seco com a lembrança do que eu disse a ele em sua primeira noite de volta.

Por alguma razão, isso nunca me ocorreu. Eu sempre o vi como um cara rico e entediado que tinha tudo entregue a ele.

Mas não. Ele está longe disso.

“Esse era seu trabalho em Nova York?”

“Sim.”

“Mas isso é perigoso.”

“Eu sou bom nisso.”

Não há dúvidas sobre isso. Mas mesmo assim, estou com medo por ele. “Como você aprendeu a fazer isso?”

“Pessoas me ensinaram.” Quando eu franzo a testa para sua resposta vaga, ele elabora: “Havia um cara na equipe alguns anos atrás. Eu comecei a andar de moto. Ele me ensinou. Ele me levava ao buraco às vezes. Ele se demitiu e foi para Nova York. Ele me apresentou para algumas pessoas quando apareci na porta dele do nada.”

Neste momento, Zach parece tão mundano para mim. Tão experiente, ousado e corajoso.

“Estou com medo por você”, eu sussurro quando não tenho mais nada para dizer a ele.

“Não precisa se preocupar comigo”, ele responde com um olhar vazio.

Mas estou preocupada.

“Isso é tudo?” Ele pergunta, secamente.

Nós estamos *dançando* em torno um ao outro há algum tempo e quando minhas costas atingem a parede, eu sei que acabou. Esta dança.

Preciso revelar o outro, o maior motivo da minha visita.

Colocando minha espinha na parede, inclino meu pescoço. “E eu quero que você venha ao meu chalé. Amanhã.”

“O que?”

“Sim. Tina não estará em casa; ela vai trabalhar no turno da noite e eu não serei babá de Art. Então estarei livre.”

“Livre para fazer o que?”

Ele está muito perto e seus olhos estão ardentes demais. Em chamas. Eu quero desviar o olhar, mas não consigo separar nossos olhares. Eu não posso ser uma covarde e deixá-lo sozinho quando faço esta pergunta. “Onde está o seu livro? Aquele que você tinha. Sobre as estrelas.”

Os tendões do pescoço se movem em agitação. “Eu joguei fora.”

“Por quê?”

“Não gosto de ler.”

“Bem, isso ainda não é uma razão para jogar fora um livro perfeitamente bom.”

“É para mim.”

Eu lambo meus lábios e seus olhos seguem o gesto. “Bem, amanhã. Na minha cabana. Nós vamos ler.”

Ele franze a testa. “O quê?”

Eu não acho que eu já o vi tão mortal e tão zangado antes. E eu o vi com raiva muitas vezes.

“Sim. Porque, Zach, você prometeu a um menino ler uma história para ele. E eu juro por Deus, você lerá uma.”

Ele se inclina, com as palmas das mãos na parede, enjaulando-me. “É mesmo?”

“Sim.” Eu injeto cada pedaço de coragem no meu tom. “A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem. Significa que torna difícil a leitura. Não impossível. Muita gente tem. E sei que não é conveniente e eu nunca vou conseguir entender completamente as dificuldades associadas a isso, mas droga, Zach. Você vai ler. Você deveria estar lendo o tempo todo. Não consigo acreditar que seus pais nunca fizeram um esforço. É tão antigo e arcaico que eu não posso nem—”

“Eles fizeram o esforço.”

“O que?”

“Eu tive professores. Eles me ensinaram. Ou tentaram.”

OK. Isso é bom, certo? Quero dizer, pensei que ele nunca tinha recebido ajuda, a julgar pela letra dele. “E?”

“Eu não queria aprender.”

“O que? Por que não?”

Estou tão exasperada e confusa agora. Por que ele não iria querer aprender?

“O que é isso? Um interrogatório?”

Grr.

Estou tão brava. Por que ele tem que tornar tudo tão difícil? Estou tentando mostrar que ele pode fazer isso. Que ele pode ler e superar qualquer besteira que seu pai tenha vomitado nele e fazê-lo acreditar em si mesmo.

Mas ele *tem* que lutar.

“Sabia que Art não tem pais?” Eu começo em vez disso. “Seus pais morreram quando ele tinha dois anos. Em um acidente de carro, como os meus. Talvez seja por isso que me sinto tão ligada a ele. Sem mencionar que ele está sendo intimidado na escola. Meu menino doce não tem amigos, exceto você e eu. E a avó dele está envelhecendo. Além de tudo, ele sofreu um acidente. Você sabe o quão solitário ele é? Sabe? Como você pode não ajudá-lo? Você não tem consciência, Zach? Ele é o cara mais fofo com cabelos loiros e olhos verdes e ele te adora. Você vai decepcioná-lo?”

“Terminou com a sua história triste?”

Eu olho para ele.

Então, com um longo suspiro de sofrimento, ele pergunta: “A que horas você me quer lá?”

“O que?”

“Eu não vou repetir.”

“Sete”, eu deixo escapar um suspiro aliviado.

“E se alguém me vir entrando em seu chalé? O que vai acontecer com o seu trabalho?”

Eu mordo o lábio porque merda, ele está certo. As pessoas podem falar se o virem entrando e saindo do meu chalé. Quero dizer, uma vez tudo bem. Art estava conosco, mas se ele continuar a me visitar, as pessoas vão falar. E os rumores são como essas coisas começam.

“Não pensou sobre isso, não é?”

Balanço a cabeça com culpa.

Outro suspiro. “Você tem uma porta dos fundos que leva para a floresta, sim?”

“Sim.”

“Estarei lá.”

Isso só me faz sorrir. Isso faz todo o meu corpo sorrir. Ele cuidando de mim assim.

Ele vai se afastar. “Agora, cai fora.”

“Espere. Mais uma coisa.”

“O que?”

Há tensão em seu corpo. Seus ombros parecem rígidos e seu estômago parece uma camada dura de rocha. Uma rocha com cumes e tudo mais.

Eu o aborreci. Eu o deixei agitado.

Sob o seu olhar ardente, deixo as toalhas caírem sobre a cama ao meu lado e me aproximo mais dele para poder tocá-lo.

Com meu peito.

Meus seios pressionam suas costelas e um suspiro de alívio passa por mim.

Mesmo que a frente do meu uniforme esteja meio úmida de segurar as toalhas, a umidade do seu peito ainda penetra no tecido, deixando meus mamilos marcados. São os restos de seu banho e o calor desta cidade. Calor de nós estarmos juntos.

Seus peitorais se movem com um longo suspiro e eu suspiro com ele.

Minhas mãos seguram nos globos duros de seus ombros. “Você não me deu o que eu queria na noite passada.”

Estou olhando para o rosto tenso dele; tornou-se escuro com a luxúria e suas maçãs do rosto sobressaem.

“Você gozou. Como um maldito furacão enquanto sua boceta tinha espasmos na minha boca, tentando capturar minha língua. Você não queria isso?”

Eu corro e meus lábios se abrem com uma respiração sôfrega. Arrasto meus seios ao longo de seu corpo enquanto fico na ponta dos pés, meus olhos se fechando com o atrito.

“Eu queria que você me beijasse”, eu digo para seus lábios.

Perfeitos e carnudos, divididos ao meio com um arco de cupido. Eles são meus. Vou tomá-los hoje.

“E eu beijei.”

Olho em seus olhos, nadando com luxúria. “Na minha boca.”

“Eu não beijo na boca.”

“Por que não?”

“Deixe-me reformular: eu não beijo *você* na boca.”

Há uma semana, isso me ofenderia. Eu teria retaliado com palavras cortantes e talvez até com uma brincadeira.

Mas agora, tudo que eu posso ver é que Zach exhibe sua língua e traça seu lábio inferior, enquanto observa os meus. Como se imaginando me beijando, mas por algum motivo, ele não vai fazer isso.

Então minha vingança será um pouco diferente.

Ou seja, isso:

Fico na ponta dos pés, meus mamilos raspando contra seu peito e chego perto de seus lábios. “Que azar, Zach. Porque agora eu quero beijá-lo na boca.”

E então eu faço isso.

Eu o beijo.

Eu franzo meus lábios e começo com um seco. Um beijo no meio da boca dele. O segundo em um canto e o terceiro no outro.

Lentamente, minhas mãos se arrastam até seu cabelo molhado e agarro os fios enquanto continuo beijando-o, dando-lhe beijinhos.

Apenas quando reúno coragem suficiente para provar sua pele com a minha língua, suas mãos agarram o uniforme na minha cintura. Ele me puxa para ele, batendo nossas frentes e força minha boca a se abrir com a dele.

Ele não é como eu. Não é tímido. Não me começa com selinhos secos.

Não. Ele simplesmente invade minha boca com sua língua como se fosse seu direito dado por Deus. Como se minha boca fosse feita para ele. Para sua língua invadir e abusar e fazer amor. E meu lábio inferior fosse feito para ele chupar.

Mas um segundo depois, ele prende minha trança e afasta nossas bocas. E tudo que eu posso fazer é agarrar seu pescoço, esfregar contra ele para voltar para mim.

“Você fodeu tudo, Blue”, ele rosna sobre a minha boca.

“O quê?” Eu ofego.

“Agora, você está fodida, baby.” Ele examina meu rosto. Parece que ele está memorizando. Está me guardando na memória.

“Por quê?”

Seus olhos, negros e ameaçadores e tão bonitos, chegam aos meus. “Você tem alguma ideia de quanto tempo, quanto tempo eu queria beijar essa boca?”

Eu sacudo a cabeça.

“Mil anos.” Ele estuda meus lábios separados, pintados de azul. “Ou pelo menos, parece que sim. Eu queria beijá-la desde que você passou batom pela primeira vez na oitava série.”

Eu me lembro disso.

Eu também tinha no cabelo. Tiras minúsculas de azul marinho no meu cabelo escuro com um batom azul escuro brilhante.

“Eu sabia que no momento em que eu provasse seus lábios eu me tornaria um demônio para eles. E agora você está fodida”, ele continua rosnando, aumentando meus batimentos cardíacos. “Porque você é minha agora, Blue. *Minha*. E você não tem ideia do que vou fazer com você.”

Suas palavras são uma dose de eletricidade. Um shot de vodka. E talvez até uma dose de cocaína. Tudo no meu corpo zumbi, vibra e aperta.

Até minha alma.

“Eu queria te beijar também”, eu admito. “Talvez desde a época que você queria.”

Estremecendo, ele agarra minha bunda e me arrasta para cima de seu corpo. Envolver minhas coxas em sua cintura enquanto ele quase cai na cama comigo em seus braços.

De repente, estou inundada com ele. Seu corpo quente e duro em cima de mim, seu cheiro nos lençóis, apesar de que acabei de colocar novos, e sua boca na minha.

Ele está me beijando repetidamente.

Na verdade, é tudo um longo beijo onde ele chupa minha boca como um todo antes de forçar a abertura com a língua. Passa sobre meus dentes, emaranha com a minha língua e devora meu sabor.

É exatamente o jeito que ele me cheirou naquela noite.

Ele estava devorando meu cheiro e agora está devorando minha boca. Ele está devorando nosso primeiro beijo.

Algo explode no meu peito com o pensamento.

Este é o nosso primeiro beijo.

Eu o conheço há nove anos e esta é a primeira vez que conheço sua boca. É uma tragédia. É um absurdo. É ultrajante.

Nós deveríamos ter nos beijado no primeiro momento em que nos conhecemos. Nós deveríamos ter nos beijado há anos, há séculos, há eras.

Fomos feitos para beijar, ele e eu.

Suas mãos estão vagando por todo o meu corpo, arrastando o tecido do meu uniforme para cima, até que minhas coxas estão nuas e abertas e ele pode apalpar a carne.

Minhas próprias mãos não conseguem parar de tocá-lo, sentindo seus ombros, suas costas, agarrando sua bunda. Os saltos das minhas botas esfregam no jeans dele, deslizam ao longo da cama enquanto eu o beijo de volta.

Faço o que ele me diz com a boca para fazer. Eu abro. Eu o deixo entrar. Deixo-o brincar com a minha língua. Eu o deixo me provar.

E em tudo isso, eu estou provando-o. Seu gosto de torta de mirtilo misturado com algo que é apenas e irrevogavelmente dele. Estou sondando e chupando e brincando com sua boca. E estou gemendo.

Estou gemendo muito, muito. Posso sentir as vibrações subindo e descendo pelos meus membros. Posso sentir meus gemidos molhando meu canal. Eu também posso sentir seu pau porque está duro e está se esfregando na minha boceta.

Nós estamos nos contorcendo na cama, esfregando um contra o outro, fazendo barulhos na boca um do outro.

Sinto que poderia gozar assim. Eu poderia gozar como um fogo de artifício, melhor ainda do que ontem à noite.

Mas Zach muda meu mundo novamente.

Ele envolve seus braços em minha cintura e me puxa para cima. Nossos dentes batem quando mudamos de posição e nosso beijo é quebrado.

Estou ofegando em sua boca enquanto ele espalha suas coxas e manobra meu corpo, me fazendo montá-lo.

Meu uniforme está em volta da cintura, mostrando minha calcinha azul. Há uma mancha escura lá que me faz ondular contra sua ereção.

Sua ereção espreitando o zíper aberto de seus jeans.

Não consigo olhar para longe, da cabeça larga, da cor roxa. A cor irritada de seu pênis. Cercado por cachos escuros e misteriosos. Quero tocá-los, tocar a cabeça do seu pau que tem uma gota de pré-sêmen escorrendo dele.

“Mostre-me seus peitos.”

Suas palavras ásperas me forçam a desviar o olhar de sua ereção para ele.

Ele está respirando pesadamente também. Acho que ele estava fazendo a sua própria observação. Enquanto eu estava olhando seu pau, ele estava olhando para o meu peito. Um botão se desfez, esticando o tecido cinza obscenamente sobre ele.

Engolindo, eu pergunto: “O que você vai fazer comigo agora que eu sou sua?”

Talvez eu devesse ter perguntado isso *antes* de entrar em seu quarto e tão descaradamente beijá-lo. Sim, isso teria sido a coisa mais inteligente a fazer.

Mas agora já é tarde.

Zach empurra meu vestido para cima um pouco mais, até que minha bunda está nua, antes de agarrar as bochechas em suas mãos e massageá-las. Ele as separa antes de uni-las e toda vez que ele faz isso, meu clitóris esfrega contra o seu pau.

“Está com medo?” Ele pergunta abruptamente.

“Não. Talvez um pouco.”

Ele se inclina e coloca um beijo suave em meus lábios, fazendo meu coração derreter. “Eu vou te usar.”

“O que?”

Ele concorda, esfregando o nariz para cima e para baixo no meu. “Sim. Por que eu não deveria? Eu odeio este lugar. Odeio cada segundo de cada dia que estou aqui. Eu mereço isso. Eu mereço algo bom, não é?”

Seguro sua mandíbula e digo com tudo dentro de mim: “Você merece.”

“Eu decidi que você é isso. Você é o que eu mereço.”

“Eu?”

“Uh-huh.” Ele me beija de novo, suavemente, em contraste com todas as coisas duras e possessivas que ele está dizendo. “Então, vou usá-la enquanto estiver aqui. Vou te beijar, morder, chupar seus seios, brincar com sua boceta. Tanto quanto eu quiser. *Sempre* que eu quiser. Você é meu prêmio, Blue. Você é meu prêmio por todo o sofrimento do caralho.”

Prêmio.

Eu sou o prêmio dele

A emoção de suas palavras parece mais doce do que o orgasmo da noite passada. Muito mais doce.

Eu nunca fui um prêmio para ninguém. Ninguém nunca me quis como recompensa, como um troféu por todo o sofrimento, por toda a miséria.

Sim, eu serei o prêmio dele.

Esfrego contra ele e desnudo meu pescoço para que ele possa me beijar lá. Ele beija.

“O que eu faço? Como seu prêmio”, sussurro.

Ele solta um suspiro na minha clavícula. Como se sentisse alívio.

Ele afunda na minha pele, sua respiração, me fazendo gemer.

“Você me mostra seus lindos peitos fodidos quando eu te pedir.”

Engulo e mexo nos meus botões, a luxúria perfurando cada centímetro da minha pele. Meus dedos tremem, mas Zach me ajuda. Ele os cobre com a mão antes de desfazer os botões para mim.

Ele geme de desejo quando meus seios ficam à vista, mantidos por um simples sutiã de algodão azul. “Jesus. Acho que desta vez você me matou.”

Eu rio. “Então, como você ainda está falando?”

Zach está debruçado sobre mim, seu abdômen flexionado e curvado, como em adoração, esfregando sua boca aberta, seu nariz, seu rosto inteiro no meu decote. Fazendo-me sentir linda e bonita e não excessivamente grande e pesada.

Eu sou o prêmio dele.

“Deus”, ele geme novamente quando puxa meu sutiã e chupa meu mamilo.

Empurro em seu colo e o agarro a mim. Se isso é o que tira o sofrimento dele, então eu vou mostrar a ele meus seios sempre que puder.

“Você vai baixar seu uniforme toda vez que eu pedir, não é?”

Eu balanço contra ele novamente porque ele leu minha mente. “Sim.”

Gemendo, ele dá uma chupada longa e firme antes de soltar meu peito. “Foda-se sim, você vai. Você vai desnudar seus seios para mim. Todo dia. Múltiplas vezes por dia. Sempre que eu estiver duro por eles. Você vem ao meu quarto e faz minha cama. Em seguida, eu vou te jogar nela, rasgar suas roupas, tirar seus seios e chupá-los. Você vai se contorcer por mim, não vai?”

Eu aceno, quase choramingando.

“Você irá. Eu vou continuar chupando e chupando e você fará uma bagunça na cama. Você vai sujar meus lençóis. Vai deixar uma mancha de umidade, sim?”

“Sim. Para você.”

Qualquer coisa por ele.

As mãos de Zach ficam ásperas na minha bunda, desesperadas e reverentes. Estou ativamente esfregando contra ele agora. Não consigo evitar. Estou balançando contra o seu pau. Seu pré-sêmen deslizando, misturando com o meu próprio líquido.

Estamos fazendo uma bagunça no outro.

“Sim, você vai.” Ele não consegue parar de me beijar e eu não consigo parar de beijá-lo de volta. “Às vezes, eu te deixarei de joelhos, Blue. Vou colocar sua bunda no ar e levantar sua saia. Eu vou te comer por trás e seus peitos vão balançar como frutos proibidos.”

“Zach...”

Meus olhos se fecham em todas as coisas que ele está dizendo para mim. Todas as coisas gráficas, eróticas e imundas.

“Sim, esse será difícil. Eu não sei para onde ir primeiro. Para sua boceta doce ou seus peitos desobedientes. Então eu vou puni-la. Por me tentar assim. Por me fazer escolher.”

“C-como?”

Ele morde meu lábio inferior. “Eu vou brincar com sua bunda. Você gostou disso, não gostou?”

Eu dou um aceno de cabeça, mal recuperando o fôlego. Meu corpo está tão cheio de luxúria e de suas palavras que não há espaço para o ar.

“Da próxima vez, vou enfiar o dedo nela. Vou lubrificá-la muito bem usando o líquido de sua boceta. E quando estiver te beijando, empurrando minha língua na sua garganta, eu vou dedilhar sua bunda, Blue. Vou dedilhar até você gozar em cima da minha cama. Por todos os meus lençóis.”

Nossos movimentos são frenéticos. Estou quase pulando pra cima e pra baixo nele, fazendo meus seios saltarem. Os olhos de Zach vão dos meus lábios aos meus olhos e aos meus seios.

Nada, absolutamente nada, me fez sentir tão desejável.

“No entanto... eu terei que trocar seus lençóis.”

Rindo, ele se move para o meu pescoço para lamber uma gota de suor. “Você vai fazer isso. Eu tenho fé em você. Assim que eu terminar, você vai se levantar e arrumar minha cama novamente. Endireitará seu vestido, trançará seu cabelo e sairá daqui e ninguém saberá nada, certo?”

Estou tão perto. Tão fodidamente perto e ele não vai parar de falar e eu não sei o que fazer, exceto continuar me movendo contra ele e dizer sim.

“Sim, você vai. É uma pena, não é?”

“Por quê?”

“É uma pena que ninguém saiba quão boa empregada você é. Quão dedicada ao trabalho. Como você me serve. Como você tira meu sofrimento? Minha dor. Ninguém vai saber disso.”

“Tudo bem.”

“Não, eu falarei bem de você, baby.” Zach aperta minha bunda com força e empurra contra mim e eu gozo.

Com suas palavras retumbadas em meus ouvidos e seu pau pressionando contra o meu clitóris, estou tremendo em seu colo. Balançando como uma folha ao vento. Ou talvez como o chão durante um terremoto.

E então, é a vez de Zach.

Ele goza com um gemido, sua testa pressionando contra a minha, sua respiração me cobrindo em uma película suada e enevoadada.

Ele está se debatendo contra mim e eu noto as gotas de seu sêmen derramadas em seu estômago, sua calça jeans, em minha calcinha. É a coisa mais sexy que eu já vi.

Ainda ofegante e suado, ele me abaixa na cama, meio vestido e indecente. Deste ângulo, o sol brilha em mim, mas Zach bloqueia com seu grande corpo.

Ele envolve a mão no meu pescoço e rosna: “Quem é você?”

Mesmo que eu tenha pouca energia, ainda arqueio as costas. Como se a voz dele fosse uma ligação do meu mestre.

“Seu prêmio.”

Seus dedos se flexionam ao redor da minha garganta e ele se inclina para beijar meus lábios. “Enquanto eu estiver aqui.”

Eu teria sorrido porque, na verdade, estou feliz e me sinto querida.

Só há uma coisa que eu ignorei totalmente antes.

Eu sou seu prêmio, sua posse mais adorada, mas apenas por enquanto.

Só enquanto ele estiver aqui.

Capítulo 22

O Príncipe das Trevas

Meu.

Meu prêmio.

Ela é meu prêmio.

Ela. É. *Meu prêmio.*

Capítulo 23

Eu sou o prêmio dele.

Eu sou o prêmio de *alguém*. Dele.

Não parei de sorrir desde que ele disse isso ontem, depois que ele me fez gozar tão espetacularmente. Em seguida, ele endireitou o meu vestido e eu tomei banho em seu banheiro, refiz meu cabelo e alisei os vincos do meu vestido antes de sair de seu quarto.

Exatamente como ele me disse que eu faria.

Ele estará aqui a qualquer momento. Estou olhando a porta dos fundos no final do corredor, como se ela se abrisse sozinha e ele emergisse alto e bonito.

Deveria me assustar que eu nem sequer pensei nisso, em alguém vê-lo entrando e saindo. Eu deveria ter pensado.

Apesar de todas as minhas violações de regras, este trabalho é importante para mim. Esta é a única coisa que tenho que me fará voltar a minha casa. O lugar repleto com as memórias dos meus pais. Posso imaginá-los na sala de estar, na ilha da cozinha, nas escadas, no quintal.

Naquela casa, eles estão vivos e eu não sou órfã.

Então, sim, eu deveria ter pensado em todos os detalhes antes de convidá-lo. Mas é loucura que eu considere doce que ele pensou nisso? Que ele queria me proteger?

Às sete horas, a batida soa.

Ele está aqui.

Posso dizer por sua batida. É alta e breve. Mais como um martelar. Corro para a porta e abro-a.

O rosto de Zach está curvado, mas ele levanta os olhos para olhar para mim. Eu dou-lhe um sorriso ofuscante.

“Você veio.”

Ele leva alguns segundos para me examinar e meus dedos se enroscam, seus olhos se movendo para cima e para baixo. Eu meio que me vesti para ele. Nada louco. Apenas um top que mostra meus seios e short curto.

“Bem, você ameaçou chamar os policiais para mim”, ele diz, trazendo os olhos de volta para os meus. “E foder minha moto. E ninguém toca na

minha moto. Então aqui estou.”

Eu rio. “Mesmo? Pela moto? Você não acha que a ama um pouco demais?”

Ele tem sua moto há quase tanto tempo quanto eu o conheço. Inúmeras vezes, eu imaginei fazer algo drástico com ela apenas para mexer com ele. Algumas vezes cheguei perto.

“Acho que eu *a* amo apenas o suficiente.”

Ainda bem que eu estava segurando na borda da porta ou teria caído. Eu juro que seu *amo* atingiu meus joelhos, tornando-os fracos. Isso é o jeito que ele está me observando desde que chegou.

Como se ele não conseguisse o suficiente de mim.

“Vamos ficar aqui o dia todo ou você vai me convidar para entrar?” Ele pergunta quando eu não digo nada.

Eu balanço a cabeça e me afasto. “Sim. Entre.”

Suas botas clicam quando cruzam o limiar e algo sobre isso me faz corar. Também me deixa inquieta e tagarela.

“Então você é um desses caras.”

Zach se vira para me encarar enquanto eu fecho a porta. “Que caras?”

“Que chama o seu meio de transporte de ela.” Eu ando até a cozinha, onde eu montei todos os livros e coisas que vamos usar hoje à noite enquanto continuo balbuciando: “É um pouco louco, eu acho. É só uma moto. Quer dizer, eu tenho um carro. Amo esse carro apesar de estar com um pouco de medo agora. Mas eu não chamo de ele. Apenas o chamo de *carro*, você sabe. Ah, e os caras que nomeiam seus carros? Ugh. Quão patético você tem que ser para fazer isso? Certo? É como—”

“Eu tenho um nome para a minha moto.”

Meus olhos quase saltam e eu pressiono meus lábios, fazendo uma careta.

Por que eu continuo dizendo as coisas erradas ao seu redor?

Eu giro e o encontro quase bem atrás de mim. “Você tem?”

“Sim.”

“Como é?”

Ele dá um passo em minha direção e eu pressiono contra a borda da ilha. “Blue.”

“O que?”

“Eu a chamo de Blue.”

Zach está me sufocando agora. Seu corpo grande e alto está curvado para o meu. Sinto suas coxas pressionadas contra as minhas ligeiramente abertas e ouço meu próprio pulso nos meus ouvidos. Disparando, *acelerando* e rugindo.

“Você chama sua moto de Blue?”

“Uh-huh.”

“Mas é preta.”

“E daí?”

“Eu...” Eu franzo a testa e, por algum motivo, ele acha engraçado. Acha uma razão para se abaixar e beijar meu cabelo azul suavemente.

Meus olhos se fecham em um suspiro.

“Sem palavras, finalmente”, ele sussurra para o meu cabelo. “E tudo o que foi preciso foi um simples fato.”

Estreitando os olhos, eu coloco uma mão em seu estômago — o estômago que eu estava meio que cavalgando ontem — e dou-lhe um empurrão.

Ele se inclina para trás e eu digo: “Muito engraçado. Por que você chama sua moto por um nome que você *me* chama? E enquanto estamos no assunto, vamos falar sobre por que você me chama de Blue?”

Zach lança um olhar para o meu cabelo e encolhe os ombros. “Sim, isso é um mistério.”

“Eu não pintei o cabelo de azul até a oitava série. Você me chama de Blue desde o primeiro dia.”

“Aonde você quer chegar?”

“Por que você nunca me chama de Cleo?” Faço uma pergunta que eu nem sabia que tinha.

Eu tenho há anos, dentro de mim.

De repente, tenho essa grande, *grande* necessidade de que ele diga meu nome. Não é que eu não goste do nome que ele me deu. Eu amo. Sempre amei mesmo quando eu nunca aceitei.

Mas quero ouvir como meu nome vai soar em sua língua.

Quero saber o que passa por sua cabeça quando ele me chama pelo seu nome especial para mim. Por que ele deu o meu nome para sua moto?

Eu quero saber tudo sobre ele. *Cada pequena coisa.*

“Mas esse não é o seu nome também.”

“O que?”

Zach se inclina e sussurra nos meus lábios, “Cleopatra. Esse é o seu nome, certo?”

Engulo contra o ataque de emoções. Eu sinto o bater selvagem das borboletas no meu estômago e pressiono minha barriga contra ele para fazê-lo sentir também. Faça com que ele sinta todas essas emoções loucas e intensas dentro de mim.

“Mas quase ninguém me chama assim.”

Um sorriso torto enquanto traça minha bochecha com um polegar. “Sabia que Cleopatra era uma rainha egípcia?”

Eu concordo. “Sim. Minha mãe costumava me dizer que ela era a mulher mais linda do seu tempo.”

“As pessoas são loucas, não são?”

Agarro sua camiseta escura em sua cintura. “Por quê?”

“Elas não sabem do que estão falando. Um olhar para você e elas teriam arrancado a coroa dela e a colocariam aos seus pés.”

O tremor que passa por mim é ainda maior.

Ele me chamou de linda.

Linda.

Eu pisco para ele. “Você está sendo legal comigo.”

Ele sorri um pouco e reconhece minha afirmação com um grunhido.

Eu coloco um beijo em sua mandíbula.

“Então, é isso?”

Ele inclina o queixo para os livros espalhados na ilha e eu aceno. “Sim. Art, por vezes, deixa seus livros de histórias aqui, mas eu peguei emprestados todos eles de Doris. Então nós temos muito material de leitura.”

Seu aceno é breve, quase invisível.

Posso sentir sua relutância. Quanto ele não quer estar aqui. Ele não quer ler. Ele não quer fazer isso.

Aposto que tem a ver com o bullying de seu pai.

O homem que deveria ter criado Zach é aquele que o fez desconfiar de algo tão básico como a leitura.

Quão fodido é isso?

“Sente-se”, eu sussurro para ele.

Ele senta, embora rigidamente.

Sento-me na cadeira ao lado dele e fecho os livros. “Então, eu pensei que deveríamos começar com a história favorita de Art. E eu quero que você leia para que possamos ver o quão longe você está.”

Posso ouvi-lo rangendo os dentes, mas ele não diz uma palavra.

Abrindo o livro, eu o empurro para o lado dele. Por alguns segundos, ele não faz nenhum movimento para alcançá-lo. E meus olhos se enchem de lágrimas enquanto o vejo sentado aqui, parecendo todo irritado e perdido.

Eu o vi crescer. Posso facilmente imaginá-lo quando criança, fazendo a mesma coisa nas aulas, em seu quarto, com seus professores.

Talvez até na frente do pai dele.

Talvez isso tenha sido uma má ideia. Eu não quero desenterrar memórias ruins para ele. Eu só quero que ele se sinta bem consigo mesmo.

Estou prestes a cancelar isso quando ele agarra a borda do livro como se fosse um objeto explosivo.

Então ele começa a ler.

Estamos trabalhando em sua leitura há uma hora.

Pedi a ele que lesse algumas páginas para que eu pudesse avaliar o nível de dano que o pai causou a ele.

Acontece que é muito.

Porque Zach não é ruim. Ele não é ruim de todo.

Sim, ele é lento e está parando. Ele não consegue dizer algumas das palavras maiores. Não imediatamente. Ele demora a lê-las, calculá-las. Eu tive que ajudá-lo algumas vezes, colocar o dedo sob a palavra e enunciar as letras.

Mas não é algo tão terrível que deva impedi-lo de ler.

Essa é a coisa sobre o bullying, não é?

Não se limita a um único momento. Não. O bullying tem consequências. Cria um efeito cascata que se estende por anos. Às vezes por uma vida inteira.

Te chamam de gorda e você para de comer. Toma cuidado com o que come até morrer.

Te chamam de nerd e você para de ler em público. Até mesmo olha por cima do ombro quando lê em um banco no parque.

Destrói você, uma parte vital sua. Fode com sua mente, com seu coração, até com sua alma. Muda suas crenças, seu estilo de vida. Deixa você ansiosa. Causa pânico. Não te deixa dormir.

Mas, novamente, as vítimas de bullying são poderosas, não são?

Somos resilientes. Somos fortes. Nós somos uma força filha da puta.

Zach é uma força filha da puta — ele pode fazer o que quiser. E eu poderia esganar seu pai para sempre por fazê-lo se sentir menos. Eu poderia me esganar por não ver isso antes.

Há uma carranca na sua testa e, enquanto o vejo, a mão direita dele com a tatuagem se movendo pela página, eu deixo escapar: “Quando você fez essa tatuagem?”

Ele para de ler e ergue os olhos.

Ele está sendo realmente, *realmente* bom desde que começamos. Nem uma vez ele fez um comentário casual ou usou sarcasmo. Eu dei-lhe um livro e disse-lhe para ler e ele leu.

“No primeiro ano que eu me mudei.”

“O que significa?”

Uma contração do lábio. “Eu posso passar dos limites.”

Eu reviro meus olhos. “Sim. Mas que limites exatamente?”

“Limites entre mim e normal.”

Sinto uma rachadura. Bem no meio de onde está meu coração pulsante.

“Você fez isso, *Zach*”, eu digo a ele ferozmente. “Na verdade, Nem sequer havia um limite. Não há nada separando você de ninguém. Nem uma coisa. Acho que todas aquelas lições que você teve? Esses professores? Eles eram fodidamente incríveis. *Você* é fodidamente incrível. Eu não sou especialista, claro. Minha mãe costumava dar aulas para algumas crianças, mas acho que, se você praticar bastante, e se conseguirmos alguma ajuda de um profissional, você vai ser um menino de ouro. Você poderia ir para a faculdade. Acredita nisso? Você poderia ser como um advogado ou um médico ou eu não sei, um engenheiro. Você poderia fazer o que quiser. Você poderia—”

Ele se levanta de seu assento, interrompendo minhas palavras.

Eu não sei quando isso aconteceu, mas em algum momento durante todo o meu discurso, ele assumiu uma aura sombria. Sua mandíbula ficou dura e seus olhos estão brilhando, enquanto me encaram.

Mesmo que tenhamos dado uns amassos apenas duas vezes, ainda sei o que isso significa.

Significa que ele está excitado. Muito.

“Zach—”

Inclinando-se, ele engole minhas palavras com a boca.

Seu beijo é feroz, ainda mais do que ontem, em sua cama. Seus dentes estão raspando e sua língua está lambendo violentamente minha boca.

Finalmente, ele se afasta de mim. Limpa o batom azul marinho de seus lábios e solta a pergunta: “Quem é você?”

Eu quase fico mole com a agressão erótica em suas feições. “S-seu prêmio.”

Um sorriso torto e possessivo. “Acho que você precisa retocar seu batom. Eu comi todo.”

Minhas coxas apertam quando eu lambo meus lábios. “Você comeu?”

“Uh-huh.” Endireitando-se, ele me puxa para cima. “Não podemos permitir isso, podemos?”

Impotente, me apoio nele. “Não.”

Ele se afasta de mim e eu tenho que de alguma forma conseguir continuar em pé. “Lidere o caminho.”

Tropeçando e completamente confusa, eu ando até o banheiro com ele me seguindo. Assim que entramos no minúsculo espaço, ele fecha a porta. Meu coração começa a acelerar.

“O que—”

“Batom”, ele ordena.

Olho para ele no espelho; seus olhos estão percorrendo meu corpo. Meus seios parecem tão grandes e inchados neste top apertado e meu short mal cobre minha bunda, parando tão perto da minha boceta excitada.

Com as mãos trêmulas, abro a gaveta e tiro meu batom. Olho para ele no espelho novamente, como se perguntasse a ele o que viria a seguir.

“Coloque-o”, ele diz.

Eu o vejo dar alguns passos para trás antes de sentar no assento do vaso fechado, como se estivesse se preparando para o show. Enterro meu pé no tapete felpudo e pressiono minhas coxas.

Em seguida, abro a tampa do batom; é um estilo roll-on e avanço para me aproximar do espelho antes de colocá-lo.

Estou ativamente evitando olhar para ele no espelho. Eu não posso. Isso é muito... íntimo. De alguma forma, algo muito pecaminoso.

Eu faço isso todos os dias, inclino-me para frente e pinto meus lábios, mas isso ganhou um novo significado.

Agora, eu estou pensando sobre o impulso da minha bunda e como minhas coxas estão grudadas, e minhas panturrilhas estão retas e tensas. Estou pensando no arco das minhas costas e no beicinho da minha boca enquanto movo o batom.

Estou pensando sobre o que ele está *pensando*, sentado lá, me olhando no espelho.

Não tenho que esperar muito para descobrir.

Assim que eu estou terminando, procurando por alguma mancha, eu o ouço. Ouço seu zíper abrindo e meu batom quase bate na pia. Agarro a borda do balcão; minha respiração é muito pesada, muito rápida.

“Agora, venha aqui”, ele comanda.

Olho para ele no espelho. Ele está esparramado no assento do vaso sanitário, com as coxas bem abertas. O espaço é tão pequeno e ele é tão grande que sua coxa toca a banheira de cerâmica e a outra, a parede branca de azulejos. Sua calça jeans está aberta, pendurada frouxamente em torno de sua barriga chapada, enquanto sua camiseta está erguida, mostrando a parte inferior do estômago e aquele V.

E ele está acariciando seu pau, com os olhos em mim.

“Por quê?” Pergunto a ele.

Não que eu tenha forças para recusar. Eu vou onde ele me diz para ir, mas quero ouvir isso de seus lábios.

Quero ouvi-lo falar obscenidades para mim. Contar-me tudo sobre as coisas que ele quer que eu faça para aliviar seu sofrimento.

Há uma luz de conhecimento nos olhos de Zach como se ele estivesse ciente do meu jogo. “Porque estive sentado, obedecendo-a cegamente, lendo uma história de criança por Deus sabe quantas horas. Estou cansado, com tesão e foddidamente chateado.” Ele gesticula para seu pau que ainda está acariciando, subindo e descendo. “Você o vê? Ele precisa de você. Precisa que você envolva seus lábios pintados de azul nele e o chupe como um maldito pirulito.”

Eu dobro meus joelhos enquanto pressiono as pernas. Ele está criando um tumulto no meu corpo com suas palavras.

“Mas e se eu...” Eu lambo os lábios *pintados de azul* um pouco. “Sujá-lo com meu batom?”

Seus dedos apertam ao redor de seu pênis, beliscando o topo. “Estou contando com isso.”

Mordo meu lábio, imaginando o comprimento dele coberto de batom azul. De repente, mal posso esperar para pintá-lo. Mal posso esperar para pintar seu pau com meus lábios.

Eu me viro e caminho até ele em transe. Quando eu chego a ele, eu me ajoelho entre as coxas abertas.

A primeira coisa que me atinge no estômago é o cheiro dele. O almíscar é mais forte que seu cheiro de torta de mirtilo e lambo meus lábios novamente enquanto observo sua mão subir e descer sobre seu comprimento.

“Você gosta de pirulitos, Blue?”

“Sim.”

Eu continuo assistindo seu pau. É como uma vara, dura e pesada, arredondada no topo. Grande, como tudo mais sobre ele. Grosso o suficiente para que eu saiba que pode haver algum desconforto quando o colocar na boca. Vou ter que ter cuidado com meus dentes, certificar-me de não cortá-lo. Ele vai bater contra eles, mesmo contra o céu da boca.

Como ontem, o pré-sêmen está vazando, tornando-o pegajoso, tornando sua mão pegajosa também. E eu quero provar essa viscosidade desesperadamente.

Tanto que eu decido que vou fazer qualquer coisa, qualquer coisa para chupá-lo.

“Qual é o seu sabor favorito?” Ele pergunta.

Olho para o rosto dele, finalmente. Ele está respirando com dificuldade, através de sua boca, seus olhos drogados, chapados, e eu sei que ele está morrendo por isso tanto quanto eu.

Nós dois estamos morrendo e meus lábios em seu pau é a única maneira de nos manter vivos.

“Você. Você é meu sabor favorito”, eu sussurro, e ele geme, jogando a cabeça para trás, batendo na parede.

Abro as mãos em suas coxas e, abrindo minha boca, beijo a coroa de seu membro.

E assim, a mão dele se afasta e faz um punho, socando o joelho. “Porra.”

Esse primeiro beijo é o suficiente.

Para eu ficar viciada nisso. Viciada a ele e seu gosto. Para meus seios ficarem pesados e meus mamilos ficarem duros.

Abro minha boca e chupo.

E mais uma vez, a primeiro chupada é tudo o que eu preciso para ficar tão sintonizada com ele, que a cada pequena dificuldade na sua respiração enquanto eu movo a língua ao redor, descubro a forma arredondada, a esponjosidade de sua cabeça, ressoando em meu núcleo.

“Foda-se, Blue”, Zach geme e enterra os dedos no meu cabelo.

Aqueles dedos pegajosos, *pegajosos* e cobertos-com-sua luxúria.

Eu não sei por que isso me excita tanto que eu sinto meu próprio líquido pulsando para fora de mim, infiltrando-se em minha calcinha. Mas isso acontece.

Movo uma mão de sua coxa e aperto a base de seu pau, esfregando meu polegar sobre a veia que corre na parte inferior dele. Eu decido verificar mais tarde, quando eu terminar de borrar meu batom e devorá-lo como ele me devorou contra aquela caminhonete.

Por enquanto, vou esfregar meus lábios por todo esse tronco de carne e pintá-lo de azul.

Eu vou para cima e para baixo, meus seios saltando, meus joelhos rangendo no chão de azulejos do banheiro enquanto borro meu batom sobre a pele mais íntima dele. Passo a língua sobre a fenda da qual seu esperma vaza.

Ofegante, pergunto a ele. “O que acha?”

Na minha pergunta, ele abre os olhos e seu abdômen flexiona. Ele olha para o pau dele — está borrado de azul — e depois para mim. “Perfeito pra caralho.”

Sorrindo, eu lambo a veia em que estava pensando e seus quadris saltam.

Deus, seu pau é um milagre, eu juro.

Grosso e longo e resistente, e eu preciso voltar a isso. Então volto.

Agarrando a base, eu chupo a coroa novamente, o tempo todo rodando minha língua.

Quanto mais eu chupo, mais minha boceta tem espasmos, mais duros os meus mamilos ficam. Meus seios se tornaram uma fonte de tormento. Eles estão pesados, e quando me ajoelho no chão duro, quase de quatro, eles mexem e balançam e tremem toda vez que eu o levo mais fundo.

Eu tenho cerca de metade do seu comprimento dentro de mim agora e estou em uma missão para engoli-lo.

Dos pequenos empurrões de seus quadris e seu punho no meu cabelo e seus cantos constantes de *porra*, Zach vai adorar isso.

No entanto, quando estou prestes a tentar, ele me afasta. Ele puxa meu cabelo e inclina meu pescoço para cima e olha para o meu rosto.

“Você fez uma bagunça, Blue”, ele diz rudemente, enquanto seu olhar se move sobre meus lábios e seus polegares tocam levemente nos cantos deles.

“Você pediu por isso”, eu sussurro.

“Eu pedi.”

“Mas ainda não terminei.”

“Não?”

“Acho que perdi alguns pontos. Eu preciso ser meticulosa”, eu suspiro. “Além disso, eu ainda estou com fome. Ainda preciso chupar e chupar e chupar até encontrar o que estou procurando.”

Levanto a mão e varro alguns fios de cabelo para longe de sua testa coberta de suor.

Ele quase se inclina em meu toque suave e meu coração aperta. Mas um segundo depois, ele está de volta com seu tom áspero e sério. “E o que seria?”

Beijo suavemente sua mandíbula e sussurro: “O recheio cremoso do seu pirulito.”

Eu coro ao dizer algo tão fora deste mundo sujo e ele rosna.

Ainda rosnando, ele pressiona um forte — o mais forte beijo de sempre — na minha boca. “Quarto.”

Uma emoção escura me percorre em seu tom.

“Agora”, ele ordena quando eu simplesmente continuo olhando para ele e não me movo rápido o suficiente para o seu gosto.

Eu me levanto com as pernas trêmulas e Zach me beija novamente. Ainda nos beijando, seguimos para o meu quarto.

De alguma forma, nós pousamos na minha cama.

Zach ataca meus shorts, abrindo os botões e empurrando-os pelas minhas pernas, junto com a minha calcinha. É tão frenético e desesperado que eu nem sequer penso em perguntar a ele sobre suas intenções. Eu os chuto e ele me coloca sobre ele.

Ele está deitado na cama enquanto me gira até que minha boca esteja em seu pau e a dele esteja na minha boceta encharcada e lisa.

Finalmente, as palavras escapam de mim. “O que você está fazendo?”

“Preciso de sua boceta no meu rosto enquanto você está me chupando”, ele murmura.

Suas palavras por si só causam um pequeno orgasmo em mim e eu caio na cama, nos meus cotovelos, meu cabelo azul selvagem fazendo uma cortina em volta dos meus lábios e seu pênis.

Duas coisas que são feitas uma para a outra.

Então ele dá um longo e guloso golpe na minha boceta e eu perco a cabeça.

Eu queimo e a única maneira de acalmar é envolver meus lábios sem batom em seu pênis novamente.

Oh Deus, isso é meia-nove, não é?

Por que isso me faz sentir tão suja e excitada ao mesmo tempo?

Minha chupada vacila quando sinto seus dedos esfregando minha fenda molhada.

Isso me faz gemer, aqueles dedos contundentes brincando comigo enquanto faço oral nele. Minhas unhas cravam em suas coxas e meus seios pressionam em seu estômago flexionado quando eu tomo ar antes de colocá-lo de volta na minha boca, tentando levá-lo ainda mais longe.

“Você está tão molhada, baby”, ele geme sobre mim. “E você depilou para mim, não é?”

Minha resposta é gemer em torno de seu eixo porque sim, eu depilei. Além de colocar uma camiseta apertada e shorts curtos, eu me depilei lá embaixo.

Talvez eu quisesse que isso acontecesse. Eu queria que ele me lambesse e me dedilhasse enquanto estava esparramada nele assim.

Seus quadris estão se movendo ligeiramente. Não muito, mas apenas o suficiente para que eu tenha que soltar minha boca e deixá-lo fazer o que quer. Eu salto quando sinto seus dedos sobre a junção da minha bunda.

“Eu disse a você que na próxima vez colocaria um dedo aqui, lembra?”

Eu gemo de novo e torço minha bunda no ar, convidando-o.

Sua risada é dolorida. “Mas eu menti.”

Eu o mordo de leve por esse comentário.

Ele ri novamente. “Eu não vou apenas tocar sua bunda, Blue. Eu também vou enfiar na sua boceta.”

Eu suspiro e quase desalojo seu pau dos meus lábios.

Suas palavras são inarticuladas e hesitantes, como se ele estivesse perdendo todo o controle. Suas coxas estão rígidas e acho que ele vai gozar.

E acho que se ele fizer o que prometeu, eu irei com ele.

Eu me preparo para a invasão, mas acho que estou tão molhada que não sinto o impacto doloroso quando ele insere o polegar na minha boceta. Sinto uma leve pressão e um pouco de alongamento quando ele se move um pouco, mas não é ruim.

De modo nenhum.

É tão bom pra caralho.

No momento em que ele desliza o polegar úmido e lubrificado sobre o vinco da minha bunda e circula minha entrada plissada, eu sinto seu pau jorrando pré-gozo na minha língua.

Ele emite um longo grunhido que reverbera através de mim, até os dedos dos pés.

Assim que eu tomo ar, Zach desliza seu polegar dentro da minha bunda e eu gemo sobre a cabeça do seu pau. Ele salta na minha língua, eu agarro e chupo como se fosse minha tarefa.

Parece estranho e novo e dolorosamente erótico, o polegar na minha bunda.

Mas ele não para por aí. Ele desliza um longo dedo dentro da minha boceta, o que aparentemente vai muito fácil, e eu quase engulo seu pau, soluçando sobre ele.

“Foda-se, foda-se. Porra, Blue.”

Eu o sinto movendo os dedos dentro de mim, dentro das duas aberturas, e a pressão começa a se formar. Sei que estou perto. Sei que ele está perto também.

“Posso sentir, baby”, ele ofega. “Eu posso sentir sua virgindade. Está aí. É minúscula e não me deixa passar. Parece que está me provocando.”

A última parte de seu discurso é menos palavras e mais grunhidos.

Você deveria abri-la então. Rasgue-a para que você possa entrar.

Assim como esse pensamento passa pela minha mente todo luminoso e brilhante como uma estrela, eu gozo.

Tenho espasmo em torno de seus dedos e isso faz com que seu eixo empurre dentro da minha boca. Eu deixo sua cabeça ir e espreito minha língua para que ele possa gozar nela como estou gozando em seus dedos.

A tensão e as convulsões do corpo dele combinam com o meu. E também nossos barulhos. Provavelmente nossos batimentos cardíacos também coincidem, neste momento.

Eu o bebo o tempo todo enquanto ele me drena. Seu gosto é exatamente como imaginei que fosse. Musky e picante e ele.

Tão porra como *ele*.

Tão porra como Zach.

O cara que eu pertenço. O cara que acha que eu sou o prêmio dele.

De alguma forma, ele também parece como o cara que eu deveria dar tudo. Até minha virgindade.

Capítulo 24

Estou morrendo.

Ou pelo menos, parece que sim. A dor é tão intensa e veio tão de repente que eu não consigo respirar.

Estou no limiar da cozinha, tentando dar uma olhada em Zach porque sei que ele vem tomar o café da manhã, logo após o treino.

Nós compartilhamos algumas refeições dessa maneira. Tudo o que ele faz é olhar para mim e tudo que faço é falar pelos cotovelos com Maggie e tentar não corar.

Mas esta manhã, ele não está sozinho.

O cabelo dele está suado e delicioso e ele veste a camiseta do tipo colete e tem uma tigela de algo doce na frente dele. Eu não tenho tempo para verificar o que pode ser porque estou ocupada olhando para ele com Leslie.

Não é um segredo que depois que Zach ajudou Art, ele é o favorito de todos. A equipe de cozinha não pode esperar para servi-lo. As garotas não param de olhar para ele e riem e fofocam sobre a magnificência de seu corpo e aquele rosto e aquele sorriso afetado e o quão forte ele é. Seus treinos na piscina são muito famosos também.

Leslie está fazendo o que todas as outras garotas da equipe fazem. Ela está rindo e inclinando-se para ele com o quadril. Maggie está rindo também, ela está ao lado do balcão, perto o suficiente para ser incluída na conversa.

E Zach?

Ele está sorrindo para ela.

Ele está tão envolvido com qualquer que seja a conversa deles que ele nem tocou em sua comida. Ele está absorvido em Leslie e seus sorrisos e o jeito que ela está brincando com sua trança loira. Parece que há algo entre eles. Como se eles se conhecessem.

Como se ela soubesse todos os seus segredos e lutas. Soubesse sobre sua leitura. Soubesse que quanto mais ele lê, melhor ele fica, e quando eu digo isso, seu rosto se fecha.

Não consigo entender isso. Por que ele não ficaria feliz em ver o progresso que está fazendo? Por que ele não iria querer que eu o elogiasse e

corasse de prazer toda vez que ele lê uma frase corretamente sem confundir as letras?

Às vezes acho que é vergonha. Ele está envergonhado e irritado por estar fazendo progresso. O que é tão estranho que acho que estou imaginando coisas.

E toda vez que sua expressão se torna esquisita, eu sei o que vem a seguir. Seus beijos e mãos.

Jesus, suas mãos estão sempre tão desesperadas e animadas, prestes a rasgar minha roupa para que ele possa chegar à minha pele nua. Aos meus seios, minhas coxas, minha boceta. Como se ele precisasse de tudo como ele precisa do ar. Como se ele precisasse me fazer gozar, e precisasse gozar enquanto estou tendo espasmos em seus braços. E tudo que posso fazer é ceder a ele.

Por que eu não cederia?

Eu sou o prêmio dele, certo?

Exceto, talvez sejam simplesmente palavras.

Talvez ele diga isso a todas. Talvez ele tenha dito isso a Leslie, a garota com quem ele está flertando tão abertamente quando entra na minha cabana como um ladrão.

É uma loucura, eu sei. Fui eu que quis todo o segredo, mesmo que tenha me esquecido de planejar isso. Ele está apenas respeitando meus desejos.

Sem olhar um para o outro, se alguma vez passarmos pelos corredores. Sem conversar enquanto tomamos café da manhã. Nunca dizer uma palavra um ao outro se eu acidentalmente o encontrar na piscina e ele estiver lá fora, malhando ou nadando.

Sou eu. Eu defini as regras e Zach tem sido tão cuidadoso em me proteger e esse trabalho *estúpido*.

Percebo que não gosto disso.

Não gosto do sigilo necessário e de que ele está tocando em outra pessoa. Não gosto que ele esteja muito absorto nela para me notar.

Um som sobe na minha garganta, uma mistura de um suspiro e talvez um soluço. Um soluço triste e ciumento e, de alguma forma, chega até ele.

Zach levanta os olhos e olha diretamente para mim. Seus lábios se separam e os meus franzem.

Leslie percebe que ela não tem mais sua atenção, então se vira e, me encontrando lá, ela sorri.

Seu sorriso é tão entusiasmado que eu não posso nem mesmo odiá-la por estar perto do que eu quero.

“Ei, Cleo. Entre”, ela diz alegre.

“Ah, finalmente você está aqui. Venha, eu fiz o creme inglês de novo.” Maggie sorri carinhosamente para Zach. “É o favorito do Senhor Zach.”

Creme inglês.

Sorriso um pouco para as duas antes de voltar para Zach. Ele está sentado lá rígido, sua mandíbula apertada naquele jeito péssimo e irritado dele.

Por que ele está com raiva? Eu sou a única que está se sentindo traída.

“Tudo bem”, eu digo, mantendo meus olhos nele. “Se é... o favorito do Sr. Prince, então ele deveria ficar com tudo.”

Com isso, eu giro e saio de lá.

Estou com tanta pressa que esbarro com alguém no final do corredor. É Ryan.

Ele me estabiliza com as mãos nos meus ombros. “Você está bem?”

Sua voz suave me faz querer chorar, mas consigo aguentar. “Sim. Desculpa. Eu deveria parar de fazer isso com você.”

Rindo, ele diz: “Eu não me importo.”

“Como você está?” Eu pergunto, estudando seu belo rosto.

Ele sempre me fez sentir segura. *Sempre.*

E agora que eu olho para ele, percebo que talvez não tenha sido feita para ser protegida. Ser protegida não me afeta em nada. Eu não fui feita para ser tratada com gentileza e toques suaves.

Talvez eu tenha sido feita para toques ásperos, puxada e olhares severos.

“Bem. Você?” Ele franze a testa. “Está tudo bem?”

Eu concordo. “Uh-huh. Estou apenas, sabe? Tendo um dia difícil.”

“Ainda nem começou.”

Eu rio com tristeza. “Eu sei. Vai ser apenas um daqueles dias.”

Assentindo, ele começa: “Escute, eu queria lhe contar. Acho que você já sabe, já que Tina é sua amiga e—”

Levanto a mão para fazê-lo parar. “Tudo bem. Eu sei. Tina me disse que vocês vão sair no sábado e isso é incrível. Mesmo.”

Tina aceitou meu conselho e convidou Ryan para um encontro. Acho que ele ficou chocado. Ela disse que ele não disse nada por cerca de dez segundos enquanto continuava olhando para ela.

Aposto que era porque ele estava olhando para ela com novos olhos.

“Tem certeza? Eu me sinto como, não sei, um mulherengo ou algo assim.”

Eu rio alto e bato meu ombro contra o peito dele. “Você não é um mulherengo. De modo nenhum. Você é um dos caras mais decentes que conheço, Ryan. Na verdade, você é o cara mais decente que conheço. Então não, eu não acho nada disso. Eu só espero que vocês se divirtam.”

Ele sorri; dá um sorriso largo, na verdade. “OK.”

Eu posso ver nos olhos dele que ele está realmente ansioso por isso. Tanto quanto Tina.

“Ok.” Eu aceno e recuo de seu abraço.

Ryan se abaixa e me beija na testa. É um beijo fraterno. Não acredito que alguma vez quisemos sair. Talvez seja por isso que continuamos adiando, inconscientemente. Estarmos ocupados e não encontrar tempo pode ter sido um sinal em primeiro lugar.

Assim que ele sai, tenho uma sensação de formigamento na parte de trás do meu pescoço.

Eu sei quem é antes mesmo de me virar.

Zach está de pé no limiar da cozinha, olhando para mim com olhos acusadores.

Parece uma noite para usar a camisola da minha mãe.

Depois que ficou arruinada, Maggie tentou limpá-la para mim. Ela foi parcialmente bem sucedida. As manchas diminuíram, mas ainda consigo distinguir o enorme contorno no meu peito, logo abaixo da renda. Eu decidi dobrá-la ordenadamente e guardá-la para que não ficasse ainda mais danificada.

Mas esta noite, estou sozinha e triste e quero algo reconfortante comigo.

Zach não apareceu para a nossa reunião esta noite e estou com muita raiva.

Tão ciumenta.

Eu continuo a vê-lo com Leslie e estou cheia de tantas emoções irracionais. Emoções que só ele pode invocar em mim.

Deus, esse cara sempre tirou minha sanidade e deixou um monte de loucura e paixão.

Só de pensar nele com ela está me fazendo querer chorar de novo, como se eu ainda estivesse no ensino médio ou algo assim. Eu choro desde que cheguei à porta depois do trabalho e decidi pegar um sorvete. Tina e eu, mantemos um estoque.

Eu pego do freezer, encontro uma colher na gaveta e vou para o meu quarto. Mas assim que entro, vejo alguém na minha janela.

Deixando de lado o pote de sorvete, eu corro para ela e vejo vislumbres do mesmo cotovelo, coxas e ombros.

Zach. Ele está contornando a casa, provavelmente indo até a porta dos fundos.

Suspirando bruscamente, eu me afasto da janela, enfio meus pés em minhas botas de couro e corro para a porta, abrindo-a antes que ele chegue e caminho para fora.

Ele para quando me vê.

Mesmo que eu esteja a poucos metros dele, ainda consigo ouvir sua respiração ofegante. Está agitada e fazendo seu peito parecer infinitamente maior e mais amplo.

Sob seu olhar sombrio, eu ando até ele. “O que você está fazendo aqui?”

Ele me leva para dentro, seus olhos se movem tão rápido quanto sua respiração e agora, também meu coração. O que ele encontra no meu rosto não o deixa feliz. Na verdade, isso o deixa completamente puto.

“Eu te disse”, ele rosna.

“O que?”

“Eu te disse que te faria chorar. Eu disse que continuaria fazendo isso.”

A raiva aumenta dentro de mim como uma onda. Eu tenho chorado por este idiota a noite toda e é isso que ele tem a dizer para mim?

“Portanto?”

“Portanto você não pode me culpar por isso. Não fique emburrada com isso”, ele é mordaz.

“Ficar emburrada?” Minhas unhas estão cavando em minhas palmas. “Foda-se Zach, ok? Foda. Se. Sim, você me disse. Você me disse que me faria chorar e como uma idiota, eu não escutei. Mas finalmente estou ouvindo. Você está feliz agora? Orgulhoso de si mesmo? Vá para casa.”

Zach se aproxima de mim e meu coração dá uma batida extra quando seu cheiro atinge meu nariz. A noite é quente como sempre, mas o calor saindo

de seu corpo é como um inferno, e meus poros transpiram apenas por sua proximidade.

Ele dá um longo suspiro, suas narinas dilatadas. “Nunca menti para você. Eu nunca te prometi nada. Você me viu no meu pior, Blue. Eu te mostrei o pior de mim. E quando você me implorou para beijá-la, *eu te disse* que você era minha. E ainda assim, você deixou que ele te tocasse. Deixou que ele colocasse a boca dele em você.”

Sua raiva é tão poderosa quanto seu corpo e balanço um pouco. Isso me faz sentir culpada e, ao mesmo tempo, faz as borboletas no meu estômago acordarem.

Droga.

Como ele sempre faz isso? Como controla cada coisa sobre mim?

“Ele é meu amigo”, eu digo com os dentes cerrados. “Eu não o deixei fazer nada. Ele estava sendo legal. E olha quem fala. Você não conseguia parar de flertar com Leslie esta manhã. Você nem tocou no seu maldito creme.”

Ugh.

Eu posso me ouvir sendo todo rabugenta e infantil, mas não consigo me controlar. Eu não posso evitar esse ciúme.

Outro passo mais perto e estamos praticamente cara a cara. Ou mais como o meu rosto em seu peito, já que ele é muito mais alto que eu.

“Eu quero que você faça algo por mim”, ele diz.

“Como?”

“Eu quero que você corra.”

Algo em seu tom, nos traços duros de seu rosto me faz engolir. “O-o quê?”

“Eu quero que você se vire e corra. O mais rápido que puder.” Ele faz uma pausa para respirar fundo. “O jeito que estou me sentindo agora. O jeito que eu estou torcido. Eu não...”

Não há praticamente nenhum espaço entre nós, mas ainda assim, aproximo-me dele. Eu nunca o vi assim. Todo agitado e cheio de angústia. Cada respiração, cada palavra que sai de sua boca é tão torturada, tão carregada de coisas angustiantes que todos os instintos que possuo me fazem confortá-lo.

Tirar a dor dele, mesmo que ele esteja me machucando também.

“Você não o quê?”

Os olhos de Zach estão girando com um brilho predatório. “Eu não quero te machucar.”

Oh, Jesus Cristo.

Eu não consigo nem dizer, *você não vai me machucar*. Porque eu sei que ele pode. Não fisicamente, não. Emocionalmente sim.

Ele pode me machucar. Ele me machucou esta manhã.

Enquanto o observo agora, percebo quão capaz ele é de me destruir. E eu não estou falando sobre bullying ou do passado.

Estou falando de agora.

Estou falando sobre o jeito que me sinto por ele. O jeito que ignoro as regras do meu trabalho, o jeito que ele me deixa orgulhosa quando lê, o jeito que meu coração transborda quando ele está com Art, o jeito que ele faz minha pele cantar quando ele a toca.

Talvez o que eu esteja sentindo não seja nada infantil.

Talvez seja a emoção mais profunda que nós, humanos, podemos sentir.

Deus, quando ele se tornou tão poderoso e quando eu me tornei tão impotente?

“Eu—”

“Corra”, ele rosna, desta vez mais alto.

E eu nem paro para pensar nisso. Faço o que ele diz: eu corro.

Eu saio para a floresta. Corro o mais rápido que posso.

Não estou fugindo do meu valentão. Estou correndo porque ele não é meu valentão há muito tempo. Ele é outra coisa para mim agora.

Algo mais.

A luz da lua está batendo em mim através dos galhos frondosos das árvores. Por alguma razão, até as estrelas são mais brilhantes.

As folhas são esmagadas sob minhas botas. Esse é o único som, exceto pelo som da minha respiração. No entanto, outro som surge.

Ele está correndo atrás de mim. Me perseguindo.

Eu sabia que ele iria.

Como Orion.

O pensamento me faz parar e, ofegante, me viro para encará-lo.

Ele está bem ali, a poucos metros de distância.

“Você parou.”

Eu ando para trás. “Eu não queria mais correr.”

Ele anda para frente, na minha direção. “Por que não?”

Porque ele é para mim o que objetos afiados são para coisas frágeis. O que a chama é para mariposa.

Destino.

Nós somos o destino, Zach e eu. Nós somos estrelas, não somos?

Você não pode fugir do destino. Você não pode ultrapassar o destino. Não se pode impedir que uma mariposa morra nas chamas e não se pode impedir que um objeto afiado faça uma coisa frágil sangrar.

“Porque eu não quero mais jogar.”

“Acha que isso é um jogo?”

“Não. Isso não é um jogo.” Eu continuo andando para trás, sem medo, porque se algo acontecer, ele vai avançar para me salvar. “Quem sou eu?”

Ele franze a testa, limpando a boca com o dorso da mão. “Meu prêmio.”

Minhas costas atingem uma árvore e arqueio minha espinha, envolvendo minhas mãos no tronco. “Então, você deveria me reivindicar. Mas você também deveria saber uma coisa.”

“Que coisa?”

“Este prêmio pertence a você, mas *você* também pertence a este prêmio.”

Zach finalmente me alcança e se inclina para colocar as palmas das mãos na casca áspera da árvore. “Sim?”

Eu levanto meu queixo. “Sim.”

“Sabe por que eu não estava comendo aquele maldito creme?”

“Por quê?”

“Porque eu estava esperando por você. Porque pensei assim como todos os dias, você viria e nós...”

“Comeríamos juntos.”

Finalmente sorrio.

Ele move as mãos e as enterra no meu cabelo solto, inclinando o meu pescoço. “Sabe o que pertencer a mim significa?”

“O que?”

Sua testa encosta na minha. “Significa que você é a única coisa neste mundo que me sinto... responsável.” Sua carranca é tão profunda que eu sinto na minha pele. “Você é a primeira coisa que já pertenceu a mim. A primeira coisa e eu não... eu não quero te machucar.”

Meu coração se foi. Eu não o escuto.

Lentamente, está caindo do meu corpo e sei, no fundo da minha alma, que se eu não pará-lo, desaparecerá para sempre. Vai morrer.

Zach se aproxima de mim e eu o sinto no meu estômago. Seu pau grosso e duro.

Ele empurra contra mim e em resposta, meu núcleo aperta.

E sei o que ele quis dizer com suas palavras repetidas, sobre não querer me machucar. Sei por que ele me pediu para correr.

“Vamos fazer sexo, não vamos?”

“Você é virgem.”

Agarro sua camiseta. “E você é tão grande.”

Gemendo, ele abaixa a testa sobre a minha. “Você é tão pequena, eu vou te machucar.”

Sinto uma gota de gozo me deixando e penetrando na minha calcinha. Isso lembra tanto daquela noite quando ele me perguntou se eu era virgem ou não.

“Sim. Você vai me esticar.”

Ele esfrega sua ereção em mim e gemo, empurrando meus seios em seu peito. “Não importa o quão cuidadoso eu seja.”

Tudo bem.

Deixo meu coração morrer. Em seu lugar, vou criar um novo. Um coração que só bate por este garoto solitário na minha frente.

“E você sabe o que pertencer a mim significa?” Eu sussurro.

Zach olha nos meus olhos. “O que?”

Estou sozinha também. Meus pais morreram. Tomaram a minha casa. Não há nada neste mundo que me pertença.

Exceto ele.

“Significa que eu confio em você. Significa que eu sei que você será cuidadoso. E isso significa que você é o único que eu quero dar a minha virgindade.”

Eu me inclino e coloco um beijo em seus lábios macios.

Mas Zach o aprofunda. Ele aperta a mão na parte de trás da minha cabeça e abre minha boca com a língua.

Em seguida, ele está me levantando e estou envolvendo meus membros em seu corpo, e estamos voltando de onde viemos.

Meu chulé.

Capítulo 25

Zach me leva até a cabana pela porta dos fundos que eu deixei aberta quando saí para encontrá-lo.

No meu quarto, ele abaixa meus pés no chão e, ajoelhado, tira minhas botas.

A luz está desligada, mas a janela está aberta e a lua é potente. Em algum lugar lá em cima, eu tenho fé que esta noite Orion alcançou as Plêiades. Pelo menos esta noite ele está descansando.

Quando Zach está pronto, ele se levanta e paira sobre mim. Há tanta tensão e luxúria no ar que estou ficando sem fôlego.

Estou ficando tímida.

“Você perdeu sua lição de hoje à noite”, digo a ele, só para dizer alguma coisa.

Eu vejo seu sorriso torto no luar prateado. “Lição?”

“Uh-huh.” Eu aceno, sorrindo também. “Sou sua professora nerd e você é o atleta que precisa passar no teste ou não entrará no time.”

Ele se aproxima e traça a renda na gola do meu vestido, olhando como se fosse a coisa mais bonita de todas. “Sim? O que eu jogo?”

Tremendo, eu olho para ele de cima a baixo. Ele é alto e largo e parece que está sempre arrebetando suas roupas.

“Hum, futebol?”

“Eu sou bom?” Ele pergunta, ainda tocando a renda como se não pudesse parar de tocá-la.

“Sim. Você é o melhor. Só não consegue se concentrar na aula.”

Ele move os dedos pelo meu pescoço e agarra os cachos do meu cabelo, brincando com eles. “Por que não?”

“Talvez porque você está sempre me observando”, eu sussurro, me divertindo com as pequenas maneiras que ele está me tocando.

“Então você é minha colega de classe também?”

“Sou. Eu também sou muito inteligente, à frente da minha idade, e é por isso que querem que eu te ensine.”

Ele ri. “Então, por que eu te observo?”

Engulo e gravito em direção a ele. “No começo, acho que é para me intimidar. Para me fazer sentir menos que você. Porque você é o príncipe da faculdade e eu sou apenas... uma garota estranha e de cabelos azuis.”

Ele olha de onde estava se vendo brincar com meu cabelo.

Cravando seus olhos nos meus, Zach solta o fio e segura minha nuca. “Mas talvez eu esteja te observando porque não posso parar. Porque você é a garota mais linda que eu já vi. E porque o seu cabelo azul me lembra do céu e do oceano. Liberdade.”

O sangue está correndo debaixo da minha pele, pintando tudo de escarlate. Eu nunca estive tão acordada no meio da noite, tão colorida e corada.

“É por isso que você me observava na detenção o tempo todo?”

Na maioria das vezes, eu acabava na detenção e Zach costumava estar lá comigo. De alguma forma, nós sempre sentávamos nos mesmos lugares em que nos sentamos no primeiro dia em que nos conhecemos. E o tempo todo eu mantinha minha cabeça baixa e longe dele porque eu podia sentir seus olhos em mim.

“Sim”, ele sussurra, flexionando os dedos no meu pescoço. “E fazer você corar.”

Eu levemente dou um tapa no ombro dele. “Foi uma coisa muito rude de se fazer.”

Rindo, ele me beija levemente.

Desta vez, sou eu quem aprofunda. Sou aquela que invade sua boca e morde o lábio inferior, fazendo-o gemer.

Um segundo depois, ele está assumindo.

Suas mãos seguram minha camisola antes de puxá-la para cima e para fora do meu corpo. Só assim, estou quase nua, parada com minha calcinha azul.

Na minha cabeça, eu sabia que íamos fazer sexo. Mas de alguma forma, eu não conectei os pontos que eu teria que ficar nua para isso.

Deus, estou nua.

Estou nua.

Na frente de um cara. Na frente dele. O espécime mais perfeito de sempre.

Ele é feito de músculos duros e esculpidos que, sim, eu sei que ele malha todos os dias. E eu sou fofinha como um travesseiro por conta de todos os doces que eu costumava roubar do armário da cozinha quando minha mãe não estava olhando.

Fico olhando para os pés e tento me imaginar nua. Peitos grandes, barriga redonda e quadris largos com coxas onduladas. Ah, e tudo isso é mais branco que a lua.

Zach respira fundo e diz, num tom gutural: “Sabe quantas vezes eu te imaginei nua?”

Olho para cima e lembro que ele disse algo semelhante sobre me beijar. “Mil vezes?”

Um sopro de ar lhe escapa e ele concorda.

Ele parece hipnotizado enquanto seu olhar se move de uma parte do meu corpo para outra. Parece que ele não sabe onde olhar primeiro. Seus olhos estão ligeiramente arregalados e sua boca está entreaberta.

Estou arrepiada em todo lugar. Tudo na minha pele é áspero. Até meu cabelo macio que roça nas minhas costas.

Zach coloca a mão no centro do meu peito, bem no meio dos meus seios arfando. Ele espalma a mão, tocando os dois ao mesmo tempo. “Jesus. O número de vezes que eu me masturbei imaginando seus seios. Nem consigo dizer.”

Ele circula meu mamilo esquerdo com o polegar, encolhendo-o em uma pedra dura. Ele adora brincar com eles; eu sei disso. Ele adora acordá-los, afetá-los com os dedos, sugá-los com a boca.

Sua mão se move para baixo e por vontade própria, minha coluna se arqueia. Ele chega ao meu estômago e enfia o polegar no meu umbigo.

De alguma forma, ele está pressionando essa veia novamente. Aquela que incha e fica tensa toda vez que ele está perto, toda vez que eu penso nele.

A respiração de Zach fica forte enquanto ele continua. Sua mão desce, áspera e sedutora, e desliza dentro da minha calcinha. No momento em que ele toca minha boceta encharcada, minhas pernas ficam tensas e meus calcanhares deixam o chão.

Estou na ponta dos pés, mal conseguindo me equilibrar.

Ele se move em minha direção e nossos corpos se encontram, eu nua e exposta e ele ainda vestindo sua camiseta e calça jeans, me queimando com sua fricção.

Deslizando o braço em minha cintura, ele me ajuda a manter o equilíbrio enquanto a outra mão cobre minha buceta inteira.

“Zach.” Eu gemo o nome dele e ele aperta como se fosse um objeto.

Ele belisca meus lábios inchados, fazendo-me agarrar sua camisa e me manter na ponta dos pés. Eu não sei por que é tão erótico, mas é.

“Quem é você?” Ele sussurra.

“Seu prêmio.”

Como se essas palavras fossem um catalisador, Zach captura meus lábios com os dele.

Enrolo meus braços em seu pescoço, agarrando sua camisa pelas costas, puxando, arrastando. Impacientemente. Deus, seus beijos me deixaram tão impaciente por ele, seu pênis.

Ele recebe o sinal, e tirando a mão da minha calcinha, ele a tira, me desnudando completamente antes de ir para a sua camisa e tirá-la de seu corpo.

Quero tocar no zíper de seu jeans, mas ele não deixa. Ele volta a me beijar e eu esqueço tudo menos seus lábios e suas mãos errantes.

Minhas mãos também não ficam paradas.

Elas continuam sondando sobre os ombros, os cumes de suas costas, a inclinação de sua cintura. Não sei onde tocá-lo, *como* tocá-lo para fazer essa fome desaparecer. Ele é gostoso, definido e rígido e eu posso roçar minhas unhas ao longo dos músculos até o fim dos tempos.

Nós paramos para respirar, mas mesmo assim, nossos lábios estão conectados. Estamos respirando o ar um do outro enquanto Zach me leva para trás e me deita na cama antes de se aproximar de mim.

Está acontecendo, não é?

Ele estará dentro de mim em breve.

Mal posso esperar.

Suas mãos estão em cada lado da minha cabeça, amassando o travesseiro, e sua respiração é tão tempestuosa que agita o cabelo na minha testa.

Eu me aproximo e o beijo nos lábios, fazendo todo o seu grande corpo estremecer entre as minhas pernas.

“Depressa”, eu sussurro, abraçando sua cintura com as coxas, pressionando seus quadris para mim.

Pensei que agora seria o momento que ele tiraria a calça e entraria em mim. Estou pronta, afinal. Acho que já estou pronta há séculos.

Mas Zach se move pelo meu corpo e pega um mamilo em sua boca. Enfio meus dedos pelos cabelos dele, arqueando para ele, minha cabeça jogada para trás.

Com um grunhido, Zach se apoia nos cotovelos e agarra meu peito. Ele está mexendo no meu mamilo com a boca e estou esfregando contra ele, inquieta.

Arrasto minha parte inferior do corpo para cima e para baixo, acariciando meu clitóris nos cumes de seu estômago, provavelmente fazendo uma bagunça pegajosa nele.

Mas Zach não se importa. Ele encoraja. Toda vez que meus movimentos ficam um pouco lentos, ele aperta meus seios com mais força e morde meu mamilo, esfregando contra mim, forçando-me a acelerar meu balanço.

Assim que acho que estou prestes a gozar, Zach solta meu mamilo.

“Zach”, eu suspiro, indignada.

“Shh. Não fale.”

Eu rosno e sinto seu sorriso entre o vale dos meus seios.

Ele corre a língua ao longo deles, descendo ainda mais, até que chega ao meu umbigo. Enterrando a língua, ele o adora, lambe, me dá chupões.

Minhas primeiras mordidas de amor.

Eu sorrio levemente na escuridão, olhando para seu cabelo escuro, seus lábios enrugados, trabalhando duro no meu corpo.

Meus movimentos estão frenéticos agora. Frenéticos e rápidos. E estou ondulando, balançando, me contorcendo; meus pés continuam escorregando na cama.

“Acho que vou...”

Estou tão perto de gozar e quando sinto sua respiração na minha boceta e seu dedo na abertura apertada da minha bunda, eu perco todo o controle e gozo. Ele pega minhas dobras com a boca e eu despejo meu orgasmo em sua garganta, puxando seu cabelo, abraçando seu rosto com minhas coxas.

Ainda estou atordoada, ofegante e suada, olhando para o teto quando Zach sai da cama e tira o jeans. Seu pau balança no ar, duro e grosso. Tão grosso. Eu sei o peso disto, o gosto, como eu tenho que alargar minha boca, abrir para ele.

E agora, estará dentro de mim.

Dentro da minha minúscula entrada.

Eu deveria estar com medo.

Mas enquanto eu o vejo subir na cama e rastejar entre as minhas coxas que se abrem para ele, para seu corpo se estabelecer entre elas, percebo que farei qualquer coisa por isso.

Qualquer coisa por esse cara pairando sobre mim, mais endurecido e sombrio na luxúria.

Qualquer coisa para seu pau entrar e me reivindicar.

Ergo minhas pernas em torno de seus quadris e cruzo os tornozelos em suas costas, abrindo-me para ele, sem palavras.

Zach agarra os lençóis de cada lado da minha cabeça, o suor escorrendo de seu pescoço. “Eu não tenho camisinha.”

“Estou tomando pílula.”

“Eu poderia estar cheio de doenças.”

“Você não está.”

Ele se abaixa em mim e seu pênis, quente e pesado, se instala no meu estômago. A sensação me faz contorcer embaixo dele.

“Eu não estou. Nunca fiz isso sem camisinha antes”, ele me garante.

“Bom.” Serpenteio minha mão em torno de seu pescoço e o trago ainda mais para baixo, então ele me dá todo o seu peso. “Serei a sua primeira.”

Capturo sua boca rindo em um beijo e balanço contra ele. Ele balança de volta.

Sua mão vai para a minha cintura enquanto ele traça a parte externa do meu corpo antes de parar na minha coxa e avançar ainda mais. Obedientemente faço o mesmo com a outra coxa, prendendo minha parte inferior do corpo com a dele.

“Mantenha-as aí, ok?” Ele instrui.

Eu aceno.

Com a outra mão, ele abaixa e agarra seu pau. Posso sentir seus dedos no meu estômago enquanto ele acaricia preguiçosamente. Até sinto o calor do seu pré-sêmen na minha pele e a vibração do seu peito quando ele geme.

Meu estômago se esvazia quando ele alinha sua ereção com minha boceta.

Ele olha para o meu rosto e prendo os olhos nos dele. Há linhas de tensão ao redor de sua boca enquanto ele me observa e eu seguro seu maxilar, sentindo que ele precisa de conforto tanto quanto eu.

Eu não quero te machucar.

Sei que ele só estava falando sobre sexo, mas quando olho para o seu rosto atormentado e excitado, acho que talvez todos os predadores, todos os objetos afiados têm uma alma. Uma alma que grita quando a chama queima uma mariposa e o leão corta um cordeiro com seus dentes.

Os olhos de Zach tremulam levemente com o meu toque suave enquanto ele circula minha abertura com seu pênis. Minha parte inferior do corpo está ansiosa e um pouco rígida de medo da invasão iminente.

E isso acontece em um impulso.

Mantendo nossos olhos conectados, Zach entra no meu corpo de uma só vez.

Eu gemo e minhas costas arqueiam com isso. Meus olhos se fecham enquanto eu inalo uma respiração chocante. Há dor. Um beliscão.

Está em todo lugar, mas não é excruciante.

O que é mais dominante e imediato é a plenitude.

Sinto que minha pélvis está esticada e cheia até a borda. Meu estômago está inchado e meu peito está prestes a explodir.

Estou prestes a explodir.

A cabeça de Zach abaixa para os meus ombros e eu sinto suas rajadas de ar lá, me golpeando como seus gemidos.

É como se nós dois escalássemos uma montanha e agora precisássemos de um segundo para nos recuperar.

Ele está dentro de mim.

Nossas partes mais íntimas estão se tocando. Elas estão presas. Ele é o primeiro ser humano, o *único* ser humano, a estar tão perto de mim.

Mordo meu lábio em euforia quando sinto uma pressão aumentando.

Cada pequeno som que ele faz me enche com mais luxúria. Cada expandir de seu peito e ondulação de suas costas leva ao ponto em que eu sou dele e ele é meu.

Timidamente, tento me mover embaixo dele, alívio essa inquietude que está pulsando. Como se estivesse viva, com veias e um coração.

Zach levanta a cabeça. “Pare.”

“O-o quê?”

“Vai doer mais se você se mover”, ele diz com os dentes cerrados e uma expressão um tanto agonizante.

Seguro seu ombro suado, respirando com dificuldade. “Não vai.”

“O que?”

Eu me movo sob ele novamente, balanço contra sua pélvis, e juro que sinto seu pau saltar dentro de mim. “Não dói.”

Zach está surpreso e eu poderia ter rido. Mas neste momento estou tão inquieta.

Talvez o universo soubesse que nossos corpos eram feitos um para o outro. Então a natureza tirou toda a dor. Mas eu não posso explicar isso para ele agora. Estou muito necessitada.

Tudo o que posso dizer é: “Por favor, f-foda-me, Zach.”

Ele me observa lutando contra ele, tentando fazê-lo se mexer, tentando esfregar meu clitóris hipersensível contra sua pélvis, mas ele não vem me ajudar. Ele não me salva e eu uso minhas unhas ao longo de seu bíceps, sua cintura, suas costas.

“Por favor, Zach”, eu imploro de novo.

Em seguida, ele esfrega em seus quadris. “Isso que você quer, Blue?”

Eu aceno, suspirando de alívio. Mas nem isso é concluído, esse suspiro. Seus movimentos aumentam a necessidade. O desejo não termina.

Eu sei que não vai. Não até eu gozar, e ele gozar comigo. Dentro de mim.

Estou morrendo de vontade de sentir isso. Aquela sensação, aquele esguicho de seu sêmen que eu provei tantas vezes antes. Meu sabor favorito de picolé.

Zach começa a se mover. Seus movimentos são lentos, mas longos. Ele sai completamente, me deixando vazia, antes de voltar.

Eu gemo o nome dele e seus movimentos se tornam golpes. Curtos, com força e mais rápidos. Aperto minhas coxas em sua cintura, mordendo meu lábio.

“Pensei que você estivesse mentindo”, Zach ofega de cima de mim, seus olhos no meu rosto.

“Sobre o quê?” Suspiro quando começo a empurrar de volta em seus impulsos.

“Pensei que você queria tanto o meu pau que estava mentindo sobre a dor.”

“Eu quero...”

Seus impulsos são mais duros agora e meu canal está mais liso. Não posso acreditar que não estivemos fazendo isso todo esse tempo. Como eu vou voltar ao mundo dos vivos quando ele está me matando tão lindamente com seu pau?

“Pensei que sua boceta fez de você uma mentirosa, Blue”, ele diz, deslizando seus lábios sobre mim; minha língua espreita para saboreá-lo. “Mas acho que ela só fez de você uma putinha com tesão por mim.”

Meu estômago aperta com essa palavra e um *oh* sai de mim. Como se estivesse de acordo.

É verdade, não é?

Sou uma puta para ele. Tenho tesão por ele. Tenho tesão por ele há anos. Há séculos, até.

“Você é, não é?”

“Sim.”

“Sim, você é. Eu também sou um animal para você, baby.”

Desavergonhada, arqueio-me sob ele, sentindo seu peso até os dentes e descendo até os dedos dos pés.

Seus quadris estão batendo contra os meus e suas bolas estão atingindo minha bunda. Minhas pernas estão mexendo de um lado para o outro enquanto Zach martela dentro de mim. Seguro seu pescoço e tento me manter firme, mas é inútil.

A cama inteira está tremendo, batendo na parede, fazendo disso a maior foda na história das fodas.

E mais quente também.

Estamos suando um contra o outro, respirando ar quente.

Ele e eu.

Duas pessoas solitárias que pertencem uma à outra e a mais ninguém.

Acaricio sua barba e ele enfia o rosto no meu pescoço como se não pudesse mais se segurar e eu o abraço, me libertando.

Minha respiração fica presa quando fico no limite.

Este orgasmo é de longe o melhor que já experimentei. É diferente. Começa no meu estômago e irradia por cada cantinho do meu corpo. É violento também. Estou tremendo, contorcendo, arqueando e entoando o nome de Zach várias vezes.

É como se meu corpo não pudesse conter os hormônios. Não posso conter a avalanche de reações químicas dentro de mim.

Quando desço, Zach se levanta do meu corpo.

Ainda permanecendo dentro de mim, ele se ajoelha entre as minhas pernas abertas e me puxa para cima, colocando minha bunda sobre suas coxas. Desta forma, ele pode ver tudo de mim, exposta na frente dele.

Deveria ser embaraçoso, mas não é.

Na verdade, é o oposto disso. É emocionante. Porque ele está observando sua puta com tesão, e ela o sente inchando dentro de sua boceta.

Arqueio para ele e pressiono meus seios.

Gemendo, eu brinco com eles enquanto ele retoma seus impulsos.

Seu rosto é uma elaboração de traços fortes e bonitos enquanto ele bate em mim e me observa beliscar meus mamilos cor de framboesa. Eles estão hipersensíveis depois do meu orgasmo e fico espasmódica toda vez que eu os belisco.

Seu lábio superior está puxado, enrolado sobre os dentes e ele está rosnando a cada golpe. Ele nunca pareceu mais feroz, mais sombrio que isso. Mais como um animal.

E eu nunca me senti mais devassa e desavergonhada.

Sua respiração muda, torna-se desesperada e o suor escorre pelo peito e pelo abdômen. Ele está perto de gozar; sei disso. Conheço os sinais.

Assim que aperto um seio saltitante e pego uma gota de suor no seu umbigo com a outra mão, ele fica rígido. Seus impulsos ficam desiguais e seus olhos negros se fecham.

Sua coluna arqueia, deixando os cumes do seu tronco em evidência, enquanto ele geme meu nome para o teto e goza dentro de mim.

Sinto no meu coração morrendo lentamente, aquele gemido, aquele impulso do seu pau.

Eu me sento ereta e envolvo meus braços nele, trazendo nós dois para baixo na cama. Gemendo, ele cai sobre mim.

Estou acariciando suas costas, traçando-as com as mãos para cima e para baixo enquanto meu canal absorve seu orgasmo.

E finalmente, meu corpo fica mole, ouvindo seus batimentos cardíacos.

Ele é meu.

O pensamento flutua na minha cabeça.

Eu deveria sentir alívio. Pensei que se soubesse que ele era meu, ficaria feliz. Ficaria contente.

Mas agora que sei que ele é meu, não posso deixar de pensar por quanto tempo.

Capítulo 26

O Príncipe das Trevas

Saio do quarto dela de madrugada para ninguém me ver.

Ela está deitada de lado, sua bochecha pressionada contra o travesseiro. Seus cabelos azuis estão espalhados por todo lado e há algumas mechas simplesmente estendidas lá.

Lentamente, eu as pego e enrolo-as no meu dedo, beijo sua testa, antes de sair.

Volto para a mansão pela floresta.

No meu quarto, pego um caderno que comprei para mim há alguns dias. Foi uma compra por impulso; não estou orgulhoso disso.

Na verdade, às vezes me deixa absolutamente zangado por tê-lo em minha posse. Eu mantenho escondido, fora de vista como se eu estivesse embalando drogas.

Eu só pego quando estou inquieto. Quando estou com saudades dela.

Sento-me à escrivaninha, uma mesa que não uso há anos, mas tenho usado com frequência.

Dizem que é mais fácil escrever palavras em um computador, reconhecer as letras no teclado em vez de tentar criá-las por conta própria. Porque a disgrafia atrapalha.

Mas eu não estou fazendo isso porque estou interessado em melhorar minha escrita.

Estou fazendo isso porque não consigo evitar. Porque ela está na minha cabeça. Nos dias de hoje, ela sempre está.

Então, eu pego um lápis. O fio de cabelo dela ainda está enrolado no dedo da minha mão direita enquanto abro uma nova página e escrevo:

Cleopatra Marie Paige.

Capítulo 27

Estou tendo o pior dia.

Primeiro de tudo, eu dormi demais.

Em algum momento durante a noite depois do sexo alucinante, Zach e eu adormecemos. Eu dormi a noite inteira apenas para ser acordada pelo som de sua moto.

Acontece que estava nos meus sonhos, mas ainda assim.

Isso me assustou com algo muito ruim. Não me lembro de tudo, mas tenho uma imagem desfocada de Zach deixando essa cidade para sempre. E não consegui descobrir nada até acordar na manhã seguinte e ouvir todas as fofocas. Exatamente como aconteceu há três anos.

Com um estômago revolto, cheguei ao trabalho, para o qual me atrasei. Ou seja, a Sra. S não ficou satisfeita com o meu atraso e, além disso, perdi o café da manhã com Zach.

Em seguida, ouvi dizer que ninguém o tinha visto a manhã toda. Ele não desceu para o café da manhã e sua suíte estava trancada quando uma das meninas subiu para limpar.

Eu não podia perguntar mais sem o perigo de levantar suspeitas, então fiquei quieta e surtei em segredo.

O que eu odiei, a propósito.

Eu odiei que ele não estava comigo quando acordei. Odiei que ele provavelmente teve que fugir no meio da noite para evitar encontrar alguém no caminho de volta.

Ele estava fazendo isso para me proteger e meu trabalho; sei disso, mas eu não gosto disso.

Estou começando a odiar mais e mais a cada dia.

De qualquer forma, agora é o almoço e meu apetite está longe de ser encontrado.

Estou ansiosa e nervosa e tudo que quero é ver Zach. Que ele volte.

Deus, por favor, faça-o voltar.

Estou na cozinha com Grace, Leslie e Tina. Elas estão conversando com Maggie sobre os novos convidados que chegaram esta manhã.

Aparentemente, eles estiveram aqui antes e da última vez em que ficaram, houve um grande escândalo em torno de uma porcelana roubada.

Nem estou prestando atenção. Na verdade, decido sair no meio porque não consigo ficar parada. Felizmente, todas estão muito absorvidas para notar minha saída.

Onde você está, Zach?

Talvez eu esteja ficando louca. Talvez perder minha virgindade tenha me deixado toda emocional e menininha. Essa é a razão pela qual eu quero tirar o dia de folga e chorar no meu travesseiro.

Estou pensando tanto sobre todas as coisas que não vejo onde estou indo e esbarro em alguém.

De novo não.

Desta vez, porém, é Zach.

“Você”, eu digo com os olhos arregalados.

Seu olhar sombrio me observa intensamente. “Eu.”

“Eu estava...”

Eu deveria estar aliviada que ele está de volta. Que ele não foi embora para sempre. Mas, de repente, estou me sentindo inquieta. Sem fôlego, mesmo. Minhas coxas apertam e há uma dor entre as minhas pernas. Onde ele esteve na noite passada.

“Você estava o que?”

Seu tom áspero e forte faz meus dedos se enrolarem em minhas botas. “Eu estava, uh, procurando por você a manhã toda.”

“Eu saí para dar uma volta.”

Noto seu cabelo bagunçado pelo vento, então. O leve rubor em suas bochechas e o aroma do ar livre mistura-se com seu próprio cheiro doce e delicioso. Ele deve ter acabado de voltar.

“Por quê?”

“Queria arejar a cabeça.”

“De quê?” Eu pergunto, distraidamente enquanto observo seus lábios.

“De você.”

Ergo meus olhos para ele e percebo que nos últimos segundos a respiração dele aumentou como a minha. Ele parece à beira de algo e eu provavelmente pareço igual. A beira de me jogar nele, tocá-lo, escalar seu corpo, me assegurar de que ele está realmente aqui.

Que nós realmente fizemos sexo ontem à noite.

“De mim?”

“Sim.” Seus olhos penetram os meus. “Mas não consegui.”

Deus, eu estou zumbindo.

Minha respiração está chacoalhando meus pulmões e há um crepitar sob minha pele.

Eu não quero, mas eu quebro meu olhar e olho para trás. O corredor da cozinha está vazio e assim como o corredor principal. Posso ouvir as pessoas conversando na sala dos funcionários, mas ninguém está de pé. O que é muito raro e sei que não vai continuar assim. Alguém aparecerá para uma emergência ou outra.

Pego sua mão e puxo-o para longe da entrada do corredor. “Vamos lá.”

Silenciosamente, ele me deixa arrastá-lo até o armário, perto da cozinha, como se quisesse ficar sozinho comigo tanto quanto eu.

É o mesmo armário em que me escondi na primeira noite em que ele voltou. Eu nem o vi e ainda conseguia senti-lo, movendo-se no meu corpo.

Ele está sob a minha pele. Sempre esteve.

Fecho a porta e acendo a luz, de frente para ele.

Não há praticamente nenhum espaço entre nós. O armário era pequeno para começar, mas com ele dentro, sinto que não há ar suficiente para respirarmos.

Em seguida, Zach consome esse mínimo espaço pressionando meu corpo. Minha coluna está presa na porta e minha frente está nivelada com a dele.

“Havia sangue. Nos lençóis. Eu vi quando saí”, ele diz, e eu sinto seu pau, latejando logo abaixo das minhas costelas.

Passo meus dedos pelos cabelos dele. “Eu sei. Também vi.”

A dor atravessa seus traços. Dor e arrependimento. Provavelmente por me fazer sangrar.

“Eu estou...”

“Eu gosto”, eu sussurro quando ele para, esticando meu pescoço para chegar mais perto de seus lábios. “Significa que eu sou sua e você é meu.”

Ele engole enquanto examina meu rosto. “Você está se sentindo bem?”

Com isso, perco o fôlego e aperto meus braços no pescoço dele como se ele fosse embora agora, neste exato segundo. Não me sinto bem a manhã toda.

“Blue?”

Mordendo o lábio, eu balanço a cabeça uma vez.

Sua expressão fica alerta e seu corpo também. Tudo rígido e grande e colidindo com a suavidade do meu.

“Você está ferida?”

“Eu, uh, não é isso.”

Suas mãos seguram minha cintura. “Então, o que é?”

Acaricio sua mandíbula com barba crescida com o polegar, roçando a junção de seu lábio inferior. É tão macio e cheio. “Onde... onde você mora em Nova York?”

Sua testa lisa franze e a acaricio com meu outro polegar. “O que?”

Eu me movo para baixo e traço o arco de suas fortes sobrancelhas. “Eu nunca te perguntei. Você tem um apartamento?”

Ele leva alguns momentos para responder enquanto me observa. “Eu compartilho com alguns caras.”

Eu sorrio levemente, esfregando o topo da sua bochecha. “Seus amigos?”

As pontas dos seus dedos cravam na minha cintura. “Tipo isso. Apenas algumas pessoas, o cara que trabalhou aqui antes, me apresentou.”

“Eles pilotam como você?”

“Um deles pilota. Nós nos apresentamos em shows e outras coisas. Eu não fico muito em casa.”

Ainda me lembro da noite em que o vi saltando pela abertura no chão. Foi assustador, tão assustador. Mas ele também foi magnífico. Corajoso e brilhante como uma estrela.

“Você é realmente bom nisso, não é?”

Alguma emoção se move em seus olhos, tornando-os líquidos, e eu agarro seu rosto com as duas mãos. “Sim. Levei muito tempo para encontrar algo em que sou bom. Algo que os outros pensam que eu sou bom também.”

Zach tem toda uma vida fora desta cidade.

Quero dizer, eu já sabia disso. Mas isso dá uma imagem concreta. Um apartamento que ele compartilha com os amigos. Um trabalho que ele é bom. Aposto que todo mundo que o assiste se apresentar pensa da mesma maneira. Que ele é brilhante e de tirar o fôlego.

Seus olhos assumem um olhar distante, então. “Demorei muito mais para perceber que nem todo pai trata o filho desse jeito. Por muito tempo pensei que era assim que deveria ser. Um pai deveria ser malvado e irritado e eu deveria... apenas aceitar e odiá-lo. Eu deveria odiá-lo tanto que me tornei como ele.” Finalmente, ele se concentra em mim. “Um valentão.”

“Zach, você não é...” Eu começo com um tom determinado e feroz. “Você não é um valentão há muito tempo.”

“Foi você quem me fez perceber, sabia disso?”

“Eu?”

Ele está olhando para mim com algo tão parecido com carinho que eu sinto que vou sair da minha pele. Estou tão inquieta e necessitada.

Tão faminta por esse cara indescritível.

“Sim. O que você me disse na noite do baile. Como eu mudo você e a transformo em uma pessoa pior. Foi quando percebi que estava fazendo com você o que meu pai faz comigo. Eu tenho te transformado em mim, amarga e vingativa.”

Não seja como eu.

Suas palavras de muito tempo atrás fazem sentido para mim agora. Entendi o que ele estava dizendo. À sua maneira, ele estava me dizendo para seguir em frente, esquecê-lo, viver minha vida. Ele estava me dizendo para ser uma pessoa superior, uma pessoa melhor que ele.

Agarro a parte de trás do seu pescoço e pressiono nossas testas. “Você não é como seu pai. Você é melhor que ele. Você é *muito* melhor e incrível e—”

Zach tira a mão da minha cintura e agarra meu rosto, arqueando meu pescoço para cima. “O que há com o interrogatório?”

Seu tom brusco faz algo apertar na minha barriga. Algo emocionante e delicioso. E envolvo meus dedos em seu pulso, aquele com a tatuagem. Por alguma razão, tocá-lo envia um fluxo batendo no meu núcleo.

“Por que você voltou para esta cidade?” Pergunto.

Seu comportamento implica numa volta sombria, um retorno misterioso. “Por quê?”

Desde que ele voltou, eu o vi saindo da torre 1, onde o Sr. e a Sra. Prince moram. É o único lugar nesta mansão onde os funcionários mais novos não são permitidos. Tem havido tantos rumores sobre o porquê, mas ninguém sabe ao certo e ninguém se atreve a falar sobre isso além dos sussurros. Sra. S é muito rigorosa sobre isso.

Toda vez que eu o vejo saindo de lá, ele parece irritado e agitado. Eu não entendo. Mas sei que tem algo a ver com o pai dele.

Deus, eu odeio tanto esse homem.

“Você estava livre, Zach.” Engulo com dificuldade quando seu aperto no meu rosto aumenta de pressão e meu pescoço se estica ainda mais. “Deste

lugar. Do seu pai. Por que você escolheu voltar?”

As pequenas pontadas de dor provocadas por sua retenção possessiva fazem meu núcleo ter espasmos com excitação. De forma voraz e violenta. Meus seios estão latejando, e meu estômago está tremendo com o ataque feroz das borboletas.

“Por quê?” Ele me pergunta novamente, olhando para mim com olhos semicerrados.

Apenas me diga o que está acontecendo para que eu possa ajudar.

“E-este lugar não é bom para você, Zach. Você não gosta daqui. Você não deveria estar aqui.”

Eu não sei o que estou dizendo, pois eu não quero que ele vá embora. Ainda não. Na verdade, essa é a última coisa que quero.

Mas se eu não disser isso, provavelmente vou pedir para ele ficar. Vou acabar *implorando* para ele ficar aqui. Comigo.

E eu nunca farei isso.

Esta foi a St. Patrick dele pelos primeiros dezoito anos da sua vida. Ele não merece ficar preso aqui.

“Por quê?” Ele rosna, beliscando meu queixo. “O que você vai fazer quando eu partir, Blue, hein? Vai encontrar alguém? Um cara? Sair com Ryan?”

Quando ele for embora, eu ainda estarei aqui.

Ao contrário de Zach, estou presa aqui. Nesta cidade.

Isso não acaba ao reaver minha casa, não é?

Vou ter que trabalhar para *mantê-la*, o que significa mais pagamentos de hipoteca. E para isso, vou ter que trabalhar aqui, em Plêiades. Onde ele cresceu, foi intimidado e onde nos tornamos algo mais.

Eu sacudo a cabeça. “Não.”

“Não?”

Enfio minhas unhas em seus pulsos. “Não. Eu não me importo com outros caras.”

Uma risada sem humor escapa dele. “Bem, isso não vai impedi-los, vai? De farejar em torno de você como cães famintos. Isso é o que você faz, Blue. Um olhar para você e um cara é reduzido ao seu eu mais básico.”

Felicidade floresce dentro de mim em seu tom áspero.

Não por causa de outros caras que ele acabou de referir, mas por causa dele. Porque *ele* é o cara que reduzido ao seu eu mais básico comigo.

Zach me faz sentir bonita. Ele me faz sentir deslumbrante.

“E você?” Eu arqueio, agarrando sua camiseta. “Vai encontrar outra garota para namorar?”

Seu sorriso é frio. “Eu não namoro.”

Algo se quebra dentro de mim com suas palavras. Algum tipo de represa e estou inundada de emoções. Tantas emoções selvagens, violentas e *possessivas*.

Ele é meu. Não me importo com a garota que vem depois de mim, ele sempre será meu.

Seu pau está enterrado entre nossos corpos e eu esfrego contra ele, sussurrando: “Eu quero que você faça algo por mim.”

Zach balança de volta, mesmo quando me observa com desconfiança. “O que seria?”

É como se eu estivesse doente.

Estou possuída. Há um demônio dentro de mim. Eu o engoli no dia que eu o beijei.

“Eu quero que você me foda.”

“Sério?”

Eu concordo. “Sim.”

“Bem aqui, neste armário? Onde alguém pode nos ouvir.”

Coloco as mãos em seus ombros e encosto contra sua ereção. “Na noite em que você voltou, me tranquei neste armário. Porque não queria que você me visse.”

“Você estava se escondendo de mim.”

“Sim. Quero que você me foda neste armário, Zach. Mostre-me.”

“Mostrar o que?”

“Que eu não consigo me esconder de você. Que eu fui idiota em fazer isso.”

Um músculo salta em sua bochecha. “Essa é a coisa mais inteligente que você fez desde que voltei.”

Em seguida, ele se abaixa e me beija como se este fosse nosso último beijo na terra. Ele me beija como se estivéssemos chegando ao fim e é assim que ele quer que aconteça.

É assim que ele quer que eles nos encontrem, nossos corpos sem vida entrelaçados e nossos lábios selados.

Eu o beijo de volta com igual fervor. Com todo esse caos dentro de mim.

Meu coração não consegue acompanhar. Tudo está livre, solto e batendo um contra o outro. Todos os meus órgãos, meus ossos.

Minha alma.

Zach quebra o nosso beijo para descer até o meu pescoço e eu mordo meu lábio contra a adrenalina sob a minha pele. Meus dedos se enterram em seus cabelos e meus quadris aumentam seu ritmo.

Ele chega ao meu peito e morde meu mamilo através do meu uniforme, me fazendo ofegar. Ele está chupando, fazendo amor com a boca e eu sinto, sinto o ataque de sua língua através do algodão do meu uniforme e sutiã.

Quando ele se move para o outro seio, eu vejo a mancha molhada que ele deixou no meu vestido e eu quase gozo nessa coisa imunda e erótica que ele fez no meu corpo.

“Zach, por favor...” Eu imploro, movendo-me contra ele, inquieta.

Suas mãos ficam sob a bainha branca do meu vestido e agarram minha bunda enquanto ele continua chupando meu mamilo, como se estivesse bebendo dele. Como se estivesse bebendo minha luxúria e hormônios.

Estou desmoronando agora. Meu corpo inteiro está secando.

Quando acho que não aguento mais, Zach se afasta de mim, seus lábios molhados e brilhantes, e me faz girar.

Minhas mãos batem na porta e o som é tão alto que ecoa dentro do meu peito.

Ofegante, olho para trás. “O que você está fazendo?”

Zach parece possuído também. Em transe enquanto me observa, minhas costas arqueadas e minha bunda empinada. Ele agarra meus quadris e aperta, fazendo meus olhos vibrarem com excitação e ansiedade antes de pressionar seu peito ofegante contra minhas costas.

“Você quer ser fodida em um armário, baby?” Ele sussurra na minha orelha.

Eu dou um aceno de cabeça.

“É assim que se é fodida em um armário. Por trás. Como se fôssemos dois animais tão desesperados e loucos um pelo outro que nem nos damos ao trabalho de encontrar a superfície horizontal mais próxima.”

Suas palavras são mais sujas do que qualquer coisa que eu já ouvi na minha vida. Mais eróticas e elétricas e cheias de vida do que meu coração acelerado e o sangue fluindo em minhas veias.

E tudo que eu tenho que dar a ele em troca é o meu gemido de vadia e arquear ainda mais minhas costas, oferecendo a ele minha bunda.

“Você quer isto? Quer que eu te foda assim?” Ele diz.

“Sim. Foda-me como se eu fosse sua vagabunda e você não conseguisse ficar longe de mim.”

Sinto o seu sorriso até os meus dedos curvados. Ele pressiona um beijo suave na minha bochecha antes de se afastar e levantar meu vestido, sobre a minha bunda. Seus dedos são ásperos e urgentes enquanto os prende na minha calcinha e a abaixa.

Estou ofegante. Meus seios estão pressionados na porta e as minhas mãos estão deslizando de suor.

Eu o imagino entrando em meu corpo a qualquer segundo agora. Estou antecipando, morrendo por isso como se fosse meu próximo fôlego.

Mas sinto algo completamente diferente.

Zach se agacha e pressiona o rosto entre as minhas pernas, fazendo-me balançar em meus pés.

Eu me viro no momento em que ele atinge o meu núcleo com a língua. Meu sabor o faz gemer e uma das minhas mãos retrocede e agarra seus fios aveludados.

Ele cantarola na minha boceta, fazendo-a apertar. “Deus, sua boceta tem um gosto ainda melhor agora.”

“T-tem?”

“Sim.” Ele saboreia de novo, suas mãos amassando e separando minha bunda. “Porque ela é minha agora e sabe disso.” Um chupar longo e profundo dos meus lábios. “Ela sabe quem a fez sangrar na noite passada.” Então ele sacode meu clitóris com a língua, fazendo-me arranhar seu couro cabeludo com minhas unhas e arquear em sua boca. “Ela deveria estar com raiva de mim, Blue. Eu a deixei toda vermelha e inchada. Mas ela não está.” Ele fecha a boca sobre meus lábios novamente, entrando no meu canal com o polegar. “Ela adora isso.”

“Ela adora”, eu digo, ofegante, balançando em sua boca.

Muito, muito.

Zach me devora enquanto perfura minha abertura com o dedo, sua língua movendo-se levemente no meu clitóris. Não demoro muito para gozar porque eu tenho desejado isso, o desejado desde que me levantei esta manhã.

Estou me acalmando quando eu o sinto em pé, seu jeans grosso roçando minha bunda. Ouço o som de seu zíper e como uma cadela treinada no cio, minha boceta saliva. Posso sentir minhas coxas sujas e molhadas tremerem.

“Eu me pergunto se você ficará com tesão quando eu te foder na bunda”, ele sussurra, me enviando para o céu, outra estratosfera completamente.

Como ele *sabe* como funciona?

Lentamente, dolorosamente com cuidado, Zach desliza seu pau para dentro. Gemo com a invasão dele. Gemo e quase enlouqueço.

Seu jeans faz contato com minha bunda e fico na ponta dos pés, arranhando a porta. Ele provavelmente apenas o empurrou para baixo o suficiente para liberar sua ereção e chegar à minha boceta. Como um animal desesperado.

O pensamento me deixa instável em meus pés, bêbada e anestesiada nele e seus golpes lentos, mas profundos.

Zach envolve minha trança ao redor de seu pulso, puxando meu corpo para ele. “Dói?”

De alguma forma, organizo meus pensamentos e abro os olhos, olhando de volta para ele. Ele está observando o lento deslizamento de seu pênis dentro de mim.

Isso me ilumina como fogo, o pensamento de que ele pode ver minha boceta se abrindo e fechando em torno de seu pênis assim. Queria poder ver isso.

“Não”, eu sussurro. “Isso me faz sentir cheia. Mais cheia que ontem à noite. Você está tão profundo.”

Seus olhos vão para mim primeiro e depois viajam para os meus seios pendurados. O uniforme parece áspero, mas eu não tenho energia suficiente para desabotoar.

“Estou, não estou?”

“Uh-huh.”

“Você gosta disso?”

“Sim. Eu amo.”

Estamos sussurrando como se estivéssemos em uma igreja e, de alguma forma, isso me deixa ainda mais desesperada por ele.

“Isso te deixa excitada?” Ele murmura, seus olhos colados aos meus seios.

Olho para eles e percebo que estou amassando o seio direito. Não consigo acreditar que não senti isso. Meus dedos puxam o mamilo e eu mordo o

lábio, piscando para ele e choramingando. Mostrando a ele o quanto eu preciso dele.

“E vadia também”, eu sussurro.

Sua mandíbula apertada e seu estômago fica rígido. Sinto quando minha bunda o acerta quando ele entra completamente. Ainda assim, ele entra e sai lentamente, preguiçosamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo e nossa luxúria não estivesse nos levando à beira da insanidade.

“Deus, Zach, vá mais rápido”, eu imploro, tentando empurrar meus quadris para trás.

Mas ele tem tanto controle no meu corpo que eu não consigo me mexer se ele não quiser. E ele não quer. “Não, não quando pode te machucar.”

“Não vai.”

“Cale a boca, Blue.”

Ele continua me torturando com suas lentas e longas investidas quando eu o quero batendo em mim. Quero que ele enfie seu pau grande na minha pequena entrada inchada para que eu possa sentir isso para sempre.

Então eu posso senti-lo me fodendo quando ele for embora e eu estiver deitada na minha cama, chorando por ele.

Porque eu sei que vou chorar. Vou sofrer.

Eu vou sonhar com ele pelo resto dos meus dias.

Frustrada, apertando meus músculos internos, tento apertá-lo com mais força, digo a ele que não me importo com a pequena dor.

Tudo o que me interessa é ele e seu pênis.

Zach me encara acusadoramente enquanto seu ritmo perfeito vacila.

“Blue”, ele avisa, batendo na minha bunda.

Como se eu fosse uma garota má.

Talvez eu seja. Eu sou uma semente do mal. Possessiva, louca e desesperada por ele.

Então eu faço de novo. Na verdade, eu faço ainda melhor.

Com o resto das minhas forças, eu me afasto da porta. Arqueio minha coluna e coloco meus ombros sobre seu peito antes de enrolar meus braços em seu pescoço.

Seu pau parece ainda mais profundo dessa maneira, comigo em pé e ele alojado por trás. Minha bunda pressiona em sua pélvis e eu mexo meus quadris, e mesmo sem querer, ele esfrega de volta com um grunhido.

Eu viro meu rosto e digo a ele: “Você não pode me torturar assim, lembra. Você prometeu.”

“Prometi o quê?”

“Que você me foderá como se eu fosse sua vagabunda.”

Zach agarra meus seios em ambas as mãos e os aperta com tanta força que o gemido que sai de mim é mais alto ainda. “Sim? Quer que todo mundo pense que você é minha vagabunda também? Porque se eu te foder assim, Blue, você vai gritar muito. A Sra. S não será a única pessoa a saber o que você faz pare mim. Como você me serve.”

Por que isso me excita tanto?

Por que eu quero que ele me faça gritar quando eu sei das consequências?

Meu cérebro está derretendo e meu corpo também. E agora, eu não me importo o suficiente para analisar.

Tudo que eu quero é ser fodida.

“Eu não me importo.” Eu rolo minha cabeça de um lado para o outro enquanto expiro, “Eu sei que você vai cobrir minha boca quando eu gritar. Sei que você vai me manter segura.”

Eu o ouço respirar fundo, seu peito inchando nas minhas costas.

Um segundo depois, sinto a ira de suas mãos.

Tirando os botões do meu uniforme, esticando-o sobre o meu peito. Com dedos furiosos, ele puxa meu sutiã, fazendo as alças se estenderem sobre meus ombros e agarrando meus seios, expondo-os sobre o meu vestido semiaberto.

Ele aperta o mamilo, com raiva, eroticamente. “Você pediu por isso.”

E depois disso, não há conversa.

Ele não diz uma palavra e nem eu. Eu não poderia nem se quisesse.

Seus impulsos são rápidos e punitivos, fazendo-me saltar contra ele. Suas coxas e estômago batem contra a minha bunda e se ele não estivesse me segurando com o braço em volta da minha cintura e o outro puxando meu peito, eu estaria no chão agora.

E eu me delicio com isso.

Eu me delicio com sua paixão, seu desespero. Amo a dor de nossos corpos batendo. Amo a leve queimadura no meu canal inchado. Estou em êxtase quando ele torce meus mamilos, torturando-os entre os dedos.

Através de tudo isso, ele não parou de me foder. Na verdade, ele dobrou os joelhos e fez um colo de suas coxas musculosas e tensas para que

pudesse me perfurar mais profundamente.

De repente, sua mão no meu peito vai embora e eu abro meus olhos. Ouço sua respiração ofegante e seus grunhidos na minha orelha, enevoando ao lado da minha bochecha quando sinto que a mão vai para baixo, envolvendo minha boceta, apertando os lábios, lábios que ele está batendo com seu grande, *grande* pau.

Deus, tão grande. Tão grosso.

E quando ele aperta meu clitóris, eu gozo.

Um grito alto se forma na base da minha garganta e eu deixaria sair. Eu arruinaria tudo pelo qual trabalhei por tantos meses, se não fosse pela sua mão.

Como eu previ, ele cobre minha boca com sua mão grande e forte e absorve meu grito.

Zach agarra meu quadril com a outra mão, a que estava beliscando meu clitóris, então eu permaneço firme em meus pés enquanto tenho espasmos contra ele.

Quando goza, ele enterra o rosto no meu pescoço, jorrando dentro de mim.

Cada pulsação de seu pênis e golpe de seu esperma me faz empurrar e contorcer. Ele me enche com tanto creme que um pouco desliza pela minha coxa.

Quando me acalmo, começo a entrar colapso.

Eu começo a me sentir desapontada. Triste mesmo.

Queria que ele provasse que estou errada. Queria que ele me deixasse gritar. Gritar e gritar até o mundo inteiro descobrir o que somos um para o outro.

E eu me pergunto por que.

Capítulo 28

Nós estamos em um parque de diversões.

Sim, um parque de diversões.

Por nós, quero dizer eu, Zach e Art. As três pessoas mais improváveis que já saíram em um passeio.

Na verdade não.

Não as mais improváveis. Na verdade, nós três temos muitas coisas em comum. Nós três fomos intimidados em nossas vidas. Nós três não temos pais. Sei que os de Zach estão vivos, mas eles realmente servem para alguma coisa?

Além disso, Zach é a pessoa favorita de Art agora.

Especialmente desde que ele leu a história para Art. Aquela noite foi incrível.

Zach foi brilhante, embora um pouco hesitante. Ele fez uma pausa em algumas palavras, mas nada importante. Art não conseguia tirar o brilho de seus olhos e sorriso dos lábios o tempo todo. Eu tive que me desculpar para ir chorar um pouco no banheiro.

Eu estava tão orgulhosa. Tão impressionada com Zach.

Mais tarde naquela noite, quando ele veio até mim, mostrei a ele quanto.

Isso de alguma forma se tornou uma das nossas coisas: ele vem até mim à noite. Mas não toda noite. Só quando Tina está no turno da noite e a casa está vazia, exceto eu e ele.

Depois que eu perguntei sobre sua vida em Nova York e ele me fodeu no armário em plena luz do dia, tão perto de onde poderíamos ser pegos, Zach foi cuidadoso.

Tão cuidadoso que eu e ele somos o segredo mais bem guardado das Plêiades.

Eu não o vejo durante o dia, exceto quando ele malha na piscina e toma seu café da manhã na cozinha.

O cara que eu pensei que teria me demitido quando chegou há pouco mais de um mês é aquele que está protegendo o meu emprego como se fosse *seu* maldito trabalho me proteger de tudo.

Com o passar dos dias, fico mais e mais inquieta. Sinto como se ele pudesse desaparecer a qualquer dia, a qualquer momento. E eu nem sequer vou saber até ele ir embora como uma daquelas estrelas cadentes que eu gosto de fazer desejos.

Talvez Zach se sinta do mesmo jeito. Eu não posso dizer com certeza.

Mas toda vez que ele bate na porta dos fundos do meu chalé e eu vejo a escuridão e os bosques silenciosos às suas costas, ele parece estar com tanta fome. Tão apaixonado, uma mistura de respiração ofegante e corpo enorme.

Rosnando como um urso, ele cai em meus lábios, me empurra para o meu quarto e sobe na cama comigo. Rasga minhas roupas sem nenhuma palavra. Seus dedos deixam marcas em todos os lugares. Seus dentes deixam hematomas em meus seios, minhas coxas, tão perto da minha boceta que parece que ele está realmente me comendo.

Eu sou do mesmo jeito.

Meu desespero, minha necessidade violenta combina com a dele. Rasgo a pele dele com as unhas. Arranho suas costas, sua bunda, suas coxas.

Ele me fode com tanta necessidade que estou sempre desesperada para gozar, mas ainda relutante, porque acho que o orgasmo acabará com isso.

E eu não quero que isso acabe.

Quero ser fodida por ele eternamente.

Mas acaba, e no final, somos uma bagunça suada e escorregadia.

E depois vem a nossa segunda coisa. Eu leio para ele.

Não é um segredo que eu nunca gostei de ler. Mas estou começando a perceber que gosto. Talvez eu tenha ignorado antes porque eu odiava ir para a escola. Odiava os alunos, os professores, e não ler era a minha maneira de me rebelar.

Mas eu leio agora porque Zach me pede para fazer isso.

Acho que ele gosta de livros também. Mas, por algum motivo, não quer lê-los. E não é porque a dislexia faz com que seja exaustivo para ele ler.

É outra coisa.

Algo que o faz desistir quando eu o elogio ou pergunto sobre isso. A única vez que ele ler é quando Art pede. E mesmo assim, posso ver relutância em todas as linhas do corpo dele.

Neste momento estamos exaustos. Todos os três.

Como é sábado, tirei um dia de folga. Nós pegamos o ônibus para chegar aqui e passamos a tarde inteira no parque de diversões.

Eu costumava ir quando era criança, mas não venho há muito tempo. Nós tentamos tudo. Os brinquedos, os jogos. O algodão doce.

Eu pedi um azul. Mas Zach e Art recusaram.

“É como comer o seu cabelo, Blue”, Art explica.

“Sim, Blue”, Zach ecoa.

“É nojento”, Art continua.

“Totalmente nojento”, Zach diz.

“Tanto faz, amigos. Não me importo. Eu vou comer.”

E para mostrar-lhes, dou uma grande mordida no doce e gemo. Art faz cara de nojo, mas Zach me observa com uma fome que ele geralmente mantém reservado para as noites.

De qualquer forma, o sol está se pondo e o céu está roxo, e acho que é hora de ir.

Art está arrastando os pés e Zach o levanta e coloca em seus ombros. Meus passos ficam instáveis por um segundo ao ver a criança mais fofa nos ombros do cara mais bonito que eu já conheci.

Meus dois meninos.

Estamos a caminho da saída quando Art vê um jacaré gigante que ele *tem que ter* ou ele vai desmaiar aqui. É para ser ganho em um jogo e Zach se aproxima do balcão.

Suspirando, eu começo a seguir, mas meus olhos ficam presos em uma estande diferente. O quadro ao lado diz: *Escrito nas Estrelas*. E há um esboço de uma montanha, um lago e uma lua com estrelas cintilantes.

O azul marinho da tenda com estrelas esbranquiçadas e sinos de vento pendem do teto de tecido.

É uma cartomante.

Eu nunca fui muito de acreditar, mas algo faz com que me aproxime. Uma senhora está no balcão e depois de me notar, ela sorri.

Ela parece... normal, um pouco mais velha que eu.

Quer dizer, sem correntes ou miçangas ou um milhão de anéis para mostrar que ela pode ver o futuro. Ela está usando um poncho, e uma faixa roxa no cabelo vermelho.

“Olá”, ela me cumprimenta.

“Oi”, eu digo, me sentindo um pouco estúpida. “Eu não...”

“Você não acredita?”

Abraço o ursinho de pelúcia gigante que Zach ganhou para Art jogando um anel em volta de uma garrafa. “Você acredita?”

Ela se senta na cadeira, ainda radiante. “Estou aqui, não estou?”

“Ouvi dizer que vocês são apenas leitores de pessoas.”

“Sim. Mas é isso que o destino é, não é?”

“Uh, o destino é o que?”

Ela encolhe os ombros. “Sobre pessoas. Não é algo mágico. Embora haja alguma mágica. Mas principalmente, é sobre nós, o que queremos.”

“Mesmo?”

Sorrindo, ela concorda. “Sim. Mesmo. Dizem que o destino é cruel e impiedoso. Mas talvez o destino esteja apenas fazendo o que as pessoas querem.”

Zombando, eu reviro os olhos. “Está dizendo que as pessoas querem que coisas cruéis aconteçam com elas?”

“Não. Mas às vezes coisas cruéis acontecem porque se está infiltrando em algo maravilhoso.”

Certo.

Isso foi um erro. Eu sou estúpida.

“Sim, acho que não.” Estou pronta para sair, mas algo me faz deixar escapar: “Meus pais morreram no ano passado. Não sei o que poderia sair *disso* que é maravilhoso?”

Ela acena com a cabeça sombriamente. “A morte é cruel. Não há dúvida. Mas com a morte vem a vida. Talvez você encontre a vida um dia. Na estrada, quero dizer.

Vida.

Algo amargo se agita em mim. Não estou orgulhosa disso, mas está lá. Eu não posso ignorar.

A verdade é que, nos últimos dias, passei a me ressentir do meu trabalho. Passei a me ressentir do meu objetivo pelo qual tenho sido tão apaixonada.

E isso me assusta.

O que eu tenho se eu não tiver esse objetivo? Essa foi a única coisa que me amparou, a única coisa que mantinha toda a tristeza afastada.

“Vida? O que isso significa?”

Ela está de volta a sorrir. “Significa algo pulsando com muitos batimentos cardíacos e muito ar. Algo escaldante e apaixonado.”

Minha boca se abre em *escaldante e apaixonado*.

Há apenas uma pessoa que me faz sentir assim. Que *sempre* me fez sentir assim. E atualmente, ele está tentando ganhar um jacaré gigante para um garoto de cinco anos.

“Parece que você já tem.”

Eu me concentro na garota. “Você acabou de ver meu rosto e me leu.”

Ela encolhe os ombros, colocando os cotovelos sobre a mesa cheia de bolas de cristal. “Culpada. Mas, na verdade, eu vi você com ele.”

“Com quem?”

“Aquele cara ali. Na camiseta preta com aquele garoto nos ombros.”

Ela está apontando para ele na próxima cabine e meus olhos seguem.

O olhar de Zach se vira ao mesmo tempo e seus olhos estão quentes. Em chamas, mesmo.

Seus olhos são hipnóticos.

De alguma forma, eu consigo acenar para ele e olho para a garota.

Ela está sorrindo. “Eu te disse. Você não tira os olhos dele. Eu vi vocês passarem por aqui.” Depois ela abaixa a voz e soa como eu imagino que é quando ela está lendo as palmas de suas clientes. “Você o ama.”

A previsão ou observação, seja o que for, me atinge no peito. Eu até dou meio passo para trás como se tivesse sido empurrada.

Talvez pelas mãos invisíveis do universo.

Um pensamento tão fantasioso e, no entanto, me enche de... vida.

Muitos batimentos cardíacos, muito ar, paixão ardente.

Eu balanço a cabeça em vez disso. “Eu não... eu não posso...” Uma respiração profunda. “Eu não posso amá-lo.”

“Por que não?”

“Porque ele, uh.” Afasto alguns fios da minha testa. “Porque eu trabalho para ele. Para sua família.”

“Então?”

“Então é contra as regras.”

“O amor não se importa com regras.”

Eu sacudo a cabeça. “Ele está apenas de visita. E eu nem sei porque. Ele vai embora em breve.”

“Isso é lamentável.”

Eu suspiro de alívio. Ela entende agora. Entende que não posso amá-lo. Quão injusto seria.

“Mas isso ainda não significa que você não possa amá-lo.”

O pânico me agarra por um segundo. Isso e raiva, e eu deixo escapar: “Ele não quer ser amado.”

É verdade, não é?

Ele odeia o amor. Odeia a simples menção disso. Eu nem sei se ele *pode* amar.

Deixe-me dizer algo sobre o amor: dói.

Eu não posso amá-lo Não tenho permissão.

“Bem, isso não depende dele, agora, não é?”

“Como?”

A garota tem um olhar terno no rosto. “Ele é dono do seu coração. Ele pode até segurá-lo na palma da mão. Pode fechar a palma e esmagá-lo um dia. Mas o que ele não pode fazer é forçá-lo a não bater por ele. Ele não tem esse poder. E nem você, talvez. Um coração pode ser um verdadeiro pé no saco. Nunca se sabe onde está sua lealdade. Os corações têm seus próprios reis e rainhas. Desculpa. Então, se o seu coração o ama, então ele o ama. Não se pode fazer nada sobre isso. Ele *definitivamente* não pode fazer nada sobre isso. Vocês vão ter que lidar com isso.”

Eu emito um riso quebrado.

Eu o amo.

Eu amo Zach.

É disso que se trata, não é?

Toda essa frustração e inquietação.

O fato de sermos um segredo. O fato de que ele vai me deixar para trás para voltar a sua nova vida e eu não posso ir com ele porque eu tenho um objetivo diferente. Um objetivo que estou começando a me ressentir mais do que qualquer coisa neste mundo.

“Lidar com isso.” Eu olho para o céu roxo. “Ele não vai gostar.”

“Grande coisa. Além disso, ele não consegue tirar os olhos de você também. Então eu não sei. Acho que você ficará agradavelmente surpresa.”

Quero me agarrar a essa esperança.

Eu quero.

Mas eu conheço a realidade.

Eu amo o cara que odeia o amor. Nada poderia ser mais trágico.

“Uh, tudo bem. Bem, preciso ir, mas obrigada por falar comigo.”

“De nada.”

“Oh, e quanto foi?”

Ela acena com a mão. “Não há necessidade. Não li seu futuro. Eu observei um pouco. Sem custo por isso.”

Eu rio. “OK. Obrigada. Eu sou Cleo, a propósito.”

Ela oferece a mão para mim. “Eu sou Dove.”

Eu aperto. “Você quer dizer, como o pássaro?”

“Sim, exatamente como o pássaro.”

Quando me viro, lembro o que Zach me contou sobre As Plêiades.

Como Zeus transformou aquelas sete irmãs em pombas e elas voaram para escapar de Orion. E como Orion nunca perdeu a esperança e ainda as persegue.

Que louca coincidência que uma garota chamada Dove acabou de me fazer perceber que eu amo um cara que acha que a história de As Plêiades é a história mais patética de amor que ele já ouviu.

Não consigo dormir.

Estou muito agitada. Eu preciso de Zach.

Depois do parque de diversões, voltamos no ônibus e nos separamos do lado de fora dos portões. Eu não disse uma palavra e Zach continuou me dando olhares. Não sabia o que dizer a ele. Não sabia como agir em torno dele. Então não fiz nada.

Tina queria me interrogar sobre o meu dia quando eu voltei, mas eu disse a ela que tinha uma dor de cabeça e me tranquei no quarto. Nada de novo. Eu tenho mentido muito para ela, mantendo meu relacionamento com Zach em segredo.

Desde então, eu tenho chorado. Encharquei meu travesseiro e o uso para sufocar meus soluços.

À meia-noite, eu visto minhas roupas furtivas e coloco minhas botas. Empurrando o capuz para cobrir meus cachos azuis, saio na noite.

É perigoso; sei disso.

Mas a coisa é, eu não me importo. Não me importo com nada agora, exceto ir até Zach, e pedir a ele para tirar essa dor.

Eu não posso estar apaixonada por um cara que pode desaparecer a qualquer momento. Eu não posso amá-lo quando ele odeia tanto o amor.

É muito excruciante. Muito injusto.

Estou quase na metade do caminho até a casa principal, passando pela piscina, quando ouço um barulho. Um barulho contínuo.

Vejo Zach sob a luz do poste. Ele está dando longas braçadas com aqueles braços.

Mudando de direção, vou para lá. Eu não estou tentando ficar quieta ou me aproximar dele, mas ele ainda não me notou. Ou se tiver, não deu nenhuma indicação. Ele continua nadando, dando voltas na piscina como se estivesse tentando fugir de algo na água.

Eu continuo observando-o, observando seu corpo brilhante e firme, seu cabelo escuro que dá ritmo a suas braçadas.

Eu o amo.

Eu te amo.

Enquanto estou aqui e vejo-o nadar como se tivesse barbatanas em vez de pernas, não tenho dúvidas de que o amei desde o primeiro momento em que coloquei os olhos nele.

Eu vi um menino, olhando pela janela da sala de detenção, observando a fonte de água. Eu o vi com a camisa para fora da calça, o cabelo bagunçado, a gravata solta e virada sobre os ombros.

E pensei: *ele*.

Pensei que poderíamos ser amigos.

Mas quando descobri que ele era um idiota desagradável, eu fiquei ferida.

Fiquei ferida que o cara que eu escolhi para mim era tão idiota. Que ele não seria legal comigo. Ele me machucou ao me rejeitar e eu o machuquei de volta, e continuamos.

Até agora.

Talvez o ódio seja apenas amor embrulhado em um arame farpado. Ou pelo menos, o meu era.

Eu te amo, Zach.

De repente, ele para no meio da piscina de costas para mim como se tivesse me ouvido.

“Você vai me encarar a noite toda?” Ele pergunta, passando os dedos pelo cabelo molhado e liso.

Com um coração acelerado e sangrando, eu ando mais perto da borda. “Você não está dormindo.”

Zach se vira para me encarar. A água está escorrendo pelos cílios, pelas feições duras do rosto dele, e esfrega a mão sobre ele.

“Nem você.”

Ele parece tenso, agitado, com a água lambendo seus peitorais definidos. Provavelmente como eu, mas eu não sei o motivo dele. Ele não está apaixonado, está?

“Então, o que ela disse a você?” Ele pergunta.

“Quem?”

“A cartomante.”

Oh.

Eu lambo meus lábios. “Ela me disse que tudo acontece por um motivo. E que algo vai acontecer comigo.”

Zach franze a testa e se aproxima. “Algo como o que?”

A piscina é iluminada por luzes subaquáticas, fazendo com que pareça um azul suave. Um azul tentador. Um azul que eu gostaria de mergulhar algum dia. Esta noite, talvez.

Dou alguns passos para trás e Zach acompanha todos os meus movimentos. Eu tiro o capuz e abro o zíper. “Algo como a vida.”

“O quê?”

“Algo com muitos batimentos cardíacos e muito ar. Algo escaldante e apaixonado.”

Eu tiro meu casaco e minhas botas.

Parece que ele quer dizer alguma coisa, mas eu o interrompo. “Zach?”

“Sim.”

“Estou assustada.”

Sua carranca fica ainda maior. “De quê?”

De você.

Pego a bainha da minha camiseta e tiro do meu corpo, deixando-me em um sutiã azul-marinho. “Da água.”

“Por quê?”

Porque você faz meu coração sangrar.

Minhas mãos vão para os botões do meu short. “Porque eu não sei nadar. Eu nunca aprendi. Meu pai tentou me ensinar quando eu era criança, mas fiquei com tanto medo. Pensei que me afogaria. Eu não conseguia parar de chorar, então ele me trouxe de volta para casa.”

Zach está todo alerta agora. Ele parece que vai sair da piscina. “Blue. Pare com qualquer coisa fodida e maluca que você esteja pensando.”

Inclinando, eu empurro meu short e saio dele. Seus olhos correm para cima e para baixo no meu corpo quase despido e eu digo: “Meu pai está morto, Zach. Minha mãe também.” Com isso, ele faz uma pausa, me observando atentamente. “Eles não estão mais aqui. Eu não tenho ninguém na minha vida a quem eu possa recorrer.”

“Blue—”

“Se eu saltasse nesta água, eles não virão me salvar. Eles não podem. Porque estou sozinha.”

Eu provavelmente pareço insana para ele. Suicida.

Eu não sou.

Estou apenas apaixonada por ele. E sei que se eu disser isso, ele vai terminar comigo. Ele provavelmente vai me chamar de patética ou algo assim e esse caso secreto vai acabar.

Eu sei disso no meu coração idiota.

“Você não vai pular na água. Juro por Deus, Blue—”

Eu o interrompo novamente. “Você vai me salvar?”

“Não—”

“Diga. Se eu pular na água, você vai me salvar?”

Se eu me apaixonar por você, você vai me pegar?

Mais uma vez, um pouco tarde demais para fazer perguntas, certo?

Eu já me apaixonei.

Seus ombros se movem para cima e para baixo em respirações bruscas. Seus olhos estão queimando, chamuscando meu corpo com sua intensidade, atenção. Parece que ele sabe o que estou perguntando. A verdadeira questão. Não a besteira que acabei de inventar.

Parece que ele vai dizer não.

“Sim.”

Alívio se espalha pelos meus membros. Alívio que eu posso fazer isso. Eu posso pular e ele não vai deixar nada acontecer comigo.

Talvez esta seja a minha maneira de me apaixonar. Literalmente. Talvez esta seja a minha maneira de dizer a ele. E ao pedir a ele para me salvar, estou fingindo que ele me diria *também te amo*.

Ele chama meu nome de novo, mas eu não presto atenção.

Eu apenas corro e pulo.

O impacto que ecoa, parece que está vindo de dentro de um túnel. A água me dá um soco no peito e sinto um segundo de pânico antes que seus braços

fortes me envolvam. Seu corpo grande, forte e salvador colide com o meu e eu o seguro, ofegante.

Não acho que fiquei submersa por mais de dois segundos. Ainda assim, parece que meus pulmões estão cheios de água e famintos.

Zach me abraça, me esmaga, seus braços em volta de mim como placas de aço. Na verdade, seu abraço está tornando mais difícil para eu respirar do que o que senti quando pulei na piscina.

“Não consigo... r-respirar”, eu ofego, agarrada a ele como um macaco-aranha.

No meu pedido, ele diminui seu aperto, no entanto, sua mão está livre para ficar enroscada no meu cabelo molhado e puxar minha cabeça para trás.

Queimo com sua fúria quando ele olha para mim. “Você é doida? Que porra você está fazendo?”

Suas palavras resmungadas se acomodam nas proximidades do meu coração e se enroscam como dedos ao redor do meu órgão apaixonado.

“Eu queria descobrir.”

Ele quase sacode minha cabeça pelo meu cabelo. “Descobrir o que?”

“Qual é a sensação. De cair, quero dizer.”

Minha resposta não lhe agrada. Nem um pouco. Ele aperta minha cintura com força. “Você nunca — *jamais* — fará isso novamente. Entendeu?”

Quero perguntar a ele como ele saberá se eu der outro mergulho. Ele vai embora em breve.

Mas eu não sou tão cruel.

Lambo os lábios, balançando na água, mesmo que eu esteja grudada nele. “Eu prometo.” Então, uma lágrima cai e sussurro: “Sinto muita falta dos meus pais.”

Agonia cobre suas feições e ele me abraça novamente. Eu coloco o rosto em seu pescoço salgado e, no entanto perfumado e choro.

Isso é tudo que preciso.

Um ombro onde chorar. Eu não preciso de nada, nem de falsas consolações. Apenas ele e seu peito forte.

Fungando, viro meu rosto e falo com a veia no pescoço dele. “Você conhece minha casa? Aquela que estou tentando recuperar?”

Ele murmura, me dizendo que está ouvindo.

“Não acho que a quero de volta pelas razões certas.” Toco as gotas em sua clavícula enquanto continuo, “Acho que só estou com medo de que, se eu não a tiver, todos os vestígios dos meus pais vão desaparecer.”

Zach me aperta de novo e beija minha testa.

“E tem outra coisa, eu acho”, continuo.

“O que?”

“Acho que, se eu não quiser de volta, não tenho motivos para ficar aqui”, confesso. “Antes de meus pais morrerem, eu queria sair da cidade e viajar pelo país no meu carro azul. Mas quando chegou a hora, comecei a me sentir em pânico. Eu senti que, se eu deixasse este lugar, ninguém neste mundo inteiro saberia quem eu era. Sabe o que eu quero dizer? Tipo, ninguém neste mundo saberia qual era o meu nome. Eu ficaria tão sozinha. E então, eles morreram e eu estava tipo, eu não posso ir agora. Se algo acontecesse comigo, não saberiam a quem ligar.”

Eu aceno como se confirmasse minhas próprias palavras. “Sim, então é isso. Maggie me disse para sair do meu emprego e ir embora. Até Tina. Mas eu tenho usado isso como uma desculpa para me esconder aqui porque ninguém no mundo saberia meu nome fora desta cidade, se eu fosse embora.”

Seu pomo de adão balança quando ele engole. Eu vejo isso acontecer e por alguma razão, é tão fascinante para mim. É tão fascinante que a água é fria, mas o calor do seu corpo é tão espesso que estou suando com isso.

“Eu saberia”, ele diz ríspidamente.

“O que?”

“Eu saberia seu nome. Estaria aqui e saberia quem você era.”

Eu sorrio, apesar de outra lágrima escapar. E algo passa pelo meu cérebro.

Um pensamento.

Um pensamento tão fantasioso: e se ficarmos juntos? Ele e eu?

E se, quando ele for embora, eu for com ele?

E se ele me colocar na parte de trás de sua moto e sairmos em direção ao pôr-do-sol?

Eu me afasto do peito dele e olho para ele. Seus olhos são intensos e tristes e eu percebo que é por mim. Ele está triste por mim.

Seus lábios se abrem enquanto nos encaramos sob o céu noturno, cravejado com um milhão de estrelas.

“Alguém poderia vê-la comigo”, ele murmura.

“Eu não me importo.”

“Você precisa ter mais cuidado”, ele insiste.

“Não preciso. Não quando o tenho. Você me protegeria”, respondo com confiança. “Você tem me protegido todo esse tempo, certo? Mantendo-nos em segredo. Você não quer que as pessoas falem de mim. Não quer que pensem que sou uma puta, certo?”

Ele está em silêncio, mas sua mandíbula se flexiona.

“Esta é mais uma forma de compensar o que você fez. No St. Patrick’s. Você nunca veio em meu socorro na época, então está compensando isso agora.”

“Você fala demais”, ele diz asperamente.

Como posso não amá-lo? Esse cara que se arrepende do jeito mais doce e carinhoso.

Eu me pergunto se posso pedir a ele para me levar junto.

“Vou sentir sua falta quando você for embora”, eu sussurro ao invés.

Ele endurece contra mim. “Não quero que você sinta.”

“Não cabe a você.”

Sua resposta é um aperto duro de sua mandíbula.

“Você sentirá minha falta?”

Zach nunca me deu qualquer indicação de que ele quer mais do que o que temos agora. Sempre tivemos uma data de validade para nós.

Mas mais do que isso, eu me pergunto se ele gostaria de levar alguma coisa da sua antiga vida quando partir para voltar a sua nova?

Não importa o que essa coisa possa ser. Não importa se essa coisa sou eu.

“Eu não quero sentir.”

Pensei que sua negação — e eu sabia que seria uma negação muito antes que ele pronunciasse essas palavras — teria a sensação de uma explosão.

Mas talvez algumas almas quebrem em silêncio. Não fazem barulho nem mesmo um ruído. Elas morrem em silêncio. Silenciosamente.

“Eu quero que você faça algo por mim”, digo essas palavras novamente.

As que ele falou comigo na noite em que me disse para correr, e então, eu as usei um dia depois, porque queria que ele revelasse nosso segredo.

“O que?”

Eu flexiono meu aperto em torno de seu corpo. É estranho estar na água. Eu me sinto sem restrições. Mais leve e pesada ao mesmo tempo. No meu flexionar, ele me aperta em seu abraço também.

“Eu quero que você me beije.” Eu sorrio um pouco. “Bem aqui na água. Sob todas as estrelas no céu.”

Seu polegar acaricia minha bochecha por um momento antes de ele se abaixar e me beijar.

É forte no começo. Uma forte pressão de sua boca sobre a minha, em seguida, ele começa a mover seus lábios. E o beijo ganha vida.

Molhado, quente e ardente.

No fundo, sinto Zach se movendo. Eu me agarro ao seu corpo enquanto me afogo em seu beijo. Nós nos deslocamos pela água, em seguida, sinto algo na minha bunda. Um degrau de cimento.

Zach nos levou até o final da piscina e ele me sentou em segurança em um dos degraus, ladeado por uma grade de prata que leva à água.

Agora que estou em terra firme, Zach quebra o beijo para olhar para mim. Ele está bloqueando toda a luz, lançando uma sombra sobre mim na forma de seu grande corpo. “Você nunca vai fazer algo assim novamente, certo?”

“Eu p-prometo.”

Eu dou a ele a resposta que ele quer, mas mesmo assim, a angústia em seu rosto não desaparece. Ela se espalha quando ele se abaixa para me beijar novamente.

Ele não é tão cuidadoso ou lento como antes. Ele bate a boca sobre a minha e eu abro debaixo dele. Meus lábios e minhas pernas para permitir que ele entre.

Acima da água, posso sentir minha nudez. Posso sentir sua nudez também. Ele está usando calção de banho preto e eu só estou de sutiã e calcinha.

Seus músculos duros e molhados parecem uma combinação perfeita. Eles mudam e se agrupam sob minhas mãos exploradoras, alimentando minha necessidade por ele.

Nós nos beijamos e beijamos até que não possamos mais beijar.

Até que precisemos de algo mais.

Zach é rápido em lidar com nossas roupas, puxando meu sutiã para chegar aos meus seios e empurrando minha calcinha para expor minha boceta. Eu o ajudo com seu short e num piscar de olhos, ele está dentro de mim. Ele entra e sai enquanto chupa meus mamilos e coloca beijos ruidosos em todo o meu peito.

Eu arranho seus ombros, suas costas, seus bíceps, o que quer que eu possa conseguir enquanto eu balanço contra ele, fodendo-o com todas essas emoções em meu coração.

Percebo que o que sinto por ele é muito intenso, muito passional, muito doloroso e triste para ser chamado de amor.

Talvez seja uma tragédia.

Ou talvez seja tristeza.

Sinto-me deprimida e é por isso que eu não consigo parar de chorar.

Zach levanta a cabeça para encontrar minhas lágrimas correndo pelas minhas bochechas e seus olhos estão aflitos. Eu choro mais quando ele as lambe.

Eu não paro de chorar mesmo quando ouço a água respingar ao nosso redor e nossos corpos parecerem flutuantes. Eles estão saltando e pulando mais que o normal, tornando tudo duplamente erótico.

E quando gozo, eu choro, também, derramando minha tristeza na língua de Zach e meu orgasmo em seu pênis.

Sim, é tristeza.

Porque eu amo um cara como ele.

Capítulo 29

Ele está subindo para a torre um.

Isso nunca acontece. *Nunca*.

No mês passado, eu sempre peguei Zach descendo as escadas, mas nunca *subindo*.

Oh meu Deus, esta é minha chance. Uma chance de descobrir o que está acontecendo.

Pensando bem, não é da minha conta. Ele nunca revelou nada para mim. Quer dizer, se quisesse que eu soubesse, ele teria me dito.

Mas então, reconsiderando, talvez seja um sinal.

Talvez o que está acontecendo com ele lá em cima seja tão horrível que ele não possa falar sobre isso e essa é minha chance de descobrir. Aposto que seja o que for, o pai dele está definitivamente envolvido.

E se eu estiver certa, vou acabar com ele e não estou brincando.

Ele é a razão pela qual Zach se sentiu tão rejeitado todos esses anos. Ele é a razão pela qual Zach está cheio de tanto ressentimento e raiva.

O Sr. Prince é um valentão e não é meu dever defender Zach contra ele? Defender o que é certo?

Minhas pernas começam a se mover antes que eu termine o meu pensamento.

Eu tenho que chegar à torre três e atender os convidados, mas Tina está lá em cima agora e ela pode segurar as pontas um pouco mais sem mim.

Rapidamente subo os degraus para que ninguém passe e estrague meu plano.

O corredor com seus quartos ladeados parece o mesmo que em qualquer outra torre. Embora eu diga que é muito branco. E as luzes do teto? Elas são fortes.

É um corredor severo. Imediatamente não gosto disso.

De todos os quartos, há o segundo a direita com a porta entreaberta e eu ando até lá.

Através da fresta, vejo alguém.

Uma mulher.

Ela é pequena. Magra e fraca. Ela usa um roupão cor de pêssego e sua cabeça está enrolada em um lenço bege. Ela está apoiada na cama, cobertores cobrindo a parte inferior do corpo.

Algo sobre ela é tão familiar e eu não percebo o que é, até que ela respira, sorri levemente e começa a tossir.

É a Sra. Prince, mãe de Zach.

Começa com uma tosse suave que se torna mais forte e violenta até que ela tenha que sair de seus travesseiros e tossir em um guardanapo.

Um guardanapo dado a ela por Zach.

Eu quase caio na porta com o choque, mas felizmente me equilibro. Embora eu empurre suavemente para ampliar a abertura para que eu possa ver claramente.

Zach está debruçado sobre ela, com a mão nas costas dela, esfregando em círculos, acalmando-a, e os dedos de sua mão estão agarrados em seu outro punho em busca de apoio. Alguns segundos depois, seu ataque de tosse desaparece e ela deita de volta.

Posso ouvir sua respiração irregular e barulhenta enquanto ela tenta relaxar.

Zach joga fora o guardanapo em uma lixeira fora de vista, eu acho, antes de voltar para a cama com um copo de água. Sua mãe obedientemente toma, mas ainda assim, ele continua segurando. Talvez porque ele acha que ela não consegue lidar com isso. E pelo que parece, ela não pode.

Eu ainda não consigo acreditar no que estou vendo.

Eu não a vi tão bem e *saudável* naquele jantar com os Howards há algumas semanas?

Agora, ela parece cansada. Ela ainda é linda, mas suas bochechas estão encovadas. Existem manchas escuras em sua pele. Seus lábios estão rachados e há um aspecto ósseo e doente em seu comportamento.

“Você está bem?”

É Zach.

Ele me faz a mesma pergunta na mesma voz baixa dele. É preocupação.

“Sim.”

Ele guarda o copo e arrasta uma cadeira para a cama, sentando-se. “Onde está papai?”

E apenas assim, sua preocupação se foi e é substituída pela dureza.

“Reunião”, sua mãe responde.

“Claro.” Ele pega o controle remoto da mesa de cabeceira e começa a mexer. “Um filme, ok?”

Sua mãe assente.

“Ele estava aqui quando o médico veio?” Ele continua, mas seus olhos estão na TV. Ele está olhando intensamente, mas tenho a sensação de que ele não sabe nada do que está acontecendo na tela.

“Não comece, Zach.”

“Ele não estava aqui, estava?” Passando os dentes sobre o lábio inferior, ele balança a cabeça. “Típico pra caralho.”

“Zach.”

De alguma forma, sua voz fica mais forte e ela parece mais forte também. Como um truque da luz. Mas talvez seja assim que ela está enganando a todos. Ela é o tipo de mulher que pode colocar uma máscara quando a ocasião pede.

“O que?”

“Esqueça isso. Seu pai tem outros deveres. Ele tem uma empresa para administrar.”

“Sim, sua fodida empresa. Tudo vai desmoronar sem ele, não vai? Ele não pode nem ficar em casa para descobrir quanto tempo sua esposa tem de vida.”

Sua mãe olha para ele. “Pare de ser tão ingrato. E pare de usar palavrões na minha frente. Onde estão suas maneiras?”

Ele zomba.

“Seu pai fez tudo por essa família. Ele fez tudo por você. Ele sempre quis o melhor para você.”

“Só que eu joguei fora.”

Um breve aceno de cabeça. “Exatamente. Sabe o quanto isso o machuca? O tipo de filho que você é. Ingrato e encrenqueiro. Mas não vamos nos deter em tais coisas.” Ela levanta o queixo e dá um tapinha no braço dele. “Eu gosto deste filme. Lembra-me de como seu pai era quando me casei com ele.”

Há um leve sorriso no rosto dela enquanto ela assiste seja lá que filme esteja passando. O maxilar de Zach está tenso.

“Seu pai era um homem tão bonito no passado. Você puxou a ele, sabe”, ela diz para Zach amorosamente. “Quando você nasceu, seu pai ficou tão

feliz. Tão feliz. Ele olhou para mim como se eu fosse sua rainha. Nunca esquecerei esse olhar.”

Alguns segundos de silêncio.

Em seguida, “E nem esquecerei o olhar em seus olhos no dia em que ele descobriu que você é defeituoso. Achei que ele me odiasse. Você trouxe lembranças ruins para ele, entende. De sua própria infância.”

O aperto de Zach no controle remoto é tão forte que posso ver suas juntas brancas daqui. Tenho medo de que elas saltem de sua pele.

Alguns momentos passam e ela sofre de outro ataque de tosse que Zach a ajuda a passar. Ele dá a ela a água novamente. E mais uma vez, ele segura para ela.

Quando termina, ele pergunta: “Como está o pulso?”

“Está bem. Nada além de um arranhão.”

“O que você disse ao médico?”

Ela fica severa novamente. “Não havia nada para contar.”

“Colidiu em uma maçaneta, de novo?”

Sua mãe suspira. “Sério, Zach. o que há com você esta manhã? Por que você não pode esquecer? Foi simplesmente um aperto duro. Às vezes ele perde o controle. Ele está estressado. Ele tem uma—”

“Uma empresa para administrar, eu sei.”

Ela bufa. “Sim, e uma esposa doente. E um filho que não se importa com ele.” Ela o olha de cima a baixo. “Por que você não veste roupas bonitas? Pelo menos use para as festas. Seu pai odeia quando você anda por aí em roupas esfarrapadas. Você parece um dos funcionários.”

“Não me importo com o que *papai* quer, *mãe*”, ele responde causticamente.

Sua mãe olha para ele com indignação. “Pelo amor de Deus, Zachariah, deixe de ser um pirralho. Não posso acreditar que argumentei com o seu pai para deixá-lo ficar. Especialmente depois do que você fez com ele. Especialmente depois de todas as vezes que você me decepcionou ao longo dos anos. Não faça eu me arrepender de deixá-lo ficar.”

Zach ri duramente. “Você argumentou para eu ficar, mãe, porque você sabia que seu marido não ficaria ao seu lado agora que você não é mais bonita e brilhante. Agora que você está doente e é preciso um exército para deixá-la perfeita para suas festinhas, papai não te quer mais. Ele nem vai voltar para casa porque não quer ver no que você se tornou. O homem que

“você ama não te quer, ok? Não é por isso que mantemos tudo oculto? Como se o câncer fosse algum tipo de crime. Então você argumentou para eu ficar mesmo depois de tudo porque não quer morrer sozinha.”

Sua mãe olha para ele com um queixo trêmulo e tanto ódio e desgosto que meus olhos se enchem de água.

“Mas não vamos nos deter em tais coisas”, Zach repete, sarcasticamente. “Acho que gosto desse filme também.”

E assim, toda a conversa acaba.

Mesmo se eu ficar aqui por anos, eu sei que eles não vão mais falar. Todas as coisas que eles poderiam ter dito um ao outro, eles já disseram.

É isso.

Esta é a razão pela qual Zach odeia o amor, não é? Essa é a razão pela qual ele nunca amará ninguém.

Uma mãe egocêntrica que provavelmente não se importava quando o filho estava sendo intimidado. Um pai odioso que deveria apoiá-lo, mas preferiu agredi-lo.

Como Zach pode querer amor — qualquer tipo de amor, seja familiar ou romântico — quando ele vê coisas assim?

Eu me pergunto quantas vezes seus pais o rejeitaram antes que ele percebesse que o amor dói. Antes que ele parasse de tentar e se tornasse um cínico.

Dizem que o amor é a coisa mais poderosa do mundo.

Mas até o amor morre quando você pisa nele o suficiente. Não acho que seja capaz de sobreviver a algo tão tóxico e disfuncional.

Algo tão violento.

Meus olhos vão para o pulso da Sra. Prince novamente, o que Zach perguntou.

É o mesmo que o Sr. Prince estava segurando na noite do jantar com os Howards.

Na noite que descobri quão fodidos os pais de Zach são.

Capítulo 30

Estou esperando por ele em seu quarto.

Eu pedi a Sra. S para me colocar no turno da noite hoje e ela aceitou porque uma das outras garotas não poderia fazer isso. Então não é realmente invasão de domicílio. Embora eu tenha usado um grampo para destrancar o quarto dele.

Estou deitada em sua cama e observando as estrelas, ainda procurando por Orion, quando a porta se abre.

Zach entra e eu sento, vestindo a camisola da minha mãe. Aquela que ele gosta com um lindo laço no pescoço.

Por toda a sua dureza, ele gosta de coisas femininas. Meu cabelo encaracolado, meu cheiro doce, meu estômago macio e seios grandes. A renda na gola da minha camisola.

Seus olhos encontram os meus quando ele fecha a porta.

“Oi”, eu sussurro.

Ele puxa os fones de ouvido brancos lentamente enquanto avança. Ele está vestindo uma camiseta suada, parecida com um colete, presa ao corpo dele, agarrada às curvas de seus músculos.

“Você estava correndo?” Eu pergunto.

Ele concorda, largando o celular na cômoda. “Está esperando há muito tempo?”

Fico de pé e aceno. “Sim.”

Eu tenho esperado por ele há anos. Mas isso não é nada comparado a todos os anos que vou esperar por ele, mesmo quando sei que ele nunca virá a mim.

“Alguém—”

“Ninguém me viu”, eu digo, interrompendo-o.

Nos encontramos no meio do quarto dele. Ele olha para baixo e eu olho para cima e há um movimento dentro de mim.

Um tremor. Um terremoto. Um deslizamento de terra.

Pego sua mão e coloco nas minhas costelas. “Você sente isso?”

Zach olha nos meus olhos antes de olhar para baixo, onde nossas mãos estão unidas no meu estômago. Ele pressiona a palma da mão na minha

suavidade, agarrando-a como se não pudesse evitar. Como uma planta morrendo de fome, agarra-se à luz do sol.

“Você está tremendo”, ele diz.

“Sim. São as borboletas.”

Suas sobrancelhas franzem. “Borboletas?”

“Uh-huh. Você me faz senti-las. Sempre fez.” Engulo, arrepios despertando em todos os lugares. “Desde o primeiro dia.”

Zach move os dedos ligeiramente. Indo e voltando no meu estômago como se estivesse tentando acalmá-las, as borboletas selvagens dentro. Consigo ouvir o farfalhar de sua palma áspera sobre a minha camisola no silêncio do seu quarto.

“Eu não sabia”, ele sussurra, o suor escorrendo em suas sobrancelhas.

Uso meu polegar para limpá-lo. “Eu costumava odiá-las, mas não mais.”

Sua mandíbula flexiona e seus olhos ficam mais escuros. Mais intensos.

Eu gostaria de poder dizer que as amo, as borboletas, quero dizer. Mas estou com medo.

Eu não posso, no entanto. Não essa noite. Eu preciso ser corajosa.

Eu preciso confessar.

Não sobre o amor que tenho por ele, mas o que fiz esta manhã. Como eu violei sua privacidade e o observei com a mãe dele.

Alargando meu sorriso, agarro sua camiseta e dou um puxão. “Venha, vamos.”

“Ir aonde?”

“Ao banheiro.”

“Por quê?”

“Para que eu possa matá-lo e esconder seu corpo. Será mais fácil limpar o sangue”, eu repito suas próprias palavras para ele, puxando sua camisa novamente.

Ele tira, largando no chão. “Sim, não acho que você vai me matar. Você precisa muito do meu pau.”

E seu coração.

“Você me pegou nessa.” Eu o puxo em direção ao banheiro. “Então, vamos tomar um banho. Porque você fede.”

Ouçõ sua risada atrás de mim.

“Nós vamos tomar um banho porque *eu* estou fedendo?”

Parando no meio do banheiro, eu o enfrento. “Sim. Esse é o plano. Eu vou te limpar. Ensaboá-lo muito bem.”

“Sim?”

Sua voz é sombria e sensual, assim como o resto dele. Seu corpo brilha sob as luzes do teto e eu posso ver cada cume e linha de seus músculos.

“Sim.”

Ele coloca um dedo na gola da minha camisola, primeiro esfregando sobre a minha pele e, em seguida, puxando o tecido e usando-o para me aproximar.

Eu descanso meu peito sobre o dele, nós dois respiramos juntos e inclino meu pescoço para cima.

“Você não deveria estar nua para isso?” Ele diz, brincando com meu laço agora.

Eu aceno, mordendo o lábio.

Zach agarra minha camisola no peito e puxa sobre minha cabeça antes que eu possa até mesmo respirar e tira minha calcinha.

Como sempre, ele parece hipnotizado pelo meu corpo. Minha clavícula, meus mamilos, meu umbigo. A saliência dos meus quadris. Essa fenda entre as minhas pernas. Os dedos dos pés.

Tudo que é pequeno, cheio de curvas e macio no meu corpo é a coisa favorita dele para ver.

E eu mostro a ele.

Na verdade, aproximo-me dele, de seu corpo firme e excitado. Eu massageio seus ombros e esfrego seu peito. “Você malha tanto para esse corpo, não é? Toda manhã”, eu sussurro, circulando sua clavícula, esfregando seus mamilos. “Flexões, levantamentos. Agachamentos. Pranchas. Eu nem sei mais o quê.”

Estou em suas costelas agora, bronzeadas e fortes. Empurro meus polegares, torço meus dedos sobre os músculos tensos. Sinto seus quadris empurrar. Suavemente, ligeiramente, apenas um leve movimento, roçando minha barriga nua.

“Você transpirou, ofegou e arquejou. Cada músculo do seu corpo vibra. Suas veias se destacam. Eu percebo tudo. Na verdade, quando você termina, estou ofegante. Isso me faz perder o fôlego pelo o que você aplica a esse corpo.”

Agarro sua cintura antes de seguir até seu estômago firme com todos os entalhes. “Quando você grunhe, eu sinto entre as minhas pernas, eu juro. Eu fico toda inchada e com tesão apenas te observando. Observando o quanto você malha.”

Passo os dedos pelo tufo de pelo escuro encaracolado que leva até o seu pau. Que está lutando contra o seu moletom agora.

Olhando para trás em seus olhos ligeiramente selvagens, eu sussurro, roçando meus mamilos necessitados sobre seu abdômen, “Posso fazer você se sentir bem? Por favor? Quero fazer você se sentir bem, Zach. Tratá-lo como um príncipe por ser tão esforçado. Deixe-me mostrar o quanto eu amo o seu corpo.”

Deixe-me mostrar o quanto eu te amo.

Com minhas palavras, ele agarra meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Suas bochechas estão salientes, sua mandíbula rígida e quadrada. Seu pescoço está vermelho de luxúria.

Ele é um cara no final de sua paciência, que chegou ao limite.

“Quem é você?” Ele rosna.

Uma garota que te ama.

“Seu prêmio.”

Sua outra mão surge e envolve meu pescoço, sentindo meu pulso acelerado. Ele é mais duro do que nunca, mais quente, mais sombrio e completamente selvagem.

“Tire minha calça.”

Minhas mãos descem para o cócs da sua calça e, engolindo, eu tiro. Ele provavelmente sente debaixo da palma da mão, o solavanco da minha garganta.

Consigo baixá-la até o topo de suas coxas, expondo seu pau duro que sai como uma arma e bate em seu abdômen. Zach faz o resto do trabalho, empurrando para baixo e fora de suas pernas.

Em seguida, ele me leva para trás, seu pau roçando minha barriga. Eu sinto sua umidade esfregando minha pele.

Soltando meu pescoço e cabelo, ele agarra minha cintura e me pega e coloca-me dentro de sua banheira de cerâmica antes de entrar e fechar a cortina do chuveiro de uma só vez.

Agora estamos cercados, encurralados e escondidos dentro deste espaço lado a lado, ele e eu. Ele lança uma sombra na parede, cobrindo-me

completamente e sem deixar espaço para mim em qualquer lugar, exceto dentro dos contornos de seu grande corpo.

Zach simplesmente fica parado, olhando para mim com olhos intensos, e neste momento, estou tomada por um propósito.

Ele quer que eu sirva e eu vou.

Apertando minhas coxas, eu toco a parede atrás de mim para o registro do chuveiro. Quando eu o encontro, eu ligo e a água cai sobre nós.

Eu me aproximo dele e empurro o cabelo que está liso em sua testa. Tomando sua mão, eu mudo nossos lugares, colocando-o sob o jato de água. É difícil olhar para longe dele, da água escorrendo por seus músculos fazendo-o parecer tão magnífico, mas eu faço isso.

Encontro o frasco de sabonete líquido, esguicho na mão antes de ensaboar. Eu começo em seu pescoço, subindo e descendo a coluna, antes de descer para seus ombros e peito. Deixo sua pele toda escorregadia e ensaboada e arranho seus mamilos, fazendo com que ele cerre as mãos em seus lados.

Inclinando-me, eu ensaboo seu torso. Incrivelmente duro, firme e definido.

Em seguida, fico de joelhos e ensaboo seu pênis. É a coisa mais delicada, íntima e poderosa em seu corpo. Longo e grosso e orgulhoso, fica em pé enquanto eu o acaricio. Meus dedos escorregam no sabonete e passo o polegar na fenda.

Ouçõ seu gemido e olho para cima para vê-lo jogando a cabeça de volta na água enquanto o masturbo.

Meu corpo inteiro parece inchado com minha luxúria e meu amor por ele. Este imponente príncipe das trevas.

Ele me disse uma vez que, se quisesse, ele me faria sua escrava e eu cairia no chão tão rápido que meus joelhos sangrariam.

Acho que é isso.

Eu sou sua escrava agora, ajoelhada na banheira de cerâmica, servindo-o. Mesmo que não tenha sangue por fora, por dentro, estou sangrando com o amor dele.

Lavo suas bolas em seguida, flexionando-as, rolando em minhas mãos.

Isso faz seu pênis sacudir. Uma gota perolada vaza do topo dele e se mistura com as bolhas de seu sabonete de cheiro picante.

Por mais que eu queira brincar com ele, dar a ele o alívio que ele precisa, eu me movo para baixo. Preciso mimá-lo primeiro, estragá-lo antes de lhe

dar seu orgasmo.

Ensaboo suas coxas, meus dedos analisando os pelos nelas. Lentamente, eu desço e lavo suas panturrilhas. Os músculos nelas, Jesus. Eu nunca pensei que as panturrilhas pudessem ser sexy, mas elas são.

Elas *são* sim.

Quando termino, me levanto e as narinas dele dilatam. Seus olhos parecem atordoados. Eles estão escuros e bêbados, completamente perdidos.

Antes que eu possa girá-lo, ele agarra a parte de trás do meu pescoço, me puxando para o seu corpo ensaboado. “O que você está fazendo comigo?” Ele sussurra, excitado e irritado.

Nosso peito desliza um contra o outro por causa do sabonete e minha pele molhada fica arrepiada. “Servindo meu príncipe.”

Seu aperto vacila com a palavra e sei que significa algo para ele. Cuidar dele assim quando provavelmente ninguém nunca cuidou.

Quando ele pressiona um beijo forte na minha boca, eu sei que significa *tudo*.

Faço-o se virar e seus braços se abrem na parede de azulejos, sua cabeça se curvando.

Pego mais sabonete da garrafa e continuo, massageando e ensaboando suas omoplatas e a coluna. Pressiono meus dedos nas covinhas na parte baixa de suas costas, ensaboo as nádegas firmes.

Quando termino, viro-o e o posiciono sob o jato. Tiro todo o sabonete, fico na ponta dos pés para massagear o couro cabeludo dele. Eu circulo e esfrego seus músculos até que a água esteja limpa.

Zach abre os olhos, a água escorrendo pelo rosto, e ele empurra o cabelo para trás, todo brilhante e lavado.

Olhando em seus olhos, eu fico de joelhos mais uma vez.

Seu peito incha enquanto ele olha para mim com domínio e posse. Algo sobre isso me deixa tão excitada por ele. Tão faminta para lhe trazer alívio.

Eu o levo na minha boca. Ele esteve duro esse tempo todo, duro e vazando e eu não posso deixá-lo esperar mais. Seu eixo parece chateado e eu preciso acalmá-lo.

Equilibrando minhas mãos em suas coxas duras, eu chupo seu pau.

Seu gosto limpo e almiscarado me faz querer fechar minhas pálpebras e saborear isso, mas eu não quero perder nosso contato. A conexão.

Mas o que eu *posso* fazer é gemer ao longo do seu comprimento para que ele possa sentir as vibrações. E eu faço isso.

Eu gemo e chupo e pisco para ele com olhar necessitado. Abro bem a boca, ampla, mais ampla até que estou inalando quase cada centímetro dele.

E acima de mim, ele está tenso. Seu abdômen flexiona e ele desloca o peso de um pé para o outro, inquieto. Seus gemidos são mais altos que o jato de água contra suas costas e na banheira. Seus punhos estão ficando mais apertados no meu cabelo e por cima do meu ombro.

Em pouco tempo, ele está empurrando dentro da minha boca como se estivesse empurrado dentro da minha boceta.

Ele está tirando seu prazer de mim ao invés de eu dar a ele. E esse é o maior tipo de prazer que posso conceder a ele: deixá-lo tirar de mim.

Arrasto minhas unhas em suas coxas, até seu estômago tenso. Eu volto e cavo minhas unhas em sua bunda dura, fazendo os globos se contrair.

Então, faço algo que nunca pensei que faria em um milhão de anos.

Eu traço o vinco entre suas nádegas duras e musculosas, encontrando aquela abertura escura.

Zach enrijece sobre mim, seus impulsos na minha boca perdem seu ritmo. Mas eu assumo o trabalho novamente. Eu movo a boca, levando-o para dentro e para fora enquanto meu polegar circula seu tenso ânus apertado.

Com a outra mão, pego as bolas dele de novo, aperto, puxo e esfrego o dedo sobre o delicado períneo. Isso faz com que ele fique na ponta dos pés e segure meu seio direito.

Meu coração está batendo no meu peito com tanta força no jeito ilícito que estou tocando nele. A maneira como ele está mais rígido e se contorcendo e grunhindo.

Deus.

É a coisa mais excitante da história.

Isso me dá a coragem de estalar o meu polegar molhado e escorregadio dentro dele, dentro de sua bunda, enquanto aspiro seu pau na minha boca com uma longa e áspera chupada.

E com um grande solavanco de seu corpo, ele jorra na minha língua.

Mas se eu pensei que ele me deixaria definir o ritmo, eu estava errada. Ele agarra meu cabelo e puxa minha boca com uma mão enquanto a outra agarra a base de seu pau espasmódico.

Zach aponta para o meu peito e arqueio minha espinha e pressiono meus seios para ele gozar. Sua mão circunda seu pênis e ele acaricia, acaricia, *acaricia*, derramando seu esperma sobre meus seios.

Linhas brancas e cremosas me cobrem e deslizam, caindo sobre meus mamilos. Eu não sei o que olhar, seu orgasmo no meu corpo ou ele, ofegante e vibrando.

Quando termina, ele abre as pálpebras pesadas.

Nossos olhos se conectam novamente, os meus submissos e apaixonados e os seus sérios e dominadores.

Apertando a mandíbula, ele me pega e me força a ficar de pé. Ofegante, eu olho para o seu rosto severo.

“Acha que pode tocar o que eu não te dei permissão?” Ele rosna.

Eu seguro seus ombros. “Eu só queria fazer você se sentir bem.”

Ele me estuda por um tempo e coloca um beijo curto e duro na minha boca. “Sim? Bem, espero que você esteja pronta.”

“Pronta para que?”

“Pronta para realmente entender o que significa me servir.”

Zach não me dá tempo para absorver suas palavras antes que ele mude de posição, em seguida, me faz girar.

Estou enfrentando a parede de azulejos agora, o fluxo do chuveiro escorrendo pelas minhas costas. Eu me viro para olhar para ele quando Zach agarra meus quadris e me puxa para trás, esfregando seu pau no vinco da minha bunda.

“O que você vai fazer comigo?” Eu pergunto com um tom de apreensão e muita emoção.

Ele corre a boca aberta ao longo da minha nuca. “Acho que você sabe.”

Eu me arqueio contra o seu pau que não ficou mole, mesmo depois do seu clímax. “Transar comigo?”

“Sim. Disso tenho certeza.”

Algo me faz perguntar: “Onde?”

Suas mãos esfregam meu estômago, descem para agarrar minha boceta de uma vez só vez antes de viajar para apertar meu peito. “Na sua bunda.”

Estremeço contra ele e levanto meus braços para cima e para trás, agarrando seus cabelos encharcados. “OK.”

“Ok, hein? É por isso que você fez esse movimento em mim, Blue? Foi esse o seu jeito de me dizer? Você queria ser fodida na bunda.”

Esfrego minhas coxas. “Eu não sei. Talvez.”

Beliscando meu mamilo, ele avisa: “Entretanto, isso não é sobre você agora, é? Você está aqui para me servir. Cuidar de mim.”

Mordendo meu lábio, eu aceno. “Sim. É sobre você. O que você disser, será.”

“Sim.” Ele beija minha bochecha levemente, em contraste como ele está esfregando minha bunda e torcendo meu mamilo. “Então eu digo que vou fodê-la na bunda. Mas eu também vou foder sua boceta apertada.”

“Oh Deus...” Eu gemo quando ele pronuncia essa palavra.

Aquela palavra suja, imunda e desagradável. A palavra que realmente me faz sentir como sua vagabunda, uma empregada contratada apenas para atendê-lo e às suas necessidades básicas.

Como se eles estivessem me pagando por isso. Então ele pode ter um corpo para saciar sua luxúria.

Eles são todos tolos, então.

Eles não precisam me pagar. Eu serei seu corpo e alma, de graça e para sempre.

Zach dá um forte empurrão com sua pélvis. “Está pronta para isso? Vai me deixar foder sua bunda e boceta esta noite, Blue? As duas.”

O chuveiro está molhando minha pele, mas ainda sinto que meus poros estão ressecados.

“Sim. Qualquer coisa que você quiser.”

Ele solta um forte suspiro e encosta a testa na curva do meu pescoço em um gemido. “Cristo, você está me deixando louco, baby.”

Eu viro meu rosto e beijo seu cabelo. “Você também me deixa louca.”

Ele olha para cima então, com os olhos semicerrados. Beijando-me, ele se afasta do meu corpo.

Mantendo nossos olhos conectados, ele procura o sabonete, o encontra e esguicha na palma da mão. Ele ensaboa, respirando descontroladamente. Mas ao contrário de mim, ele não lava meu corpo inteiro.

Não, ele vai para minha bunda.

“Empine sua bunda”, ele comanda.

Olhando para longe de seus olhos intensos, eu faço isso. Estou olhando para a parede de azulejos quando sinto seus dedos com sabonete no meu vinco.

Suspiro quando ele vai para o meu ânus apertado, tenso e circula com os dedos. Eu o sinto separando as bochechas para ter melhor acesso a ele e mal consigo reprimir meu gemido. Minhas unhas estão arranhando a parede quando ele me pede para relaxar.

Ainda mexendo na minha bunda, ele pressiona seu peito nas minhas costas e chupa o lóbulo da minha orelha. Eu gemo, soltando minha cabeça para trás e descansando contra ele.

Talvez eu esteja relaxada o suficiente agora porque ele coloca o dedo dele dentro, girando.

“Zach, eu...”

“Shh, relaxe. Eu não vou te machucar. Eu nunca vou te machucar, ok?”

“OK.”

“Empurre de volta.”

Demoro um segundo para perceber que ele quer dizer empurrar para trás, não com meu corpo, mas com meus músculos internos.

Eu queimo com vergonha quando obedeço a ele. Como por magia, o dedo dele desliza ainda mais para dentro.

É estranho, a plenitude, mas não odeio.

Na verdade, isso me faz querer esfregar meu clitóris. Começa uma dor em algum lugar no fundo do meu núcleo.

Zach beija minha bochecha suavemente e traz uma mão para brincar com meu mamilo. Isso me afeta ainda mais.

Minha boceta está molhada e eu me movo, colocando seu dedo longo dentro da minha bunda ainda mais fundo.

“Você gosta disso?”

“Uh-huh.”

“Graças a Deus”, ele murmura.

Eu não sei como posso sorrir em um momento como este, quando ele está mexendo com o dedo dentro da minha bunda, mas eu rio.

Ele começa um ritmo, entrando e saindo, me relaxando um pouco, e eu balanço contra ele. Um segundo depois, sinto a pressão dobrar e percebo que Zach conseguiu colocar outro dedo. Ele está tesourando-os dentro de mim, esticando-me para o seu pênis.

Não acho que qualquer coisa possa me preparar para sua grossa e longa ereção, mas eu o amo por tentar. Por me fazer gostar disso.

Luxuriosamente, eu cubro a mão dele no meu peito e pressiono. Zach move a dele para baixo, me deixando sozinha para brincar com o meu seio, e vai para o meu clitóris. Ele torce, me fazendo gemer.

Meu orgasmo me pega de surpresa. Isso acontece tão depressa, tão de repente, assim que ele toca meu clitóris. Não é explosivo embora. Mas é o suficiente para apertar todos os músculos da parte inferior do meu corpo e me relaxar.

Sinto falta do calor do seu corpo quando ele se afasta de mim.

Com olhos pesados, eu o vejo ensaboando seu pau e sei que é isso. Este é o momento em que ele vai entrar na minha bunda. Ele estava apenas me esperando relaxar.

Olhando para mim, Zach me inclina ainda mais para frente e posiciona seu pau. “Relaxe, ok? E empurre de volta.”

Eu concordo. “OK.”

Algo sombrio toma conta de seu rosto. Algo que parece gratidão. “Eu não vou te machucar, Blue.”

Ele disse isso para mim antes, mas desta vez, sinto isso na minha alma. Eu sei o que ele quer dizer agora. Quer dizer que ele vai devagar. Mas eu finjo que ele quer dizer emocionalmente, e que ele quer dizer para sempre.

“Eu sei”, eu respondo. “Agora coloque isso.”

Uma contração do lábio.

Em seguida, sinto a pressão. Eu tenho que me afastar dele e descansar minha testa na parede.

Talvez eu esteja com medo porque sinto Zach tentando entrar, mas ele ainda não me violou. Eu o sinto vir para frente e tocar meu clitóris novamente. Isso me faz estremecer com o quão hipersensível estou.

“Empurre, Blue”, ele sussurra. “Deixe-me entrar, baby.”

Algo sobre o tom bajulador de suas palavras e aquele dedo perverso em meu clitóris me relaxa de novo, e ele consegue enfiar a cabeça de seu pau.

“Deus”, eu gemo, ofegante.

Zach encosta a testa no meu ombro e morde a pele. “Porra...”

Seus quadris se movem, apenas um pouco, mas nós dois sentimos muito com a maneira como estamos gemendo.

“Você é tão apertada. Tão, tão apertada. Eu não consigo...” ele diz.

Ouçõ a agonia em sua voz. Isso lembra muito a noite em que ele tirou a minha virgindade e ficou tão preocupado em me machucar que eu me

aproximo e acaricio seu cabelo.

E empurro mais, recebendo-o mais profundamente.

Zach amaldiçoa, seus quadris lentamente, muito lentamente, balançando em mim. Dentro e fora. Mal dá para perceber, o ritmo, mas ainda assim, eu sinto que estou repleta.

Sinto que poderia gozar assim. Com seus impulsos frágeis e cuidadosos e seu dedo no meu clitóris.

Mas depois, ele deixa meu clitóris para agarrar meus quadris e me manter firme. Até então, eu não sabia que estava balançando, que minhas pernas estavam fracas demais para me segurar.

Com as mãos nos meus quadris, Zach encontra um ritmo melhor. Suas investidas estão mais longas agora, mais profundas, mas ainda suaves e lentas.

Consigo ouvir sua respiração rouca. Ele está tenso como um arco. O prazer é demais para ele, mas ele está se segurando por minha causa.

Esse propósito que senti quando eu comecei a lavá-lo me inunda novamente.

Descansando minha testa contra a parede, eu brinco com meu clitóris, tentando relaxar para ele. Assim ele pode ir mais fundo, mais rápido. Então ele pode foder minha bunda como ele quer.

Isso funciona, eu acho.

Quanto mais toco meu clitóris, mais relaxada me torno. A dor é suportável. O alongamento não parece que vai me abrir a qualquer segundo, e seus movimentos dentro de mim são mais fáceis.

Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Não consigo acreditar que estou transando com ele desse jeito, mas tudo sobre isso parece certo.

Então, tudo bem.

Eu fui feita para ele. Cada parte do meu corpo é dele para ser tomada.

Zach geme com cada centímetro que ganha dentro de mim e seus sons carentes e excitados estão me levando ao limite.

Meu mundo inteiro está centrado nele agora.

Em sua respiração, seus sons, seus dedos cavando em meus quadris, seu pau dentro da minha bunda, forçando a abertura de partes do meu corpo que eu nunca pensei serem possíveis.

Ofegante e gentilmente se movendo dentro de mim, ele diz: “Nunca vou esquecer isso, Blue. Nunca vou esquecer a sensação...” Ele faz uma pausa

para emitir um gemido e abrir a palma da mão no meu estômago. “Como é estar dentro de sua bunda. Tão quente e apertada e como você está me deixando entrar, mesmo que esteja te machucando.” Seu polegar entra no meu umbigo e ele encontra aquela veia novamente, a que nos une, fazendo-a inchar. “Eu vou sonhar com isso, Blue. Sentirei falta disso quando eu for embora.”

Assim que suas palavras desaparecem, eu gozo.

Minha boceta jorra porque ele disse que vai sentir falta. Ele sentirá falta de estar dentro de mim. Pode ser patético para alguns, mas para mim é tudo.

Ele sentirá minha falta. Mesmo que seja apenas o meu corpo, mas ele vai sentir minha falta.

Eu gozo tão forte e violentamente que nem noto quando Zach entra completamente.

Seu pau inteiro está enterrado na minha bunda enquanto tenho espasmos em torno dele. E é demais para ele, eu acho. Porque ele goza também.

Sua ereção pulsa dentro da minha bunda. Sinto cada golpe, cada impulso do seu pau enquanto ele se esvazia dentro de mim.

Quando termina, ele envolve seus braços em minha cintura e coloca o peito molhado e ofegante nas minhas costas.

Ainda bem. Porque eu realmente não tenho energia para nada agora.

Delicadamente, Zach se afasta de mim e me vira. Piscando, eu olho para ele bem a tempo de notar seus lábios descendo nos meus.

Ele me beija debaixo do chuveiro.

Beija e me beija até meus lábios ficarem dormentes e eu ficar com sono. Em seguida, ele me lava como eu o lavei e me leva para a cama.

Zach me deita, toda encharcada do chuveiro, e fica entre minhas coxas.

Abro-as e enrolo meus braços no pescoço dele.

“Eu não quero cansá-la”, diz, se acomodando sobre o meu corpo, seu pau duro e pronto novamente, cutucando meu núcleo.

“Você não vai”, digo a ele, com sono, mas com certeza.

“Blue—”

Erguendo-me de alguma forma, eu o beijo. “Você disse que foderia minha bunda e boceta. Não pode voltar na sua promessa agora.”

Zach lança seu olhar por todo o meu rosto antes de balançar a cabeça uma vez e entrar no meu canal molhado.

É uma foda lenta e suada.

Na verdade, não é uma foda de jeito nenhum. É amor.

Estamos fazendo amor.

Lentamente, suavemente, completamente.

Ele está balançando em mim como uma onda suave e a cada golpe, estou me afogando.

Quando olho para ele, percebo que tudo nele é dolorosamente lindo. Seus olhos intensos, aquela testa forte, sua mandíbula teimosa. Aquele corpo masculino flexionando e ondulando sobre mim. Seu calor, seu cheiro.

Eu não consigo parar de senti-lo em todos os lugares.

Na minha boceta, meu estômago. Meu ventre, na minha feminilidade.

Quero continuar olhando para ele, mas estou tão lenta e letárgica que minhas pálpebras se fecham.

E eu sorrio.

Eu o amo tanto.

Tanto, tanto.

Se esta é a única maneira que posso dizer a ele, tudo bem.

Eu posso viver com isso.

Eu te amo, Zach. Mas eu nunca te direi.

O pensamento me faz gozar mais uma vez. Eu nem sei que número de orgasmo é esse. Perdi a conta.

Quando Zach estremece dentro de mim com seu próprio clímax, percebo que também esqueci o segredo que queria contar a ele. Não lembro o que era.

Um segundo depois, porém, não consigo pensar em nada além de dormir.

Capítulo 31

Mesmo que eu não me lembre de adormecer, acordo no meio da noite.

Estou na cama de Zach, nua e me sentindo como um macarrão, grudenta. O quarto está escuro, a única luz é do banheiro.

Há um lençol sobre mim, cortesia de Zach, eu acho. Mas ele não está do meu lado.

Olho em volta e o encontro em sua poltrona perto da grande janela de vidro. A noite está escura com estrelas brilhantes e acho que já passou da meia-noite.

“Ei”, eu sussurro, sentando-me e segurando o lençol nos meus seios. Ainda posso senti-lo entre as minhas pernas, ele e seu corpo.

Zach está nu também, os músculos em silhueta pelo luar prateado. Suas coxas são largas, e seus cotovelos estão descansando sobre eles enquanto seu olhar repousa sobre mim.

Na verdade não.

Seu olhar não repousa. Há turbulência nele, uma intensidade estranha que brilha mais intensamente na quase escuridão.

“Você me ama”, ele diz.

Meu corpo lânguido, quente e completamente fodido sente frio em suas palavras. Frio, morto e entorpecido.

“O que?”

“Você. Me ama”, ele repete. Como se estivesse tentando provar as palavras em sua boca, rolando-as entre os dentes e a língua.

O que sai não é algo que ele gosta.

Seu corpo fica mais irritado. Seus cotovelos cavam ainda mais em suas coxas.

Eu me sinto como uma criminosa, do jeito que ele está me observando. Alguém que cometeu um crime.

Não sei de onde tiro a coragem, mas eu levanto o queixo e cerro o lençol no meu peito, assentindo. “Sim.”

Eu juro que posso ouvir o rangido de seus dentes. Posso ouvir o barulho. A raiva correndo em seu sangue.

“Desde quando?”

Meu coração deveria estar disparado agora. Eu deveria estar em pânico. Deveria estar tentando salvar isso. Mas depois da explosão gelada inicial de choque, tudo que sinto é alívio.

Ele sabe agora.

Está lá fora. Meu horrível segredo, ou pelo menos um deles, está fora do meu sistema.

“Desde sempre”, eu respondo. “Provavelmente desde o primeiro dia em que te vi.”

Observo o impacto das minhas palavras em seu corpo. Uma respiração profunda. Narinas dilatadas. A tensão de suas veias e o aperto de seus músculos.

Antes que ele possa me interrogar mais, eu pergunto: “Como você sabe?”

“Você não é muito boa em esconder coisas.”

É quando percebo que posso ter dito isso em voz alta. O pensamento que me fez chegar ao clímax e me embalou no sono.

Deus, sou idiota.

“Na verdade, sou muito boa em esconder. É só de você que não consigo esconder.”

“E não é essa a verdadeira maldita tragédia?”

Minha sinusite dói.

Sim, isso é uma tragédia. Sempre foi. Sabendo que isso não facilita a vida, no entanto.

“E o segundo dia?” Ele pergunta, todo calmo.

Mas eu sei que é tudo mentira. Ele está fervendo por dentro, se preparando para explodir.

“Segundo dia de quê?”

“Quando eu destruí seu caderno? Você também me amava?”

“Eu—”

“Ou no terceiro dia, quando pedi a um de meus amigos que fizesse você tropeçar no caminho para a aula? Ou o quarto? E o quinto? Você me amou através dos anos de humilhação e brincadeiras que eu aprontei com você? Todas as vezes que eu poderia te salvar com apenas um estalar de dedos e eu não salvei. Quanto você me amava então? E quando eu arruinei seu baile, hein? Você me amava naquela noite quando veio aqui para me dizer o

que pensa? Era esse amor quando você me contou o quanto me odiava e como eu te fazia pior a cada dia? Uma versão pior de você?”

Pensei que não poderia ser afetada por isso. Que poderia sair com dignidade enquanto ele me interroga e não chorar uma vez.

Mas eu já estou chorando.

Lágrimas estão escorrendo pelas minhas bochechas, silenciosas, mas sempre fluindo e Zach está me observando sem uma contração no rosto.

“Eu... amei.” Eu aceno em resposta. “Eu te amei apesar de tudo isso. Eu não sabia disso naquela época, mas eu te amava. Toda vez que você ou seus amigos faziam algo comigo, me magoou. Isso me deixava com raiva. Eu costumava chorar muito. Costumava tramar vingança. E eu pensei que era porque eu te odiava. Mas era porque eu te amava e o cara que eu amava era incapaz de me amar de volta. Então sim, eu te amei apesar de tudo isso. Meu ódio por você era apenas um tipo de amor que estava com raiva, solitário e machucado.”

É difícil olhar para ele depois de confessar todos esses sentimentos dentro de mim. Todas as coisas que me deixaram confusa ao longo dos anos. Que me fazia sentir agitada sempre que ele estava por perto.

Mas de alguma forma, continuo olhando para ele.

Eu continuo a observá-lo, mas depois me arrependo porque vejo algo em seu rosto que nunca vi antes. Nunca a meu respeito, pelo menos.

Nojo.

Zach está *com nojo* de mim.

“Jesus Cristo.” Ele lambe o lábio inferior enquanto balança a cabeça. “Você fica ainda mais patética quanto mais eu te conheço.”

Eu me retraio.

Eu sabia que ele diria isso, mas eu ainda me retraio.

“Sabe como é patético amar alguém que te machucou? Percebe quão fraco isso te faz? Quão estúpido?” Zach continua, olhando para mim como se eu fosse uma estranha, como se ele nem me conhecesse. “Eu te admirava, Blue. Eu fodidamente te respeitava. Respeitava seu ódio por mim. Admirava que você não me deixou pisar em você. Eu admirava sua força.”

Ele passa a mão pelo cabelo em agitação. “Eu não quero o seu amor. Não mereço o seu amor, você não entende? Mesmo que eu não seja seu valentão há muito tempo, eu fui seu pesadelo uma vez. Que porra é essa com você? O que diabos há de errado com você para me amar? Quão fodida e fraca

“você tem que ser para se apaixonar por seu valentão?” Ele balança a cabeça mais uma vez. “Quer saber? Não consigo nem te olhar. Apenas saia.”

Atordoada, eu não mexo.

Estou colada ao meu lugar.

“Fora”, Zach ordena novamente.

“Não.”

Estou surpresa em ouvir minha própria voz. Pensei que nunca mais falaria.

Ele franze a testa perigosamente. Seus cílios espessos cobrem os olhos, dando-lhes um olhar mortal. “Como?”

“É isso que você pensa que é?” Pergunto. “Fracos?”

“O que?”

“Você acha que é patético, Zach? Fodido? É isso que você pensa de si mesmo?”

“Do que diabos você está falando?”

“Vim para o seu quarto esta noite porque queria confessar algo”, eu começo. “Eu te vi hoje. Subindo para a torre um. Segui você. Sei que não deveria, mas segui. E eu te vi com sua mãe. V-você estava cuidando dela. Ela está doente. É por isso que você voltou, certo? Para ficar com ela? Eu —”

Minhas palavras são interrompidas quando Zach chega de repente e seus dedos ameaçadores envolvem minha mandíbula, puxando meu pescoço para cima.

Ele é alto, grande e nu.

De alguma forma, sua nudez o torna ainda mais ameaçador. Talvez porque eu possa ver o que a fúria faz ao seu corpo. Os efeitos não são escondidos pelas roupas. Cada músculo é firme como uma armadilha, pronto para abrir e me cortar ao meio.

“Se alguma vez você falar sobre isso—”

Eu balanço a cabeça, fazendo-o parar. “Nunca. A saúde da sua mãe não é da minha conta. Mas você não está preocupado com isso, está?”

Pego seu pulso e puxo-o do meu queixo. Eu me levanto por via das dúvidas.

Se eu vou ter essa discussão com ele, nua, não menos, então eu vou juntar meu lençol em torno de mim e me levantar.

Serei mais baixa, mas pelo menos eu vou recuperar minha dignidade.

Porque tudo faz sentido. Tudo está claro agora.

Eu sei porque ele não fala sobre suas razões para voltar. Não tem nada a ver com a doença de sua mãe, mas tudo a ver com ele.

“Você não está preocupado que eu diga algo sobre sua mãe. Você está preocupado porque eu sei porque voltou. Está preocupado que as pessoas descubram que você voltou para cuidar da sua mãe moribunda. Você não quer que saibam que você passa seus dias com ela, trancados em seu quarto, ajudando-a com seus acessos de tosse. Fazendo-lhe companhia.”

“Cale-se.”

Presencio seu rosto ficando mais irritado, mais tenso, mas eu não paro. Eu não posso.

“Isso é o que você faz, não é? Você senta com ela e assiste porcarias na TV só para ela ter alguém ao seu lado. Por que você faz isso, Zach?”

Ele se inclina sobre mim como uma nuvem negra. “Se você não calar a sua boca agora, vou calar para você. E você não vai gostar de como eu faço.”

Suas ameaças não significam nada para mim.

Eu não estou com medo. Talvez devesse estar, mas não posso ter medo quando descobri uma coisa tão simples sobre ele.

“Você faz isso porque ama sua mãe.” Olho para ele. “E você odeia isso. Odeia amar uma mulher que nunca te colocou primeiro lugar. Que nunca te amou. Não é verdade? Seu pai é um valentão. Pelo que vi, sua mãe não se importa e você odeia estar aqui por ela.”

E agora que conectei todos os pontos, não consigo parar de falar.

“Todo esse tempo fiquei pensando que você está muito danificado para amar. Ou querê-lo ou dá-lo. Pensei que pela maneira que você cresceu, você perdeu. Essa capacidade de ser aberto e vulnerável a alguém, e eu não teria culpado você. Você teve uma infância de merda. Mas de alguma forma, esse não é o problema. É Zach? O problema não é que você não possa amar. O problema é que você pode. Você *pode* amar. Você não está danificado. Pelo menos não tanto que você seja incapaz disso.”

“É por isso que você não conta a ninguém por que está aqui. Não quer que ninguém saiba como depois de tudo você ainda ama sua mãe. Por quê? Porque você acha que isso te enfraquece, não é? Isso te torna patético.”

Balanço a cabeça enquanto o vejo de outra forma. Não posso acreditar que eu não tenha descoberto antes. Eu não percebi que tipo de vítima ele ainda

é.

“Deus, Zach. Seu mundo ainda gira em torno de seu valentão. Você ainda está tão envolvido no que eles fizeram que não é capaz de seguir em frente. Você ainda sente tanta raiva e ódio. Você tem que seguir em frente, Zach. Você está arruinando sua vida por causa deles. Você não pode—”

Minhas palavras param bruscamente quando Zach se move.

Ele caminha até sua cômoda, ainda nu, mas de alguma forma tão poderoso, seus músculos ondulado. Ele pega alguma coisa, gira e joga em mim. Tudo em movimentos bruscos.

É uma camiseta.

Nem tenho tempo para perceber minha confusão quando ele se move para trás e agarra meu braço com força, seus olhos maníacos e sua respiração descontrolada.

“Zach —”

Puxando meu braço, ele começa a andar, me arrastando atrás dele.

“Zach, o que você está fazendo?”

Estou tropeçando; meus pés estão ficando presos no lençol. Eu quero puxar para cima, mas minha mão está fechada em torno dele para mantê-lo no lugar, junto com a camiseta que ele me deu.

Um segundo depois, não é sobre isso que estou pensando, o lençol entrelaçado, porque ele abre a porta e faz o mais duro puxão, me empurrando para fora do seu quarto.

Ele acabou...

De me expulsar?

Eu me viro para encontrá-lo no limiar.

“Vista algo e fique fora.”

Ele fecha a porta com um estrondo, deixando-me embrulhada em seu lençol e segurando sua camiseta.

Pânico arranha minha garganta, meu estômago. Estou tremendo. Freneticamente, olho para mim e depois para o corredor vazio e pouco iluminado.

Acho que vou vomitar.

Estou com muito frio e a única coisa quente em minhas mãos é a roupa que ele me deu.

Não sei quanto tempo fico ali, tremendo, olhando para a porta dele, ainda em estado de choque. Humilhada até a alma.

Em seguida, ouço um barulho, um estrondo e um rugido profundo.

De alguma forma, me acorda, me deixa em movimento.

Agarro sua camiseta no meu peito e por pura memória muscular, localizo um lavabo algumas portas abaixo. Eu entro, deixo o lençol cair no chão e coloco a camisa dele.

Há um espelho à minha direita, mas tenho medo de olhar para ele. Eu não quero ver meu corpo danificado e vandalizado.

Inclinando-me, pego o lençol e o envolvo nos ombros.

Depois começo a andar, olhando para os meus pés. Eu pulo quando ouço mais estrondos, um vidro quebrando.

Eles combinam com os sons do caos dentro do meu corpo.

Não me lembro de descer as escadas ou andar pela mansão adormecida, até me encontrar na ala dos funcionários e uma luz acende.

É forte e eu pisco meus olhos contra ela.

“Cleo?”

É Maggie.

“O que aconteceu? Você está bem? Você não estava no seu quarto.”

Ainda tremendo, olho para ela com olhos entupidos de lágrimas. “Eu estava no dele.”

Seus olhos se arregalam quando ela percebe o que quero dizer por dele. “Senhor Zach?”

Eu aceno.

Ela agarra meus ombros. “Ele fez... ele fez alguma coisa com você?”

“Ele quebrou meu coração.”

De repente, lembro-me do que aquela cartomante, Dove, me contou. Ele pode fechar a palma segurando meu coração e esmagá-lo.

Acho que ele fez isso.

Ele assassinou meu coração com suas próprias mãos.

“O que?”

“Mas acho que quebrei as regras dele primeiro.”

“O que? Que regras? Do que você está falando?”

Olho para Maggie. “Eu me apaixonei por ele.”

Seu rosto se encolhe de tristeza e pena. “Sua garota idiota e estúpida.”

Então, ela me leva até o quarto de plantão em que eu deveria estar hoje à noite.

A cada passo, eu continuo pensando, *sou uma garota idiota e estúpida.*

Capítulo 32

O Príncipe das Trevas

Agarro o caderno enterrado sob o colchão, aquele em que estou escrevendo o nome dela, e o jogo contra a janela de vidro, rosmando.

O baque não é satisfatório.

Então eu jogo a cadeira contra a parede em seguida.

Depois a mesa.

A cômoda, minha mochila, os travesseiros, os lençóis, a lâmpada.

Ela não entende, não é?

Se eu não tiver raiva, se eu não tiver minha vingança, meu ódio, então o que eu tenho? Onde está a porra da justiça por tudo o que eles fizeram comigo?

Eu sou a testemunha e a vítima de todos os crimes que eles cometeram. Se eu seguir em frente, então todas as coisas ruins que eu passei, tudo isso desapareceria.

Eles escapam, então, por me foderem. Por me fazer sentir pequeno, sem valor e miserável.

Certo?

Errado.

Eles nunca escaparão. Eu nunca vou perdoá-los.

Foda-se seguir em frente. Foda-se ser superior.

Eu jogo qualquer coisa e tudo em que eu possa colocar minhas mãos até que tudo o que resta seja destruição.

E o cheiro dela de açúcar.

Eu sempre te amei...

Sua voz causa uma dor no meu peito. É tão intensa que eu caio de joelhos.

Eu não quero o amor dela.

Não quero.

Então por que diabos dói tanto?

Capítulo 33

Ele está fumando.

Não acho que ele fumou desde que eu roubei sua mochila. Ele finalmente aceitou as pastilhas de nicotina que eu comprei para ele. Embora eu não tenha o visto usá-las mais de que algumas vezes.

Eu nunca vi Zach em um terno antes também.

Ele está usando um agora.

É preto e cinza, aquela calça e aquele casaco, com uma camisa branca por baixo. A gola está aberta e provavelmente também alguns botões de cima.

É difícil dizer daqui. Há muitas pessoas entre mim e ele.

O salão de baile está lotado.

É outra festa; é o aniversário do Senhor e Sra. Prince. Uma verdadeira celebração do amor, com tantas rosas vermelhas e corações de cristal para decoração.

Eles planejam essa festa há semanas. Então não foi uma surpresa, mas ainda assim, sinto como se estivesse sendo socada com todo o amor que está sendo exibido descaradamente.

Engraçado, como uma noite pode mudar tudo.

Um telefonema pode significar que seus pais estão mortos e que três pequenas palavras podem fazer você ser expulsa de um quarto, no meio da noite, toda nua.

Observo a Sra. Prince à distância, conversando com um grupo de senhoras intensamente enfeitadas. Intensamente e dispendiosamente. Ela mesma está usando um vestido rosa, novamente a cor do amor, parecendo um milhão de dólares.

Parecendo nova e brilhante e, mais importante, saudável.

Aparentemente, maquiagem pode esconder muitas coisas. Embora não possa esconder quão frágil ela parece. Como ossuda e como, quando ela sorri, seus olhos artificialmente pintados parecem vidrados. Mas acho que essas pessoas não estão olhando.

Ninguém aqui se preocupa com uma mulher que está encolhendo e desaparecendo a cada evento, e uma garota com cabelo azul cujos olhos

podem parecer um pouco mais inchados do que o normal para os seres humanos.

Para meu crédito, eu consegui ficar calma e não desmoronar no meio da sala como eu quero.

Minhas pernas têm a força para me carregar e meu cérebro tem senso suficiente para que eu sorria, pare e apresente a bandeja cheia de taças de champanhe nos momentos apropriados.

Maggie queria que eu dissesse que estava doente. Ela disse que poderia ser bom dormir um pouco e descansar, depois da noite que eu tive. Com todos os soluços e choro como se o mundo estivesse acabando.

E talvez tenha.

Talvez seja o apocalipse. O sol queimou a terra e toda a vida está morta, exceto por alguns infelizes como eu.

Que estão vivos para ver o amor de sua vida se transformar de volta no valentão que costumava ser.

Eu tenho feito círculos na sala, carregando minha bandeja, e até agora, evitei ir para o lado de Zach.

Ele está escondido em um canto pelas portas francesas que levam até o gramado e o céu estrelado.

E ele não está sozinho.

Ele está com sua antiga gangue.

Como o príncipe que ele é, Zach está no meio do círculo, suas costas contra a parede. Ele fica olhando as portas francesas de vez em quando, defumando seus pulmões e bebendo champanhe.

Ashley está à sua direita, em pé bem perto. Tão perto que a cada respiração, os seios dela tocam o braço dele. Quero dizer a ela que ele é um demônio para peitos grandes — um cara típico com necessidades simples. Mas eu não vou. Deixe-a descobrir da maneira mais difícil.

À sua esquerda está Rob. Ele costumava ser o mais vocal do grupo e ele também foi quem me fez tropeçar no meu segundo dia no St. Patrick's. Eu nunca vi Zach próximo de alguém, mas se eu tivesse que escolher, eu diria que ele era o mais próximo de Rob. Ou pelo menos, Rob percebeu isso porque ele nunca saiu do seu lado.

Depois, há Chase, Alex e Samantha, formando um semicírculo. Eu sinceramente tinha me esquecido deles.

Samantha costumava seguir o exemplo de Ashley. Chase iria repetir o que quer que alguém dissesse e Alex apenas riria.

E Zach era o quieto. Ele assistia tudo, mas nunca dizia nada.

Agora, vendo-os juntos, todos crescidos e vestidos com roupas de milhões de dólares, todos parecem réplicas um do outro. Altos, loiros e bonitos e feitos do mesmo tecido de crueldade.

Zach é o único que é moreno, preenchido com uma escuridão inata.

A escuridão que eu conheci na noite passada.

Ou talvez eu tenha conhecido essa escuridão há muito tempo. Apenas pensei que não importava.

Pensei que quando ele me chamou de seu prêmio, ele pelo menos seria cortês o suficiente para me deixar colocar algumas roupas antes de me expulsar do quarto dele.

De qualquer forma, eu sei agora.

Durante a hora seguinte, continuo a servir bebidas e ziguezagueio em torno dessas pessoas, conseguindo manter-me com sucesso deste lado d, longe de Zach e dos seus asseclas adultos. No momento em que alguém me chama para o outro lado, eu sei que meu tempo acabou.

Eu sei que vou ter que enfrentá-los. Eles me *farão* encará-los.

Não antes de servir as bebidas para um bando de velhinhas que fazem *tsk* ao verem meu cabelo azul e batom, ouço meu nome ser chamado na voz muito nasalada e alegre de Ashley.

Eu respiro fundo, aperto meu punho antes de exalar e engulo a bÍlis. Tudo bem. Eu posso fazer isso.

Eu *fiz* isso um milhão de vezes antes. Exceto que parece que tudo isso aconteceu em outra vida.

Virando-me, ando na direção deles.

Ou melhor, ando na direção dele. Ele é a única coisa que eu posso ver.

Não há sinais exteriores sobre o que aconteceu ontem à noite. Ele parece o mesmo, impressionante e cruel. Meio que arrojado, mesmo, em seu terno que abraça seu corpo como uma luva ou a mão de uma amante. *Minha* mão.

Seu cabelo escuro se enrola no colarinho e fica preso em alguns lugares, dando-lhe uma aparência preguiçosa e sexy. Quase posso vê-lo em festas como esta, usando ternos, bebendo champanhe e quebrando corações.

Com seus olhos negros, ele observa minha aproximando do grupo.

Meu corpo, corpo *estúpido* não conseguiu entender nada. Ainda se acende com o calor em seu olhar. Os sinais que tenho recebido a noite toda, fazendo-me pensar que ele sabia onde eu estava o tempo todo, como eu sabia sobre ele.

Alcançando-os, fico na extremidade do grupo deles.

“Ei, Cleo”, Ashley diz, envolvendo a mão com força no braço de Zach.

Como se ela tivesse algo a provar.

Olho para longe de sua mão e me concentro em seu rosto. “Ei.”

“Você tem nos evitado?”

“Algo parecido.”

“Qual é”, ela diz com uma careta fingida. “Somos velhos amigos.”

O grupo ri disso. Eu também.

Isso é uma mentira tão descarada.

“Sim, definitivamente.”

“Então você não vai nos servir, enquanto refrescamos sua memória?”

Eu dou a ela uma olhada, mas depois dou um passo à frente, meio que me incluindo no grupo. Em seguida, Ashley começa as apresentações como se eu não os conhecesse.

“Esta é Samantha. Mas é senhorita Bridges para você, é claro.”

Bridges pega uma taça e ri.

Eu quero puxar a língua dela e envolvê-la em sua garganta apenas para fazê-la parar com aquele som agudo, mas tudo que faço é atirar-lhe um sorriso apertado. Quanto mais cedo Ashley tiver a satisfação de me humilhar, mais cedo eu poderei sair daqui.

Porque os insultos dela não são o que me afetam. É ele.

Ele está me afetando.

Parado ali como um espectro escuro e silencioso. Um fantasma do meu passado. Posso sentir a explosão de seu olhar quente em mim, me observando, observando minhas reações quando Ashley me reintroduz ao grupo de pessoas que fizeram da minha vida um inferno anos atrás.

E ele não está fazendo nada.

Eu poderia tê-los parado com um estalar de dedos.

Você ainda me ama?

Você me ama apesar de tudo isso?

Esta é a sua resposta ao meu amor.

Ele sabe que eu o amo, e agora está fazendo tudo o que pode para matar isso. Para esmagá-lo, pisá-lo. Tirá-lo do meu coração.

Que escolha eu tenho senão ficar de pé?

Ficar rígida e lutar. Ser corajosa, embora eu esteja enjoada. Dizer a ele que, de fato, o amo. Eu o amava e o amarei, apesar de tudo.

Apesar de sua frieza, sua crueldade, seu abuso.

Apesar do fato de que ele me jogou para os lobos mais uma vez.

Quando Ashley chega ao final de suas apresentações, Sr. Simmons, Sr. Brandt e tudo mais, me pergunto se Zach ainda me salvaria se eu pulasse na piscina como na outra noite.

Ele vai me pegar ou me deixar afogar?

Finalmente, ela me reintroduz ao amor da minha vida. Ela faz um gesto magnânimo para ele. “E esse, é claro, você sabe quem ele é. Esse é o cara para quem você trabalha: Sr. Prince.”

Ele dá uma tragada no cigarro antes de soprar de seus lábios macios.

“Sim, eu sei quem ele é”, eu digo, olhando para ele, mas abordando Ashley.

Para Zach, eu digo com meus olhos, *eu sei quem você é. Eu sei que você é melhor que isso. Você simplesmente não vai admitir.*

Antes que eu possa ler sua reação, Samantha diz: “Esse é o seu uniforme escolar antigo?”

Olho para mim e percebo, sim, poderia passar por isso. Blusa branca e saia preta. Apenas a gravata está faltando.

Ashley ri. “Certo? Também achei. Ela parece que vai... explodir.”

Ah, as piadas do corpo. Nunca acabam.

“Eu gosto do visual”, Rob diz.

Chase repete a mesma coisa em palavras diferentes e Alex ri.

Na minha visão periférica, vejo Zach saindo da parede. Não sei por que razão. Dificilmente poderia ser para me defender, por isso resolvo as coisas por conta própria.

Eu me viro para Rob. “Isso foi um elogio?”

“O que você acha?” Ele responde, olhando para o meu peito, sorrindo de um jeito desagradável.

“Eu não sei. Não consigo decidir se agradeço ou dou uma joelhada.”

O sorriso desaparece de seu rosto.

Estou pronta para voltar depois disso, ciente de que eles estão felizes e contentes em me humilhar para que me deixem em paz agora.

Mas eu acho que eles ainda têm mais. Porque de repente, eu ouço uma poça lenta se formando aos meus pés. Olho para encontrar a fonte. Ashley está zombando de mim enquanto derrama sua bebida no chão.

“Oops. Eu sou desajeitada, lembra?” Ela encolhe os ombros com os olhos arregalados.

“Sim e um pouco limitada, também.”

“Tudo bem, Ash. Acho que podemos mandar limpar?” É a vez de Samantha encolher os ombros e aumentar os olhos.

“Certo? Quer dizer, tenho certeza de que está incluída na descrição do seu trabalho?” Ashley acrescenta.

Olho para ela e depois para a poça aos nossos pés. Está se espalhando, tocando meus sapatos Mary Janes emprestados e os de couro preto de Zach. Polido e limpo, como o resto dele.

Engolindo, eu pego um guardanapo do pequeno avental amarrado em volta da minha cintura apenas para essas emergências.

Cleo, você pode fazer isso. Isso é como limpar uma bagunça regular.

Mordendo meu lábio, fico de joelhos. O chão me atinge com força, embora eu estivesse antecipando. Minha bandeja está vazia agora, então deixo ao meu lado e começo a trabalhar.

Abro o guardanapo sobre a poça e ouço risadas de cima.

Mas eu não me concentro nisso. Nunca foi sobre suas risadas, insultos ou escárnio. Sempre foi sobre ele.

O cara que não fazia nada para impedir. Como agora.

Pego o guardanapo para absorver a pior parte e depois enxugo o resto com o canto seco dele. Meus dedos atingem a extremidade pontiaguda de seus sapatos e estou de volta ao dia em que encontrei meus livros rasgados e espalhados pelo corredor.

Um Zach de doze anos de idade veio até mim naquele dia também. Eu o vi, sapatos primeiro. Ele pisou nas páginas e quando eu olhei para cima, ele sorriu para mim.

Ele foi tão cruel naquele dia, o garoto por quem eu me apaixonei à primeira vista.

Hoje à noite também, quando eu olho para cima, eu o vejo olhando para mim. Mas em vez de sorrir, seu rosto está vazio e seu olhar é ardente.

Talvez ele esteja se lembrando daquele dia de muito tempo atrás também. Ou talvez ele esteja pensando em como eu o banhei ontem e como me agachei e o peguei em minha boca, amando-o.

Ele parecia um príncipe então, e parece um agora.

Provavelmente pareço a mesma também.

A humilde empregada que o serve.

Lentamente, levanto-me, deixando o guardanapo sujo na bandeja. “Você estava mentindo.”

Não há nenhuma indicação em seu rosto que ele me ouviu, mas eu sei que ouviu. Também sei que ele pode ouvir meu coração quebrado.

“Você não é meu, não é? Nunca foi.”

Com isso, sua mandíbula aperta.

Seus olhos brilham e estou encharcada com tanto calor que sinto o vapor subindo da minha pele. Não espero uma resposta dele. Mas ele me dá uma mesmo assim.

“Mas você é minha, não é?”

Não consigo ler o tom dele. O tom das primeiras palavras que ele falou comigo a noite toda. É arrogante? Insultuoso?

É incrédulo?

O que quer que seja. Eu vou contar a ele a verdade.

Eu concordo. “Estupidamente.”

“Estupidamente”, ele concorda.

“E acabei de provar isso.”

Eu recuo e vejo todos os seus lacaios de bocas abertas. Suspirando, eu coloco as mãos na cintura.

Em seguida, sorrio.

“Ashley, obrigada pelas reintroduções.” Eu me abaixo e tiro minha Mary Janes, uma de cada vez. “Mas não era totalmente necessário. Eu lembro quem você é. Eu me lembro de todos vocês. Vocês são pessoas que nunca farão nada relevante. Nunca fizeram em St. Patrick e não fazem agora. Ah, e também chamo vocês de lacaios do anticristo, na minha cabeça. Anticristo é Zach.”

Eu me dirijo a Samantha e aceno para meus peitos. “Então esses... são chamados peitos. É difícil saber o que eles são quando você não os tem.” Eu desabotoo os dois primeiros botões enquanto continuo falando. “Mas eu

tenho certeza que se você pedir ao seu pai gentilmente, ele vai comprar um par para você.”

Para Rob, Chase e Alex, eu digo: “Parem de ser pervertidos e parem de dar em cima das empregadas domésticas. Caras como vocês envelhecem para ser o tipo de homens de meia-idade assustadores que me forçam a usar o pó de mico. Vocês não querem que eu use o pó de mico em vocês, não é?”

Eles me encaram de olhos arregalados.

Finalmente, me viro para Zach.

Olhando-o nos olhos, eu solto o cabelo. Lentamente, metodicamente. Com cada nó que sai, sinto que posso respirar de novo.

Quando eu termino de soltar o cabelo, dou uma sacudida e lhe lanço um sorriso apertado. “Eu me demito. Ah, e”, eu me viro para uma Ashley chocada. “O jeito que você está esfregando o braço de Zach? Isso não vai funcionar. Ele gosta de suas garotas mais curvilíneas com peitos maiores. Sabe, alguém como eu.”

Com isso, eu giro e saio do salão de baile, descalça, com meu longo cabelo azul balançando nas minhas costas.

Quando chego à saída, vejo uma taça solitária de champanhe e bebo.

Posso estar um pouco em choque porque não sinto um pingo de remorso. Sem remorso. Nenhum.

Eu não vou recuperar minha casa, e bem, eu não a quero. Não vai trazer de volta meus pais e eu tenho que cortar os laços em algum momento.

Preciso encontrar... vida.

Enquanto ando pelo corredor, decido que vou fazer aquela viagem. Eu juro por Deus. Não há mais desculpas.

E daí se ninguém souber o meu nome lá fora? E daí que estou sozinha? Eu me tenho e tenho meu carro azul.

Estou andando pelo corredor e passo por um quarto quando ouço um estrondo — não o tipo de barulho violento que ouvi no quarto de Zach na noite passada, mas ainda assim. É um estrondo, eu acho. Porque é seguido por um gemido.

Eu paro e avanço silenciosamente em direção à porta. Estou surpresa em encontrá-la aberta quando viro a maçaneta. Por alguma razão, sinto que seja lá o que estiver acontecendo é algo que acontece por trás de portas trancadas.

E estou certa.

Abro a porta e enfio a cabeça para ver o casal supostamente feliz cujo amor está sendo celebrado lá atrás.

O Sr. e a Sra. Prince.

Há uma enorme diferença entre suas alturas e agora, aparece da maneira mais perigosa. O Sr. Prince está se elevando sobre seu corpo menor e mais magro e sua mão está enrolada no mesmo pulso que Zach estava perguntando ontem.

Ele diz algo para ela, mas em uma voz baixa que nem eu consigo ouvir, e quando ela responde algo hesitante, ele grita com ela.

Oh meu Deus.

Ele bate nela, bate na bochecha dela e ela quase não faz um som. Um gemido, é isso. Ainda mais baixo do que o que ouvi.

Quantas vezes ele bateu nela para ela não fazer um som? Para ela ser treinada para ficar quieta?

Parece que ele vai bater nela novamente e eu atravesso a porta.

“Afastese dela”, eu grito enquanto o enfrento.

Ambos parecem surpresos com a minha aparição repentina. E infelizes. Mas eu não me importo.

“Que diabos há de errado com você, seu velho sacana?” Empurro seu peito quando eu o alcanço. “Ela é sua esposa! E ela está doente.”

O pai de Zach está congelado, mas apenas por um segundo antes de rosar e me atacar. Ele me empurra em represália e Jesus, dói.

Meu peito parece machucado e ele só me empurrou alguns passos para trás.

Respirando com dificuldade, eu me aproximo dele novamente. Tanto com meus punhos e minhas palavras. “Você é um valentão, sabe disso? Um maldito valentão e vou acabar com você.”

Eu soco ele na cara para mostrar o que eu quero dizer. Sua cabeça gira para o lado, mas ele se recupera rapidamente.

“Sua puta”, ele rosna para mim.

Ouço a mãe de Zach gritando no fundo. *Pare com isso, não o machuque. Quem disse que você poderia entrar aqui?*

Entretanto, minha audição vai à merda.

O pai de Zach dá um tapa forte em mim que me faz cair no chão, machucando meus joelhos e tirando meu fôlego.

Demoro alguns instantes para me recuperar.

Alguns momentos para recuperar o fôlego e alguns momentos para perceber que vou superar a dor incapacitante.

Assim que ganho energia suficiente para pensar em sentar e voltar para o Sr. Prince, alguém está ao meu lado.

É Tina e Grace.

Ambas estão me sentando, perguntando se estou bem, mas ainda estou um pouco desorientada. Não consigo entender como elas podem estar aqui, ao meu lado. Elas deveriam estar na festa.

Não consigo entender os ruídos que estão chegando à distância.

Piscando, tento me concentrar e fico ofegante quando vejo Zach.

Ele está inclinado sobre seu pai, na verdade, e ele está dando um soco nele.

Repetidamente. Várias vezes.

Seus socos são ferozes e seu braço ondula com sua fúria. Deus, ele é assustador assim. Tão bravo e desequilibrado.

Eu quase me sinto mal por seu pai.

Em algum lugar ao lado, ouço a Sra. Prince gritando. Alguns funcionários estão segurando-a. E alguns estão avançando em direção a Zach, provavelmente para detê-lo.

“Zach”, eu sussurro irregularmente.

Não há como ele me ouvir, mas eu tento de novo.

“Zach, pare.”

O pai dele não está se mexendo e tenho certeza que ele o matou. Ou se não, ele vai.

Abro a boca para dizer a ele novamente quando ele para abruptamente.

Ofegante, ele agarra a gola do pai, que está vivo, graças a Deus e rosna: “Nunca mais a toque de novo. Entendeu? Nunca. Porque eu vou matá-lo com minhas próprias mãos. Como eu deveria ter feito há três anos. E desta vez, mamãe não virá te salvar.”

Seu pai não responde a ele; não acho que ele possa.

Zach o deixa ir com um empurrão e se levanta, antes de se virar para mim como uma bússola que sempre aponta para o norte.

Seus olhos mostram medo e ele dá um passo em minha direção, mas então é o caos total.

A sala fica caótica quando policiais entram.

Alguém deve ter ligado para o 911. Eles entram, verificam o estado da sala, conversam com uma chorosa Sra. Prince, começam a disparar ordens.

E antes que eu possa me levantar, eles levam Zach embora.

Acontece tão rápido que me deixa tonta e nauseada.

Um deles se aproxima de mim e diz que ele precisa que eu faça uma declaração assim que eu terminar com o médico.

“Tem um médico?” Eu pergunto, chocada, surpresa e tantas outras coisas que eu não consigo nem imaginar agora. “O que... onde você levou Zach?”

“Ele foi levado para interrogatório”, ele diz, casualmente. “Não precisa se preocupar com isso.”

“Mas ele estava...”

Eu paro quando ele se afasta e, em seguida, estou sendo inundada com abraços e simpatia.

Alguém chora nos meus ombros. Alguém mais me senta em uma cadeira e me entrega um copo de água que eu não tomo um gole.

“Ele estava apenas tentando salvar a mãe dele”, eu sussurro para ninguém em particular, observando a porta pela qual Zach passou.

Mas alguém responde. É Tina.

Ela está ajoelhada na minha frente. “Não, ele estava tentando salvá-la.”

Capítulo 34

Eu não presto queixa contra o Sr. Prince.

Eles me perguntam se eu quero, no entanto.

Mas acho que foi apenas uma formalidade. Esta é Princetown; não acho que alguém possa tocar nos Princes.

Eles me perguntam o que eu vi e como tudo aconteceu. Eu lhes falo sobre o tapa do Sr. Prince e a suspeita que tenho sobre o abuso. O pulso da Sra. Prince, que aparentemente está marcado.

A Sra. Prince afirma que eu ataquei o marido dela sem qualquer motivo. Mas eu acho que quando o marido começou a me empurrar, as pessoas já estavam na porta por causa de todo o barulho, correndo em meu socorro, e eles viram o que aconteceu.

Sem mencionar, há outra marca grande de sua mão em suas bochechas maquiadas.

Demora algumas horas para eles me questionarem e me questionarem novamente antes de me deixarem ir. O médico já tinha me esclarecido, dizendo que tudo que eu tinha era um pequeno corte no lábio e que precisava relaxar.

Antes de sair, pergunto sobre Zach e sobre o que vai acontecer com ele.

Um deles me dá uma resposta curta, dizendo que ele vai ficar mais tempo para ser interrogado e isso é tudo que eu preciso saber. O policial que me acompanha me diz a verdade — porque ele é jovem, um novato, talvez, e quando eu digo que sou do lado sul, ele se anima.

“Ele foi violento. Não há dúvidas sobre isso, e ele disse algumas coisas que poderiam ser usadas contra ele.”

“Como o quê?”

Ele olha ao redor e divulga: “Ele fez ameaças contra o pai na frente de testemunhas.” No meu olhar apavorado, ele corre para explicar: “Olha, enquanto o Sr. Prince está vivo e bem, eu não acho que nada vai adiante. Há pessoas que viram você sendo atacada e a maioria delas confirmou que ele estava agindo em sua defesa. É apenas besteira burocrática.”

Ele estava tentando salvá-la.

“Você disse a maioria. Por que não todas?”

Ele franze os lábios.

“É a mãe dele, não é? Ela está insistindo que ele fez isso por maldade.”

Seu silêncio confirma isso.

Deus, essa mulher do caralho.

Antes que eu possa falar mais, eu vejo Maggie e Tina caminhando em minha direção. Ambas parecem preocupadas e, assim que me alcançam, explodem com todas as perguntas.

Elas me puxam para longe do policial e me ajudam a sair do prédio. O prédio onde Zach está detido para interrogatório.

De volta às Plêiades, Tina me coloca na cama e Maggie me traz chá. Ela me dá uma pílula para a dor, que honestamente, eu não sinto nada. Mas eu aceito, no entanto.

Eu não durmo naquela noite. Viro de um lado para outro, pensando onde Zach pode estar. Se ele voltou ou se está bem.

De manhã, descubro que ele está preso, e vai ficar lá até o fim de semana.

Estou na ilha da cozinha quando ouço as notícias e já estou fora do banheiro quando Maggie vem e me para. “Você não vai a lugar nenhum. Você precisa cuidar de si mesma.”

“Mas—”

“Ele vai ficar bem. Fomos até a delegacia, todos os funcionários experientes e fizemos nossa declaração sobre como o Sr. Prince foi abusivo nos últimos anos. Eles não vão manter Zach por nada. Eles estão apenas tentando mostrar sua autoridade.”

Olho para ela em descrença. “Você sabia sobre o abuso?”

Suspirando tristemente, ela me senta. “Sim. Todos os funcionários antigos. Nós sabíamos.”

“Por que você não disse nada?”

“Porque somos apenas... os funcionários. Ninguém teria acreditado em nós. Além disso, a Sra. Prince nunca disse nada e nem deu queixa. Somos nós contra eles. Eles possuem esta cidade. Desta vez, porém, houve testemunhas, evidências. Há marcas em sua pele. Não tenho certeza se isso vai significar qualquer coisa, mas isso despertará suspeitas.”

Então algo me ocorre. Algo horrível.

“Você acha que o pai dele iria fazer acusações contra ele?”

O Sr. Prince está no hospital, mas eles dizem que ele vai ficar bem. Eu nem quero pensar sobre o que aconteceria com Zach se ele não estivesse.

Desta vez, o sorriso de Maggie é ainda mais triste e isso faz meu coração cansado e ferido acelerar.

“Você não entende essas pessoas, Cleo”, ela explica. “Tudo o que eles gostam é de aparências. Quando o Senhor Zach voltou, deram uma festa quando foram eles que o expulsaram. Eles mentiram sobre onde ele foi. Mentiram sobre o abuso, a doença da Sra. Prince. Eles mentirão sobre isso também. Então, será a palavra dos Princes contra o mundo. E este é o mundo deles.”

Ela está certa.

Este é o mundo deles. Eles controlam isso. Escrevem a história. Espalham os rumores.

Eu quero atravessar a fronteira, o limite que me separa deles. Que me levará longe, longe desta cidade de merda e seu povo de merda.

Em toda a loucura, eu me esqueci de dizer a todos que me demiti.

Quando Tina volta do seu turno, faço-a sentar e Maggie — ela tem sido minha babá o dia todo enquanto todo mundo me visitou — e lhes digo. Elas estão felizes por mim. Querem que eu vá e explore. Faça as coisas que eu queria fazer antes de perder meus pais. Só que elas não sabiam que eu tenho medo de fazê-las por tanto tempo.

Só ele sabe.

Passo a noite fazendo as malas. Não que eu tenha muitas coisas comigo, mas ainda assim. Quando eu vou arrumar a camiseta preta que Zach jogou para mim quando ele me expulsou, percebo que a camisola da minha mãe está em seu quarto.

De alguma forma, eu me esqueci disso.

Pensei que me separar da última coisa que pertencia à minha mãe me devastaria. Seria como se ela morresse de novo.

Mas estou bem.

Sua camisola não é ela e nem a nossa casa.

Além disso, eu me sinto meio contente em saber que Zach tem algo meu. Seu instinto seria jogá-la fora. Mas ainda assim.

Quando termino de fazer as malas, sento e escrevo uma carta.

É imprevisível e impulsivo. Mas quando eu começo, não consigo parar.

No dia seguinte, domingo, é gasto dizendo adeus a todos e pegando meu último pagamento. A Sra. S é severa, como de costume. Mas ainda assim, ela diz que eu fiz uma coisa muito corajosa, vindo ao resgate da Sra. Prince.

Ela não diz nada sobre como Zach veio em *meu* socorro, mas tanto faz. Ela não tem o direito de dizer qualquer coisa. Eu não trabalho mais para ela.

Leslie e Grace me abraçam e me dão carinho e me dizem para mandar fotos de todos os lugares que eu visitar.

“Sempre soube que ele gostava de você”, Grace sussurra.

Lágrimas enchem meus olhos e eu aceno. “Sim. Ele gostava de mim.”

Então chega a hora de dizer adeus a um garotinho que vou sentir mais falta: Art.

Passei minha última noite com ele. Assistimos a alguns filmes. Faço as suas panquecas favoritas. Eu leio sua história favorita.

“Onde está Zach?” Ele pergunta.

Um nó se forma na minha garganta e um pequeno suspiro sai que eu consigo cobrir com uma tosse. “Ele está fora. Mas ele estará de volta.”

“Quando?”

“Talvez amanhã.”

“Ele vai embora como você?” Ele pergunta, olhando para mim com olhos inocentes e tristes.

Eu não consigo parar minhas lágrimas agora.

Tecnicamente, Art não é nada para mim. Nós não compartilhamos uma relação de sangue. Eu nem o conhecia antes do ano passado, mas sinto que o conheço desde sempre.

Ele é meu irmãozinho. Meu bebê. Órfão e vítima de bullying como eu. E como eu, totalmente cativado por Zach.

Eu pego sua mão e brinco com seus pequenos dedos. “Sim. Mas você sabe o que?”

“O que?”

Eu beijo o primeiro dedo dele. “Um dia você vai embora também.”

“Eu?”

Eu beijo seu segundo dedo. “Sim. Você vai sair deste município e vai para algum lugar muito legal. Talvez uma cidade grande ou outra cidade pequena onde há lagos e montanhas e há tanto céu e inverno. Neve, talvez. Você gosta de Neve?”

Ele sorri. “Eu nunca vi.”

“Eu sei. Nós moramos em um lugar quente, hein?” Estou no terceiro dedo dele agora. “Bem, então você vai para uma cidade coberta de neve e vai

adorar lá. E você conhecerá todas essas pessoas interessantes e fará amigos.”

“Eles serão como as crianças na escola?”

Coloco um beijo no seu quarto dedo, depois no polegar dele. “Talvez. Os valentões estão em toda parte, sabe. Eles vêm em todas as formas e tamanhos e idades. Mas lembra-se do que Zach disse? Os valentões nunca vão mudar, mas nós vamos. Nós vamos mudar e crescer e um dia, não importa para nós o que eles fazem. Nós seremos nós mesmos. Nossas versões mais fortes e corajosas.”

Ele balança a cabeça, ainda sorrindo. “Sim, seremos tão corajosos, eles não vão nos tocar.”

Finalmente, beijo o centro da palma da mão dele. “Sim.”

É segunda-feira.

O dia em que vou embora e o dia em que soltam Zach.

Estou esperando por ele do lado de fora da delegacia. Ameaça ser uma manhã quente com sol e umidade escaldantes.

Entretanto, lembro que isso não importa. Não vou estar aqui para isso. Vou atravessar a fronteira hoje e ir para o norte. Em algum lugar com inverno e neve para poder enviar para Art todas as fotos.

Meus olhos estão pregados na entrada enquanto espero do outro lado da rua, e assim que se abre e revela o cara que estou esperando, eu pulo do para-choque do meu carro azul.

Os olhos de Zach vão imediatamente para mim e ele faz uma pausa no meio do caminho.

Ele não estava me esperando, suponho.

Oh bem, eu gosto de surpreender as pessoas.

Depois que supera seu choque inicial, ele começa a se mover. Suas longas pernas descem as escadas e atravessam o asfalto até ficar diante de mim.

“Oi”, eu sussurro, esfregando as palmas das mãos suadas ao longo das minhas coxas.

Estou vestindo a minha habitual camiseta com os ombros descobertos e short junto com minhas botas de couro. E ele está em suas roupas da noite

da festa, a camisa branca que está manchada e enrugada e meio enfiada em sua calça preta, o paletó enfiado sobre o antebraço.

“Oi”, ele diz com uma voz rouca e quase inexistente.

“Você está bem?” Eu pergunto e ele dá um aceno de cabeça, a barba espessa em sua mandíbula pegando o sol.

Seus olhos vão para o meu lábio. “Você?”

Toco a pequena parte macia no canto. “Sim. Não é nada.”

Suas narinas dilatadas me dizem que é algo.

“Uh, houve testemunhas que disseram que você veio em meu socorro. Imediatamente.” Eu mudo o peso de um pé para o outro. “Então, hum, obrigada por isso.”

Ele me estuda um instante. “Eu deveria tê-lo matado.”

Meus olhos se arregalam e sondam a área para qualquer policial remanescente. “Não diga isso. Você nem está em casa ainda.”

“É a verdade.”

Eu suspiro, balançando a cabeça. “Não saia por aí matando pessoas por minha causa, ok? Isso dificilmente é um motivo.”

Seu cabelo bagunçado agita com uma brisa muito rara. “Essa é a única razão que pode haver para mim: você.”

Dou um passo para trás, em sua declaração, pressionando minhas coxas contra o para-choque.

Há alguns momentos de silêncio.

Estranho e pesado.

Ouçõ seus sapatos arrastando na calçada, aproximando-se de mim. “Blue, eu—”

“Então, seu pai, ele não vai prestar queixa?” Eu falo antes dele rapidamente.

Não sei o que ele ia dizer, mas eu não quero ouvir.

“Ele não vai”, ele zomba. “Isso é escândalo o suficiente para ele.”

“Você realmente bateu nele anos atrás?”

Um pequeno aceno de cabeça. “Sim. Eu dei alguns socos antes de minha mãe me parar e me expulsar.”

“E agora? Ela vai dar queixa?”

Um sorriso amargo e de coração partido. “Ela não fará algo que ele não fará.”

“Ainda é um segredo? Que ela está doente?”

Ele encolhe os ombros. “Não será por muito tempo. Eles tiveram que movê-la para um centro médico depois daquela noite.”

“Sim. Eles me disseram.” Engolindo, eu digo, “eu sinto muito. Sobre sua mãe. Eu não... não tive tempo de dizer.”

Ele aceita com um aceno de cabeça. “Meu pai. Ele sempre teve problemas de raiva, eu acho. Ou pelo menos ele tinha comigo. Ele não foi muito paciente quando eu era criança. Talvez porque o lembrei de sua própria infância — ele é disléxico também. Nunca conheci meu avô; ele morreu antes de eu nascer. Mas acho que talvez ele não fosse um pai muito bom para o meu pai. Eu não sei. Na noite em que ele atacou minha mãe, acho que foi a primeira vez que bateu nela.”

Balançando a cabeça, ele continua: “Quando eu o puxei para longe dela e lhe dei um soco, ela disse que era minha culpa. Que eu sempre fui uma criança rebelde e fodida e foi por minha causa que meu pai ficou tão estressado. Ela me disse para ir embora. Eu sempre quis ir embora, sempre quis fugir, mas nunca pensei que seria assim. De qualquer forma, saí porque estava envenenando tudo. Estava te contaminando com meu ódio. Estava transformando meu pai em um homem violento, aparentemente. E eu nunca voltaria.”

Quando ele faz uma pausa, eu adiciono um sussurro engasgado: “Mas sua mãe ficou doente.”

“Sim. Nora me ligou e me contou sobre o câncer da minha mãe.” Ele dá uma risada rouca. “Eu me lembro de rir. Lembro-me de ter pensado, *bom; ela merece isso*. Minha mãe nunca veio em meu socorro quando eu era criança. Acho que isso me machucou mais do que o comportamento do meu pai. Ela estava sempre incomodada sobre o quão estressado meu pai ficou por minha causa e como isso afetou seu relacionamento com ele. E no final, foi ela que me expulsou quando eu vim ajudá-la. Eu não tinha intenção de voltar e cuidar dela. Mas algo me fez pular na minha moto e vir.”

Algo parecido com amor.

Eu mordo o interior da minha bochecha até sentir gosto de sangue para me segurar e não desabar na frente dele.

Zach está olhando para mim como se quisesse que eu dissesse alguma coisa. Eu não sei o que ele quer que eu diga. Tudo o que tenho é o que escrevi na carta.

Suspirando, digo-lhe: “Tenho algo a dizer para você.”

Ele me estuda um instante, seus olhos intensos.

Em seguida, ele engole e acena com a cabeça. “OK.”

Alcanço a parte de trás e tiro o envelope do meu bolso. “Eu te escrevi uma carta.” Lambendo o lábio, ele olha para ela. “Porque eu queria anotar meus pensamentos antes de contar para você. Eu sei que você não vai ler. Eu sei disso. Então, vou ler para você. É isso, ok?”

Suas mãos estão em punhos ao seu lado e ele aperta a mandíbula. “Sim.”

“OK.”

Abro o envelope e tiro dois papéis finos. Parece tão curto para a quantidade de tempo que levei para escrever, e ainda assim muito longo, porque agora tenho que ler para ele.

Fungando, eu desdobro as páginas e afasto meus pés para um melhor equilíbrio. Eu já estou tão abalada que uma pequena cutucada e vou cair.

“Ok, então, não é poesia nem nada, mas aqui vai...” Eu começo, *Querido... você, eu te a-amo. Eu sei que você não quer ouvir isso. Você nem quer isso; você já me disse isso muitas vezes, mas eu tenho que dizer isso porque é a minha verdade.*

É a minha verdade desde que eu tinha dez anos. Desde que te vi pela primeira vez na sala de detenção. Eu estava com medo e com fome e estava prestes a chorar. Entretanto, eu encontrei você sentado em um dos bancos na parte de trás. Sua cabeça estava virada e você estava olhando pela janela. Você estava olhando para aquela grande fonte de água com tanta concentração que você nem percebeu quando entrei. Não sei por que você estava olhando-a — embora agora eu saiba que você estava olhando por causa do azul; você ama essa cor. De qualquer forma, senti algo. Bem no meu estômago...

Preciso fazer uma pausa porque, nesse exato segundo, estou sentindo a mesma coisa. O mesmo zumbido que senti todos aqueles anos atrás. As borboletas.

Eu pisco e começo de novo. “*Eu não sabia o que era, não até anos depois, quando cresci e percebi o que desejo ou paixão significava. Tudo o que eu sabia era que queria falar com você. E eu falei. Não deu muito certo. Você foi rude comigo. E você foi cruel. Durante anos, nós lutamos. Durante anos, fomos cruéis um com o outro. Às vezes você mais que eu. Mas, no entanto, fiquei furiosa. Fiquei amarga. Fiquei enjoada. Eu entendo porque agora. Porque eu te amava e queria que você me amasse de volta.*”

Eu fungo e limpo uma lágrima que corre pela minha bochecha. Preciso continuar. Se eu não disser agora, nunca mais poderei dizer.

Não sei o que Zach está pensando. Eu não olhei para ele. Eu mantive meu olhar no papel até agora.

Mas chega de falar sobre mim. Eu quero falar sobre você. Eu quero te contar sua verdade...

A verdade é que você também me ama. Você me ama desde que eu te amei. Quando você se virou e colocou os olhos em mim naquele primeiro dia, senti algo também. Algo que eu senti no meu estômago, você provavelmente sentiu em seu peito. Para mim foram as borboletas e para você, foi uma faísca, talvez. Uma faísca diferente de qualquer outra que você tenha sentido. Aquela faísca que te fez querer ser melhor. Isso fez você querer me salvar de seus amigos e suas brincadeiras. Você não salvou, no entanto.

Porque você vem de um lugar de ódio. Vem de um lugar que te fez pensar que o amor é uma fraqueza. Então toda vez que você sentiu algo por mim, você o esmagou com suas próprias mãos. Você me machucou. Você me fez chorar. Você me fez querer ficar ressentida. E nisso você se ressentia.

Quero que saiba que seu segredo está seguro comigo. Eu nunca direi a ninguém que você cometeu o erro de se apaixonar quando essa era a última coisa que você queria para si mesmo. Eu nunca direi a ninguém que somos feitos um para o outro. Que nossas almas foram feitas uma para a outra. Ou que estamos escritos nas estrelas. Tudo o que vou fazer é observá-las. As estrelas, quero dizer. Toda noite, de onde eu estiver. Tudo o que vou fazer é me lembrar de você e lembrar o tempo que tivemos...

Eu limpo minhas lágrimas novamente. Elas estão caindo nas páginas, deixando gotas grandes, manchando a tinta azul.

Esta é a última parte. Preciso passar por isso, e então eu vou embora. Para sempre. Vou começar minha vida.

É o desejo de todo amante estar com quem amam. Mas nunca vou querer mais tempo com você. Rezarei para que nunca cruzemos os caminhos um do outro. Que este seja nosso último encontro. Porque esse amor que sinto por você, sou muito protetora dele. Eu sei que se eu ficar, você o matará um dia. Você vai tirá-lo de mim. E não posso deixar isso acontecer. Eu quero te amar até o fim dos tempos. Até a lua ficar escura e as estrelas desaparecerem.

Sua, eu.

Minhas mãos estão tremendo quando termino. Minhas pernas também. Minha voz, minha respiração.

Eu nunca senti muita dor antes. É como morrer. Ou, na verdade, é como... viver.

Sem ele.

E ainda nem fui a lugar nenhum.

Ainda estou aqui, de pé diante dele, olhando para seus sapatos, chorando como uma garota estúpida que se apaixonou por ele quando tinha dez anos.

Amasso as páginas em minhas mãos e olho para cima.

O que vejo quase me deixa de joelhos.

Eu vejo um rapaz, um rapaz bonito, mas cansado, que está me encarando como se eu fosse o seu mundo. Sua mandíbula está firme e rígida e seus olhos, seus olhos *escuros*, estão vidrados e avermelhados.

Há tanta vulnerabilidade neles que sinto que nossos papéis foram invertidos.

Como se eu fosse um objeto afiado, uma lâmina talvez, e ele é minha coisa frágil, um lençol feito de seda delicada.

Eu deixo a carta ir à brisa leve que está soprando de alguma forma hoje.

Parece que ele quer dizer outra coisa, mas eu o paro de novo. Porque aparentemente eu não terminei de falar. “Você faria algo por mim?”

“Qualquer coisa.”

Eu sorrio com tristeza, pensando neste cara magnífico, mas tão cínico.

Eu penso em todas as vezes que eu o encorajei a ler, mas, ele ignorava-me. Ele se retiraria, ficaria cauteloso como se estivesse envergonhado. Penso em todos os dias que ele cuidou de sua mãe, mas manteve isso em segredo.

Penso sobre sua raiva, seu ódio. Sua vingança.

“Sabe qual é a sua vingança, Zach? É viver uma vida feliz. Uma vida livre deles e do abuso deles. Uma vida em que você não sinta vergonha ou embaraçado por querer mais para si mesmo. Uma vida onde você cuida de sua mãe ou ajuda um estranho na rua ou tira uma criança de um buraco. Uma vida onde você lê um livro e se orgulha disso. Eu quero que você viva essa vida, Zach, ok? Tente viver essa vida por mim. Porque a alternativa é dolorosa demais para eu compreender.”

E então, eu não aguento mais.

Eu tenho que sair ou vou ficar louca, de pé aqui, observando-o. Tão quebrado e ferrado em algum tipo de sonho.

Eu corro para o lado do motorista do carro, entro e ligo. Empurro o acelerador e saio, tudo em uma respiração suspensa.

Não olho no espelho retrovisor, não até que eu esteja prestes a fazer uma curva e eu sei que ele vai desaparecer da minha vista para sempre.

Ele está lá, onde eu o deixei.

Seu paletó está no chão e suas mãos estão soltas em seus lados, e ele está me observando sair de lá enquanto seu cabelo balança na brisa rara.

Depois dessa última olhada nele, não há nada.

Existe a minha vida sem ele.

Apenas o pensamento disso me faz querer vomitar. Embora eu saiba que também é minha fobia do carro.

Estaciono o carro, saio dele e vomito na calçada.

O tempo todo pensando que eu estupidamente não o beijei uma última vez.

Estúpida, garota estúpida.

Capítulo 35

O Príncipe das Trevas

Eu vou atrás dela.

Não porque ela é minha, mas porque eu sou dela.

Porque ela sabia disso antes mesmo que eu soubesse.

Depois que ela se foi, eu vou para os papéis que ela soltou no vento leve. Eu os apanho da rua, amassados e quase rasgados, e os dobro, reverentemente, antes de guardá-los.

Sempre soube, desde o momento em que a vi, que ela é linda. Ela é magnífica com suas bochechas arredondadas, queixo macio e aqueles olhos azuis cheios de alma. Ela é doce de uma forma que eu sempre desejei mesmo quando eu destruí isso com minhas ações.

Mas ela nunca esteve tão bonita do que na época, com o sol brilhando em seu cabelo azul e ondulado, lendo sua carta em voz alta para mim.

Ela nunca foi mais corajosa, mais doce, mais vulnerável e mais parecida com a garota que eu não mereço.

Mas eu não posso deixá-la sozinha.

Eu não vou deixá-la sair pelo mundo, pensando que está sozinha. Que ninguém sabe quem ela é ou qual é o nome dela.

O nome dela é Blue e ela é a garota que eu amo. Desde que eu tinha doze anos.

Eu corro de volta para a mansão, arrumo minhas roupas. Eu trago suas sandálias azuis de muito tempo atrás, ainda cheias de sangue seco, e sua camisola.

Desço as escadas e corro para a ala dos empregados. Encontro Nora na sala dos funcionários com provavelmente todos os membros da equipe que existe em Plêiades.

Mas isso não me impede de entrar e declarar: “Estou indo embora, mas quero que você me ligue se a condição de mamãe piorar, tudo bem?”

Acho que surpreendi a todos com minha entrada repentina, mas não tenho tempo para o choque. Quando Nora apenas me observa com a boca aberta,

eu me dirijo à sala, de modo geral. “Minha mãe, ela tem câncer. Câncer de ovário. Ela não tem muito tempo e, bem, eu voltei porque eu queria...” Engulo, palavras ficando grossas e desajeitadas na minha boca. “Eu queria estar com ela em seus últimos dias.”

Há silêncio.

Eu aceito. Aceito o silêncio de olhos arregalados.

Na minha cabeça, eu sempre pensei que se eu dissesse que estou aqui pela minha mãe, pela mulher que me expulsou e nunca se importou comigo o suficiente para se incomodar com o meu paradeiro nos últimos anos, as pessoas olhariam para mim com pena. Especialmente os funcionários que sabiam como era para mim enquanto crescia.

Eu pensei, para eles, eu pareceria fraco. Que me tornaria fraco.

Mas nos dois dias em que fiquei preso, pensei em como Blue me amava. Como ela me disse que era minha, mesmo depois que eu repeti meus erros de St. Patrick e não a salvei dos jogos infantis de Ashley. Como ela estava orgulhosa enquanto estava de joelhos, limpando a bagunça.

Ela é a pessoa mais forte que eu conheço e ela perdoou meus crimes há muito tempo. Ela me deu sua confiança, seu corpo, seu amor.

Então talvez perdoar o seu valentão não o deixe fraco.

Talvez isso te faça corajoso. Você fica um pouco mais perto de ser invencível.

Nora se levanta da cadeira e pergunta: “Onde você está indo?”

“Eu vou atrás dela.”

Ela ainda está confusa, mas eu não tenho tempo para explicar. Eu me volto para Maggie. “Onde ela foi?”

Maggie me dá um olhar severo de onde ela está sentada no meio da mesa. “Deixe-a em paz. Ela já sofreu o suficiente.”

“Apenas me diga onde ela foi.”

“Por quê? Então você pode machucá-la um pouco mais? Ela está chorando há três dias agora. Eu pensei que ela estouraria os olhos.”

Esfrego um ponto no meu peito.

Você sentiu uma faísca, provavelmente em seu peito.

“Diga-me para que eu possa melhorar.”

Maggie me observa com os lábios franzidos. Na verdade, toda a sala está me observando.

“Maggie”, eu rosno.

“Bem. Ela disse que estava indo para o norte. Ela quer ir a algum lugar com neve. Isso é tudo que eu sei.”

Norte.

“Ok, obrigado.” Então, eu olho para Nora. “Obrigado por tudo o que você fez por mim.” Para Maggie, “Você também.”

Depois disso, estou correndo.

Não paro até chegar à minha moto e vou atrás dela.

Capítulo 36

Alguém está me seguindo.

Ou pelo menos, parece que sim.

Estou perdendo a cabeça, acho. Talvez eu queira que alguém me siga. Alguém como ele. É loucura.

Estou louca.

Primeiro de tudo, como ele saberia onde eu estou? Eu nunca disse a ele para onde estava indo. Isso não fazia parte do plano. Ele está de volta a sua mansão, provavelmente dormindo ou lavando a sujeira da cadeia antes de ficar com sua mãe.

E em segundo lugar, eu não quero que ele me siga. Quero que ele me deixe em paz e morrer em paz, ou pelo menos deseje a minha morte em paz.

Então, perdi a paz, assim que perdi os limites da cidade no meu espelho retrovisor.

Eu tenho dirigido de forma lenta e superficial.

As rodovias são largas e os veículos são mais largos. Eles estão correndo como se fossem me acertar e uns aos outros.

Nas primeiras horas, tomo cada parada de descanso e vomito todos os meus órgãos.

Então fico com fome. Voraz. Em seguida, eu paro em uma lanchonete e carrego basicamente tudo. Batatas fritas, hambúrgueres, fatias de pizza e cachorro-quente. Eu tenho refrigerante. Água. Suco. Wafers, salgadinhos e doces.

Deus, muitos doces.

Eu tenho mais comida do que bagagem.

Sento-me no estacionamento e me empanturro com balas de goma enquanto observo as pessoas pela minha janela. Todos parecem felizes, como se estivessem na melhor viagem de todos os tempos. Acho que eles não sabem qual é a sensação quando você dirige para longe de tudo que já conheceu.

A única pessoa que pode se identificar com isso é aquela que estou fugindo. E o mais engraçado é que ele nem se importa. Ele nem sequer virá atrás de mim.

Mais uma vez, não que eu queira que ele venha.

Ou melhor, isso no final do dia, quando estou cansada e exausta, posso admitir que quero, mas não posso querer isso.

E isso só me faz chorar.

Então fico naquele estacionamento por cerca de uma hora, engolindo doces e soluçando de tristeza, caída sobre o volante.

Quando estou sem lágrimas, percebo que há uma sensação de formigamento na parte de trás do meu pescoço.

Muito forte, é quase uma coceira.

Isso me tira do carro e eu olho em volta. Há quilômetros e quilômetros de estrada e céu infinito, e todos os rostos que não reconheço.

Suspirando, volto para dentro, ligo o carro e saio de lá.

Eu dirijo pelo resto do dia, parando aqui e ali. Quando o sol está se pondo, estou acabada. Eu não aguento mais. Encontro um motel no meu GPS e estaciono.

Na recepção, pego um quarto para a noite e levo minha bagagem pelas escadas. Sem qualquer obrigação de economizar para a minha casa, tenho dinheiro suficiente para passar alguns meses. Preciso encontrar algo depois disso, mas não estou preocupada com isso agora.

Agora só quero dormir.

Deslizo a chave na fechadura e abro o quarto. As paredes são bege acastanhado e tem uma cama de casal com lençóis brancos e um cobertor marrom escuro.

Tomo um banho rápido e coloco um short limpo e uma camiseta macia — bem, a camiseta *dele*. Acho que cheira como ele: musky e torta de mirtilo. Ela me cobre até o meio da coxa e cai ao redor dos meus ombros e peito.

Mesmo que eu tenha mais comida do que posso suportar, eu ainda decido ir até a máquina que vi no final do corredor.

Só que a máquina estúpida está quebrada.

Aperto os botões, mas nada acontece.

Olhando para ela, eu murmuro: “Seu pedaço de merda estúpida.”

Então eu rosno e a sacudo.

“Eu quero o meu maldito chocolate, sua idiota.”

Eu a chuto para completar.

“Não acho que você vá conseguir doces dessa maneira.”

Essa voz me faz girar para a direita, mesmo quando perco a coordenação em meus membros. Quase caio na máquina que tenho abusado quando o vejo.

“Você...” Expiro, olhando para ele como se fosse um fantasma.

Estou sonhando?

Eu dormi ao volante? Ou talvez eu esteja na cama do motel agora.

“Oi.”

Sua voz rouca me faz sentir muito acordada, no entanto.

Super, hiper-acordada. Como se eu pudesse ouvir todos os sons, o zumbido da luz do teto, os tons baixos da televisão em algum lugar.

“O que... como... você tem me seguido o dia todo”, eu consigo dizer enquanto meus olhos não conseguem parar de devorá-lo.

Parece que foi há séculos, embora eu só o tenha visto esta manhã. Com as mesmas roupas.

Exceto, essas roupas estão ainda mais amarrotadas. Suas mangas estão dobradas até os cotovelos, expondo seus antebraços bronzeados e sua tatuagem. Seus sapatos estão cobertos de lama e suas calças também. Sem falar na camisa amassada e o colarinho bagunçado.

“Sim.”

Ele está fazendo o mesmo, me devorando. Seus olhos subindo e descendo, olhando meu cabelo molhado que está deixando cair gotículas no carpete e encharcando a parte de trás da camiseta que estou usando.

Sua camiseta.

Agarro a bainha e ele percebe minha torção nervosa. Levantando os cílios, ele diz: “Fica bem em você.”

Engulo, lembrando como ele deu para mim. “É por isso que você escolheu?”

Não há veneno na minha voz, mas ele ainda se encolhe.

“Escolhi porque eu queria que você tivesse algo meu. Só estou percebendo agora.”

Suas palavras sempre me deixaram agitada. Infelizmente, alguns quilômetros de distância não mudaram isso. Não acho que nem mesmo anos-luz poderiam mudar isso.

Sinto as primeiras batidas das borboletas na minha barriga e é muito inconveniente quando estou tentando manter minha distância.

“Como você sabia onde eu estava?”

“Maggie.”

“O que?”

“Ela me disse que você estava indo para o norte. Há apenas uma rodovia fora da nossa cidade e você dirige muito devagar.”

“Eu não dirijo devagar”, eu deixo escapar, a primeira coisa que consigo agarrar para que eu possa de alguma forma quebrar a intensidade nadando em seus olhos.

Não.

A intensidade ainda está lá quando ele responde, como se estivesse ciente de como eu estou tentando apenas falar bobagem para difundir essa tensão entre nós.

“OK. Todo mundo é mais rápido então.”

“Quero que você saiba... que...” Eu limpo a garganta e coloco uma mecha molhada atrás da orelha. “Eu recebi toneladas de multas por excesso de velocidade, ok? Eu costumava ser uma ameaça no lado sul.”

Seus lábios se contraem com o meu comentário estúpido. “Não duvido disso.”

Quantas vezes eu beijei essa contração no passado?

Na verdade, até a semana passada, eu estava beijando cada centímetro de sua pele.

Que porra aconteceu? Por que estamos tão distantes?

Certo.

Porque eu disse a ele que o amava e ele me disse que eu era patética.

“Por que você estava me seguindo?”

“Para você não ter que ficar sozinha”, ele responde em uma voz séria com olhos igualmente sérios.

“Sozinha?”

“Sim.” Eu vejo o pomo de Adam dele balançando. “Assim você conheceria pelo menos uma pessoa, não importa aonde vá. E pelo menos essa pessoa saberia seu nome.”

Meus membros, meus dedos dos pés e das mãos, eles se enroscam. O peso de sua declaração é demais. Invoca muitas lembranças.

Da noite que eu pulei na água para ele.

Parece outra vida. Eu fui tão corajosa, tão imprudente.

Pensei que nada poderia prejudicar meu amor, apenas para perceber que uma coisa poderia.

Ele.

Ele poderia machucá-lo. O cara por quem estou apaixonada.

Suspirando bruscamente, eu digo: “E daí? Você vai me seguir onde quer que eu vá?”

“Esse é o plano.”

Zach diz isso tão casualmente que me deixa louca. “É um plano estúpido.”

“Bem, é o único que eu tenho.”

“Ouça—”

“Eu sei como é, Blue.” Sua voz apaixonada me interrompe. “Estar sozinho em um lugar, um lugar grande e desconhecido, onde ninguém te conhece. Fode com sua cabeça. Isso te deixa cínico e duro. Isso te faz pensar que não importa aonde você vá, quem conhece, você sempre estará sozinho. Isso faz você sentir muita saudade de casa. Faz você se sentir como se nunca encontrasse um lugar onde pertence. Eu não vou deixar isso acontecer com você. Você é muito doce para isso. Muito boa e brilhante. Não vou te deixar sozinha em um mundo que é cruel e bagunçado.

Ele para de falar por alguns segundos agora.

Eu contei suas inspirações, os longos tragos desde então. Sete. Ele inspirou sete vezes desde que ele me estrangulou com suas palavras.

Minhas mãos estão em punhos ao meu lado, meu cabelo pingando água. Eu gostaria de poder cair no chão assim, como água, e me tornar nada.

Seu olhar, suas palavras, seu cheiro... ele. Tudo é demais.

Está me puxando, me fazendo sentir saudades de casa. Exatamente como as palavras dele agora.

“Eu não sou...” Eu balanço a cabeça. “Eu não sou sua responsabilidade.”

“Você é minha vida.”

Minhas coxas apertam.

Meu corpo inteiro aperta.

Em autopreservação? Em amor? Eu não sei. Tudo o que sei é que preciso me afastar dele.

“Sim?” Engulo minhas lágrimas. “Então você vai me proteger do mundo.”

“Sim.”

“Mas quem vai me proteger de você?”

Sua resposta é um estremeção e um aperto de sua mandíbula.

Suspirando, eu saio.

Alguns minutos depois, quando estou me acomodando na cama, ouço uma batida; sei que é ele. Eu não abro. Agarro os lençóis e olho para a porta marrom.

Minutos se passam, mas a segunda batida não é imediata.

Lentamente, saio da cama e giro a maçaneta. Ele não está lá. Ninguém está.

Mas aos meus pés está um saco de papel marrom e dentro dele, há chocolate suficiente para durar por dias.

Capítulo 37

Ele me segue todos os dias.

Toda vez que olho no espelho retrovisor, ele está lá.

Sempre presente, com seu capacete, seu corpo curvado sobre sua moto, fazendo-o parecer tão sexy e completamente masculino.

A primeira vez que eu paro em uma área de descanso porque estou nauseada, Zach também para. Ele me segue até o banheiro feminino e quando eu saio me sentindo um pouco melhor, mas muito cansada, ele me espera com guardanapos e refrigerante.

“Você está sendo ridículo”, eu digo fracamente quando eu termino de limpar minha boca e beber um pouco do refrigerante.

Ele me observa com uma expressão preocupada. “Acho que você precisa relaxar hoje. Encontre um motel e simplesmente descanse.”

O sol está forte e Zach está diretamente na frente dele, brilhando como uma estrela. Ele está de volta em suas roupas velhas, camiseta escura surrada e jeans desbotados com botas gigantescas.

Olho para ele. “E eu acho que você deveria estar em outro lugar. Em uma parte diferente do mundo.”

Seus lábios sorriem levemente, mas seus olhos permanecem estoicos. “Estou exatamente onde eu deveria estar.”

Frustrada, empurro a lata de refrigerante no seu abdômen, derramando um pequeno respingo no processo. “Bem. Seja desse jeito. *Nesta* parte do mundo, não há empregadas domésticas.” Eu gesticulo para a camiseta dele. “Você tem que limpar isso sozinho.”

Agarrando a lata, ele encolhe os ombros. “Acho que posso lidar com isso.”

Acho que ele pode.

Esse é o problema. Ele pode fazer qualquer coisa que coloca na cabeça.

E agora, parece que ele está decidido a me seguir.

Quando paro para comer, ele também para. Quando paro para gasolina? Sim, ele está lá também. Quando eu entro em um motel à noite, ele está logo atrás de mim.

Quanto mais longe ficamos de Princetown, mais fria fica a temperatura. O sol está sempre lá, mas está à espreita no fundo.

Como Zach.

Ele não tenta falar comigo ou se aproximar de mim, exceto quando estou ficando doente nas paradas de descanso. Que parece ter diminuído por completo.

O cheiro do meu carro, os assentos de couro, as estradas. Não me assustam mais. Estou de volta a ser eu mesma antes dos meus pais morrerem. Acho que forcei minha fobia para longe.

Ou talvez eu esteja com medo de outra coisa agora.

Um certo cara alto, moreno e bonito que não para de me seguir.

Depois de dias dirigindo sem rumo, decido parar em um lugar aleatório.

Chamado de Blue Dot.

Bem, tem azul no nome, então talvez não seja nada aleatório.

É mais ao norte e está localizado entre as montanhas. Dizem que neva lá no inverno e os verões não são tão quentes quanto Princetown.

Chegamos lá alguns dias depois. Eu digo “nós” porque Zach ainda não me deixou.

Já faz um pouco mais de uma semana depois de tudo e ele esteve lá como uma sombra.

Eu não confio nele. Não confio que ele não vai ficar entediado e sair depois de um tempo.

Por que ele ficaria? Ele tem uma vida em Nova York. Um apartamento, companheiros de quarto. Um trabalho que ele gosta e é bom.

Você é minha vida.

Eu sei que ele disse isso. Eu *sei*.

Mas não consigo acreditar nessas palavras. Não consigo. Não depois de tudo o que ele fez e como insensivelmente rejeitou meu amor.

Paramos em um restaurante para comer assim que chegamos ao Blue Dot.

Sento-me em uma extremidade do bar e ele senta no outra. A garçonete é jovem e faladora, e eu e ela iniciamos uma conversa.

Quando eu digo a ela que eu poderia ficar aqui por um tempo, ela me diz que eles estão contratando. Ela também indica uma pensão, uns quarteirões abaixo daqui.

A cidade é pequena, menor que Princetown, mas eu gosto. Está frio aqui. O inverno está em pleno vigor. Tem vento. Ah, e há um lago também. É tão

azul que eu me apaixono por ele no primeiro momento em que o vejo. Tipo como eu me apaixonei por Zach.

No dia seguinte, chego ao restaurante às sete e ele está lá.

Deus, ele não dorme? Não tira um dia de folga ou algo assim?

A garçonete que me contou sobre esse trabalho me orienta sobre tudo e me diz qual seção será minha nesse dia.

E quem diria? Zach já está sentado lá.

Caminho até ele. “O que você está fazendo aqui?”

Ele inclina o queixo para o cardápio. “Eu amo o café aqui.”

“Você ama o café.” No seu aceno, eu continuo: “Você nunca tomou café aqui.”

“Eu tomei alguns ontem.”

“Não, você não tomou. Você comeu um hambúrguer e um pedaço de torta. Eu vi.”

Quando ele sorri, percebo que não deveria ter dito isso. Isso me faz parecer uma stalker assustadora. Uma perseguidora de nível cinco.

Ele cruza os braços sobre a mesa e acena com a cabeça. “Sim, você me pegou. Estou aqui apenas pela torta.”

Eu descanso a mão no estande e inclino o quadril. “Você vai me ver trabalhar o dia todo?”

Os raios de sol iluminam sua mandíbula e atravessam seu cabelo, fazendo-o parecer tão bonito que preciso respirar fundo e me recompor.

Não ceda, Cleo. Não ceda.

“Não. Mas eu posso, se você quiser.”

“Você sabe o que eu quero.”

“Bem, então eu voltarei no almoço.”

Suspirando, eu fico ereta. “E então? Torta. Esse é o seu pedido?”

“Uh-huh. E uma xícara de café para acompanhar.”

Finjo escrever no meu novo bloco. “Um pedaço de torta e café com um pouco de cuspe, chegando.”

Quando me viro, ouço-o dar uma risada que derrete como manteiga em meus ossos, e sei que preciso ser forte.

Muito mais forte, na verdade, do que eu tinha planejado, porque depois disso, Zach aparece às sete horas toda manhã, pede a mesma coisa e simplesmente me observa atarefada.

Isso lembra muito de quando ele voltou pela primeira vez. Ele me viu indo para a mansão de manhã ou às vezes nos corredores, usando meu uniforme.

Ele está fazendo a mesma coisa aqui.

Ele me observa trabalhando, anotando pedidos, entregando comida, conversando com os fregueses, tudo com meu uniforme de camiseta vermelha e short preto. E como em Plêiades, sinto seu olhar em mim desde quando ele se senta na cabine até sair uma hora depois.

Odeio que ele esteja fazendo isso.

Odeio que ele esteja dificultando ficar longe dele.

Cada dia que passa fica mais difícil resistir a ele. Resistir a seus olhos intensos, seu foco singular em mim. As coisas que ele diz mesmo quando não está falando.

Porra, eu odeio seus silêncios repletos de intensidade.

Às vezes eu acho que estou sendo idiota.

Eu o amo, não é?

O que importa se ele não quer isso? O que importa se ele rejeita meu amor a todo o momento e me machuca?

Eu aceito.

Eu vou aceitar tudo, se eu puder andar até ele e tocar aqueles fios escuros e aveludados. Se eu conseguir segurar a mão dele ou acariciar aquela mandíbula dura. Se eu conseguir beijá-lo, cheirá-lo, fazer amor com ele.

Entretanto, e se ele me rejeitar de novo e de novo, tantas vezes que eu me torne amarga? Que eu sinta raiva e ódio. Exatamente como em St. Patrick's.

Não posso fazer isso.

Não posso odiá-lo quando sei como é amá-lo.

Não posso deixá-lo matar meu amor.

Então, vou esperá-lo cansar. Ele não pode me seguir para sempre, certo? Não pode ir ao restaurante todos os dias pelo resto da vida.

Acontece que estou certa.

Depois de vir todos os dias durante cerca de uma semana, ele para.

Uma manhã, ele não vem. Preocupada, eu vejo o relógio e pulo toda vez que a porta se abre e um novo cliente chega.

Zach nunca aparece.

Eu passo o dia alternadamente me preocupando com ele, pensando que algo aconteceu com ele, e com raiva que ele desistiu tão facilmente.

O que é uma estupidez. Eu queria que ele desistisse. Queria que ele fosse embora e me deixasse em paz. É uma coisa boa.

Posso finalmente começar minha vida agora, sem o passado. Sem ele.

Na manhã seguinte, quando ele não aparece de novo, eu decido que não vou nem olhar a porta. Não. Eu não vou agir como uma viciada, não importa o quanto eu queira. Ele não vai me reduzir a isso.

No entanto, eu o vejo pela janela.

Ele está do outro lado da rua, caminhando pela calçada. Apressadamente, eu vou até minha chefe e peço a ela cinco minutos de intervalo, mesmo que eu tenha acabado de começar. Eu já saí pela porta, puxando minha jaqueta porque Jesus Cristo, está frio, antes mesmo de ela confirmar.

Caminho para o outro lado da rua e sigo atrás dele. Eu não sei o que vou dizer a ele quando o alcançar, mas tenho que ver para onde ele está indo.

Idiota.

Ele é tão idiota, não é? Ele me fez pensar que esperaria por mim para sempre. Que ele não cederia, não importa quanto eu o afastei.

Mas olhe para ele agora. Caminhando pela calçada todo despreocupado.

Ok, isso pode ser um exagero. Ele não está passeando, mas está rápido, como se estivesse com pressa.

Finalmente, ele para em uma oficina na esquina.

Ofegante, eu também paro.

É quando percebo as roupas que ele está vestindo. Um macacão cinza escuro — um uniforme.

Por que ele está vestindo um uniforme?

Lentamente, eu avanço, absorvendo tudo. Há um escritório com uma placa no topo, dizendo Blue Dot Oficina Inc. Ao lado uma área grande, com alguns carros estacionados dentro, junto com algumas motos.

Zach é parado por um cara que está tomando café, enquanto ele conversa com ele. Ele está usando o mesmo uniforme que Zach.

Inspirando ruidosamente, eu os vejo juntos. Até o cara me ver e alertar Zach da minha presença.

Ele gira, e imediatamente há uma carranca no rosto. “Blue?” Ele se desculpa com o cara e caminha até mim. “O que você está fazendo aqui? Está tudo bem?”

Há um logotipo no lado direito do peito, com o nome da loja. “Você não veio ao restaurante.”

“Sim.” Ele coça a testa com o polegar. “Fiquei aqui o dia todo ontem. Aparentemente, eles estão atolados de serviço. Um cara saiu e eles não tinham um substituto.”

Eu simplesmente pisco para ele, para sua explicação.

“Mas eu ia aparecer para o almoço hoje”, ele termina, me observando atentamente.

“Pensei que algo tivesse acontecido com você. Eu estava preocupada.”

Zach sorri levemente. “Estou bem, Blue. Apenas trabalhando.”

Olho para a loja mais uma vez. O cara conversando com Zach foi embora. Parece que somos as únicas duas pessoas aqui agora.

Olhando para trás, pergunto: “Você está trabalhando aqui?”

Ele ri. “Foi o que eu disse.”

“Por quê?”

“Bem, eu percebi que sou bom com motos. E eles pareciam realmente desesperados. Então por que não. Além disso, vem com um apartamento.”

“Apartamento?”

“Sim. Lá em cima, na verdade.” Ele inclina o queixo e eu me viro para ver um apartamento no segundo andar, do outro lado da rua. Há uma pequena cafeteria no andar de baixo.

“Eu estava pensando”, ele continua e eu o enfrento. “Você poderia ficar comigo. O apartamento é muito grande. Eu poderia ficar no sofá.”

“Você vai ficar no sofá.”

“Sim. É um sofá-cama. Ele abre. Tem que ser melhor do que a pousada em que você está hospedada e—”

“Pare de falar”, digo a ele, finalmente saindo do meu estupor.

Zach franze a testa como se ele estivesse confuso.

Ele está confuso? Eu estou em choque aqui.

Em choque.

“O que você está fazendo?” Eu pergunto com os dentes cerrados.

“Como assim?”

“Como assim, digo eu.” Eu digo, histericamente. “Você acabou de me pedir para morar com você?”

“Bem, sim. Como eu disse, o apartamento tem muito espaço.”

“Muito espaço. Certo.” Balançando a cabeça, olho para o chão e me recomponho. “Por que você tem um emprego? Por que você tem um apartamento?”

“Eu não posso ficar no motel para sempre. Onde você sugere que eu durma?”

Jogo as mãos para cima. “Em Nova York. Você tem todas essas coisas em Nova York. Um apartamento. Um trabalho que você me disse que gostava e que é bom. Sua vida está em Nova York.”

Lançando-me um sorriso torto, ele dá de ombros. “Eu não tenho nada lá que não seja substituível. E eu te disse.”

“Disse o que?”

A brisa fria agita seu cabelo espetado quando ele diz: “Você é minha vida.”

Suas palavras têm mais impacto neste momento. Talvez porque agora eu possa ver o que ele quer dizer com isso. Ele está me mostrando ao reorganizar sua vida ao meu redor.

Elas me atingem no estômago e as borboletas enlouquecem. Eu sinto suas asas afiadas batendo, fazendo tudo sangrar dentro de mim.

Envolvo meus braços em minha cintura, tentando acalmá-las. “Por que você está fazendo isso?”

“Fazendo o que?”

“Por que você não me deixa em paz?”

Há um leve rubor em suas bochechas. Acho que é cortesia do clima mais frio aqui. E ele nem usa um casaco.

Nem sei como estou pensando nisso quando algo muito mais importante está em jogo.

“Porque eu não quero que você fique sozinha. Ou com medo”, ele diz com a mandíbula cerrada.

“Eu não estou sozinha”, eu deixo escapar, olhando para ele.

Nós estamos a poucos centímetros de distância um do outro, mas enquanto conversamos, nos aproximamos. Posso sentir o calor do corpo dele, o cheiro, me envolvendo, parando os calafrios causados pelo clima.

“O que?”

Eu lambo os lábios. “Eu encontrei um cara.”

“Um cara.”

“Sim.” Eu aceno. “Ele veio ao restaurante ontem. Sentou na minha seção. Ele me disse que eu era linda e quando eu disse que eu era nova na cidade, ele se ofereceu para me mostrar. Então, vamos sair neste fim de semana.”

É mentira. Obviamente.

E até mesmo dizer isso está me fazendo querer vomitar, mas eu tenho que dizer.

Zach está de pé aqui, todo tenso e corado com o frio. Seus olhos negros me observam com cuidado.

“Você vai estragar o meu encontro?” Eu pergunto quando ele não diz nada.

A veia do lado do seu pescoço pulsa. “Você quer que eu estrague seu encontro?”

Eu me aproximo por algum motivo, juntando as pontas de nossas botas.

“Não.” Eu balanço a cabeça uma vez, olhando em seus olhos. “Você quer me vigiar, certo? Você não vai me deixar em paz. Então eu quero que você me veja no meu encontro. Quero que você me veja enquanto alguém me faz sorrir. Me faz rir. Enquanto alguém segura minha mão, me dá um beijo de boa noite no final da noite. Eu quero que você veja tudo isso, Zach.”

Suas narinas dilatam e a cor em suas bochechas se aprofunda. Acho que é de raiva, e não do frio.

“É isso que você quer, não é? Me observar. É por isso que você não vai embora. O que você acha que vai acontecer? Acha que eu sempre ficarei sozinha?” Eu zombo: “Você é meu primeiro amor. Às vezes, acho que você será o único amor da minha vida. Mas isso não significa que não ficará mais fácil. Que não vou encontrar alguém com quem vou querer passar o resto da minha vida. Eu quero isso, você sabe. Talvez eu não o ame como eu te amo. Talvez ele não faça meu coração bater mais rápido ou não faça as borboletas explodirem no meu estômago. Mas tudo bem. Eu quero uma casa. Eu quero bebês. Eu quero um futuro, Zach. Talvez esteja tudo bem para você viver no passado, mas quero construir minha vida. Eu quero pertencer a algum lugar. A alguém.”

A você.

Oh Deus, como eu desejo isso. Como eu gostaria de pertencer a ele. Como eu gostaria que ele pertencesse a mim.

Mas acho que algumas histórias estão apenas condenadas. Elas não têm uma vida, não importa o quão vivas pareçam.

Zach engole e abaixa a cabeça. Ele observa o chão por cerca de cinco segundos, os cinco segundos mais longos da minha vida.

Nesses cinco segundos, acho que ele entende. Ele finalmente entende o que estou dizendo.

Nesses cinco segundos, estou em pânico de que ele vá embora. E aliviada que não me machucarei todos os dias ao olhar para ele e não poder tocá-lo.

Em seguida, ele olha para cima e seus olhos estão vidrados. Vulneráveis. Transbordando de emoções.

“Lembrei-me de algo no outro dia”, ele começa. “Quando eu estava naquele buraco, eu estava com medo. Eu pensei que ninguém me encontraria. Eles nem sequer se incomodaram em procurar. Eu era um pé no saco. Por que eles me procurariam? Então eu fiquei lá, observando o céu. Parecia que eu estava em algum lugar profundo. Estava quente e abafado e o céu parecia tão distante. E, de repente, eu vi uma estrela cadente. Foi rápido. Apenas um lampejo, mas foi o suficiente para fechar os olhos e fazer um desejo.”

Ele ri. “Vai mostrar como eu estava desesperado. Eu não acreditava em desejos. Sabe o que eu desejei?”

Sem palavras, eu balanço a cabeça.

“Eu queria alguém que se importasse comigo. Alguém que me amasse. Que iria me aturar e todas as coisas destrutivas que eu me sentia compelido a fazer. Eu desejei alguém suave. Alguém brilhante e reluzente. Mas mais do que isso, eu desejei alguém para quem eu pudesse ser melhor. Eu desejei você. E então, eu te encontrei, mas eu estava muito cego para ver. Estava muito zangado e envolvido em mim mesmo para perceber que você era isso. Que você era uma estrela. Não importava quanta sujeira eu jogasse em você, você continuava brilhando. E eu continuei vendo você fazer isso.”

“Vai me destruir vê-la pertencer à outra pessoa. Eu vou morrer um pouco todo dia se você der seus sorrisos para ele. Vai me destruir vê-la construir um futuro com ele. Um futuro que eu poderia ter tido com você, mas eu estava muito fodido para alcançar. Mas eu vou te observar, não importa o que aconteça. Na sua carta, você disse que vai olhar às estrelas todas as noites. Bem, você é *minha* estrela, Blue. Não posso *deixar* de te ver. Sempre achei que o amor fizesse sangrar. Mas acho que tudo bem. Eu vou aceitar. Se você estiver feliz com outro cara, Blue, eu vou aceitar o sangramento. Porque eu te amo.”

Bem na minha frente, Zach fica mais alto. Mais amplo. Seu corpo se torna mais rígido. Os tendões em seu pescoço se destacam, aquela veia pulsando.

Ele está crescendo na minha frente, tornando-se mais forte de alguma forma, e tudo que posso fazer é testemunhar isso em silêncio. Chorando.

E quando ele coloca a mão em mim, eu não posso pará-lo.

Eu não quero. Eu perdi toda minha força. Não tenho mais nada em mim, exceto... ele.

Ele está correndo em minhas veias e batendo no meu peito.

“Estou apaixonado por você, Blue”, ele sussurra, seus polegares enxugando minhas lágrimas. “Você estava certa. Mas não começou naquele dia. Não começou na sala de detenção. Tudo começou há muito tempo, provavelmente naquele buraco. Talvez até antes de eu nascer. Eu não te amo há anos, eu te amo por toda a vida. Porque eu não te amo apenas com meu coração. O coração é apenas um órgão. Pode ser arrancado do corpo, pisado, esmagado e transformado em papa. Eu não te amo com todo meu coração. Eu te amo com toda minha alma. Você está no meu âmago. Você é minha maldita essência. E ninguém pode tirar isso de mim. Nem mesmo a morte.”

Ele encosta a testa na minha e estou soluçando.

Estou uma bagunça.

Eu sou uma bagunça tão foda que é embaraçoso.

É tão ruim que Zach precisa me segurar em seu peito quente e duro, e eu enrolo meus braços nele, me agarrando a ele como se estivesse me afogando.

Não tenho ideia de quanto tempo eu babo em cima dele, mas finalmente, minhas lágrimas secam e eu me afasto para olhar seu rosto.

Traçando suas maçãs do rosto, eu sussurro: “Está frio.”

Seus lábios se contraem. “Eu sei.”

“Por que você não está vestindo um suéter? Uma jaqueta.”

Ele olha para minha jaqueta. É azul e fofa, a primeira coisa que comprei para mim no dia em que chegamos. “Eu acho que esqueci.”

Agarro o uniforme dele. “Você é um idiota.”

“Eu sou.”

“Eu arruinei seu uniforme.”

Ele olha para a mancha úmida em seu peito. “Eu fiz você chorar.”

“Você está sempre fazendo isso.”

Na minha declaração, ele me olha antes de recuar.

Em seguida, ele tira o meu fôlego quando fica de joelhos.

“O que você está...” eu pergunto. “O que você está fazendo?”

Olhando para cima, ele diz: “Fazendo uma promessa para você.”

“Que promessa?”

“Eu sei que estraguei tudo. Sei que eu estraguei um milhão de vezes ao longo dos anos. Eu não te mereço. Não mereço respirar o mesmo ar que você. Mas se por algum milagre, você me der uma chance, Blue, vou passar o resto da minha vida tentando provar a você que eu posso ser melhor. Que eu sou o cara que desejou você em uma noite há muito tempo e ele percebe isso.”

Esta não é a primeira vez que Zach fica de joelhos na minha frente. Esta não é a primeira vez que estou olhando para baixo para ele.

Mas parece que sim.

Todas as outras vezes foram por sexo, porque ele queria me provar, mas isso é... submissão. Isso é inversão de papéis.

Isso é ele me pedindo, *me implorando* para lhe dar uma chance.

Eu pego seu cabelo bagunçado pelo vento e seu rosto magnífico. O mínimo de sol, mas ainda assim, sua pele bronzeada brilha sob ele.

Mesmo de joelhos, ele parece um príncipe.

Meu príncipe.

“OK.”

Seus olhos brilham. “OK?”

Um sorriso floresce no meu rosto. “Sim. OK.”

“Você está brincando?”

Algo sobre isso me faz rir. Meu casaco chega ao meio da coxa e minhas pernas nuas roçam seu peito enquanto fico mais perto dele. “Não. Levante-se. O chão está frio.”

Ainda assim, ele não se move. Ele está me observando seriamente, como se toda a sua vida dependesse disso.

“Eu te amo, Zach. Sempre te amei. Não sei como eu vivi longe de você quando você ficou longe por três anos. Talvez tenha sido mais fácil porque eu não sabia que te amava. Tudo o que sentia por você era essa paixão profunda que eu achava que era ódio. Mas agora? Agora eu sei como é amar você e é difícil. É muito mais difícil sobreviver sem você.”

Suas mãos vêm até a minha cintura. Nunca vou fazê-la passar por algo assim novamente. Nunca te deixarei.”

Curvando-me, eu o beijo levemente. “Eu sei. Mas você tem que se levantar. Meu intervalo acabou e você tem que me beijar profundamente.”

“Eu tenho que fazer isso?” Ele brinca.

“Uh-huh. Estou morrendo aqui.”

Rindo, ele pressiona um beijo na minha boca antes de ficar de pé e me levantar em seus braços daquele jeito típico dele.

Em seguida, ele me beija. Profundamente.

Epílogo

Eles o chamam de Príncipe das Trevas.

Há rumores de que ele tem o par de olhos mais preto que alguém já viu. E cabelo igualmente preto.

Embora ninguém possa dizer com certeza porque ele sempre usa capacete — é uma coisa grande e preta que esconde todo seu rosto, e vai embora logo após a apresentação. Ele não é muito de alarde ou coisas assim.

Não. Ele só quer saber da moto.

A moto que ele chama de Blue.

Ele pode fazer wheelie¹ com os olhos fechados e pode voar sobre buracos. Quando ele está no ar, ele vira a moto como se não pesasse nada. A multidão se apaixona por ele, cantando e gritando seu nome artístico.

Hoje à noite, ele vai andar no muro da morte.

Parece sinistro e eu juro que é com o jeito que estou tremendo apenas com o pensamento disso. É um tipo de poço, onde os motociclistas começam na parte inferior, ganhando velocidade lentamente enquanto circulam e circulam. Até que ganhem força suficiente para andar paralelamente ao chão.

Deveria ser baseado em um princípio muito simples de física, mas eu não gostava muito de ciências na escola.

Tudo parece mágico para mim. Uma mágica que pode dar errado a qualquer momento.

Embora, Zach esteja praticando há semanas. Eu o vi fazer isso e ele faz lindamente.

Mesmo assim, estou nervosa.

Acho que sempre fico nervosa quando ele entra em cena. Ele é a coisa mais preciosa do mundo para mim.

Ele é o amor da minha vida.

E estou esperando por ele no ringue, pairando sobre o corrimão, sendo empurrada no meio da multidão, impaciente para ele sair. Ele é o último a continuar e parece que eu não o vejo há dias. Quando eu só o vi há algumas horas na casa que ficaremos nas próximas semanas.

Estamos em Vegas para o festival onde ele está se apresentando. Seus amigos de Nova York o informaram e agora estamos dividindo um apartamento com eles.

Eles são um bom grupo; eu os conheci há alguns dias quando chegamos. Embora, Zach fique um pouco territorial quando eles falam comigo. Ele me pediu para ficar longe deles e ficar ao seu lado o tempo todo.

Eu costumo revirar os olhos quando ele fica com ciúmes e digo-lhe que ele não manda em mim. E ele demonstra que estou errada brincando com meu corpo como se fosse o dono.

Ele é. Não tenho vergonha ou reservas em admitir isso.

Eu também sou dona dele.

E agora, estou ficando toda excitada, parada no meio da multidão. Mal posso esperar para ele sair e acabar com isso para que possamos voltar e ficar sozinhos.

Ele fica todo suado e impaciente depois de um de seus shows.

Embora, com toda a justiça, este é apenas o segundo que eu vou vê-lo apresentar para uma multidão. A última vez foi em um festival como esse em Nova York. Esse show foi selvagem. Nós ficamos lá por cerca de uma semana e cada noite foi incrível.

Ainda não consigo acreditar quão popular ele é com a multidão. Como as pessoas gritam por ele e como as garotas ficam loucas.

Isso, eu não gosto e fico feliz que ele não esteja interessado em fama ou algo assim.

Ele só está interessado em mim.

Ele me mostra isso todos os dias. Ele tem me mostrado isso nos últimos seis meses, desde que se ajoelhou e me pediu para lhe dar uma chance.

Decidimos ficar em Blue Dot porque ambos amamos o lugar. O clima frio, as montanhas, o lago. Há muito céu lá e tudo é tão vasto, aberto e azul.

Parece liberdade.

Vivemos juntos agora, no mesmo apartamento em que ele conseguiu o emprego na loja. No começo, achei que seria um pouco estranho. Morar juntos quando nem sequer namoramos.

Mas não foi.

Nada com Zach é estranho. É sempre cheio de paixão, sim. Intensidade e um calor inato. Mas nunca é estranho. Mesmo quando brigamos, brigamos de forma tão gloriosa e natural, como dois corpos celestes com o objetivo

de colidir e queimar e, ainda assim, ainda de alguma forma orbitam em torno um do outro.

De qualquer forma nas primeiras semanas, eu fiquei com o quarto e ele dormiu no sofá. Éramos uma espécie de companheiros de quarto.

Companheiros de quarto que estavam irrevogavelmente apaixonados um pelo outro.

Fomos a encontros, exploramos a cidade, fizemos alguns amigos. Era o jeito de Zach me fazer sentir querida, fazendo a coisa certa comigo. No final de sua paquera, porém, eu estava explodindo. Eu queria suas mãos em mim, seus lábios, seus dentes. Queria ser capaz de mergulhar em seus braços sempre que quisesse e eu queria que ele afundasse em minha suavidade sempre que quisesse.

Ainda bem que ele estava prestes a entrar em combustão também.

Então, progredimos de colegas de quarto para namorada e namorado um mês depois de nos mudarmos.

Zach não gosta desse termo: namorada e namorado. Ele acha que é infantil. Mas tanto faz. Eu gosto. Isso me faz pensar que somos jovens e apaixonados e que o tempo que perdemos brigando e machucando um ao outro não foi tão longo.

Pensando bem, foi perto de uma década.

Uma década de ódio e encrencas e miséria. Quando nós poderíamos estar lá um para o outro, ao longo de anos de bullying.

Eu poderia ter dito que ele era incrível quando seu pai o deixou pra baixo e sua mãe não se importou o suficiente. E ele poderia me fazer perceber que não importava que eu não possuísse um corpo cultuado pela sociedade ou que meu cabelo era azul ou que eu vinha do outro lado da cidade, eu ainda era bonita para ele.

Nós poderíamos ter evitado tanto sofrimento.

Mas estou feliz por estarmos juntos agora. Nós contra o mundo.

Ainda bem que estava com ele quando a mãe dele faleceu há alguns meses.

A Sra. S ligou para ele com a notícia e voltamos para Princetown no dia seguinte para o funeral.

Nós vimos todos: Maggie, Sra. S, Grace, Tina, Leslie e Art. Ele está indo muito bem e ficou tão grande. Mal posso esperar pelo dia quando for o garoto mais alto de sua classe. Ninguém terá coragem de atacá-lo.

O pai de Zach também estava lá no funeral. Ele se encontrou com Zach como se o incidente da prisão não tivesse acontecido. Como se Zach nunca tivesse dado um soco e o Sr. Prince nunca tivesse dado um tapa na Sra. Prince.

Como esperado, não deu em nada, de qualquer forma.

Não sei o que há de errado com pessoas ricas, mas fico feliz por sairmos daquela cidade. Estou feliz que Zach está seguindo em frente.

Ele fez o discurso que ele mesmo escreveu.

Nunca estive mais orgulhosa dele. Nem mesmo quando ele trouxe para casa livros e cadernos e me disse que queria aprender.

Ele queria melhorar. Para ele mesmo.

Todas as noites, antes de dormir, lemos juntos. Parece um sonho, onde estamos nus e suados, enrolados num lençol, lendo sobre amor e paixão.

Quem diria que ler poderia ser tão excitante? Quem diria que eu iria querer fazer isso para o resto da minha vida? Talvez até me formar em Letras. Mas ainda não pensei nisso neste momento.

Neste momento, estou apaixonada.

Olho para baixo quando o locutor apresenta Zach, também conhecido como O Príncipe das Trevas.

É uma pequena versão de um estádio com o poço no fundo e a área do espectador no topo. Estou dois andares acima e o fundo parece muito mais profundo do que há um segundo. Engolindo, eu examino a parede na qual Zach estará andando em círculos.

Deus, eu não quero imaginar quão longe o topo é do fundo e quão duro o chão parece. Por que eles não podem ter redes de segurança ou algo assim?

Por que eles têm que fazer isso tão perigoso?

Agarro o corrimão com força quando a porta do outro lado do poço se abre e Zach emerge dela.

Ele usa seu capacete e sua roupa é toda preta. Daí o nome.

Ele vai para o meio, agitando cascalho em seu rastro e os sons são ensurdecedores. Apenas fico parada em silêncio, com as pernas trêmulas enquanto o vejo acelerando a moto e parecendo tão invencível lá embaixo.

Mas ele não é invencível.

Ele é apenas um cara. Um cara lindo e complexo pelo qual sou apaixonada e tenho muito medo por ele.

Suspirando, eu olho para o céu. Está repleto de estrelas.

Nossas estrelas.

Elas parecem nossas agora, minhas e de Zach. Nós as observamos noite após noite, pela janela acima da nossa cama. Às vezes, eu olho quando ele se move dentro de mim. Rápido e furioso ou lento e preguiçoso.

Olho para elas agora e peço-lhes para mantê-lo seguro.

Por favor, mantenha-o em segurança.

Lanço meu olhar para baixo quando o rugido de sua moto sobe mais alto do que o grito da multidão. Em seguida, ele está decolando. Ele anda em direção à parede a uma velocidade que me tira o fôlego e antes que eu possa sequer piscar, ele desliza para cima.

Ele está lá na parede.

Eu me inclino sobre o corrimão, penduro meu corpo como tantas outras pessoas enquanto ele circula a parede. Ele circula e circula, avançando mais alto, ganhando velocidade.

Quando chega ao topo, eu mordo meu lábio com tanta força que sinto o gosto do meu sangue. É metálico e estou muito nervosa enquanto o vejo finalmente paralelo ao chão.

Neste momento, meu nervosismo diminui um pouco.

Está lá, é claro, mas outra coisa se infiltra.

Algo como adrenalina.

Sinto que está vindo dele. Assim que atinge a parte mais alta da parede, ele parece exultante. Parece que conquistou o mundo. Ele está tocando o céu porque neste momento ele é uma estrela. Escuro, mas ainda assim, brilhante.

E sorrio enquanto meus olhos ardem.

É como se eu pudesse senti-lo, suas emoções através do espaço. Posso *sentir* o quanto ele ama isso. Quanto ele se deleita.

Isso é liberdade para ele.

Borboletas batem sob minhas costelas e eu coloco uma mão no meu estômago. Estou tremendo, mas não apenas do nervosismo.

Estou tremendo de vê-lo dar voltas e voltas. Estou tremendo de vê-lo descer por esse buraco feito pelo homem e voltar para cima. Tudo em um piscar de olhos.

Ele é leve como o ar, e a gravidade não significa nada para ele.

Zach não segue as leis básicas da natureza. Ele está acima disso.

Ele é o príncipe das trevas.

Ele é meu príncipe e quando o show acaba e ele traz a moto para o meio do poço novamente, eu me viro.

Caminho através da multidão gritando e corro pelas escadas. Há uma entrada de serviço na parte inferior do estádio e eu mostro meu passe de visitante para o cara montando guarda.

O interior está cheio de atividade e pessoas. A equipe tem seus fones de ouvido e eles estão correndo como se o mundo inteiro dependesse deles. Bem, pelo menos aparentam, fico feliz que eles pareçam tão dedicados.

É um grande espaço que se divide em um túnel, levando ao fundo do poço. Chego à boca do túnel e vejo Zach saindo de sua moto. Ele tira o capacete, seguido por sua jaqueta.

Mesmo quando está praticando, ele fica sempre superaquecido e suado depois de suas acrobacias.

Sua camiseta preta está grudada em seu peito musculoso e seu cabelo está todo despenteado e espetado. Há uma tonalidade escura em suas bochechas da adrenalina, eu acho.

Uma multidão está reunida em torno dele, alguns membros da equipe e seus amigos de Nova York, e mesmo assim, estou impaciente para tê-lo sozinha, não me importo de esperar até que ele termine.

Mas acontece que, não preciso esperar muito.

Ele olha para mim assim que acaba de jogar a jaqueta na moto estacionada. Quando eu o odiava ou pensava que o odiava, essa conexão entre nós costumava me incomodar. Mas agora, sou grata por isso. Isso me faz sentir especial, a única garota para ele neste mundo. Nesta galáxia inteira.

Seu olhar é sombrio como sempre e faminto.

Ele parece faminto e minha pele fica arrepiada quando ele começa a andar em minha direção, no meio da conversa.

Respirando com dificuldade, fico ali, observando-o se aproximar de mim.

A primeira coisa que noto quando ele se aproxima de mim é o cheiro dele. É almiscarado misturado com o seu favorito: torta de mirtilo. Quando estávamos em Princetown, recebi a receita de Maggie. Eu sou um desastre na cozinha, mas, de alguma forma, aprendi a aperfeiçoá-la para Zach.

“Isso é muito rude”, eu digo a ele, erguendo meu pescoço. “Afastar-se no meio de uma conversa.”

Ele se inclina sobre mim. “Eu sempre fui rude.”

Balançando a cabeça, eu sorrio para ele e estendo a mão para limpar uma gota de suor, deslizando até suas sobrancelhas. “Você estava incrível lá embaixo. *Realmente* incrível.”

“O que aconteceu?”

“O que?”

Ele estende a mão e traça meu lábio inferior com a ponta áspera de seu polegar. “Você esteve mordendo o lábio?”

Ah, eu me esqueci disso.

Concordo com a cabeça, segurando o pulso dele e esfregando o final da tatuagem no pulso dele. “Só um pouco. Eu estava nervosa.”

“Eu continuo fazendo você sangrar”, ele murmura.

Eu me aproximo dele e seu peito roça o meu. “Não é você. Eu sou apenas uma covarde sobre essas coisas. Continuo pensando que algo vai acontecer com você.”

“Nada vai acontecer comigo.”

Em seguida, ele se abaixa e me beija suavemente. Ele chupa meu lábio inferior e passa a língua sobre a pele machucada, acalmando-a. Pedindo desculpas por me preocupar com ele, embora eu tenha dito a ele cem vezes antes: sempre vou me preocupar, e ele não precisa se desculpar por isso.

Enrolo meus braços em seu pescoço, ficando alinhada com ele. Assim como nossos corpos se conectam um com o outro, Zach coloca as mãos debaixo da minha bunda e me levanta.

Minhas pernas vão ao redor de seus quadris estreitos e ele começa a andar, sem quebrar o nosso beijo. Ouço alguns gritos no fundo, mas eu não me importo.

Zach está me beijando. O mundo pode pegar fogo e eu ainda não me importaria.

Ele me leva para a porta, onde uma multidão está reunida, provavelmente esperando que os motociclistas saiam. Ouço alguém chamar o nome artístico de Zach e ficar todo especulativo se é realmente ele, mas ele continua andando até ficarmos longe deles. Ele encontra um local isolado entre dois trailers estacionados no outro lado do terreno.

Segurando-me contra a parede de metal, ele para.

“Não, não pare”, eu ofego, levantando o queixo para ir atrás de seus lábios novamente.

Seu corpo forte se move entre as minhas coxas, sua pélvis esfregando contra o meu clitóris inchado. “O que você está vestindo?”

Zach está franzindo a testa para a minha camiseta e percebo que é a primeira vez que ele percebe meu traje. Meu traje *incomum* para a noite.

Ele está focado na minha barriga nua. Clara e suave e agora, com covinhas na forma de seus dedos que estão me segurando.

“Uh, é uma camiseta?”

Ele olha para cima. “Por que não está escondendo nada, então?”

Mesmo que eu esteja um pouco nervosa com a reação dele com uma roupa tão ousada e muito excitada, eu consigo rir. “O que? Está escondendo tudo.”

Ele afunda seus dedos em minha pele e estico minha espinha, presa entre ele e o trailer. “Não seu estômago.”

“Eu queria me arrumar um pouco.” Então, porque eu não consigo me impedir, “Você acha que eu... você sabe, pareço estranha? Quer dizer, não sou como uma pétala e—”

“Quer que eu te deixe aqui e vá embora?” Ele rosna na minha cara.

Suas palavras me lembram da noite em que o segui no carro e descobri que ele pode voar em uma moto. Na verdade, todo esse encontro está me fazendo lembrar como ele colocou a boca no meu corpo pela primeira vez e me beijou. Lá em baixo.

Eu soco seu ombro. “Pare de ser malvado. Estou preocupada de verdade. Eu nunca coloquei algo assim.”

“E nunca mais colocará algo assim novamente, porque você parece sexy pra caralho e só eu posso apreciar isso. Você é minha, lembra?”

Deus, por que ele tem que tão sexy e possessivo?

Como eu deveria parar de pular em cima dele e me apaixonar por ele a cada segundo de cada dia?

Sorrindo, eu beijo seus lábios. “Eu sei. Diz isso na camisa.”

Eu gesticulo para o meu peito e confuso, Zach olha para baixo.

No meu peito, diz: *Cinderela do Príncipe das Trevas*. E tem uma foto de botas de couro no fundo.

Consegui essa camiseta customizada para hoje à noite. Eu sabia que ele adoraria. E ele adora. Tirando uma mão da minha cintura, ele toca as letras no meu peito que estremece como um louco quando roça meu mamilo esquerdo, indo e voltando, despertando-o.

Estico minha espinha novamente, esfregando nossa parte inferior do corpo.

Mantendo seu rosto pra baixo, Zach levanta os olhos para cima. “Cinderela, hein?”

“Sim”, eu sussurro em voz baixa, balançando contra ele uma vez. “E você é meu príncipe. Embora você aja como uma besta má na maior parte do tempo. Mas eu dou conta.”

Um sorriso torto e, em seguida, seus olhos se movem sobre o meu cabelo. “Você fez algo para o seu cabelo também?”

Mordendo o lábio, eu aceno.

“É uma cor diferente.”

Não sei como ele pode distinguir quando a nova cor que eu tenho especialmente para esta noite é tão parecida com a que eu tinha antes. Há uma diferença muito sutil entre as duas, mas se alguém é especialista em meu cabelo, é Zach.

Ele é obcecado com isso. Mais do que é obcecado com meus seios que ele ainda está passando os dedos.

“É azul real”, digo a ele.

“Para o seu príncipe?”

“Sempre.”

Uma emoção cintila em seu rosto que o faz apertar a mandíbula. Eu reconheço o que é; é amor.

Às vezes é tão intenso para ele que é quase doloroso; eu passo pela mesma coisa.

Sei que ele está sentindo aquela faísca em seu peito. Assim como estou sentindo o zumbido na minha barriga.

Acaricio sua mandíbula e sussurro: “Eu te amo.”

Zach permanece em silêncio, mas seu aperto na minha cintura aumenta e seu polegar descansa no meu umbigo.

Uma vez contei a ele sobre a veia que fica logo atrás do meu umbigo. Eu disse como sinto algo se mover dentro da minha barriga sempre que ele está perto, e quando ele o pressiona, meu corpo fica louco. Não precisei dizer essa parte porque ele passou horas incontáveis beijando e lambendo esse ponto, mas ainda assim.

Agora, isso me faz gemer, a pressão que ele está usando com o polegar.

“Tenho algo para você também”, ele diz, ao invés de dizer *eu também te amo*.

Ele não diz as palavras com frequência. Ou pelo menos não com a mesma frequência que eu. Eu digo isso o tempo todo: antes de ir dormir todas as noites, saindo correndo para o trabalho de manhã, quando terminamos uma conversa por telefone. Quando ele está dentro de mim.

E toda vez que digo isso, sinto que ele absorve essas palavras. Sinto-as se moverem através de seu corpo. Sinto seu amor irradiando de volta na maneira como ele pressiona um beijo na minha boca, na maneira como seus olhos ficam vidrados.

Então, eu acho, ele não precisa. Ele me mostra.

Acaricio seu maxilar inclinado. “Para mim?”

Seu pomo de Adão balança quando ele acena. Em seguida, sem tirar os olhos de mim, ele se afasta e tira alguma coisa do bolso.

É um pedaço de papel dobrado uma vez.

“Eu quero ler para você”, ele diz e meu coração pula no meu peito.

A leitura de Zach melhorou muito nos últimos meses. Sua escrita também. Ele se esforça para isso todos os dias. Na verdade, estamos pensando que ele deve fazer os testes finais e concluir o ensino médio em breve.

E sei que seja lá o que ele escreveu para mim, é importante para ele. É provavelmente mais importante do que todas as palavras que ele vai dizer para mim, e talvez seja por isso que ele as escreveu.

Para transmitir sua gravidade, seu valor.

“Tudo bem”, eu sussurro, agarrando sua camiseta úmida.

Franzindo a testa e limpando a garganta, ele começa,

Blue,

Sei que fiz muito besteira. Eu não errei com ninguém do jeito que errei com você.

Nenhuma quantidade de desculpas jamais compensará esse fato.

Mas ainda assim, sinto muito. Sobre tudo.

Por todas as vezes que eu poderia te salvar, mas não salvei. Por todas as vezes que eu te fiz chorar e não estava lá para enxugar suas lágrimas. Por todas as vezes que te deixei amarga e com raiva o suficiente para que você começasse a se odiar um pouquinho.

Palavras sempre foram difíceis para mim. Eu não sou bom com elas. Provavelmente nunca vou ser. Mas eu quero que você saiba que eu sinto

isso.

Eu sinto você.

Bem no meu peito, com cada respiração que tomo.

Você me salvou quando eu menos merecia. E vou passar o resto da minha vida provando que você fez a coisa certa ao me escolher.

Mas mais do que isso, eu quero que você saiba que eu vou casar com você um dia. Eu vou te dar o seu futuro.

Quando eu for mais sábio e melhor e não muito idiota.

Quando eu for realmente o príncipe que você pensa que sou.

Seu,

Príncipe.

Demoro um longo momento para recuperar o fôlego depois que ele parou de ler. Provavelmente pareço um desastre, chorando como se alguém tivesse morrido.

Considerando que, na realidade, eu não acho que uma noite tenha sido mais viva. Mais repleta de eletricidade, emoções e energia.

Eu o perdoei há muito tempo por tudo. Ele não precisava se desculpar, mas eu sempre carregarei suas palavras em meu coração.

Eu vou aceitá-las e mantê-las seguras, assim como vou mantê-lo seguro dentro do meu peito.

“Q-Quando você escreveu isso?” Eu consigo perguntar depois de um tempo.

Zach está limpando minhas lágrimas e enfiando meu cabelo recém-colorido atrás da minha orelha. “Estou escrevendo há muito tempo. Provavelmente, quando você decidiu me dar uma chance.” Meus olhos se arregalam em sua resposta. “As versões anteriores soaram idiotas.”

Eu bufo. “Oh, por favor. Nada que você diga para mim pode soar idiota. Exceto, uma coisa.”

“O que?”

Eu o beijo primeiro e cruzo meus tornozelos na parte baixa de suas costas. “Você sempre foi o príncipe que eu acho que você é.”

Ele sorri contra meus lábios. “Sim?”

“Uh-huh. Sabe o que isso significa, certo?”

“O que?”

“Você vai ter que se casar comigo agora.”

“É isso?”

“Sim. Você prometeu. Eu tenho isso por escrito.”

Ele me beija de novo, pressionando nossos corpos tão próximos que respiramos como um só. “Nível cinco de perseguição.”

“Você gosta disso.”

Eu aprofundo nosso beijo então.

Seu gosto inunda minha boca e tudo que posso fazer é segurá-lo. Quando seus lábios se movem para o meu queixo, viajando até o meu pescoço, eu digo a ele: “Eu quero que você me beije. Do jeito que você gosta.”

Ele geme na minha pele e abaixa meus pés no chão.

Olhando nos meus olhos, ele fica de joelhos. “Cuidado com o que você deseja, Blue.”

Ele não espera pela minha resposta enquanto sua boca cai na minha barriga nua e ele começa a mexer nos meus botões.

Gemendo, arqueio o pescoço e olho para as estrelas novamente. Elas são lindas e de tirar o fôlego, como sempre. Mas, como todas as noites, eu procuro as mais brilhantes do grupo.

Quando encontro — duas delas, de fato, eu as nomeio: Zachariah e Cleopatra.

Depois disso, eu fecho meus olhos e me perco em seu beijo no meu núcleo.

O Príncipe das Trevas

Ela me chama de príncipe e ela de Cinderela.

Concordo.

Ela é minha Cinderela. Exceto em nossa história, Cinderela salva o príncipe.

Eu quis dizer cada palavra que escrevi; ela me salvou quando eu menos merecia. Ela me salvou do meu passado e da minha raiva. Ela me fez perceber que eu era poderoso o suficiente para seguir em frente. Que o passado não me define. Eu me defino. Eu faço meu próprio futuro.

Ela me fez acreditar que eu posso quebrar as correntes e sair da minha torre.

Sim, ela me fez acreditar. No amor.

E agora, vou passar o resto da minha vida matando seus dragões.

Porque ela é minha.

Minha Blue.

Meu prêmio.

FIM

Notes

[←1] Wheelie é um esporte radical praticado com motocicleta e bicicleta. Consiste em realizar manobras nas quais força e equilíbrio são exigidos ao máximo pelos praticantes.

O termo Wheelie é anglófono e quer dizer “Empinar”, porém no Brasil usa-se para designar o esporte como um todo, não apenas para o ato de empinar.